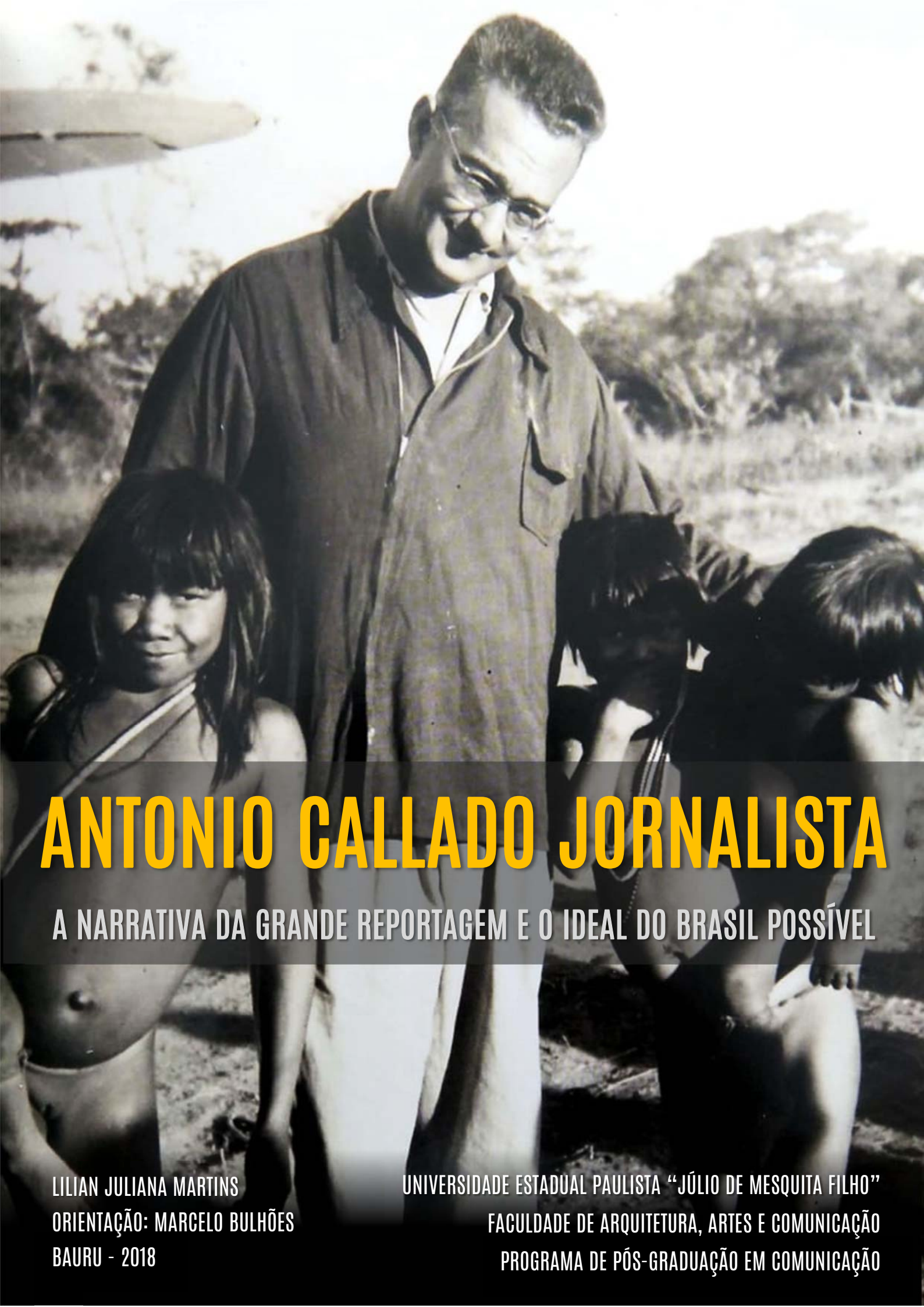




ANTONIO CALLADO JORNALISTA

A NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM E O IDEAL DO BRASIL POSSÍVEL

LILIAN JULIANA MARTINS
ORIENTAÇÃO: MARCELO BULHÕES
BAURU - 2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CAMPUS BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Lilian Juliana Martins

ANTONIO CALLADO JORNALISTA:
A NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM E O IDEAL DO
BRASIL POSSÍVEL

Bauru
2018

Lilian Juliana Martins

ANTONIO CALLADO JORNALISTA:
A NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM E O IDEAL DO
BRASIL POSSÍVEL

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da área de concentração Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação da UNESP, campus de Bauru, como requisito à obtenção do título de Doutora em Comunicação, sob orientação do Prof. Adj. Marcelo Magalhães Bulhões.

Bauru
2018

Martins, Lilian Juliana.

Antonio Callado jornalista: A narrativa da grande reportagem e o ideal do Brasil possível / Lilian Juliana Martins, 2018. 327 f.

Orientador: Marcelo Magalhães Bulhões.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2018.

1. Antonio Callado. 2. Grande reportagem. 3. Ligas Camponesas. 4. Ditadura Militar. 5. Reforma Agrária. 6. Guerra do Vietnã. 7. Parque Indígena do Xingu. 8. Cuba. Bulhões, Marcelo Magalhães (Orientador).

Lilian Juliana Martins

ANTONIO CALLADO JORNALISTA:
A NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM E O IDEAL DO
BRASIL POSSÍVEL

Banca examinadora em 30 de agosto de 2018.

Prof. Adj. Marcelo Magalhães Bulhões – UNESP
Presidente da banca e Orientador

Prof. Adj. Adilson Citelli – USP
Banca Examinadora

Prof. Dr. Rogério Christofolletti – UFSC
Banca Examinadora

Prof. Dr. José Carlos Marques – UNESP
Banca Examinadora

Prof. Adj. Mauro de Souza Ventura – UNESP
Banca Examinadora

Bauru
2018

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE LILIAN JULIANA MARTINS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2018, às 14:00 horas, no(a) Sala de reunião dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Adj. MARCELO MAGALHAES BULHOES - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Adjunto MAURO DE SOUZA VENTURA do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Prof. Dr. ADILSON ODAIR CITELLI do(a) Comunicações e Artes / Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, Professor Associado ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI do(a) Departamento de Jornalismo / UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de LILIAN JULIANA MARTINS, intitulada **ANTONIO CALLADO JORNALISTA: A NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM E O IDEAL DO BRASIL POSSÍVEL**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Adj. MARCELO MAGALHAES BULHOES

Adjunto MAURO DE SOUZA VENTURA

Prof. Dr. JOSE CARLOS MARQUES

Prof. Dr. ADILSON ODAIR CITELLI

Professor Associado ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI

Aos meus pais e avós que, com suas sabedorias fincadas na terra como seus parques pés de café, também sonharam com um país que um dia ainda vamos realizar.

AGRADECIMENTOS

No momento de escrever estas linhas, sou levada intuitivamente à frase creditada ao escritor Jean de La Bruyère: "Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão". Que o provável exagero no tamanho desta lista, condizente com meu sincero sentimento de gratidão a cada uma das pessoas que aparece aqui, seja perdoado.

Difícil não começar com querido orientador **Marcelo Bulhões**. Agradeço muito sua confiança depositada em mim desde a graduação. Passamos por um projeto de conclusão de curso, pelo mestrado e, há quatro anos, ele topou que conduzíssemos juntos uma trajetória intensa de pesquisa e descoberta. Agradeço muito sua sensibilidade e vasto repertório teórico compartilhados. Verbalizei a ele dia desses o que deixo aqui registrado: sou muito grata por todo aprendizado sobre jornalismo, literatura e história proporcionado pelo estudo sobre o jornalista e brasileiro Antonio Callado. Para além de tudo isso, Marcelo, obrigada pelo incentivo e pelo bom humor que deixaram a reta final mais leve e realizável.

Agradeço à **Unesp**, meu segundo lar, responsável por minha formação profissional, social e política. O conhecimento que flui entre alunos e professores comprometidos, à sombra daquelas árvores acolhedoras, ainda me faz ter esperança que um outro mundo é sim possível. Agradeço aos anos de docência e ao encontro com os alunos que tanto me ensinaram. É preciso agradecer aos professores da universidade que nos deram aulas fundamentais no percurso do doutorado: **Laan Mendes de Barros, Maximiliano Martin Vicente, Eliza Casadei** e aos professores convidados **Joseph Straubhaar** e **Ciro Marcondes Filho**. Obrigada aos meus amigos de doutorado, amigos de luta e solidariedade dividida. Em especial, agradeço aos companheiros de jornada **Mayra Ferreira, Vinicius Carrasco, Gisele Rech, Liliane Ito, Viviane Lindsay Cardoso, Mariana Lopes, Renata Frigeri, Elaine Moraes, Rafael Kondlatsch, Muriel Amaral** e **Carlos Sabino Caldas** por segurarem a onda e a sanidade nos dias de angústia de todos nós. Aos técnicos, **Silvio Decimone** e **Helder Gelonezi**, pela sempre gentil recepção às minhas dúvidas administrativas. Sou mesmo grata a vocês, meninos.

Aos professores **José Carlos Marques** e **Mauro de Souza Ventura**, pela leitura atenta na fase de qualificação. Os apontamentos de vocês foram realmente fundamentais para o novo direcionamento da tese. Muito obrigada. Também aos professores **Adilson Citelli** e **Rogério Christofolletti**, agradeço muito por terem aceitado participar da banca de defesa.

Agradeço a **Alberto Dines**, *in memoriam*, que concedeu gentilmente uma entrevista para esta pesquisa em 2015. A **Zito da Galileia**, por esclarecer diversas dúvidas sobre a luta dos camponeses do Engenho da Galileia, em Pernambuco. Obrigada, Zito, por sua comovente batalha em tentar manter viva a memória de sua gente. À **Ana Arruda Callado** e sua gentileza em contar as histórias de Antonio Callado que não encontrei nos livros.

Agradeço à **Capes**, pela bolsa que garantiu que eu me dedicasse exclusivamente à pesquisa durante o doutorado e também pela bolsa de Doutorado-Sanduíche. Agradeço novamente ao professor **Mauro de Souza Ventura** e ao professor **Danilo Rothberg**, que me respaldaram em todos os trâmites necessários no processo de aquisição da bolsa.

À **Université de Lorraine**, em Nancy, por ter me recebido no meu Doutorado-Sanduíche. Em especial, ao professor **John S. Bak**, tão acolhedor e atento às minhas demandas teóricas e práticas em território francês. John, você me ensinou muito sobre literatura, jornalismo literário e sobre acolhida. Muito obrigada, *mon ami*! Gratidão a você e aos seus filhos queridos, **Margaux e James**.

À **Leila Greis** que nos recebeu de portas e braços abertos em Nancy. Nem sei dizer o tamanho da minha gratidão por ter encontrado essa francesa de alma latina. O acaso não dá conta de explicar um encontro como esse. Obrigada, minha amiga-irmã, por ter compartilhado sua família, seus amigos e sua cidade com a gente. *Gracias* a **Benjamin Obando Vallejos**, nosso amigo chileno e companheiro de Leila. Sem vocês, nem sei como seria. Muito obrigada!

Às amigas e já doutoras **Kelly Quirino**, **Fernanda Sanglard** e **Aline Maia** pela irmandade e recepção calorosa no período em New Orleans, em 2016. Para além da experiência na Tulane University, vocês me proporcionaram mais uma dose de como se acolhe um amigo em terras estrangeiras.

Ainda sobre acolhimento, agradeço a minha amiga-irmã e futura doutora **Verônica Lima**, por compartilhar a vida, a sensibilidade, o apartamento no Rio de Janeiro - no período de pesquisas na Biblioteca Nacional, - e a vontade de ajudar os amigos e o mundo todo sempre. Estamos juntas!

Novamente, à **Kelly Quirino**, que me recebeu em Brasília para o curso do ALAIC na UNB e para os trâmites burocráticos da viagem à França. Minha admiração por você, minha amiga-irmã, é do tamanho da sua luta.

À **Lueluí de Andrade**, amiga querida e poeta, que foi fundamental no leva e traz das versões da tese, no incentivo necessário da última fase e que é fonte inesgotável de referências artísticas para a vida. Novamente à **Vinicius Carrasco**, por protocolar meu relatório de qualificação e minha tese. Especialmente, Vinicius, obrigada pela amizade e admiração construídas no dia a dia profissional e levadas adiante. Muito carinho por você e pela **Mayra Ferreira**. Obrigada, novamente, Mayra. Sua dedicação a tudo e a todos é inspiradora.

Aos meus amigos de Bauru. **Fernando Mendonça**, **Eduardo Carbone**, **Fernanda Amorim**, **Camila Carletti**, **Deivid Abilio**, **André Luiz Estevam**, **Raphael Mortari**, vocês foram fundamentais nesta fase da minha vida. Tenham certeza disso. Agradecimento especial à **Fernanda Amorim** e à **Nathalia Amorim**, pela gentileza e doçura em me auxiliar no envio e entrega de documentos. Em especial também a **Fernando Mendonça**. Meu amigo-irmão, obrigada por abrir seu apartamento e sua alma bonita para mim. Seu coração é minha casa em Bauru. Agradecimento especial também à **Eduardo Carbone**, esse amante de livros e de tudo que é belo, que seu olhar poético para o mundo continue me arrebatando. Gratidão demais por te me presenteado com tantos livros fundamentais para a tese e para a vida.

Aos amigos-irmãos, **Vizzette Priscila Seidel** e **Guilherme Silveira**, sem os quais a vida ficaria muito menos divertida e, certamente, menos inteligente. Agradecimento especial à Priscila, que dedicou horas de sua rotina apertada a me ensinar francês e me preparar para a França. Seu entusiasmo com o universo das letras me ensina sempre, Pri. *Merci beaucoup, mon amie!*

Aos meus amigos espalhados pelo mundo. Em especial a **Antonio Sardinha, Romulo Osthues, Tadeu Côrrea, Eliane Barros, Luana Almeida e Katiuscia Reis**, pelo apoio nesses anos e pela sensibilidade e inteligência sempre inspiradoras.

À nova casa em Rondonópolis, representada nos amigos-irmãos **Anna Helena Junqueira Franco** e **Rock Silveira**, parceiros de todas as horas. Anna, agradecimento especial pela força dos últimos meses. Sua vontade de ajudar e sua busca pela autocompreensão me emocionam. Saiba que você foi, de tantas formas, fundamental. Obrigada pelas conversas e ligações que garantiram que eu não enlouquecesse.

À **Luiza Elena Santos** e **Antonio Tadeu dos Santos**, que na qualidade oficial de sogra e sogro, prefiro chamar de pais. O apoio emocional, financeiro e espiritual de vocês fez com que esta tese pudesse ser concluída. Gratidão e amor além vida a vocês. Obrigada também a **Felipe Santos, Fernando Santos, Kelly Ovelar** e **Rachel Arruda**, por serem minha família mato-grossense.

À minha família em São Paulo e no Paraná, tias, tios, primas e primos que dão suporte e incentivo desde sempre. Obrigada ao meu cunhado **Rodrigo dos Santos**, aos meus amados sobrinhos Vinicius e Rafaela. Em especial, gratidão aos meus irmãos, **Amanda Karolyne Martins** e **Lucas Basseto Martins** que, com bom humor, seguem em frente e seguram os rojões todos. Que sorte a minha de ter vocês como meus irmãos! Meu amor por vocês vale esta vida.

A **Fábio da Silva dos Santos**, meu amor que, além de companheiro de vida e de luta, foi o principal incentivador para que o do doutorado se tornasse possível. Muito obrigada por aceitar me acompanhar na França, por segurar os problemas da rotina na fase final da pesquisa, pela leitura, revisão e formatação cuidadosa da tese, pelo olhar artístico e sensível para o meu trabalho, pela criação da capa linda, por tudo que é tanto que eu passaria a quantidade de páginas desta tese enumerando. Essencialmente, obrigada por aceitar dividir esta existência comigo. Amo você!

Finalmente, agradeço aos meus avós, **Cecília de Lima Martins** e **Antônio Geraldo Martins** (em outro plano, mas sempre presente), **Lucília Fagion Bassetto** e **Evilassio Bassetto**. Queria deixar registrado nestas páginas o nome desses camponeses que trabalharam a vida toda para que seus filhos e netos pudessem construir trajetórias de vida menos difíceis do que as suas. Aos meus amados pais, **Terezinha de Lourdes Basseto Martins** e **Luiz Antônio Martins**, pelo incentivo aos estudos, por dizerem que seria possível e por lutarem diariamente para que seus filhos fossem o que sonharam ser. Mãe, pai, conseguimos!

*"Eu acho que um intelectual, sobretudo num país como o Brasil,
não tem o direito de se eximir como pessoa, e como intelectual,
de opinar sobre a situação do país"
(Antonio Callado - 1982)*

RESUMO

Antonio Callado é reconhecidamente um dos maiores escritores brasileiros do século XX, autor de *Quarup* (1967) e *Reflexos do Baile* (1976), obras cuja elaboração narrativa são indissociáveis do contexto da ditadura militar no Brasil. Mas, o autor, declaradamente de esquerda, também foi jornalista atuante nas redações do país. Entre as décadas de 1940 e 1960, trabalhou no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, escreveu grandes reportagens - que até hoje são reeditadas em livros - e publicou artigos que fizeram com que os militares o levassem para a prisão mais de uma vez. Ainda assim, há uma lacuna nos estudos de jornalismo sobre autor. Este trabalho é uma proposta de compreensão sobre a identidade de Callado como jornalista e sobre como sua produção jornalística dialogou com o espírito de resistência de sua época. Para isso, nos dedicamos ao estudo contextual e analítico de todas as reportagens de Callado publicadas em livro: *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1959), *Revolução piloto em Pernambuco* (1963) e *Vietnã do Norte: o outro lado da guerra* (1968), *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1984). A tese está fundamentada na identificação e na análise das estratégias discursivas das narrativas, principalmente na assunção da subjetividade, autorreferencialidade e literariedade. Sobretudo, a tese se dedica a averiguar como tais estratégias estão em plena associação com a militância de um repórter que sonhava com um país que, ainda hoje, está longe de ser apenas uma utopia.

Palavras-chave: Antonio Callado, Grande reportagem, Ligas Camponesas, Ditadura Militar, Guerra do Vietnã, Cuba, Parque Indígena do Xingu.

ABSTRACT

Antonio Callado is acknowledged as one of the greatest Brazilian writers of the 20th century, author of *Quarup* (1967) and *Reflexos do Baile* (1976), works whose narrative elaboration are inseparable from the context of the military dictatorship in Brazil. However, the author, reportedly leftist, was also a journalist in the country's newsrooms. Between the 1940s and 1960s, he worked at *Correio da Manhã* and the *Jornal do Brasil*, wrote large reports - which are still being reissued in books - and published articles that led the military to take him to prison more than once. Still, there is a gap in author journalism studies. This work is a proposal of understanding about the identity of Callado as a journalist and about how his journalistic production dialogues with the spirit of resistance of his time. For that, we are dedicated to the contextual and analytical study of all Callado's reports published in book: *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1959), *Revolução piloto em Pernambuco* (1963) e *Vietnã do Norte: o outro lado da guerra* (1968), *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1984). The thesis is based on the identification and analysis of the discursive strategies of the narratives, mainly in the assumption of subjectivity, self-referentiality and literacy. Above all, the thesis focuses on how such strategies are in full association with the militancy of a reporter who dreamed of a country that, even today, is far from just a utopia.

Keywords: Antonio Callado, in-depth reporting, Peasant Leagues, military dictatorship, agrarian reform, Vietnam War, Cuba, Xingu Indigenous Park.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Callado e padre Artola na favela de Braz Pina.....	28
Figura 2: Callado desembarca em Londres em 1941.....	33
Figura 3: Callado produzindo seus textos na BBC.....	34
Figura 4: Capa da primeira edição de <i>Quarup</i> , lançada em 1967 pela Civilização Brasileira.....	37
Figura 5: Protesto na frente do Hotel Glória.....	44
Figura 6: Callado e Nascimento Brito, dono do <i>JB</i> , no julgamento do repórter em 1969.....	49
Figura 7: Coronel Percy Fawcett.....	60
Figura 8: Equipe de Percy Fawcett em 1925.....	61
Figura 9: Supostos ossos de Percy Fawcett.....	64
Figura 10: Primeiras páginas da grande reportagem de <i>O Cruzeiro</i>	66
Figura 11: A tribo dos Xavantes é apresentada pela perspectiva área.....	67
Figura 12: Os Xavantes atiram suas flechas contra o avião.....	68
Figura 13: Foto forjada da equipe de <i>O Cruzeiro</i>	69
Figura 14: Callado com índio no Xingu.....	73
Figura 15: Ilustração de José Ayres dos Prazeres.....	79
Figura 16: Primeiro local de reunião da SAPPP, no Engenho Galileia.....	81
Figura 17: Francisco Julião no Engenho Galileia.....	83
Figura 18: Zito da Galileia, com nove anos, em uma das recepções de Julião no Engenho.....	84
Figura 19: Zezé da Galileia, presidente da SAPPP, em uma das visitas de Julião.....	85
Figura 20: Página com a primeira das reportagens da série sobre os industriais da seca.....	89
Figura 21: Mapa de 1959 mostra as cidades onde foram fundadas Ligas Camponesas.....	92
Figura 22: Correio da Manhã anuncia novas reportagens de Callado sobre o Engenho Galileia.....	95
Figura 23: Na reportagem, o destaque para a foto de Zezé da Galileia.....	96
Figura 24: Destaque do Diário de Pernambuco sobre representação contra Callado e Julião.....	98
Figura 25: Camponeses se reúnem em Recife.....	100
Figura 26: As Ligas ganham força; camponeses em manifestação.....	102
Figura 27: Página com a reportagem sobre o trabalho de Paulo Freire em Pernambuco.....	111
Figura 28: Cartão "homem em sua casa" do Sistema Paulo Freire.....	113
Figura 29: Cartões Sistema Paulo Freire diferenciam o que é natureza e o que é cultura.....	114
Figura 30: Cartão do Sistema Paulo Freire com poema sobre a bomba atômica.....	115
Figura 31: Cartão do Sistema Paulo Freire com vaqueiros nordestino e gaúcho.....	115
Figura 32: Cartão do Sistema Paulo Freire mostra os camponeses aprendendo.....	116
Figura 33: Foto de José Ayres dos Prazeres no registro da sua última prisão.....	119
Figura 34: Mapa mostra a divisão do Vietnã acordada na Conferência de Genebra em 1954.....	126
Figura 35: Foto de Quand Duc, autoimolação em protesto contra o governo de Diem.....	127
Figura 36: Foto da agência UPI traz soldados norte-americanos prontos para o combate.....	131
Figura 37: Foto da UPI traz soldado norte-americano observando um morteiro vietcongue.....	131
Figura 38: Série de fotografias mostra uma criança e vietcongues mortos ou capturados.....	132
Figura 39: Fotos da UPI mostram preparativos para a execução de um vietcongue.....	133
Figura 40: Chamada na capa do <i>JB</i> para a série de reportagens sobre Vietnã do Norte.....	135
Figura 41: Páginas com a primeira reportagem da série sobre o Vietnã do Norte.....	136
Figura 42: A fotografia de destaque da reportagem mostra as mulheres vietcongues.....	137
Figura 43: Foto da reportagem sobre o Vietnã do Norte. Destruição em Hanói.....	137
Figura 44: Reportagem sobre os pilotos norte-americanos e o trabalho das vietcongues.....	138
Figura 45: Foto com mulher vietcongue socorrendo piloto norte-americano ferido.....	139
Figura 46: Foto com miliciana vietcongue que acompanha piloto norte-americano capturado.....	140

Figura 47: Capa do livro Vietnã do Norte: advertência aos agressores (1969).	141
Figura 48: Esquema explica a diferença entre autor/diretor, narrador e personagens.	155
Figura 49: Diário Rafael Callado, o tio-avô desaparecido.	175
Figura 50: Ilustração mostra a cidade perdida procurada por Fawcett.	179
Figura 51: Imagem de satélite indicando as comunidades da cidade perdida.....	179
Figura 52: Imagem área dos geoglifos de civilização pré-colombiana no Brasil.	180
Figura 53: Pontos mostram os geoglifos mapeados na Amazônia.....	181
Figura 54: Locais de colheita e adoração indicados no geoglifo.	182
Figura 55: Mapa mostra a caminhada da expedição dos Diários Associados até a cova.....	190
Figura 56: Antonio Callado com Francisco Julião no Engenho Galileia, em 1959.	206
Figura 57: Página com a primeira reportagem sobre o "Despertar de Pernambuco".	206
Figura 58: Reportagem final da série identificada pelo chapéu "Concluindo".	211
Figura 59: Reportagem com a denúncia da construção de obras gigantes sem finalidade.	214
Figura 60: Foto mostra José Daniel e seus dois filhos.....	219
Figura 61: Na reportagem, o destaque para a foto de Zezé da Galileia.	227
Figura 62: Foto dos camponeses com a "cara determinada de homens dispostos a morrer"	228
Figura 63: Foto da primeira reportagem da série sobre o cenário em Pernambuco.....	235
Figura 64: Página na íntegra da primeira reportagem da série.	236
Figura 65: Elizabeth Teixeira, já viúva, com seus nove filhos.	268
Figura 66: Esquema narrador em primeira pessoa consonante.....	283
Figura 67: Esquema narrador em primeira pessoa dissonante.	283
Figura 68: Fotos da série de reportagens - sintetiza o cidadão trinitário norte-vietnamita.	294
Figura 69: Página de <i>O Pasquim</i> com o relato de Callado sobre a viagem a Cuba.	301
Figura 70: Callado e Chico Buarque, detidos, aguardam o interrogatório com o advogado.	304
Figura 71: Callado conversa com Moisés na escola do assentamento.....	309
Figura 72: Capa da Veja destaca o aumento da mortalidade infantil.....	316

INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1. Antonio Callado, jornalista	24
1.1. Como nasce a "fome de Brasil"?	29
1.2. Em busca do centro geográfico, simbólico e intelectual do país	35
1.3. Um jornalista à esquerda	42
1.4. O (quase) abandono do jornalismo e a desilusão com o país	50
Capítulo 2. Contexto das publicações das reportagens	54
2.1. Esqueleto na Lagoa Verde e a ausência declarada de ortodoxia jornalística	54
2.1.1. Um inglês desaparecido, uma cidade perdida e um magnata da mídia	58
2.1.2. Esses "exóticos" desconhecidos	64
2.1.3. Os índios de Villas Boas e de Callado	70
2.2. Galileus de Pernambuco e a faísca de revolução que incendiou o nordeste	76
2.2.1. Francisco Julião entra em cena	81
2.2.2. Callado conhece o Engenho Galileia	87
2.2.3. Um repórter em defesa declarada	93
2.3. Tempo de esperança em <i>Tempo de Arraes</i>	103
2.3.1. Um repórter no olho do furacão revolucionário	108
2.3.2. O entusiasmo com a metodologia Paulo Freire	110
2.3.3. "A coisa acaba na marra"	116
2.4. O "outro lado" em <i>Vietnã do Norte</i>	121
2.4.1. "Uma guerra indigna"	123
2.4.2. Vietcongues: os "inimigos" das agências internacionais	129
2.4.3. Mulheres fortes, jovens e gentis: os vietcongues de Callado	135
2.4.4. Quem são os inimigos, afinal?	142
2.5. A viagem ao país possível	145
2.5.1. A revolução que deu certo	147
2.6. Pontal do Paranapanema: uma fagulha de esperança no país sem sossego	150
Capítulo 3. Análises das estratégias discursivas das grandes reportagens	153
3.1. De quais estratégias estamos falando?	156
3.1.1. Assunção da subjetividade	157
3.1.2. Autorreferencialidade	160
3.1.3. A literariedade	161

3.2. Esqueleto na Lagoa Verde: que jornalismo é esse?	166
3.2.1. A reportagem em defesa da imaginação	172
3.2.2. Fawcett e sua personalidade simbólica	182
3.2.3. O "eu estive lá" conduz a narrativa	188
3.2.3.1. O literário como expressão da experiência	191
3.2.3.2. Quando o jornalismo se torna jocoso	192
3.2.3.3. Índios, esses ingênuos ardilosos	194
3.2.3.4. Brasileiros construtores da nação futura	197
3.2.4. Nação futura, a utopia que se realiza no Xingu	199
3.3. <i>Industriais da seca</i> e o confronto com o jornalista "guardião"	204
3.3.1. Recursos de persuasão nas reportagens sobre os "galileus"	208
3.3.1.1. O leitor convocado à trajetória argumentativa	211
3.3.1.2. O testemunho como legitimador de provas e condutor da narrativa	213
3.3.1.3. Na conclusão, o camponês mais triste do mundo	220
3.3.2. Novas reportagens e estratégias discursivas	223
3.3.2.1. A "síntese" da revolta do repórter	230
3.4. Um discurso a serviço da revolução piloto para o Brasil	235
3.4.1. Do senso de urgência à expressividade literária perene	240
3.4.2. A literariedade em <i>Tempo de Arraes</i>	246
3.4.3. O testemunho para o efeito de verdade	247
3.4.4. O diálogo conduz a narrativa	254
3.4.5. A narrativa diante do espelho	261
3.4.6. No fim do caminho, o país possível em Pernambuco	271
3.5. O jornalismo da busca em <i>Vietnã do Norte</i>	276
3.5.1. Alternância de focalização para a alteridade possível	279
3.5.2. Quando "cadernos", "sinos" e "xícaras" significam	285
3.5.3. A enunciação de uma narrativa que encontra o Brasil	289
3.6. Notas sobre um país desejado	298
3.7. O testemunho final sobre a reforma agrária que nunca aconteceu	306
CONSIDERAÇÕES FINAIS	313
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	327

INTRODUÇÃO

Leblon, 1968. Anos de Chumbo no Brasil. Num jipe aberto, o jornalista Antonio Callado, que está sendo levado preso para a Vila Militar do Rio de Janeiro, carrega para a prisão o pôster de Che Guevara que tinha em sua casa. O rosto impresso do guerrilheiro balança com o vento. Como contou seu amigo e colega de profissão Carlos Heitor Cony, uma cena que poderia estar num filme de Glauber Rocha.

Não era possível deixar Antonio Callado escrever. Por decreto do governo militar, o jornalista fora proibido pessoalmente de trabalhar em jornais. Entre 1964 e 1968, quem quisesse escrever sobre o regime militar escrevia. Pagava-se um preço alto por isso, mas era possível. Mas com Callado a proibição era declarada. Os textos dele não eram "bem-vindos" de jeito nenhum pelos militares. Ele foi o único jornalista a ter esse *status* no Brasil (CONY in ARRUDA, 2013, p. 10).

A trajetória que levou Callado à prisão três vezes durante a ditadura militar no Brasil se relaciona com seu posicionamento declaradamente de esquerda. Posição que se traduzia no engajamento do intelectual empenhado em participar da mudança dos rumos do país. Mesmo depois do Ato Institucional de número 5¹, quando ficou impossível escrever sobre a ditadura, Callado continuou escrevendo sobre resistência em seus romances e peças de teatro. Meses antes da cassação dos seus direitos políticos, em abril de 1969, escreveu aquela que é considerada uma de suas principais reportagens. O então repórter especial do *Jornal do Brasil* insistiu por meses até conseguir autorização para ir ao Vietnã do Norte, num dos períodos mais violentos da guerra, para contar o conflito pela perspectiva dos vietcongues, dos orientais que, insistentemente, apareciam nas páginas dos jornais como inimigos. Para Callado, era preciso ouvir o "outro lado".

Quem foi este jornalista? Em quais contextos ele escreveu tais reportagens? Por que elas eram perigosas para as elites conservadoras e para os militares no poder? Esses são problemas iniciais que interessam a esta tese. Embora de modo não exaustivo, estuda-se muito Antonio Callado como homem das letras. Ele é reconhecidamente um dos maiores escritores brasileiros do século XX. O autor tem figurado nos manuais de literatura brasileira como o criador de *Quarup* (1967) - considerada uma espécie de *Os Sertões* (1902,

¹ O Ato Institucional de Número 5, o AI-5, foi emitido em 13 de dezembro de 1968 pelo presidente Artur Costa e Silva. É considerado o mais infame dos 17 Atos Institucionais que foram promulgados durante a ditadura militar (1964-1985). O AI-5, entre muitas outras restrições, suspendeu quaisquer garantias constitucionais e, ainda que de forma não declarada, institucionalizou a tortura como instrumento do Estado coercitivo.

de Euclides da Cunha) de sua geração - e *Reflexos do Baile* (1976), obras cuja elaboração narrativa são indissociáveis do contexto da ditadura militar no Brasil. *Reflexos do Baile* ganhou as graças da crítica literária por seu alto teor estético. Mas tal destaque para o escritor fica muito longe do que ele produziu no campo jornalístico. Enquanto os estudos literários colocam-no no cânone, há uma lacuna nos estudos de jornalismo sobre Callado no país.

Ao fazer sua dissertação de mestrado, "Aproximações entre Jornalismo e Literatura no debate sobre a crise do Jornal: o caso Eliane Brum"², esta pesquisadora fez um levantamento dos principais nomes do jornalismo nacional, desde o começo do século XX, que trouxeram em seus textos jornalísticos procedimentos narrativos de ficcionalização, o que aponta para a convergência da narrativa jornalística com a literária. Quando encontrou as produções jornalísticas de Antonio Callado, percebeu uma narrativa cuja complexidade, entre outros aspetos, diz respeito à relação que tece com sua obra literária, do gênero romance. Ao mesmo tempo surpreendeu-se com escassez de estudos sobre suas reportagens. Passou a perceber que a grande visibilidade que os romances de Callado ganhou, especialmente *Quarup*, fez com que suas reportagens permanecessem em segundo plano. Algumas, como *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco*, são praticamente desconsideradas.

Marcos Martinelli (2006), autor de *Antonio Callado, um Sermonário à brasileira*, aponta para essa deficiência de estudos sobre a produção jornalística de Antonio Callado. O livro de Martinelli aborda a associação da obra de Callado ao ideal democrático combativo dos intelectuais das décadas de 1950 e 1960. Para as análises que fundamentam a defesa de sua tese, Martinelli faz um levantamento detalhado sobre os estudos da obra do escritor. Como aponta o autor, raros são os trabalhos que estudam a produção jornalística de Callado.

Os poucos estudos que mencionam o trabalho de Callado como jornalista não se dedicam com vigor a analisar suas narrativas jornalística. Antonio Callado carece, portanto, de um estudo sistematizado sobre sua produção como repórter. Tal estudo deve considerar, evidentemente, o contexto político-social que suas principais reportagens foram publicadas, mas principalmente - com vistas à avaliação de sua produção como repórter - deve dedicar-se às estratégias discursivas fundamentais de sua escrita jornalística. A

² A dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em setembro de 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/ArRmnY>>

proposta desta tese segue, então, três caminhos: o entendimento sobre quem era Antonio Callado jornalista, o estudo contextual das reportagens de Callado e, principalmente, a análise dos procedimentos discursivos de sua narrativa jornalística.

Sobre tais procedimentos recai nosso problema de pesquisa. Se, de um modo geral, o jornalismo, para persuadir, oculta as marcas da instância enunciativa - ou seja, esconde os processos da produção noticiosa e os indícios da subjetividade do jornalista - como se dá um projeto jornalístico no vetor oposto? Nas reportagens de Antonio Callado, é flagrante uma narrativa autoral que explicita as evidências na construção do discurso. Interessa-nos analisar como essas marcas estão articuladas com o engajamento e a atitude de militância de Antonio Callado para a transformação política e social do Brasil. Vamos evidenciar como os procedimentos discursivos, que revelam a presença do repórter no palco dos acontecimentos, parecem criar um efeito de verdade que objetiva potencializar o discurso combativo do jornalista Antonio Callado.

Nesse sentido, a narrativa jornalística de Antonio Callado, por meio das estratégias discursivas responsáveis pela produção de sentido de seu discurso, reproduziria a leitura de mundo do autor, sua ideologia, inevitavelmente. Afirmamos logo de início que os indícios sobre o *ethos*³ jornalístico de Callado estão em sua obra como escritor. Os temas de suas reportagens dialogam com problemáticas de seus romances e de suas peças de teatro. Como veremos, a intersecção entre suas reportagens e as narrativas ficcionais é tamanha que não é arriscado afirmar que suas narrativas jornalísticas deram suporte criativo para o desenvolvimento do enredo de seus romances e peças. Reconhece-se na obra que Antonio Callado desenvolveu, tanto como jornalista quanto como ficcionista – o que há pouco tempo tem sido assinalado por parcela da crítica literária –, um senso de unidade, de coesão no cerne de seus interesses temáticos.

Veremos como se dá esse senso de coesão ao analisar as seis grandes reportagens que formam o *corpus* desta tese: *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1959), *Revolução piloto em Pernambuco* (1963), *Vietnã do Norte: o outro lado da guerra* (1968), *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1984). O critério que balizou essa seleção foi essencialmente o fato de todas essas grandes reportagens terem sido publicadas em livros. As grandes reportagens *Esqueleto na Lagoa Verde* e *Entre Deus e a Vasilha* foram publicadas diretamente como livros-

³ Entendemos *ethos* aqui no sentido grego de "caráter moral". A palavra é usada para descrever o conjunto de hábitos e crenças. O posicionamento habitual de Callado como jornalista e os temas que lhe são caros no jornalismo também aparecem em seus romances. Ou seja, seu *ethos* jornalístico também está em seu trabalho como romancista e dramaturgo.

reportagem. *Revolução piloto em Pernambuco e Vietnã do Norte: o outro lado da guerra* foram séries de reportagens publicadas no *Jornal do Brasil*. Quando editadas em livros, ganharam outros nomes, respectivamente: *Tempo de Arraes (1964): padres e comunistas na revolução sem violência*, publicado inicialmente pela editora José Álvaro, e *Vietnã do Norte: advertência aos agressores (1969)*, com a primeira edição pela Civilização Brasileira. Também em forma de série, a grande reportagem *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* foi publicada no *Correio da Manhã*, entre 10 e 23 de setembro de 1959 e, mais tarde, entre 29 de novembro e 2 de dezembro do mesmo ano. O livro, publicado com o mesmo nome em 1960 pela editora Civilização Brasileira, também traz textos de Callado sobre o nordeste publicados nas revistas *SR* e *Visão*, em 1959. *Passaporte sem Carimbo (1978)* foi publicado no *O Pasquim* antes de virar livro.

Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco, Revolução piloto em Pernambuco e Vietnã do Norte: o outro lado da guerra são mencionadas e analisadas na obra de Martinelli (2006) do ponto de vista temático. O autor defende a tese de que a totalidade da obra de Callado - romances, teatros e reportagens - está de acordo com a missão do autor como intelectual. Há, na obra de Callado, uma visão mobilizacionalista, que segundo Marcos Martinelli (2006), perpassa todas as suas obras.

Para o pesquisador, Callado segue os passos daqueles que são para ele suas referências: Bernard Shaw e Jean-Paul Sartre. O escritor designa tais intelectuais como os "tutores do século XX" porque se colocaram como "educadores" do homem, "[...] fazendo sua profissão uma espécie de religião a serviço da humanidade, contribuindo para minorar a miséria do mundo." (MARTINELLI, 2006, p. 20). Estaria aí a definição de "sermonário", designação que Martinelli utiliza para identificar Callado. Assim como Shaw e Sartre, que percorriam seu país e outros lugares no mundo, testemunhando e legitimando revoluções populares com o prestígio de serem intelectuais e fazendo seus "sermões", fez Callado, tanto em seus romances quanto em sua produção jornalística. Para o escritor e repórter, conscientizar o homem, libertá-lo da opressão e da desigualdade seriam os aspectos fundamentais que deveriam guiar a vida e a obra de um intelectual.

A identificação de Callado como sermonário, tese de Martinelli, foi apreendida pelo pesquisador com a leitura do texto presente no livro de Callado "Crônicas de fim de milênio" (1997, p. 237-242). Vejamos um trecho do texto:

O que mais existe no mundo atual é gente na sarjeta e, por isso mesmo, o século que se encerra produziu dois grandes educadores, dois gênios que se derramaram de suas

fronteiras e idiomas para inundarem o mundo inteiro. Shaw e Sartre. Por vocação, eram ambos sermonários, pregadores [...] (CALLADO, 1997, p. 237)

Sobre este fragmento, Martinelli afirma que, com o pretexto de falar da literatura e da trajetória de Shaw e Sartre, Callado produziu, na verdade, um texto sobre seu próprio projeto literário. Tal concepção sobre seu trabalho parece se desdobrar em sua produção jornalística como um todo. E é aqui que se fundamenta a hipótese deste trabalho: tal qual na literatura, importaria a Callado como jornalista abrigar temas que se encaixariam no seu projeto mobilizacionista para transformação política e social do país. Há em Callado jornalista, assim como há em Callado romancista, a busca pelo ideal do Brasil possível, no qual a justiça social, nos termos da superação das desigualdades, sobreporia-se aos interesses das elites nacionais.

É válido dizer que o entendimento de hipótese que estamos adotando é aquele dado por José Luiz Braga (2008). Para o pesquisador das metodologias em pesquisas de comunicação, mais do que corroborar hipóteses importa em nossa área compreendê-las em sua complexidade.

Não é preciso que as descobertas realizadas nas pesquisas empíricas se caracterizem como a vanguarda do conhecimento na área - nossas descobertas raramente o são. Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida, agora encontra um esclarecimento produzido por nosso trabalho investigativo, de observação sistemática, de questionamentos, de articulação adequada entre os fundamentos teóricos acionados e as dúvidas postas pela construção do objeto. (BRAGA, 2008, p. 6)

Braga fornece horizonte metodológico subjacente a esta tese. Seus apontamentos sobre o fazer científico no campo da comunicação nos deram respaldo para as decisões de investigação da tese, como a de manter como hipótese algo que é apenas mencionado por alguns estudiosos de Callado. A ideia de que suas reportagens estão em consonância com seu projeto de busca por construir um país possível pretende encontrar nesta pesquisa, usando as palavras de Braga, "esclarecimento produzido pelo nosso trabalho investigativo".

Importante também dizer que entendemos essa investigação, tal como aponta Braga, como uma pesquisa empírica. Para ele, a “pesquisa empírica” não é somente a pesquisa apoiada pelo controle rigoroso de variáveis e por aproximação quantitativa. O trabalho sobre a compreensão do objeto empírico, no caso as reportagens de Antonio Callado, também corresponde igualmente à pesquisa empírica. Esta tese se trata, portanto, de uma

pesquisa qualitativa sobre um objeto empírico que não foi pesquisado da forma com a abordagem aqui proposta.

Os principais estudiosos dos romances de Callado, tal qual Ligia Chiappini (1982) e Cristina Ferreira Pinto (1985), concordam que a temática da procura por um país de liberdades democráticas e direitos garantidos a todos seus cidadãos é tônica nos romances do autor de *Quarup*. É significativo que até mesmo nos títulos dos livros das autoras o movimento pela busca, que gira em torno da ideia de viagem, está presente: respectivamente, *Quando a Pátria Viaja* (1982) e *A Viagem do Herói* no Romance de Antonio Callado. Em *Brasil, país do passado?* (2000), organizado por Ligia Chiappini, Antônio Dimas e Berthold Zilly, diferentes pesquisadores fazem um "balanço do país" com base nas ideias de seis intelectuais, Antonio Callado é o primeiro da lista que também traz João Antônio, Paulo Francis, Darcy Ribeiro, Paulo Freire e Betinho (Herbert de Souza). Cinco pesquisadores assinam o capítulo com textos sobre Antonio Callado. No primeiro deles, Alberto von Brunn avalia como a ideia da viagem está intrinsicamente ligada ao trabalho de romancista. Vale acompanhar um trecho que também traz uma frase de Callado:

Para falar em Berlim sobre Antonio Callado, a minha primeira ideia foi esta: que diria o autor do *Quarup* se viajasse com o papa João Paulo II para Cuba? Que faria se o tivessem embarcado no avião da Atilaia rumo ao encontro histórico entre o papa polonês e Fidel Castro? Não o podemos saber, só nos resta aventurar uma hipótese: as viagens - a relação entre tempo e espaço - eram uma preocupação constante nas crônicas, nos contos e romances do escritor de Niterói: "Eu tenho uma teoria, segundo a qual há sempre uma viagem no início da carreira de um escritor", explicou ele certo dia a Ligia Chiappini. "Portanto, há sempre uma viagem, real ou imaginária, na vida do escritor latino-americano, mesmo que ele não saia de casa, por questões econômicas ou outras. Eu fui mesmo". (BRUNN, 2000, p. 93)

O deslocamento em busca de respostas está, então, nas obras de Callado. Albert von Bruun trata das crônicas, dos contos e dos romances. Acrescentaríamos: o viajar, o movimento entre tempo e espaço que traz a descoberta, também está presente na produção de Callado em que estamos debruçados nesta pesquisa: suas grandes reportagens. Em algumas produções jornalísticas, como *Esqueleto na Lagoa Verde*, essa concepção da relatividade do tempo e espaço - noção também atrelada à ação de estar em viagem, mencionada por Brunn - está tão presente que é ela quem abre a reportagem.

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culuene, na Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho mono-motor, umas sete horas antes: como

é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres estranhos, mongolóides, inteiramente nus, cerquem o avião? (CALLADO, 1997, p. 97)

Estamos, como nos respaldam os pesquisadores de sua obra, diante desse intelectual que se move a partir de uma busca pelo entendimento de seu país, esteja ele na posição de romancista, dramaturgo, contista ou cronista. Esse último fragmento evidencia do mesmo modo aquilo que, como já descrito, percebemos como hipótese: a viagem ao encontro da compreensão do Brasil também está em suas reportagens. Ao se dedicar, quase sempre, a pautas nas quais a resistência de um grupo ou comunidade consegue alcançar objetivos notórios em avanços sociais, Callado, igualmente como repórter, dá a seu público caminhos possíveis para entender que uma revolução brasileira do ponto de vista político e social seria urgente. Antonio Callado apresenta-se como jornalista cuja obra é de candente engajamento na transformação político-social do país em determinado momento histórico.

Eis nossa "questão de horizonte" da pesquisa, definição de José Luiz Braga (2008) para perspectiva principal da investigação que surge com a fundamentação teórica. Segundo o autor, ao adotarmos determinadas teorias, "[...] assumimos como horizonte de reflexão a ordem de questionamentos diante da qual construímos nossas perguntas específicas de investigação." (BRAGA, 2008, p. 8).

Martinelli, Chiappini, Ferreira Pinto e Brunn dão base, então, para nossa questão de horizonte. É chegada a vez de construímos nossas perguntas específicas de investigação: é possível confirmar o projeto mobilizacionista nas grandes reportagens de Antonio Callado? E, principalmente, quais são as estratégias discursivas usadas pelo narrador-repórter para mobilizar seu leitor a identificar as causas e pormenores das mazelas e conflitos sociais? Como tais estratégias se articulam para que o leitor possa ter uma percepção complexa da realidade apreendida pelo repórter?

Os movimentos para responder a tais perguntas foram distribuídos nos três capítulos desta tese. No primeiro capítulo, a partir de uma revisão de sua obra e de sua trajetória biográfica, pretendemos apresentar quem foi Callado jornalista. Identificaremos como a produção de suas peças de teatro e romances caminharam juntos com seu trabalho como repórter. Suas experiências no exterior, sobretudo na *BBC* e no Brasil - com destaque para os trabalhos desenvolvidos no *Correio Brasiliense* e no *Jornal do Brasil* - serão analisadas na tentativa de localizarmos sua identidade como jornalista.

A vida jornalística e editorial dos anos 1950 e 1980, décadas em que as grandes reportagens de Callado foram publicadas, também será foco do estudo nesse primeiro

capítulo. Quais eram os intelectuais que participavam ativamente na imprensa nesse período? Especialmente na década de 1960, depois do Golpe Militar, como se deu o trabalho de jornalistas na imprensa brasileira? As respostas para essas perguntas nos ajudarão a compreender, por exemplo, as condições editoriais para que uma reportagem como *Vietnã do Norte: o outro lado da Guerra* (uma exaltação à necessidade de lutar para resistir à opressão da ditadura militar instaurada em 1964) conseguisse ser publicada no *Jornal do Brasil* em plena ditadura, às vésperas do AI 5.

Como era o *Jornal do Brasil* e os demais jornais onde Callado trabalhou? Quais eram suas linhas editoriais? Veremos por que, no *Jornal do Brasil*, Antonio Callado recebia a alcunha de "repórter especial" e escrevia seus textos com perceptível liberdade editorial. Alberto Dines, que concedeu entrevista para esta pesquisadora e foi editor chefe do *Jornal do Brasil* à época da publicação da reportagem, está entre as referências que nos ajudarão a entender o trabalho de Callado nesse e nos demais periódicos em que trabalhou.

Com vistas ao entendimento sobre o perfil profissional e ideológico do jornalista, a pesquisa sobre alguns aspectos e traços contextuais da imprensa brasileira no período de atuação mais engajada de Antonio Callado também será fundamental nesse capítulo. É a partir dela que flagraremos por que, mesmo sendo o editor-chefe do *Correio da Manhã*, Antonio Callado foi convidado por Assis Chateaubriand, dono da revista *O Cruzeiro*, para estar presente na comissão de jornalistas que foram cobrir a história da descoberta de esqueletos no meio da Amazônia. Os ossos poderiam ser do coronel desbravador britânico Percy Harrison Fawcett, que desaparecera misteriosamente na selva brasileira.

Por fim, nos interessa considerar ainda no primeiro capítulo o papel das editoras que publicavam as reportagens de Callado e interesses que conduziam tais publicações. Compreender o trabalho das editoras *José Álvaro* e *Civilização Brasileira*, que publicaram, respectivamente, as primeiras edições com as reportagens *Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução sem violência* (1964) e *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969), será parte do estudo. A seleção dos textos pelas editoras e os novos nomes dados às reportagens sinalizam tendências ideológicas do cenário editorial da época. A publicação em um suporte muito mais perene que o jornal indica evidentemente o reconhecimento dado pelas editoras de sua geração ao trabalho jornalístico de Callado. Essa legitimidade editorial do repórter no cenário das publicações de esquerda também nos parece elemento importante para a aferição da figura de Callado como intelectual.

No capítulo 2, será a vez de compreendermos os contextos históricos e políticos em que as reportagens foram escritas. Consideramos importante apresentar os detalhes dos

bastidores das publicações e nos alongarmos na explicação sobre os principais personagens que aparecem nas reportagens. As informações apresentadas nesse momento, que, muitas vezes, não aparecem nas reportagens, contribuem para entender o perfil identitário do jornalista Antonio Callado e nos darão respaldo para o trabalho analítico seguinte.

Finalmente, no capítulo 3, ponto central da tese, será a vez de identificarmos e analisarmos quais são as estratégias discursivas presentes na narrativa das reportagens de Callado e como elas se articulam com o engajamento do jornalista no seu projeto de nação idealizada. Três recursos discursivos serão analisados com mais vagar: assunção da subjetividade, autorreferencialidade e literariedade. Interessa-nos identificar como as essas estratégias discursivas, detalhadas no capítulo final, articulam-se para mobilizar o leitor-enunciatário sobre os temas urgentes para o Brasil. Como veremos, temas que permanecem urgentes para o país.

Capítulo 1. Antonio Callado, jornalista

"Eu sou um escritor brasileiro que escreve sobre o Brasil, dos anos 50 aos anos 80 e não sei se 90. Mas, de qualquer maneira, um escritor do seu tempo, escrevendo no Brasil com personagens bem brasileiras". Assim Antonio Callado se definia: um escritor brasileiro com um olhar fixado no Brasil e nos brasileiros. Sua definição sobre si mesmo é dada logo no começo do documentário *A Paixão Segundo Callado* (2007), dirigido por José Joffily.

Mas e o jornalismo? Como o intelectual que foi repórter e redator-chefe no *Correio da Manhã*, correspondente na BBC, repórter especial e editorialista no *Jornal do Brasil* e colunista na *IstoÉ* e na *Folha de S.Paulo* compreendia o jornalismo? A resposta, dada em diferentes ocasiões, também está no documentário de Joffily: "O jornalismo, para mim, foi o caminho paralelo ao da literatura, que me permitiu ganhar minha vida, viajar, inclusive ir a muitos dos lugares que eu queria conhecer. Sempre com essa ideia de eventualmente transformar a vida em literatura". Em entrevista concedida à Ligia Chiappini Leite, em julho de 1981, Callado disse que mostrava até um certo receio em ser chamado de jornalista:

Eu gostei muito do que o Leandro escreveu sobre meu último livro [*Sempre viva*], porque ele dizia, entre outras coisas, que as pessoas pensam de vez em quando que eu sou muito mais "ensaísta" (foi o termo que ele usou, pois teve a generosidade de não falar "jornalista" porque parece que as pessoas quando querem falar mal dizem: é um jornalista). (CALLADO in LEITE, 1982, p. 249)

Quando se dedicou quase exclusivamente à literatura, portanto, preferia ser chamado de ensaísta do que jornalista. E, se pudesse escolher mesmo, que o chamassem de escritor. Mas Ana Arruda, jornalista e segunda esposa do escritor, conta⁴ que o intelectual também tinha muito carinho pelo jornalismo. É que Callado, explica Ana, era um tanto quanto indecifrável em muitos aspectos. Em entrevista a Inácio França (2014)⁵, Ana lembra que, assim que decidiram morar juntos, soube que a dificuldade de "desvendar" Callado não era só dela:

Eu estava sozinha no apartamento, quando Salim Simão, provavelmente o melhor amigo de Callado, me procurou e me disse, falando alto como era do seu jeito: 'Eu sei

⁴ Relato a partir da conversa realizada com esta pesquisadora por telefone em 23 de junho de 2018.

⁵ Disponível em: <Disponível em: <<https://goo.gl/6wo48S>>. Acesso em: 20 jul. 2018>. Acesso em: 20 jul. 2018.

que você e Callado estão juntos, mas não pense que vai conhecer Antonio Callado. Ninguém conhece Antonio Callado'. E foi embora. (ARRUDA in FRANÇA, 2014)

Callado não gostava muito de falar de si próprio nem de seus projetos. Mesmo vivendo ao seu lado por quase 26 anos, Ana Arruda revela que não conseguiu decifrá-lo totalmente. E isso era bom. "Cada dia era uma descoberta boa" (ARRUDA in JOFFILY, 2007). Entre tais descobertas, a esposa percebeu que a relação do escritor com o jornalismo era maior do que um mero caminho para repositório de influências na escrita de seus romances:

É verdade que ele visava sempre o trabalho de escritor, desde muito jovem. Mas o que eu penso é que o jornalismo, além de um caminho para a literatura, era uma forma de conhecer mais o Brasil e abordar seus problemas. De intervir na realidade, embora também guardando material para os livros. (ARRUDA, 2018)⁶

Como um intelectual declaradamente engajado nas transformações para o país, ao ver as possibilidades de intervenção social possibilitadas pelo jornalismo, Callado entusiasmava-se sim com o trabalho na imprensa. Tanto que, como rememora Ana, quando recebeu o convite da *Folha de S. Paulo*, em 1992, para ser cronista do jornal, ficou felicíssimo⁷. Nessas crônicas, que sintetizam seu último trabalho ligado ao jornalismo⁸, estão os temas que percorreram sua trajetória intelectual como escritor e também como jornalista: a luta pela justiça social, pela democratização da terra, pela demarcação territorial e identitária do índio e pela educação dos jamais incluídos (PORTELLA in CALLADO, 1997, p. XII).

Em uma das crônicas publicadas no caderno "Ilustrada" do periódico, está a síntese sobre seu ideal para o país, um país desejado desde os primeiros anos de trabalho: "Desde que escrevo em jornal, tenho sonhado com um Brasil real, não ficcionalizado, ordeiro, sem fome, sem analfabetismo, em lugar dessa ridícula tentativa de país em que vivemos". (CALLADO, 1996)⁹. A crônica com tal trecho, publicada em 4 de maio de 1996, traz o assombro do cronista em perceber que os fatos históricos do Brasil, de tão absurdos, poderiam estar em uma ficção. Callado já estava no fim da sua vida - padeceria em 28 de

⁶ Entrevista a esta pesquisadora, realizada por e-mail em 25 de junho de 2018.

⁷ Relato a partir da conversa realizada com esta pesquisadora por telefone em 23 de junho de 2018.

⁸ Com base em José Marques de Melo (2002), estamos considerando aqui a crônica como gênero jornalístico.

⁹ A crônica "O Brasil aos poucos está virando uma fotonovela", que traz o trecho, não está publicada no livro que reúne seus textos publicados na Folha de S. Paulo, mas está disponível em: <<https://goo.gl/4djY2v>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

janeiro de 1997, vítima de um câncer - e recorria ao seu trabalho como jornalista para reforçar em qual ideal de país se agarrou por toda sua trajetória.

Pelas vias do jornalismo, é possível flagrar como seu engajamento repercutiu em transformações sociais verificáveis, especialmente em duas situações. A primeira delas, em 1959, quando era redator-chefe do *Correio da Manhã* e partiu como repórter para o nordeste. Seu objetivo era identificar quem eram os latifundiários e políticos que se beneficiavam com a "indústria da seca". Com a denúncia de vários envolvidos, o repórter mostrou como se realizava a captação e o direcionamento de verbas governamentais - que seriam destinadas a minimizar as consequências da seca na vida de milhões de camponeses do nordeste - para latifundiários ligados ao então Departamento Nacional de Obras Contra Secas (DNOCS).

Nessa viagem, Callado conheceu, na cidade de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, os camponeses do Engenho Galileia que, amparados pelo advogado Francisco Julião, lutavam há mais de quatro anos na justiça pelo direito de ficarem em suas terras.

As denúncias sobre a corrupção do DNOCS e sobre a perseguição dos camponeses pelos latifundiários da região causaram um movimentado debate nacional nos jornais, na Câmara Federal e no Senado. As consequências da mobilização nacional a partir das reportagens não tardaram a aparecer: os camponeses da Galileia foram violentamente impedidos em uma manifestação realizada na cidade e, apenas alguns dias depois, receberam a ordem de despejo para desocuparem o engenho. Assim que soube sobre a violência sofrida pelos "galileus", Callado retornou a Pernambuco e produziu outras duas reportagens em defesa dos camponeses. Mais um debate acalorado percorreu os editoriais dos jornais e as esferas estaduais e federais do governo. Dessa vez, o movimento em torno das reportagens reforçou a decisão dos deputados estaduais e do então governador de Pernambuco, Cid Sampaio, pela desapropriação do Engenho, com o respectivo pagamento aos antigos proprietários, para beneficiar os camponeses.

Em âmbito federal, a denúncia das reportagens de Callado sobre o DNOCS, como veremos com mais detalhes no próximo capítulo, teria fortalecido a decisão de Juscelino Kubitschek de criar a Superintendência do Desenvolvimento para o Nordeste (Sudene) e da nomeação de Celso Furtado para sua superintendência. O órgão, além de estimular o desenvolvimento industrial da região, fiscalizaria a distribuição dos recursos para amenizar os problemas da seca para os mais pobres. As reportagens de Callado do *Correio da Manhã* ganharam o Prêmio Esso de Jornalismo de 1959 na categoria Regional e, posteriormente,

foram reunidas no livro *Indústrias da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960). A análise do contexto da produção dessas reportagens e das estratégias discursivas serão analisadas na tese.

O segundo exemplo quanto à mobilização do debate público a partir das reportagens de Callado está também fixado no período em que o jornalista trabalhou no *Correio da Manhã* como redator-chefe. Foi em 1964, quando o governador Carlos Lacerda, do então Estado da Guanabara adotou uma política de remoção das favelas, ameaçando a retirada de 1.100 famílias da favela Braz Pina, no subúrbio do Rio de Janeiro. O padre José Sainz Artola, que há 16 anos era vigário da comunidade, saiu em defesa dos moradores. Era preciso criar uma resistência aos abusos e às violências que vinham sofrendo por parte dos "assistentes sociais" do governo que estavam pressionando a saída das famílias. No projeto de remoção, a ideia era que a comunidade fosse transferida para o conjunto habitacional Vila Kennedy, no subúrbio de Bangu, a mais de 20 quilômetros de onde viviam. A ordem era de prisão para quem resistisse.

No dia 22 de dezembro de 1964, Carlos Lacerda foi até a favela e decretou a remoção das famílias. Um confronto se estabeleceu entre o governador e os padres que apoiavam a resistência da comunidade. Mais uma vez, Callado deixou o cargo de redator-chefe e assumiu a função de repórter para ir até o lugar do conflito. Conversou com os moradores, ouviu os agentes do governo, o padre Artola e caminhou com ele pelas ruas cheias de lama para compreender a situação. Por dias, a luta dos moradores negros, pobres e analfabetos foi notícia no *Correio da Manhã*. A visibilidade para a impasse fez Lacerda recuar. O governador chamou padre Artola para a negociação no Palácio do Governo, desistiu da desocupação e Braz Pina se tornou a primeira favela da América Latina a ser urbanizada. O *Correio da Manhã* cobriu o caso até seu encerramento.



Figura 1: Callado e padre Artola na favela de Braz Pina.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 249)).

A concepção sobre o jornalista ser um defensor do interesse público, um agente nas possibilidades de diminuição no quadro de desigualdade social, estava presente para Callado. Ligia Chiappini Leite, que entrevistou o escritor e jornalista em duas ocasiões - em novembro de 1980 e julho de 1981 - afirma que Callado, como jornalista, conduzia-se por pautas que pudessem minimizar a condição de miséria da maior parte da população de então. Como jornalista e escritor, pertencente a uma camada letrada e privilegiada em uma sociedade desigual como a brasileira, o intelectual não podia se isentar. Seu discurso, sua ação e seu exemplo precisavam expressar "[...] sua solidariedade aos excluídos da cidadania, que por sua vulnerabilidade social, sexual e étnica, vivem à margem, sem encontrar canais de expressão direta às suas necessidades, dores e direitos." (LEITE, 2010, p. 97).

Na entrevista que concedeu a Ligia Chiappini Leite (1982), Callado mostra-se firme ao dizer que, para ele, um escritor poderia escrever sobre o que bem quisesse, mas não poderia se isentar do necessário posicionamento político. "Eu acho que um intelectual, sobretudo num país como o Brasil, não tem o direito de se eximir como pessoa, e como intelectual, de opinar sobre a situação do país." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 152).

Como vimos, Callado considerava-se, essencialmente, um escritor. Mas as identidades de jornalista e de intelectual também aparecem nas suas declarações. Independente da forma como que se apresentava, o que parece importar a Callado era reafirmar sua postura sobre a necessidade de envolver-se nas questões urgentes de seu tempo para a compreensão e transformação do país. Por tal aspecto, poderíamos considerar Callado um "jornalista-intelectual". Para Fábio Pereira (2011), o termo identifica os escritores, jornalistas e militantes que "[...] dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção de obras artísticas e literárias, o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais." (PEREIRA, 2011, p. 17).

Como veremos, desde os primeiros trabalhos como jornalista, Callado desenvolve, concomitantemente, obras literárias e dramáticas. Em todas suas produções - sejam elas jornalísticas ou ficcionais - sua militância sobre a necessidade de construção de um país verdadeiramente democrático e justo está presente. Sobretudo, a partir do final da década de 1950, quando seu engajamento fica explícito. Daniel Pécault explica que os intelectuais brasileiros como Callado, "[...] manifestaram a convicção de que lhes competia uma responsabilidade essencial na construção da nação." (PÉCAULT, 1990, p. 14). Segundo o autor, os intelectuais dessa geração, de forma geral, manifestavam a urgência de um "projeto" nacional. Dependeria deles a formação de uma camada social com vocação necessária para encaminhar a nação ao encontro de si mesma. Em outras palavras, era preciso ajudar o povo a tomar consciência de sua vocação revolucionária.

O jornalismo para Callado, nesse sentido, além de uma fonte de renda e de um repositório de fragmentos da realidade a serem transformados em obras ficcionais, também era um espaço para a mobilização do "projeto" de nação desejada, de um país possível, enfim. No caso de Callado, tal desejo - ou paixão, para retomarmos o título dado à videobiografia assinada por Joffily -, nasce curiosamente quando o jornalista está longe de sua pátria. Vamos até o início de sua trajetória para a compreender de onde veio sua - usando sua própria definição - "fome de Brasil".

1.1. Como nasce a "fome de Brasil"?

Antonio Carlos Callado nasceu em 26 de janeiro de 1917, ano da Revolução Russa, como gostava de lembrar. Nasceu em uma família de classe média; seus pais, o médico Dário Callado e a professora Edith Pitanga, já tinham três filhas e viviam em Niterói, então

capital do Estado do Rio de Janeiro. Dono de uma grande biblioteca com títulos brasileiros e franceses, Dário era amante da literatura e escrevia sonetos parnasianos que eram ilustrados por Edith (ARRUDA, 2013, p. 31). Moravam em uma casa grande, repleta de livros, perto da praia da Icaraí. O pai atendia em casa e as tias davam aulas em uma parte da casa. Eram, segundo seu relato, mulheres fortes e religiosas e teriam sido decisivas por sua escolha em seguir a vida intelectual (MARTINELLI, 2006, p. 37).

Callado tinha especial afeição ao avô materno, identificava-se com ele. O juiz de direito Antônio Ferreira de Souza Pitanga morreu de gripe espanhola aos 68 anos quando Callado ainda aprendia as primeiras palavras, mas, a grande admiração de sua mãe pelo pai também arrebatou o neto. O avô, que tinha estudado com o poeta Castro Alves e com o jurista Rui Barbosa, viajava muito pelo Brasil, fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico, tinha sido abolicionista, posicionava-se na defesa dos negros e presidiários e gostava muito de índios, tanto que escreveu dois livros sobre eles: *O Selvagem perante o Direito* e *A pena de Açoites*. Callado fala sobre o avô como uma referência: "Quando ele morreu eu tinha dois anos, mas a influência dele foi muito grande na minha formação. Inclusive essa coisa de índios." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 250).

Dário Callado, o pai, também se dedicava ao trabalho aos desfavorecidos. Foi aprovado para um concurso de livre docência mas preferiu trabalhar como médico da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Na epidemia de gripe espanhola, transformou sua casa em um verdadeiro hospital. Era médico de pescadores, de prisioneiros e estudioso de tuberculose, doença sob a qual padeceu aos 48 anos de idade. Callado tinha então 11 anos. Era o começo do declínio familiar dos Callados; precisaram morar em casas menores e, segundo o escritor, "menos importantes na vida da gente" (CALLADO in LEITE, 1982, p. 249).

Mesmo com o orçamento apertado, Callado completou sua trajetória escolar. Com a ajuda financeira de familiares, cursou colégios modestos e, incentivado pela mãe, foi autodidata. Com a biblioteca que herdou do pai, preservada pela mãe estrategicamente, aprendeu francês e ganhou fluência na leitura. Apesar da vida sem muitas regalias, mesmo depois da morte do pai, Callado tinha acesso - referenciando a definição de Pierre Bourdieu (1996) - a considerável capital cultural. O escritor rememora o período:

Então papai tinha essa biblioteca muito grande, eu me lembro dos primeiros livros que li, de poesia, e das primeiras tentativas de ler francês, comecei a aprender e ler por minha conta, lendo revistas também que ele recebia, francesas. E me lembro muito

bem de passar da leitura para a decisão de escrever livros, literatura. (CALLADO in LEITE, 1982, p. 249)

A carreira literária representava também uma alternativa de ascensão social. Sérgio Miceli (2001, p. 81-82) e Marcos Martinelli (2006, p. 36) sugerem que essa também poderia ter sido uma justificativa para a escolha de Callado pelo caminho literário. Sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, de modo a escapar do rebaixamento social e econômico consequente, quase sempre, da perda paterna, as mulheres da família - mãe, irmãs e tias - transmitiam aos filhos homens um certo montante de capital social e cultural da classe dominante a qual um dia pertenceram. De tal forma, o trabalho intelectual poderia levar a família, se não de volta ao mesmo *status* econômico, ao menos aos espaços ocupados pela elite cultural.

Seja qual for a motivação pela escolha literária, fato é que Callado começou a escrever rapidamente. Entre os 16 e 17 anos, ganhou um concurso de contos de um pequeno jornal de Icarai, chamado *A praia*. O jornalismo assim apresentou-se como opção para quem queria escrever literatura mas precisava pagar as contas. Explica Callado: "O jornalismo foi a profissão mais afim que eu descobri, como muitas outras pessoas, para ganhar a vida com uma coisa que não fosse muito diferente daquilo que eu realmente queria fazer." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 249).

Formou-se na faculdade de Direito em Niterói em 1939, hoje Universidade Federal Fluminense, e para custear seus estudos trabalhou inicialmente em uma firma comercial. Antes de concluir os estudos, em outubro de 1937, então com 20 anos, Callado recorreu às relações familiares para procurar emprego no *Correio da Manhã*. O periódico carioca, que foi lançado em 15 de junho de 1901, pelo jovem advogado Edmundo Bittencourt, tinha desde seu princípio, uma linha editorial "participante e combativa", com foco no "direito e nas liberdades populares." (SODRÉ, 1999, p. 287). No artigo de apresentação do jornal, Bittencourt já marcava seu posicionamento contrário aos jornais que se diziam neutros. É interessante notar como essa será a mesma postura que Callado adotaria como jornalista em relação à suposta imparcialidade dos jornais. Vejamos trecho do primeiro editorial do *Correio da Manhã*:

Em bom senso sabe o povo que essa norma de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é pura estratagem para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião. (SODRÉ, 1999, p. 287)

Cerca de três décadas depois da publicação do editorial, Callado chegou ao "jornal de opinião" com uma carta de recomendação em mãos. Os Bittencourts eram parentes distantes dos Callados e a árvore genealógica poderia ajudar. Quem o recebeu foi Paulo Bittencourt, filho de Edmundo, que assumiu a direção do periódico em 1928. Callado conta como foi seu primeiro contato com aquele que se tornaria seu patrão e amigo¹⁰:

Lida a carta, depois de ter avisado de que a questão do parentesco nada significaria ao jornal, fui encarregado de fazer uma reportagem, como experiência, algo sobre Niterói. Esmerei-me no trabalho, mas quando mostrei ao diretor, vi que fizera uma crônica em vez de uma reportagem. Mas como estava bem escrito, deram-me nova oportunidade. Dessa vez acertei e fui empregado. (CALLADO in MARTINELLI, p. 46)

Menos de um mês depois da sua entrada no jornalismo, teve sua primeira experiência com a censura: "Comecei a trabalhar (...) em outubro de 1937. Em novembro, o Estado Novo me desaba sobre a cabeça. E aí me vem um censor para dentro do jornal, que ficava lá sentando, lendo tudo antes de ser impresso." (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 69).

Em 1939, já assumia uma coluna no jornal *O Globo*. Trabalhou com Nelson Rodrigues e foi tradutor de histórias em quadrinhos que estavam sendo traduzidas no Brasil: Fantasma, Mandrake, Jim Gordo, entre outros. Segundo Martinelli (2006, p. 44-45), os recursos típicos das narrativas de HQs e do cinema teriam sido apropriados, conscientemente ou não, por Callado em seus romances, especialmente em *Quarup* (1967). É possível, como veremos, flagrá-los também nas grandes reportagens do jornalista. Por ora, sigamos na trajetória jornalística de Callado que, em 1941, estava de malas prontas para embarcar para Londres.

Iniciada em 1939, a Segunda Guerra Mundial mobilizava esforços dos principais países dos dois blocos do conflito na criação de um aparato comunicacional capaz de transmitir internacionalmente as informações. A guerra também era ideológica e o rádio era uma arma poderosa na divulgação das estratégias para conduzir a opinião pública. Nesse contexto, a estatal inglesa BBC (British Broadcasting Corporation), desde 1939, começou a transmitir as informações sobre a guerra para 57 países e, para isso, contratou e levou para a capital inglesa jornalistas do mundo todo. Callado demonstrou interesse pela oportunidade e foi chamado pelo Serviço Brasileiro da BBC. Apesar do perigo dos bombardeios nazistas, o repórter queria se afastar da ditadura Vargas e colaborar com os

¹⁰ A amizade de Callado com Paulo Bittencourt e sua esposa, Niomar Muniz Sodré era grande. Tanto que o segundo romance de Callado, *Madona de Cedro* (1957) foi dedicado ao amigo.

esforços da BBC em divulgar o ideal da democracia durante o conflito: "Era o centro do tufão. E por nenhuma coisa deste mundo eu teria deixado de dar uma mãozinha no esforço de guerra da estação de Londres da BBC." (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 72).



Figura 2: Callado desembarca em Londres em 1941.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 73)).

De Aldenham House¹¹, em Londres, redigia o noticiário da emissora em português para o Brasil, colaborava no tabloide quinzenal *A Voz de Londres*, em que reproduzia textos dos correspondentes, divulgava a programação do Serviço Brasileiro da BBC e apresentava notícias sobre os brasileiros que trabalhavam na emissora. Também enviava crônicas para o *Correio da Manhã* e para *O Globo*. De quando em quando, era preciso correr aos abrigos para se proteger das bombas jogadas pelos aviões nazistas. O contrato inicial seria de apenas seis meses, mas o jornalista foi ficando na Europa. Ainda em 1941, participou da criação da Sociedade Brasileira em Londres, com o objetivo de divulgar a cultura brasileira na Inglaterra. Em 1943, promoveu a Semana do Brasil, onde deu uma palestra sobre os escritores brasileiros contemporâneos. Nesse ano também se casou com a inglesa Jean Maxine-Watson, assessora do serviço latino-americano da BBC, com quem teve três filhos.

¹¹ Em 1989, Callado escreveria seu romance *Memórias de Aldenham House*, com base nas memórias dessa fase.

Data deste período as primeiras peças de teatro escritas por Callado e recentemente descobertas por Daniel Mandur Thomaz. Em 2014, o pesquisador da Universidade de Oxford se debruçou sobre os arquivos da BBC e encontrou peças de radiodrama escritas por Callado e ainda não conhecidas por seus biografistas. Assíduo frequentador dos teatros ingleses, Callado teria criado seus próprios textos de teatro já nos primeiros anos em Londres. *Jean e Marie*, por exemplo, que foi ao ar 1943, traz, segundo Thomaz (2014), temas e questões que vão aparecer nos romances de Callado dos anos 1950, 1960 e 1970 - tais como misticismo, revolução, transformação social e o papel do artista engajado. Alguns dos temas que também vão guiar sua busca como repórter no Brasil. Para Thomaz, a linguagem do rádio também teria influenciado o estilo do escritor posteriormente.



Figura 3: Callado produzindo seus textos na BBC.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 70)).

No ano seguinte, em 1944, Callado e Jean mudam-se para Paris para trabalhar na *Radio Diffusion Française*. A cidade tinha sido recém-desocupada pelas tropas nazistas e o novo trabalho seria uma boa oportunidade para a aquisição de repertório cultural na cidade que era o centro do mundo intelectual. Ficaram por lá um ano e voltaram para Londres, onde o autor teria descoberto seu amor pelo Brasil.

De repente, começou a bater aquela saudade do Brasil. Tão grande... e assumiu várias formas, uma das quais era ir a uma rua, onde tinha os sebos todos, sebos gigantescos, e catar tudo que encontrasse sobre o Brasil, livros brasileiros e portugueses." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 235)

Foi um reencontro com a língua. As leituras intensas sobre autores brasileiros fez com que Callado redescobrisse Machado de Assis. "Aí é que eu comecei a descobrir o verdadeiro Machado de Assis, que eu tinha lido muito jovem e que não era um dos grandes escritores para mim. A partir desse momento foi um deslumbramento". (CALLADO in PEREIRA, 1993)¹². Foi a partir de Londres que a leitura de Machado se tornou constante. Repetia a leitura de *Esau e Joco*, sempre que não tinha uma leitura à vista: "[...] aquela maravilha, aquele texto bem escrito, tão moderno!"¹³ (CALLADO in PEREIRA, 1993).

Callado estava definitivamente apaixonado por seu país. Em outro texto, escrito em 1981 para o *Jornal do Brasil*, reforça ter sido mesmo em Londres que nasceram sua "tremenda fome de Brasil", sua "enorme sede de conhecer o interior do país" e seu "casamento ferrado com o Brasil, um amor para o resto da vida." (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 74). Viver longe da pátria já lhe fazia mal: "Começou a me dar aquela sufocação, aquela vontade de viver no Brasil, e uma tranquila convicção de que nunca mais ia morar no estrangeiro." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 235).

Era chegada a hora de arrumar as malas e voltar ao país.

1.2. Em busca do centro geográfico, simbólico e intelectual do país

Em 1947, voltou ao Brasil e às suas atividades no *Correio da Manhã* com novas influências. Callado admirava o romancista e escritor Graham Greene, que viajou pelo mundo buscando materiais para seus artigos publicados na *Times* e, paralelamente, para seus romances que retratavam pessoas reais e lugares onde viveu. Martinelli (2006) explica que foi por sua filiação à Greene que Callado concebeu sua estratégia de viajar pelo Brasil como um escritor-etnógrafo e como um jornalista escritor, "[...] isto é, como aquele que utiliza do seu capital econômico oferecido pela profissão de jornalista para transformá-lo em capital simbólico por meio da literatura." (MARTINELLI, 2006, p. 52).

¹² Callado concedeu uma entrevista à Eva Pereira, em 1993, que está publicada na Revista Cerrado. A publicação não tem as páginas numeradas, mas pode ser acessada. Disponível em: <<https://goo.gl/s4ksKF>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

¹³ Na entrevista à Eva Pereira, Callado disse que não gostava de rótulos e classificações, mas que admirava muito do modernismo. "A Semana de Arte Moderna foi um acontecimento; aquela efervescência toda e que deu frutos muito bons: um Drummond, um Bandeira. Gosto muito desse modernismo e de tudo que ele representou de novo, do diferente. [...]. A arte moderna vai ficar com este nome, no sentido de coisa tão moderna que quase sempre nos parece nova". É por esse sentido, portanto, que Callado considera a obra de Machado moderna; até a *Iliada* de Homero seria moderna para o escritor, para o qual "[...] as classificações são relativíssimas." (CALLADO in PEREIRA, 1993). Callado também conduzirá esse sentido modernista para sua produção: seja na literatura, seja no jornalismo, sua escrita deveria ser marcadamente artística, do ponto de vista da inovação, e atemporal.

Vejamos mais um depoimento sobre sua relação com o jornalismo e com a obra de Greene:

Agora, realmente a atividade, que me interessa menos, de certa forma, é o jornalismo. A menos que você possa o tempo todo estar fazendo reportagens como essas que eu fiz no Vietnã e em Pernambuco. Essa é uma atividade jornalística que eu acho que pode competir com as outras, no sentido em que te enriquece muito como pessoa. Graham Greene, por exemplo, é um sujeito que tem nutrido a obra de romancista dele com grandes reportagens preparatórias. Ele vai ao Congo ao Haiti, ao Paraguai, ao Chile. Isso é importante para ele não apenas no sentido jornalístico, mas pela informação que deixa nele. (CALLADO in *O Pasquim*, 1972)¹⁴

Callado, como Greene, utilizaria a atividade de repórter para a aquisição de repositório para seus romances. No ano de seu retorno ao Brasil, em 1947, faz sua primeira viagem à Amazônia, percorrendo o rio Amazonas de Belém a Manaus em um barco de gaiola. Em 1952, o repórter não teria pensando duas vezes ao aceitar o convite de Assis Chateaubriand para acompanhar a equipe dos Diários Associados na expedição para o Xingu em busca de informações sobre os ossos encontrados por Orlando Villas Boas. Chatô admirava o trabalho de Callado e, sabendo da vontade do repórter de conhecer o Xingu, manifestada em conversa com o magnata da mídia certa vez, convidou Callado para a expedição. Supostamente, o esqueleto seria de Percy Fawcett, um coronel inglês que desapareceu, em 1925, com seu filho mais velho Jack e o amigo Releigh Rimmel na região do Mato Grosso. Os estavam atrás de uma cidade perdida.

Chatô trouxe Brian, o filho do meio do coronel desaparecido, para encontrar com os índios que teriam assassinado seu pai e escalou os jornalistas para acompanhar mais um desdobramento da instigante história do coronel Fawcett. *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), a grande reportagem escrita por Callado sobre o desaparecimento de Fawcett e sobre a experiência do repórter com os índios, faz parte do *corpus* desta tese e será analisada em seus detalhes contextuais e discursivos nos capítulos seguintes. Por ora, importa dizer sobre a vontade de Callado de conhecer os índios se relacionar a sua "enorme sede de conhecer o interior do país" (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 34). Em vários de seus romances, sobretudo em *Quarup* (1967) e *Expedição Montaigne* (1982), são flagrantes os indícios de como o escritor aproveitou cenários e personagens reais que encontrou no Xingu, em 1952, na sua elaboração fictícia. Fontoura, personagem de *Quarup*, por exemplo, foi declaradamente baseado em Cláudio Villas Boas (LEITE, 1982, p. 245).

¹⁴ In Martinelli, 2006, p. 52.

Quando Ligia Chiappini Leite questionou o escritor quanto dele havia em Nando, o personagem principal de *Quarup*, Callado respondeu: "A gente está em todos os personagens. É claro que, no caso de Nando, havia uma identidade quase de geração, da minha geração, em relação à geração de Nando." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 237). No livro, Nando vai viver entre os índios do Xingu, larga a batina e, anos depois, luta pelo ideal revolucionário dos camponeses de Pernambuco. O romance é identificado pela crítica nacional e internacional como síntese do país para o período entre a morte de Getúlio Vargas até os primeiros anos do Golpe Militar em 1964. Em *Quarup*, estaria a ideia principal de Callado sobre o que seria uma revolução brasileira, identificada com a história de colonização e exploração do país¹⁵.

A busca pelo país e pela revolução, que transformaria Nando, também guia a atitude de Callado como jornalista. A capa da primeira edição de *Quarup*, lançada pela Civilização Brasileira em 1967, é metafórica sobre o sentido dessa busca.

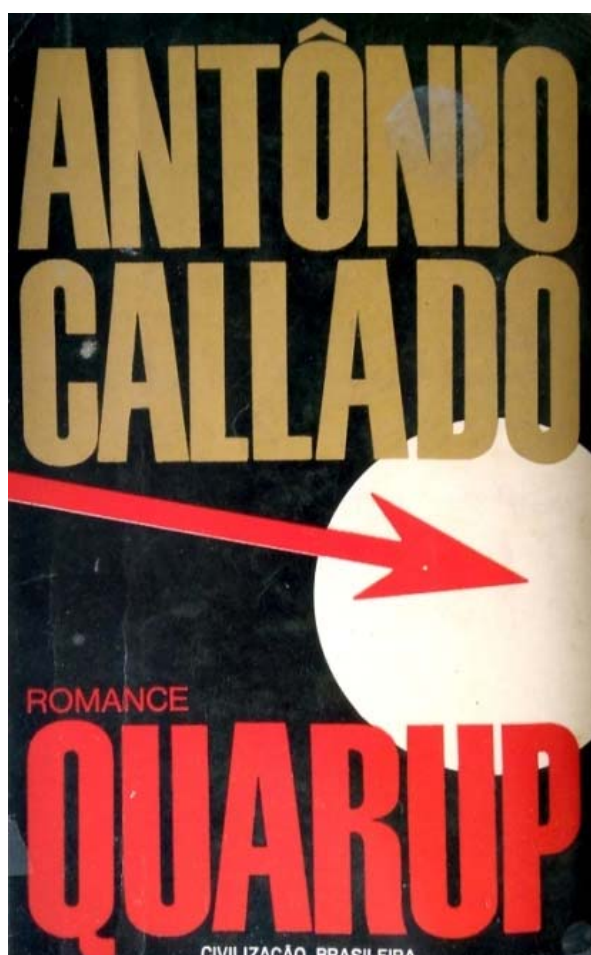


Figura 4: Capa da primeira edição de *Quarup*, lançada em 1967 pela Civilização Brasileira.

¹⁵ A definição de que a história em *Quarup* apresentaria a ideia do que seria uma revolução brasileira foi feita por Ferreira Gullar ao comentar a 23ª edição do livro, publicada em 2014, pela editora José Olympio.

A ilustração traz um círculo e uma seta vermelha que, direcionada da esquerda para direita apontaria para o centro da forma. Figurativamente, é possível compreender os elementos a partir do sentido geral da obra que é considerada pelos críticos a mais importante na bibliografia de Callado¹⁶. Em *Quarup*, Nando, o personagem principal busca o centro geográfico do Brasil, centro que também é metafórico sobre a descoberta do país quando a sua identidade. *Quarup* sintetizaria, dessa forma, o desejo manifestado por Callado de tentar compreender o país. Com base nessa vontade é que estabeleceu sua estratégia de sugerir aos jornais onde trabalhou suas viagens de trabalho. No documentário *3 Antonios e 1 Jobim* (1993), dirigido por Rodolfo Brandão, Callado confirma seu método:

Eu voltei com essa vontade de conhecer o Brasil. Essa vontade me levou ao interior do Brasil, aos índios e, indiretamente, ao começo, afinal, da minha carreira literária, que começou com dois romances anteriores, mas que desembocaria no *Quarup* de 1967. E foi resultado de excesso de amor pelo Brasil, que me deu lá fora e que me fez, ao chegar aqui, manobrar os meus jornais de uma maneira que eles me mandassem pra onde eu queria ir. (CALLADO in BRANDÃO, 1993)

Callado também quis ir a Bogotá, capital da Colômbia, em abril de 1948, para cobrir a IX Conferência Pan-Americana. O *Correio da Manhã* viabilizou sua ida porque também interessava ao periódico conhecer a figura popular de Jorge Eliécer Gaitán, advogado, líder do Partido Liberal e favorito para ganhar as eleições para presidente em de 1952. Callado e Joel Silveira, do *Diário de Notícias*, estavam entre os jornalistas do Brasil presentes na Conferência para entrevistar Jorge. João Guimarães Rosa também participava da delegação brasileira como escritor e diplomata. Apenas três dias depois da conversa com a imprensa, o advogado foi assassinado a tiros. Foi o estopim para a revolta violenta que ganhou o nome de "bogotazo". Enfurecidas, milhares de pessoas saíram às ruas. Saques no comércio e incêndios de prédios públicos se espalharam pela cidade e, em 10 horas de confronto, Bogotá contabilizava 5 mil mortos. Ana Arruda conta que para se proteger da multidão em fúria, Callado teria sugerido aos brasileiros uma inusitada estratégia: "Enfrentariam o caos e os tiroteios cobertos pela bandeira do Brasil [...]. Associada a gritos de "Brasileños!" e "Viva Gaitán", a medida de segurança funcionou perfeitamente." (ARRUDA, 2013, p. 163).

¹⁶ Para Malcolm Silverman, *Quarup* faz, com visões criativas e multifacetadas da identidade nacional, uma crítica explícita à opressão do governo pós-1964. Assim como *Pessach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony (1967), o livro de Callado se fez notar também como documento dos abusos e da imoralidade do governo militar. Nas narrativas, a solução revolucionária aparece como a única saída para o país. (SILVERMAN, 2000, p. 277).

A experiência no "bogotazo" é retomada por Callado na reportagem *Passaporte sem Carimbo* (1969), na qual o jornalista, depois de participar como júri de uma premiação literária em Havana, registra suas impressões sobre Cuba. Callado conta que durante a viagem teve a confirmação do então subministro de Educação de Cuba, Alfredo Guevara (apesar de ter o mesmo sobrenome, não era parente de Che), que Fidel Castro estivera em Bogotá em 1948, como estudante. O jornalista comenta qual teria sido a impressão causada no jovem revolucionário:

Fizemos a cobertura do acontecimento [...] e pasmamos ambos [Callado e Joel Silveira] com o terrível potencial que é a raiva de um povo. Fidel certamente fez mais. Terá iniciado ali sua reflexão sobre como se canaliza essa raiva, para torná-la criadora. Assim como se dirigem cachoeiras, para que além do ruído e fúria produzam luz. (CALLADO, 1969, p. 46)

O "bogotazo" parece ter feito mais por Callado do que deixá-lo pasmo. A ideia da revolução popular para a transformação social se manifesta em seus teatros, romances e também em suas grandes reportagens, sobretudo em sua cobertura sobre a questão agrária. Com exceção da grande reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), poderíamos trazer os comentários de Callado sobre a possibilidade de insurgência popular em quaisquer das reportagens analisadas nesta tese. Deixemos o exemplo para a última delas: *Entre Deus e a Vasilha* (1985). Nela, ao mostrar a política de assentamentos rurais iniciada pelo governo do Estado de São Paulo no Pontal de Paranapanema, o narrador-repórter alertava: "Esperamos que a Justiça continue apoiando o exemplo que se espera de São Paulo. É aquilo, ou vamos aguardar o Dia da Ira nos campos, o qual, para falar com franqueza, eu não sei como ainda não raiou." (CALLADO, 1985, p. 61). Em *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1968), há, inclusive, uma defesa do narrador-repórter pela luta armada. Assim como fizeram os vietcongues, era preciso resistir à ditadura e ao apoio norte-americano a ela, nem que fosse preciso pegar em armas: "[..] o único jeito é derrotá-los no campo de batalha, como fizeram os vietnamitas." (CALLADO, 1969, p. 110). Em depoimento para o documentário de Joffily, Ana Arruda disse que tinha certeza que na ditadura, o "doce radical" - como o amigo Hélio Pellegrino chamava Callado - então com quase 50 anos, desejaria ter tido juventude para ir à luta armada:

"Eu tenho certeza que ele desejaria. Mas que ao mesmo tempo não esbravejava, não ficava furioso. O radicalismo dele não era um radicalismo neurótico, era racional. E a doçura? Aquela história "sem perder a ternura jamais" ele seguia à risca. (ARRUDA in JOFFILY, 2007)

De forma a continuar nossa trajetória para compreender a identidade de Callado como jornalista, deixemos à ditadura para adiante e voltemos ao *Correio da Manhã* no final dos anos 1940, que era, nessa época, um dos matutinos mais importantes do país. Com o então repórter Antonio Callado, trabalhava o redator Graciliano Ramos, um "mestre do idioma", segundo Callado. Era Graciliano que, "[...] com o paletó pendurado na cadeira, de gravata e suspensórios, mangas dobradas até o cotovelo para não sujar as camisa de tinta, fechava o jornal." (COSTA, 2005, p. 95). A sala que Graciliano Ramos no jornal foi chamada de *Petit Trianon*. Nela se reunia a elite editorial do jornal: o editorialista Otto Maria Carpeaux, o crítico literário Álvaro Lins, os redatores Franklin de Oliveira, Otto Lara Resende, José Lino Grunewald e Paulo Mendes Campos. As universidades ainda não concentravam a produção cultural no Brasil e os intelectuais, em sua maioria autodidatas, convergiam para esses espaços na imprensa (COSTA, 2005, p. 96). Callado rememora:

Era uma estrutura intelectual impressionante [...]. Creio que não se repetiu no país uma redação tão impressionante como aquela, inclusive porque havia uma simbiose, uma ligação maior entre o intelectual e o redator de jornal. Hoje os jornais estão mais profissionalizados e, sob muitos aspectos, mais fortes do que os daquela época. Mas isso tirou certo brilho intelectual que existia em redações como a do *Correio*. (CALLADO in COSTA, 2005, p. 96)

Em 1954, com a morte do redator-chefe Paulo da Costa Rego, Callado assumiu o cargo. Nessa altura já tinha lançado a peça de teatro *O Fígado e o Prometeu* (1951) e a reportagem em livro *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953). Em 1954, lançaria também seu primeiro romance *Assunção de Salviano* e as peças *Cidade Assassinada* e *Frankel*, escrita originalmente em inglês e traduzida pelo próprio autor. Em *Assunção de Salviano* já aparece a relação entre política e religião, temas que também percorreriam toda sua obra. O romance se passa no sertão nordestino e traz a mesma temática retomada que seria retomada em *Bar Don Juan* (1971): o ideal revolucionário - para Callado bem-vindo e desejável - mas tocado por intelectuais, artistas e estudantes da classe média frustrados que canalizavam sua energia em um projeto de revolução inviável.

Em 1956, Niomar Muniz Sodré, uma das principais responsáveis pela criação do Museu de Arte Moderna do Rio e esposa do diretor do *Correio da Manhã* Paulo Bittencourt, grande amigo de Callado, convidou o jornalista para escrever a biografia de

Candido Portinari¹⁷. O livro *Retrato de Portinari* (1956) se tornou um dos principais registros sobre a vida e obra do pintor brasileiro e faz com que ele e o jornalista se tornem grandes amigos. Em 1957, Callado lança a peça *Pedro Mico*, a primeira peça que se passa toda em uma favela.

Assunção de Salviano (1954), *Cidade Assassinada* (1954) e *Madona de Cedro*, segundo romance de Callado lançado em 1957, foram publicados pela editora José Olympio¹⁸. De forma a compreender quem era José Olympio (o "J.O") e como se dava sua relação com o ideal do país possível preconizado por Callado, vejamos a que o autor tem a dizer sobre o editor:

A virtude que define J.O. é sua fé inabalável no Brasil que há de sair dos homens e dos livros. Não há revolução, golpe de Estado, quartelada ou desvalorização do cruzeiro que o abatam. Parece dizer a si mesmo que, se tudo isso for posto em livros e entregue à meditação nacional, um dia o Brasil sai de sua interminável larva para se transformar na tão adiada borboleta. (CALLADO in ARRUDA, p. 201)

Callado, portanto, cercava-se e era cercado pelos intelectuais que tinham correspondência de ideias. No final da década de 1950, o jornalista e escritor era convidado por seus pares até mesmo para receber figurões internacionais. Em 1958, Callado lançava mais uma peça, *O tesouro de Chica da Silva*, quando o escritor inglês Aldous Huxley e, Laura Archera, sua esposa, resolveram visitar o Brasil. Para mostrar a eles o país, a Divisão Cultural do Itamarati preparou uma viagem a Brasília, a Minas Gerais e ao Xingu; eles queriam conhecer os índios. Dez pessoas participaram da viagem, entre eles Callado e Jean, sua esposa.

No grupo, também estava a poetisa americana Elizabeth Bishop que estava vivendo no Brasil desde 1951. É Bishop que conta que Callado teria ficado responsável por guiar o grupo na visita ao Posto Capitão Vasconcelos, à margem do Xingu. A poetisa, no texto que fez sobre a expedição, conta que Callado, um pouco nervoso, deu as orientações ao grupo: "Explicou-nos que não deveríamos ter expectativas excessivas em relação aos índios que íamos conhecer; afinal, eles estão num posto." (BISHOP, 2014, p. 231). Assim que o avião pousou na pista do Posto de Serviço de Proteção ao Índio foram recebidos com muita

¹⁷ Ana Arruda Callado conta que Portinari presenteou Callado com vários quadros. Segundo Ana, quando a situação financeira do jornalista apertava, ele recorria à venda de um dos quadros do amigo.

¹⁸ José Olympio fundou a Casa José Olympio Livraria e Editora em 1934, aos 28 anos de idade. Segundo Ana Arruda, a editora teria sido o responsável por popularizar autores como Rachel Queiroz, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Gilberto Freyre. Drummond, de forma a exaltar o fato de José Olympio não ter preconceitos ideológicos, teria dito: "Ele lançou autores de direita, do centro, da esquerda e do planeta Sírio". (DRUMMOND in ARRUDA, 2013, p. 201).

familiaridade. Relata Bishop que, no encontro de Callado e dos pilotos com os índios "[...] havia uma agradável atmosfera de visita ao velho lar." (BISHOP in ARRUDA, 2013, p. 217). Bishop complementa: "Estavam muito satisfeitos por nos ver, sorrindo efusivamente, pegando com avidez nossas mãos, a esquerda ou a direita, para apertá-las." (BISHOP, 2014, p. 231). Cláudio Villas Boas, responsável pelo posto, recebeu o grupo emocionado, era fã de Huxley. A familiaridade entre Callado e os índios teria vindo de outras visitas do jornalista ao Xingu. A expedição de 1953, organizada por Chatô, só foi a primeira delas.

Ainda que fosse redator-chefe e se envolvesse na recepção de referências intelectuais, Callado ainda se interessava pela descoberta do interior do Brasil. É com tal desejo que, em 1959, vai até o nordeste, como repórter, conhecer os conflitos agrários da região. Como vimos e como analisaremos de forma mais detalhada nos capítulos seguintes, as reportagens consequentes dessa cobertura, reunidas no livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), teriam sido fundamentais para o debate nacional sobre a situação precária dos camponeses do nordeste e contribuíram para que os foreiros do Engenho Galileia conseguissem ganhar judicialmente o processo de desapropriação para ficarem em suas terras. As reportagens deram projeção para o jornalista como um intelectual de esquerda. No mesmo ano da cobertura sobre a questão agrária do nordeste, lançou a peça *O Tesouro de Chica da Silva* (1959).

Em 1960, Callado daria uma pausa no jornalismo. Foi contratado como editor para chefiar a primeira versão brasileira da enciclopédia Barsa. O escritor voltaria para os jornais em 1963, como editor e repórter especial do *Jornal do Brasil*.

1.3. Um jornalista à esquerda

Nessa altura, Antonio Callado já tinha adquirido códigos culturais imprescindíveis para quem frequentava círculos oficiais e diplomáticos (MARTINELLI, 2006, p. 59). Exemplo disso é a medalha de Ordem do Mérito da República Italiana que o jornalista recebeu da Embaixada da Itália no Rio de Janeiro em 1958. O escritor conquistara, portanto, certo *status* no meio intelectual quando foi convidado para ser editorialista no *Jornal do Brasil*.

O periódico fundado em 1891, era dirigido por Nascimento Brito desde 1956. No final da década de 1950, Brito conduziu a equipe responsável por reformulações gráficas e editoriais que viraram tendências no país. No pacote de inovações, estava a criação do Caderno B. Lançado em 15 de setembro de 1960, o caderno foi primeiro suplemento da

imprensa brasileira exclusivamente voltado para assuntos culturais, de entretenimento e variedades. No aspecto gráfico, Almicar de Castro, inspirado por noções concretistas, eliminou os fios e implantou uma diagramação vertical de modo a valorizar os espaços brancos das páginas. (MELLO, 2010). Quanto à equipe editorial, interessava à direção do jornal trazer jornalistas referenciados pelos seus pares. É nesse contexto que, em 1963, Callado é contratado para trabalhar no jornal como editorialista, ficando responsável, portanto, por assinar o ponto de vista do jornal.

O trabalho de reportagem não estava em suas funções, mas, como sabemos, Callado tinha sua ânsia por conhecer o Brasil. E é como repórter especial que Callado volta à Pernambuco. Desta vez, para acompanhar as transformações que o governador Miguel Arraes estava conduzindo no estado. Com o sugestivo título "Revolução-Piloto em Pernambuco", a série de reportagens de Callado foi publicada entre dezembro de 1963 e janeiro de 1964 e, posteriormente, reunidas no livro *Tempo de Arraes* (1964). Nos textos que serão analisados no terceiro capítulo, o repórter visita os camponeses do Engenho Galileia - em pleno desenvolvimento depois da desapropriação de 1959 - conhece a situação ainda precária de outros engenhos, conversa com lideranças religiosas, comunistas e políticas para compreender o cenário revolucionário. As reportagens trazem um narrador-repórter que se entusiasma com as mudanças conduzidas e apoiadas por Arraes. Para Callado, estaria ali um modelo para a revolução necessária e urgente para o país. Mas sua esperança duraria pouco. Menos de três meses depois da publicação das reportagens, o Golpe Militar esmaeceu a revolução pacífica pernambucana e as expectativas democráticas de Callado sobre o Brasil.

Logos nos primeiros dias dos militares no poder, começou a destruição de qualquer resistência na imprensa (SODRÉ, 1999, p. 435). Jornais e revistas nacionalistas e esquerdistas foram fechados, o jornal *Última Hora* foi invadido e depredado, emissoras de rádio e televisão passaram por um rigoroso e contínuo sistema de censura. Muitos jornalistas foram presos, torturados e exilados. Callado não sofreu com as torturas e nem com o exílio, mas fez parte da lista das prisões. O primeiro dos três encarceramentos do jornalista durante a ditadura aconteceu dias depois do Golpe Militar. No dia 15 de abril de 1964, estava marcada para acontecer a Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), no Hotel da Glória, no Rio de Janeiro. Callado conta que a OEA tinha dito que faria a reunião em Washington; seria mais prudente. Mas Castello Branco insistiu: "[...] o governo não quis saber e disse que não, que estava tudo calmo, o povo todo calmo. Então eu achei aquilo um desaforo. Aquilo tudo parado. E, com mais outros intelectuais,

fomos para a porta do local da reunião e fizemos uma manifestação." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 238).

Oito intelectuais inconformados com a retirada dos direitos constitucionais apareceram na abertura do evento com suas faixas e com seus gritos de indignação. Uma das faixas dizia: "Bienvenidos a nuestra ditadura". O grupo era formado pelo embaixador Jayme Azevedo Rodrigues, os jornalistas e escritores Carlos Heitor Cony e Antonio Callado, o jornalista Márcio Moreira Alves, o diretor teatral Flávio Rangel e os cineastas Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro. Callado dá mais detalhes:

Fizemos uma manifestação que saiu direitinho. Um escândalo. [...]. Não sabiam o que fazer com a gente. Olharam e viram aqueles caras bem vestidos de gravata, ficaram meio assombrados. Porque pensaram que fossem uns garotões, estudantes, mas quando viram aqueles caras tão classe média, bem vestidos... diziam: que amolação... onde a gente vai levar esses caras. (CALLADO in LEITE, 1982, p. 238)

Ninguém resistiu à prisão, mas alguns socos no estômago não deixaram de ser dados. Os oito foram levados para o quartel da Polícia do Exército. A eles se juntaria depois o poeta Thiago de Melo, um dos organizadores do evento (ARRUDA, 2013, p. 235-236).



Figura 5: Protesto na frente do Hotel Glória.
(Fonte: Última Hora / Acervo Memorial da Democracia).

A prisão dos intelectuais causou grande repercussão. De dentro do hotel, a jornalista Teresa Cesário Alvim tinha deixado a imprensa nacional e internacional preparada para o que ia acontecer. Depois de dois dias de prisão, um abaixo-assinado com 400 assinaturas

de artistas e intelectuais pedia a liberdade para os manifestantes que estavam incomunicáveis. Foram ameaçados pelo ministro Juraci Magalhães de serem enviados para a prisão da Ilha Grande, que descontente com o abaixo-assinado também disse que iria prender os 400 signatários do documento. Mas a movimentação em defesa dos "Oito da Glória", como ficaram conhecidos, já era grande. Entre as visitas que receberam nos 10 dias que ficaram presos estava a pintora Djanira, que presenteou os amigos com uma de suas pinturas; um anjo com asas vermelhas enfeitou a cela dos prisioneiros. Ana Arruda conta: "Quando foram soltos, os outros sete ofereceram o desenho a Callado, nomeado 'presidente' do grupo." (ARRUDA, 2013, p. 235-236).

Ainda em 1964, Callado voltaria a trabalhar novamente no *Correio da Manhã* como redator-chefe. Esse era, segundo Arruda¹⁹, o jornal da sua vida. O periódico estava, segundo Sodré (1999, p. 435), em sua fase gloriosa. Em um cenário de censura sufocante, o *Correio da Manhã* ainda conseguia fazer denúncias sobre as torturas e as arbitrariedades que passaram a constituir o cotidiano da vida brasileira. Os leitores iam ávidos às bancas atrás do *Correio da Manhã*, que tinha suas edições esgotadas. Mas a represália não tardou a aparecer: as agências norte-americanas cortaram a publicidade e o jornal começou a minguar financeiramente. Para sobreviver, a diretoria do periódico aceitou a presença de um interventor ligado às agências publicitárias; o jornal voltaria a receber sua verba e poderia continuar fazendo oposição à ditadura, mas não deveria, de forma alguma, atacar os interesses norte-americanos. Difícil desassociar uma coisa da outra.

Niomar Muniz Sodré, que assumiu a direção do jornal depois da morte do marido Paulo Bittencourt, começou a ceder às pressões e iniciou o processo de demissão gradual dos redatores e dos colaboradores que não seguiam os novos rumos editoriais do jornal. Começou com Carlos Heitor Cony. Callado saiu em defesa do companheiro de trabalho e também pediu demissão: "Para demitir Cony, você tinha antes que me demitir" (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 156). Afinal, quem era o redator-chefe? Era o argumento de Callado. Niomar tentou voltar atrás, mas era tarde demais. Cony e Callado se despediam de vez do *Correio da Manhã*. Meses depois seria a vez de Otto Maria Carpeaux que viu a seção internacional, na qual escrevia, ser suprimida do jornal.

Callado retornou ao *Jornal do Brasil* como editorialista. A prisão pelos militares e o pedido de demissão do *Correio da Manhã* pela discordância com a política editorial do periódico não deixavam mais dúvidas: Callado era um escritor e jornalista à esquerda.

¹⁹ Relato a partir da conversa realizada com esta pesquisadora por telefone em 23 de junho de 2018.

Apesar de nunca ter se filiado a nenhum partido político, seu engajamento, segundo o próprio autor²⁰, apareceu mais fortemente a partir das reportagens sobre os industriais da seca e os "galileus" de Pernambuco, publicadas em 1959. Em 1964, a publicação de *Tempo de Arraes* e da peça *Forró no Engenho Cananéia* - claramente inspirada na experiência de Callado no Engenho Galileia - pela editora Civilização Brasileira colocou o selo definitivo de "homem à esquerda" em Callado. Ênio Silveira, o dono da editora fundada em 1929, era um empresário cultural ligado ao Partido Comunista Brasileiro. Com o cerco da censura nos jornais, a editora tornou-se um dos poucos caminhos para publicações da esquerda. A própria revista bimestral da Civilização Brasileira, lançada em 1965, era, segundo Sodré (1999, p. 436), um dos únicos espaços que restaram à condenada "liberdade de imprensa". Como aponta Flora Süssekind (1985, p. 10), coube à literatura, portanto, uma função parajornalística.

Foi pela Civilização Brasileira que Callado lançou, em 1967, *Quarup* e, em 1969, *Vietnã do Norte: advertência aos agressores*, o livro com as reportagens que Callado fez sobre o Vietnã do Norte para o *Jornal do Brasil*. A série, que foi publicada no periódico meses antes da instauração do AI-5, faz parte do *corpus* desta tese e será analisada, de forma contextual e discursiva, nos capítulos que seguem. Alberto Dines (2015)²¹, que era editor-chefe do *Jornal do Brasil* à época, disse que a diretoria do periódico não tinha dúvidas sobre a cobertura que Callado faria no Vietnã: era um homem de esquerda olhando para o conflito. Para Dines, ao enviar Callado para o lado norte da Guerra, o *JB* queria mostrar certa abertura editorial.

Era também uma das estratégias para a transição do posicionamento político pretendido pelo jornal. Eduardo Chammas (2012), que analisou os editoriais do periódico entre 1964 e 1968, afirma que, com vistas aos seus interesses liberais, o *Jornal do Brasil* apoiou o Golpe Militar em 1964. Não à toa, em outubro de 1966, Costa e Silva escolheu o *JB* para fazer seu primeiro pronunciamento. Analisa Chammas: "Só em abril de 1968, foi que o *JB* marcou com clareza as suas diferenças em relação aos militares." (CHAMMAS, 2012, p. 80). A crítica ao governo ainda era sutil, mas marcava o início de uma tensão como os militares consequente de um acumulado de situações: o episódio do fechamento temporário da Rádio Jornal Brasil pela censura, a repressão violenta que os estudantes -

²⁰ Em entrevista à Ligia Chiappini Leite, Callado explica que participava da política como jornalista: "Só depois que me engajei, critiquei com voz mais alta [...]. Foi depois do meu contato com Julião, Arraes etc., que fui insistindo mais na crítica, até entrar em choque com o governo. Então ocorreram aquelas minhas prisões." (CALLADO in LEITE, 1982, p. 238).

²¹ Entrevista de Alberto Dines foi concedida à pesquisadora em 19 de novembro de 2015, no contexto do "Colóquio Lecotec de Pesquisa – A Crítica da Mídia como Disciplina Acadêmica", realizado na Unesp de Bauru.

filhos da classe média - sofreram em junho de 1968 e o crescente descontentamento de setores da burguesia com a ditadura. A ida de Callado ao Vietnã do Norte, comunista, marcou, ainda que não declaradamente, a oposição do *Jornal do Brasil* a um governo que tinha se tornado indefensável.

Para Callado, a ida ao Vietnã do Norte, depois de mais de dez meses de árdua negociação diplomática, foi a maior medalha que alcançou como repórter. Em crônica escrita em 1º de abril de 1995, para a *Folha de S. Paulo*, o autor deixava registrado:

O fato de que mais me orgulho como repórter foi o de ter sido eu o único brasileiro que estive (setembro-outubro de 1968) no Vietnã do Norte em guerra com os Estados Unidos. Aliás, único brasileiro não, único latino-americano, se excetuarmos os comunistas cubanos da *Prensa Latina*. [...].

Fui recebido com flores, quando desembarquei em Hanói engasgado, comovido, me sentindo finalmente aprovado pelo povo mais valente da Terra, mais consciente de representar o valor do homem diante da mais sombria adversidade. A coragem do Vietnã já tinha então esse toque inexplicável de façanha mitológica ou bíblica. (CALLADO, 1997, p. 96-97)

A admiração pelos norte-vietnamitas era declarada. Assim como era também pelo líder da revolução, Ho Chi Minh, "[...] um revolucionário, de raras cóleras e muita doçura e senso de humor, como um afluente na corrente de um rio." (CALLADO, 1969, p. 105). O repórter acreditava, como veremos com mais vagar nas análises, que os países da América Latina precisavam aprender com o Vietnã do Norte de Ho. Em outro trecho do livro:

Os humildes da terra, no Vietnã, começaram a ganhar o seu combate milenar. Se outros povos humildes souberem seguir o luminoso exemplo vietnamita o mundo ainda poderá ser o lugar de paz e justiça com que têm sonhado os fundadores de religiões e os profetas, de Zaratustra e Jeremias a Karl Marx e Ho Chi Minh. (CALLADO, 1969, p. 113)

Callado colocava Ho Chi Minh e Karl Marx na categoria de profetas. Não é estranho que ao voltar, com o AI-5 batendo a porta, Callado tenha sido novamente preso. Não foi culpa da série de reportagens sobre o Vietnã do Norte, as críticas aos militares estavam ali nas entrelinhas. O texto que levou Callado à prisão foi escrito para o semanário *Brasil em Marcha* e propunha a dissolução das forças armadas brasileira. No texto, a seguinte sugestão do jornalista: tal como fez a Costa Rica, o Brasil deveria acabar com o Exército, a Marinha e a Aeronáutica. Prisão na certa.

Os militares foram buscá-lo em casa, obrigando-o a levar junto um pôster do Che Guevara que ali havia. Num jipe aberto, Callado e Che foram conduzidos pela cidade até encontrar um quartel que pudessem prendê-los (a cena que, para Carlos Heitor Cony, poderia estar em um filme de Glauber Rocha). O jipe passou por dois quartéis já lotados de "comunistas" e sem vaga para receber o novo prisioneiro. No terceiro quartel, os militares encontraram lugar para trancafiar Callado e seu companheiro estampado no cartaz. Rememora Callado:

Fiquei lá com Gilberto Gil e Caetano. Gilberto Gil já estava lá há mais de um mês. Também Ferreira Gullar. A gente sofria só algumas humilhações.... Não deixavam a gente fazer a barba, por exemplo. Havia também uns comunistas muito simpáticos. Prudentes, escolados, porque para eles a coisa não era fácil e eles sabiam. Com intelectual era diferente. (CALLADO in LEITE, 1982, p. 239)

Dessa vez, seriam 15 dias encarcerado e ele não estaria livre da perseguição militar. Em 1969, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional por ter escrito dois artigos "subversivos" no *Jornal do Brasil*: "As merendas dos generais" e "Exército dos Mendigos". Foi absolvido na 1ª Auditoria Aeronáutica, mas o promotor José Manes Leitão recorreu.



Figura 6: Callado e Nascimento Brito, dono do *JB*, no julgamento do repórter em 1969.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 297)).

Enquanto o processo correria, mais uma surpresa: em 30 de abril de 1969, o *Diário Oficial da União* publicava um Ato Institucional que declarou a cassação dos direitos políticos de Antonio Callado. Este foi o texto publicado:

Suspensão de Direitos Políticos:

Pelo prazo de dez (10) anos com a proibição de exercer atividades de jornalismo em empresas de jornalísticas ou estações radiodifusoras de som e imagem, bem assim as de magistério em qualquer nível, do cidadão Antonio Carlos Callado.

Brasília, 29 de abril de 1969; 148º da Independência e 81º da República.

A. Costa e Silva [...]. (in ARRUDA, 2013, p. 298)

Em maio de 1970, o Supremo Tribunal Federal confirmou a absolvição do processo que o enquadrava na Lei de Segurança Nacional, aceitando o argumento do advogado de Callado, Carlos Eduardo Lins e Silva: os artigos não representavam ameaça à segurança nacional, eram apenas "filigranas literárias". Apesar de se livrar do processo judicial, Callado estava pessimista. O ideal sobre uma revolução democrática parecia definitivamente distante.

1.4. O (quase) abandono do jornalismo e a desilusão com o país

Antes de se aposentar e deixar o *Jornal do Brasil*, em 1975, Callado escreveu o romance *Bar Don Juan* (1971). O livro causou incômodo na esquerda. Em síntese, o *Bar Don Juan* traz a derrota da esquerda face à ditadura. Silverman (2000) diz que o livro critica duramente "[...] jovens marxistas da classe média que, embora corretos em seus motivos pela revolução, não compreendem nada como dirigi-la." (SILVERMAN, 2000, p. 72). Em entrevista à Ligia Chiappini Leite em 1982, Callado disse que as pessoas achavam que, com o livro, o autor estava debochando de algo sério, da ideia de revolução:

[...] ora, eu não estou debochando de ninguém, eu me incluo nessa crítica. **Eu participei dessa ilusão da revolução**; eu sei que houve pessoas que morreram, a gente conhecia as pessoas. Mas é que o movimento em geral era completamente doido. Sem paciência não faz as coisas [...]. (CALLADO in LEITE, 1982, p. 245, grifo nosso)

A revolução já era uma ilusão e, apesar das críticas, muitos intelectuais se reconheceram no livro. A jornalista Ana Arruda estava entre eles. Ana, que foi presa e torturada pelos militares, ao terminar de ler *Bar Don Juan* chorou copiosamente:

Quando saiu, eu li, chorei de montão como não chorava desde que lia os livros lá na fazenda, escondida. Fiquei muito emocionada com aquele pessoal, aquele fracasso, enfim. Aí encontro o Armando Lutzenberger, amigo de velha data. “Pô Armando, gostei tanto do *Bar Don Juan*!”. E ele: “Ana, liga para o Callado e diz isso. Ele está arrasado, porque os amigos dele, gente de esquerda, está todo mundo xingando, dizendo que este é um livro cheio de deduragem, que ele está traindo a esquerda brasileira, ridicularizando...”. Disse: “Ah! São loucos! Não vi nada disso!”. (ARRUDA, 2013)²²

Ana tomou coragem e ligou para Callado que ficou entusiasmado em saber que alguém, ao menos, tinha gostado. Jantaram juntos para conversar mais sobre o livro e começaram a namorar. Casaram-se em 1977.

Callado escreveria mais dois romances baseados em suas experiências e nos relatos de vítimas da ditadura: *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempre viva* (1981). Em 1978, convidado a participar do júri da premiação literária organizada pela Casa de las Américas, foi a Cuba. Na volta, ficou retido pelos militares assim que chegou no aeroporto. Ele, Ana Arruda,

²² Em entrevista publicada no blog *Dois Pontos*, em março de 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/cY6wJC>>. Acesso em 23 jul. 2018.

Chico Buarque, que também participou do júri, e Marieta Severo, em companhia de Chico. O relato em forma de reportagem, que também analisaremos nos capítulos que seguem, traz um paralelo entre Cuba e Brasil, entre a revolução que deu certo e a que nunca aconteceu. Ao final do livro, a narrativa sobre a prisão dele, de Chico e de suas companheiras mostra o pessimismo de Callado com o país. Cuba era um sonho e nossos militares, dentro de uma percepção social tacanha e imoral, nunca a compreenderiam. No país das liberdades enclausuradas, o jornalismo se tornava definitivamente pontual para o escritor. Entre 1979 e 1982, escreveria crônicas semanais na coluna "Sacada" da revista *IstoÉ*²³. Era o máximo que poderia se envolver.

Entre a escrita de livros, prefácios e traduções, o escritor viajou a trabalho e a convite de premiações. Em 1981, passou o segundo semestre em Nova York como professor convidado na Universidade de Columbia, onde ministrou dois cursos: um sobre imprensa brasileira e outro com o nome de "Os cinco pilares da literatura brasileira". José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Clarice Lispector foram os autores escolhidos.

Foi também a convite da Companhia Energética de São Paulo - CESP que produziu sua última grande reportagem: *Entre o Deus e a Vasilha* (1984), também analisada nos capítulos seguintes. A CESP passava por um problema com os latifundiários da região do Pontal do Paranapanema depois que o governo do estado criou assentamentos rurais em terras devolutas. A resolução beneficiava famílias que tiveram suas pequenas roças alagadas para a construção de usinas hidrelétricas da CESP do governo anterior. Sem respaldo e indenização, os camponeses foram morar na beira das estradas. No governo de Franco Montoro, a CESP tentou resolver o problema, levando as famílias para assentamentos em terras que grileiros, com documentos forjados, diziam ser deles. Foi então que, segundo Ana Arruda, surgiu a ideia: "Um texto de Antonio Callado, pensou a Companhia, poderia ajudar." (ARRUDA, 2013, p. 189).

Desde as reportagens sobre os camponeses em Pernambuco, Callado tinha se tornado uma referência sobre as questões agrárias do país. Com quase 70 anos, Callado partiu para São Paulo para visitar os assentamentos, investigar a natureza dos documentos falsos dos grileiros e, munido das estratégias discursivas que usou em todas suas grandes reportagens,

²³ Ana Arruda organizou uma coletânea dessas crônicas que foram publicadas recentemente do livro *O país que não teve infância* (2017).

defender os camponeses. No subtítulo do livro-reportagem, o repórter deixa registrado seu desencanto com o país: "*Ensaio sobre a reforma agrária a qual nunca foi feita*".

Antes de ser convidado pela *Folha de S. Paulo* para ser cronista, em 1992, lançaria outros livros²⁴. No periódico, seus textos, publicados todos os sábados, analisavam o passado do país e dialogam com o cenário contemporâneo. Callado colaborou com Martha Vianna na seleção das crônicas que resultariam no livro *Crônicas do fim do milênio* (1997), mas não viu o resultado; a publicação foi lançada pouco após sua morte, em 28 de janeiro de 1998.

Dois dias antes de seu falecimento, a *Folha de S. Paulo*, publicou sua última entrevista, concedida dias antes aos jornalistas do periódico Matinas Suzuki e Mauricio Stycker. Callado estava pessimista. Para o escritor, seu único romance de valor era *Reflexos do Baile* (1976): "Foi o primeiro livro que escrevi fora de jornal. Foi o primeiro livro que fiz inteiramente à vontade. O que eu queria escrever, eu escrevi" (CALLADO in SUZUKI; STYCKER, 1998)²⁵. O jornalismo teria pago suas contas, mas - ainda que tivesse lhe dado repositório de vivências para a criação dos romances - atrapalhou o ideal de Callado de ser escritor, exclusivamente.

Até mesmo sua percepção sobre a literatura, quanto a sua missão histórica de transformação, estava marcada pelo pessimismo:

Não acredito em mais nada daquilo. Nada, nada, nada. Outro dia, estava falando isso com o (Antônio) Houaiss. Perdi completamente o interesse em operações políticas no Brasil. Não acredito que elas venham. Não vejo como podemos sair daqui, agora. Acho o mundo muito esculhambado, no momento. Não vejo esperança... (CALLADO in SUZUKI; STYCKER, 1998)

Angustiado, disse que teria se envolvido em todas as lutas políticas dos últimos 60 anos e, nas suas palavras, "não deu em nada". Sobre sua derradeira entrevista, Ana Arruda²⁶ confirma que Callado estava mesmo pessimista. Padecendo com o câncer, a desilusão com o país e com sua obra ganhou proporções maiores. A realização do país possível parecia distante demais para Callado. Ainda assim, Ana rememora que, até nos últimos dias, Callado não deixou de ser aquilo Hélio Pellegrino gostava de chamá-lo: "um doce radical". Nelson Rodrigues dizia que ele era o "único inglês da vida real", mas Fernanda

²⁴ *Expedição Montaigne* (1982), *A revolta da cachaça* (1983), *Concerto carioca* (1985), *Memórias de Aldenham House* (1989). Seu último romance foi escrito em 1993: *O Homem cordial e outras histórias*

²⁵ Em entrevista concedida para *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://goo.gl/poZ2QT>>. Acesso em 25 jul. 2018.

²⁶ Relato a partir da conversa realizada com esta pesquisadora por telefone em 23 de junho de 2018.

Montenegro, sua amiga do tempo dos encontros para a revolução, prefere outra designação: "Eu não dou crédito à Inglaterra a este ponto para que um homem da dimensão do Callado pareça um inglês. Por quê? Não. Eu acho que ele é um grande brasileiro [...] um extraordinário homem de sentimento brasileiro." (MONTENEGRO in JOFFILY, 2007).

Capítulo 2. Contexto das publicações das reportagens

Depois de realizarmos alguns apontamentos sobre a produção de Antonio Callado como escritor e jornalista e identificarmos, de modo panorâmico, o cenário editorial e intelectual de que ele fazia parte, é chegada a vez de avaliar, para os propósitos desta tese, o contexto histórico e editorial em que suas grandes reportagens foram publicadas. Identificar os cenários que circundam cada uma das produções de Callado nos dará respaldo para o passo seguinte, o de mapeamento e análise das estratégias discursivas utilizadas pelo narrador das produções jornalísticas, levando-se em consideração que a aferição de todo texto não pode prescindir da verificação de suas condições de produção e difusão.

Considerando as publicações por ordem cronológica, iniciamos com *Esqueleto na Lagoa Verde*, publicado em 1953, pelo Ministério da Educação e da Cultura, responsável por publicar os primeiros livros no Brasil.

2.1. Esqueleto na Lagoa Verde e a ausência declarada de ortodoxia jornalística

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culuene, na Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho monomotor, umas sete horas antes: como é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres estranhos, mongolóides, inteiramente nus, cerquem o avião?

Mas inocência pega. Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados em fingir que não reparamos na nudez dos índios. Passamos, ao contrário, encará-la com naturalidade. E a vitória foi puramente da inocência deles, da candura e da falta de malícia deles. De toda nossa indumentária - das botas ao chapéu - os índios e as índias só prezam uma coisa: a camisa, protege dos mosquitos. Tudo mais que usamos é, portanto, incompreensível para eles. Mas dizer "incompreensível" dizemos mal. Por que haveriam eles de tentar compreender a razão de andarmos com tantos panos em cima da pele? A caso perguntam ao puraquê por que dá choques ou à onça por que tem pêlo? O que não lhes ocorrerá jamais é que tenhamos motivos psicológicos para usar roupa, ou que, por termos começado um dia a usar roupa, não a possamos mais abandonar por motivos psicológicos.

O índio (a menos que já tenha sido civilizado) não faz perguntas embaraçosas pelo simples fato de não conhecer o embaraço. É uma criança. Ainda vive aquém do Bem e do Mal.

Mas como se explica então que aqueles índios que nos maravilharam com sua castanha nudez e seu riso puro, ao chegarmos, sejam os mesmo que, através de cerrados e varjões, nos levaram à beira da lagoinha esverdeada para nos apontar a cova de um homem que assassinaram? Como estão aquém do Bem e Mal se mataram e

esconderam o morto, como qualquer criminoso de novela policial? Haverá um erro de cronologia de *Gênesis*? O primeiro assassinio terá ocorrido antes da perda da inocência, antes da tentação da serpente? (CALLADO, 2010, p. 13-14)

A grande reportagem de Callado sobre a descoberta de ossos que poderiam ser de um explorador e coronel inglês desaparecido na selva brasileira poderia ter ficado no passado. Mas a narrativa percorreu a metade do século XX e adentrou o século XXI por conta do interesse de pelo menos quatro editoras: em 1961, pela editora do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e da Cultura; em 1977, pela editora Paz e Terra²⁷; em 1993, pela *José Olympio* e, em 2010, pela *Companhia das Letras*.

Nessa edição mais recente, *Esqueleto na Lagoa Verde* foi publicado na coleção *Jornalismo Literário*, que desde 2002 traz títulos de reportagens que são caracterizadas por tal definição²⁸. A respeito dessa edição da grande reportagem, Daniel Piza, então colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, publicou um artigo em que afirma que Callado seria um contraponto ao que se tem chamado no Brasil de Jornalismo Literário. O jornalista, criticando a falta de critério para a utilização do termo, indicou o livro como uma referência sobre uma reportagem que, de fato, poderia ser classificado como tal:

O relançamento do livro-reportagem de Antonio Callado, *Esqueleto na Lagoa Verde*, de 1953, pode servir de contraponto ao que hoje no Brasil se tem confundido demais como “jornalismo literário”. Este não se resume a contar historinhas curiosas, com lides engraçadinhos ou recheados de dados inúteis, nem se parece com crônica ou memorialismo. Agora qualquer repórter piauiense que descreva um gesto trivial do entrevistado, ou conte que levou 47 passos até a casa dele, acha que está fazendo “jornalismo literário”... O livro de Callado tem um fio narrativo bem traçado ou dois fios bem amarrados, já que conta a viagem de Percy Fawcett pela cidade perdida na Amazônia e sua própria viagem, quando esteve no Xingu pela primeira vez, quinze anos antes de escrever seu grande romance *Quarup*. Mas Callado não tem medo de mesclar análise e opinião à descrição e tem um estilo próprio, que dispensa truques afetados como trocar “canto do galo” por “sinfonia galiforme”. (PIZA, 2010)²⁹.

A expressão “repórter piauiense”, como esclarece o próprio Piza, refere-se ao estilo de reportagem feito pela revista *Piauí*³⁰. Lançada em 2006, a revista é uma das principais

²⁷ Essa edição traz também a reportagem “Vietnã do Norte: advertência aos Agressores”.

²⁸ *A Sangue Frio* (2003), de Truman Capote, *Fama e Anonimato* (2004), de Gay Talease, e *Hiroshima* (2002), de John Hersey, fazem parte da coleção que conta com 25 livros, a grande maioria de autores estrangeiros. Na lista de brasileiros, além de Callado, aparecem apenas Zuenir Ventura, com *Chico Mendes: Crime e Castigo* (2003), e Joel Silveira, com *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista* (2003) e *A Feijoadá que Derrubou o Governo* (2004).

²⁹ Disponível em: < <https://goo.gl/LjKqws> >. Acesso em: 17 out. 2017.

³⁰ Disponível em: < <http://piaui.folha.uol.com.br/> >. Acesso em: 17 out. 2017.

referências de publicação no Brasil que trazem textos que poderiam ser categorizados como "Jornalismo Literário". Para Piza, tal qual algumas reportagens da revista, muitas das produções jornalísticas que são chamadas de "Jornalismo Literário" se resumem a fazer lides "diferentes", com elementos estilísticos decorativos e, tantas vezes, sem função informativa. Em *Esqueleto na Lagoa Verde* o trabalho jornalístico com os recursos da literatura, na perspectiva de Piza, não é artefato verbal, mera ornamentação do discurso. Ele está indissociável de uma produção de sentido cara à finalidade informativo-narrativa da reportagem. De fato, a discussão teórica a respeito do chamado Jornalismo Literário merece maior cuidado. Uma vez que no capítulo 3 nos dedicaremos um pouco a ela, por ora nos interessa compreender por que uma reportagem publicada no começo dos anos 1950 continua a ser referenciada e discutida.

À época da primeira edição, Carlos Drummond de Andrade escreveu para Callado sua impressão sobre *Esqueleto na Lagoa Verde*.

De uma excursão de repórter você extraiu um texto literário palpitante, cheio de informações diretas sobre esse InfraBrasil que os brasileiros desconhecem. Por sua mão, senti-me pessoalmente envolvido no mistério de Fawcett, [...] rastreando verdades ocultas, consternado, à transformação de uma virgem calapalo numa feiticeira de carnes tristes. E se não trouxe da Lagoa Grande uma certeza certa sobre Fawcett, trouxe o sentimento de uma aventura moderna, que o seu livro traduz excelentemente. (DRUMMOND in ARRUDA, 2013, p. 210)

A narrativa de Callado, mesmo caracteristicamente jornalística, não deixa de tangenciar o literário. Aliás, como procuraremos demonstrar mais à frente, tal aproximação com a literatura faz parte do próprio caráter combativo, de intervenção político-social, de seu discurso narrativo jornalístico. A respeito da presença do literário na faina jornalística de Callado, vale flagrar como Carlos Drummond de Andrade, inclusive, nem menciona a grande reportagem como jornalismo, mas se fixa na detecção de um "texto literário palpitante". Essa possível caracterização híbrida, que identifica a grande reportagem sobre o paradeiro do esqueleto encontrado como jornalismo e como texto literário, pode ser iluminada com o que Davi Arrigucci Jr (2010, p. 129) aponta no pós-fácio da edição de 2010: "*Esqueleto na Lagoa Verde* não é apenas umas das melhores reportagens já escritas no Brasil, mas uma espécie de desconstrução da reportagem tradicional, minada pela fratura da escrita irônica com que se faz e desfaz hipóteses sobre os ossos falsos".

O relato em primeira pessoa exila, logo de cara, o efeito discursivo de isenção jornalística. Está ali um narrador-investigador cuja voz expõe-se como instância

enunciativa atenta às pistas e declarações das testemunhas, mas que, ao mesmo tempo, duvida da tradução dos fatos. O narrador-enunciador não escamoteia suas interpretações, já no começo de sua reportagem. Assim, Pode desapontar aquele leitor cioso de que se desvendaria, finalmente, o “*affair Fawcett*”:

Assim, fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial **a falta de ortodoxia é insuportável**: não conseguimos identificar o cadáver encontrado e nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Acharmos que a história valia a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios.

Vivendo aquém do Bem e do Mal, têm o ardil de ocultar durante anos à beira de uma lagoa (que é na realidade a ponta de um braço do Culuene) no seio da mata. Instados, aperriados sem cessar com o caso Fawcett, resolvem atribuir o esqueleto enterrado ao pé da lagoinha ao inglês... Não deixam de ter um certo senso de humor. (CALLADO, 2010, p. 17, grifo nosso)

O narrador-repórter deixa claro nesses últimos parágrafos do primeiro capítulo que não haverá respostas finais, elucidativas quanto ao destino da expedição de Fawcett. A história sobre os ossos sem paradeiro valeria ser contada por revelar as características simbólicas de Fawcett e por trazer mais informações sobre os índios, tão desconhecidos quanto instigantes à época. Tal atitude é propositura fundamental da reportagem para caracterizar o tipo de jornalismo realizado por Callado ao afastar a ortodoxia do jornalismo tradicional - a qual se que se tornaria, cada vez mais, tônica do jornalismo diário brasileiro a partir da década de 1950. Se consideramos o jornalismo como prática e doutrina - com suas regras para a produção de um texto que busque neutralidade, isenção e objetividade -, a falta de ortodoxia jornalística em *Esqueleto na Lagoa Verde* é evidente. O discurso narrativo da grande reportagem de Callado assinala a instância do narrador-repórter como um “eu” pronunciado, que assume uma versão dos fatos, que opina sobre eles, que se irrita com as situações que vivencia e não consegue apresentar ao leitor informações conclusivas da investigação sobre o pertencimento dos ossos encontrados. Está ali também a observação antropológica de um repórter sobre os índios, esses seres “míticos” e desconhecidos que viviam no limítrofe entre a inocência bíblica e a esperteza astuciosa daqueles que cometem um assassinato, escondem as provas e confessam o crime caso seja oportuno. Tal aspecto se associa à autorreferencialidade, como poderemos explorar mais adiante, combinação que fez de *Esqueleto na Lagoa Verde*, nas palavras de Davi Arrigucci Jr (2010, p.133), uma “reportagem extraordinária”..

2.1.1. Um inglês desaparecido, uma cidade perdida e um magnata da mídia

A história da grande reportagem de Antonio Callado publicada em 1953 tem como tema um instigante desaparecimento que nunca foi desvendado. Em 1925, o coronel britânico Percy Harrison Fawcett desbravou o interior do Brasil na tentativa de encontrar uma fabulosa cidade perdida, que o Fawcett chamava de "Z". O inglês tinha provas de que uma civilização antiga teria existido na região do Mato Grosso. O nome "Z", a última letra do alfabeto, indicava para o coronel que a descoberta da cidade seria a prova do último elo que a humanidade precisava descobrir sobre sua ancestralidade.

O fascínio de Fawcett por civilizações ancestrais começou quando ainda era jovem. Aos 26 anos, Fawcett, então oficial britânico no Ceilão, atual Sri Lanka, teria descoberto antigas inscrições em uma rocha e se deslumbrou com o que aquilo poderia indicar. Segundo Callado, a descoberta do jovem aventureiro foi contada no livro de Harold T. Wikins, *Mysteries of Ancient South America*, escrito em 1945. Wikins teria ouvido a história de Nina Fawcett, a esposa do coronel. Eis o trecho da reportagem de Callado sobre tal aventura:

Conta-nos ele (Wikins), que o jovem Fawcett um dia, em plena floresta, foi surpreendido por uma tempestade tropical. Vagou a noite inteira sob a chuva e de manhã, quando as nuvens pesadas se dissiparam, encontrou-se diante de uma imensa pedra coberta de parasitas e cipós. Uma das cordas do cipó se desprendera, mostrando na superfície da rocha umas inscrições antigas. Fawcett as copiou e as levou a um sacerdote cingalês que interpretou os caracteres como sendo dos budistas Asoka - mas cifrada, intraduzível. Um especialista do Instituto Oriental de Oxford confirmou o que dissera o sacerdote, acrescentando que ele próprio era a única criatura capaz de entender as estranhas inscrições, mas que mesmo ele precisaria lê-las na própria pedra pois o significado dos caracteres se alteraria de acordo com a incidência dos raios do sol, a certas horas do dia...

Ora, qual não terá sido o entusiasmo, a emoção de Fawcett ao ver que, em 1753, bandeirantes brasileiros haviam copiado, numa cidade abandonada do interior do Brasil, caracteres que coincidiam com os que ele surpreendeu no seio da floresta de Taprobana, riscados numa rocha coberta de parasitas e cipós? No rastro de que formidável descoberta estaria ele?... No *Blackwood's Magazine*, embora nada diga sobre o Ceilão, Fawcett exclama encerrando o artigo e referindo-se à cidade dos bandeirantes: "Quem poderá calcular o valor de uma descoberta assim, de ruínas que, em contraste, tornam modernas as ruínas do Egito?". (CALLADO, 2010, p. 34-35)

O fragmento apresenta como se deu a descoberta de Fawcett no Sri Lanka e como a ideia de descobrir uma civilização perdida virou sua obsessão. Para entender como o

desbravador chegou até as informações dos bandeirantes no Brasil, sigamos. Depois de se formar no programa Royal Geographical Society, como explorador em topografia, navegação e outras habilidades de sobrevivência, Fawcett foi recrutado pela instituição para mapear o território inexplorado das fronteiras entre Bolívia e Brasil. Os seringueiros dos dois países estavam em guerra para demarcar o território de forma a favorecer seus negócios. O preço da borracha começou a subir e a Royal Geographical Society foi chamada pelo governo boliviano para demarcar a fronteira a partir da nascente do rio Verde. O interesse econômico dos ingleses era evidente, uma vez que um novo mapa acabaria com a briga e deixaria o preço da borracha estável para a exportação. A expedição de Fawcett foi bem sucedida e, além de ganhar fama pela expedição, o explorador voltou para a Inglaterra com provas de que a Amazônia foi berço de povos ancestrais: restos de cerâmicas perdidos na floresta que não poderiam ter sido feitas pelas tribos ali existentes. A primeira viagem de Fawcett ao Brasil coincide com a redescoberta de Machu Picchu, em 1911, pelo norte-americano Hiram Bingham. Já haviam relatos da cidade perdida dos Incas, mas foi só depois que Bingham visitou o lugar e escreveu o livro *Lost City of the Incas*, que a descoberta ganhou projeção em todo ocidente. Era nessa atmosfera de descobertas sobre cidades de civilizações antigas que Fawcett estava mergulhado.

As cerâmicas, prováveis cacos de vasos e vasilhas, juntaram-se à outra prova, demonstrando que era preciso voltar à floresta e desvelar mais evidências dos povos antigos. Como citado do fragmento da reportagem, o coronel tomou conhecimento da existência de um documento³¹, datado de 1753, guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e atribuído a bandeirantes, que relata a descoberta de uma cidade abandonada no sertão brasileiro. Traduzido para o inglês no livro *Explorations Highlands of the Brazil*³² de Richard F. Burton, publicado em 1869, o documento transcreve caracteres indecifráveis que os bandeirantes teriam copiado de vários pontos da cidade abandonada. Fawcett teria identificado tais caracteres como aqueles que encontrou no Sri Lanka e ficou fascinado com a ideia de descobrir uma cidade perdida.

³¹ A edição de 2010 de *Esqueleto na Lagoa Verde*, publicada pela Companhia das Letras, traz o documento de 1753 na íntegra (por conta dos cupins, alguns trechos que perderam a legibilidade são expressos no texto com pontos). A fonte do documento é a Revista trimestral de história e geografia do Instituto Geográfico Brasileiro. Tomo I, 1839-40.. 1839, Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional).

³² O livro pode ser acessado *online*. Disponível em: <<http://burtoniana.org/books/1869-Explorations%20of%20the%20Highlands%20of%20Brazil/index.htm>>. Acesso em: 26 out. 2017.



Figura 7: Coronel Percy Fawcett.
(Fonte: Wikimedia Commons)³³.

Com as cerâmicas e a tradução do documento dos bandeirantes em mãos, Fawcett conseguiu convencer a Royal Geographical Society a financiar sua volta ao Brasil em 1920. A exploração não deu em nada. Depois de parte da equipe morta na expedição e já quase sem suprimentos, o explorador resolveu adiar seu sonho. Fawcett voltou para Inglaterra e "Z", sua cidade perdida, virou piada.

Mas Fawcett não desistiu. Em 1925, conseguiu financiamento de jornais americanos para fazer sua segunda e derradeira tentativa. Faziam parte de sua equipe Jack Fawcett, o primogênito dos três filhos do coronel, e Releigh Rimmel, amigo do filho. Os três desapareceram na mata. Muitas expedições de resgate a Fawcett e sua equipe se sucederam³⁴. Todas sem sucesso. A reportagem especial sobre a história publicada no *The*

³³ Figura de domínio público, from Wikimedia Commons, the free media repository. Disponível em: <<https://goo.gl/TMAK3q>> Acesso em: 20 out. 2017.

³⁴ Entre as obras disponíveis em português que trazem o caso Fawcett estão: *A Verdadeira História de Indiana Jones*, de Hermes Leal (Geração Editorial, 1996) e *Z- a Cidade Perdida*, de David Grann (Companhia das Letras, 2009). O livro escrito por David Grann, repórter da revista *The New Yorker*, tornou-se um best-seller nos EUA. Em abril de 2017, o livro ganhou uma adaptação para o cinema: *The Lost City of Z (Z: a Cidade Perdida*, em português). O filme dirigido por James Gray, que conta todo percurso de Fawcett, foi filmado na Colômbia. Foi impossível fazer as filmagens na região onde Fawcett desapareceu porque grande parte da floresta do local não existe mais. Segundo reportagem especial publicada no site da revista *The New Yorker*, nos últimos 50 anos, a região do Mato Grosso em que o coronel Fawcett percorreu perdeu cerca de 20% de sua floresta. A área desmatada virou pastagem e plantações de soja. Estima-se que 769.311 quilômetros quadrados de floresta foram perdidos até a data da publicação da reportagem, uma área maior do que o estado do Texas. Disponível em: <<http://paidpost.newyorker.com/lostcityofz/>> . Acesso em: 23 out.2016.

*New Yorker*³⁵ traz a informação de que, no rastro de Fawcett e da cidade perdida, mais de 100 pessoas sumiram na floresta.



Figura 8: Equipe de Percy Fawcett em 1925.

Jack Fawcett, o filho do coronel, e Releigh Rimmel, amigo do filho na expedição de 1925. Os dois desapareceram junto com Percy Fawcett. (Fonte: *The New Yorker*)³⁶.

Os motivos sobre o sumiço dos três expedicionários se perdiam nas distintas versões contadas pelos índios. As histórias tanto se complementavam quanto se contradiziam. Muitos sustentavam que Fawcett estaria vivo, morando com os índios depois de se desiludir com a civilização ocidental. Outros diziam que ele teria sido assassinado depois de um desentendimento com uma das tribos. Ainda existiam relatos sobre os aventureiros terem sido devorados por canibais.

Vinte sete anos depois do desaparecimento misterioso, em abril de 1951, o sertanista Orlando Villas Boas³⁷ obteve dos índios calapalos a confissão de que teriam assassinado Fawcett e seus companheiros. Os índios também teriam dito onde enterraram os corpos. De fato, à beira do rio Culuene, perto de uma lagoa verde, em uma cova rasa, para

³⁵ A reportagem especial a revista *The New Yorker* traz a história de Percy Fawcett, do livro de David Grann e do filme dirigido por James Gray. Disponível em: <<http://paidpost.newyorker.com/lostcityofz/>>. Acesso em: 23 out.2016.

³⁶ Disponível em: <<http://paidpost.newyorker.com/lostcityofz/>>. Acesso em: 23 out.2016.

³⁷ A grafia do sobrenome dos irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo aparece de diferentes formas na biografia deles (Villas-Boas e Villas Bôas). Vamos adotar a mesma grafia que aparece em *Esqueleto na Lagoa Verde* (2010) e em *Marcha para o Oeste* (2012): Villas Boas.

surpresa de Villas Boas, ossadas foram desenterradas pelos índios e pelo sertanista. Ao saber da descoberta dos ossos, Assis Chateaubriand, o magnata da imprensa brasileira à época e principal nome na chefia dos Diários Associados, ficou fascinado com as possibilidades manchetes para o caso que acompanhava há tempos³⁸ e deu conta dos próximos passos.

A desenvoltura com que Chateaubriand tomou posse dos ossos é um desses episódios cômicos que dizem muito do jornalismo sensacionalista que a cadeia do empresário praticava e também de seu caráter. Chatô foi pessoalmente a um acampamento indígena receber os ossos do coronel Fawcett das mãos de Villas-Bôas. foi fotografado nu, calçando apenas chinelos, ao lado de um índio e mandou a fotografia ser publicada em *O Cruzeiro*. (STYCER, 2010, p. 144)

No texto “Jornalismo na Lagoa Verde”, publicado como posfácio da edição de 2010, o jornalista Marcelo Stycer conta que ossos foram levados por Chatô a um dentista brasileiro que tratou o empresário em 1924. O dentista lamentou e informou que a arcada dentária não era de Fawcett. Stycer cita a frase dita por Chatô e relatada no livro de Fernando Morais, *Chatô, o Rei do Brasil*. Com dedo em riste contra o dentista, esbravejou Chatô: "Se o senhor abrir a boca uma única vez para repetir o acabou de dizer, os Associados arrebatam com sua carreira. Ponho o Diário da Noite para fazer uma campanha acusando-o de charlatanismo e exercício ilegal da profissão". (MORAIS, 1944, p. 143).

Os ossos continuaram sob custódia de Chateaubriand, que resolveu enviar o material para análise em Londres. Nada foi provado. As arcadas dentárias dos ossos encontrados perto da lagoa verde não correspondiam aos registros físicos da equipe de aventureiros. Essa foi a mesma constatação do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que também analisou o esqueleto.³⁹ Mesmo sem conseguir provar que os ossos eram de Fawcett, Chatô não

³⁸ Mauricio Stycer (2010) conta que, quando o inglês, seu filho e o amigo partiram em direção ao Mato Grosso em busca da cidade perdida, fazia apenas três meses que Chatô, então com 32 anos, havia assumido a diretoria de *O Jornal*. A repercussão sobre os detalhes da expedição tinha alcançado jornais dos EUA e da Europa e, naturalmente, Chateaubriand interessou-se pelo assunto. O magnata encarregou o secretário da redação de *O Jornal*, Azevedo Amaral de escrever uma reportagem sobre o assunto. O repórter ouviu dezenas de pessoas para escrever a série "Haverá uma Atlântida Brasileira?". Anos depois, em 1937, a missionária Marta Moennich escreveu uma carta para a viúva de Fawcett sobre um possível filho do desaparecido com uma índia. O índio, de pele branca e olhos azuis, vivia na aldeia de kuikuros. Em novembro de 1943, Chatô mandou o repórter Edmar Morel investigar a história que foi resolvida sem muito esforço. Morel encontrou o índio branco pescando sobre uma canoa e apresentou-lhe aos leitores do *Diário da Noite* como "o Deus branco do Xingu". Rapidamente, a história rendeu ao jornalista reconhecimento internacional. Mas a verdade foi descoberta rapidamente: o índio era albino e não tinha parentesco algum com Fawcett. Foi rejeitado por sua tribo, mudou-se para Cuiabá, enfrentou problemas de alcoolismo e morreu esquecido. Nenhum dos veículos de Chatô jamais corrigiu a versão do "Deus branco do Xingu" apresentada por Morel. (STYCER, 2010, p. 142-143).

³⁹ No texto "O mistério do Coronel Fawcett", publicado no site do Estadão, Luiz Zanin Oricchio conta que ainda que não se tenha confirmado que os ossos eram do britânico, Villas Boas acreditava no contrário. "O sertanista conservou o esqueleto em sua casa, debaixo da cama, por 18 anos, até que, pressionado por sua mulher, enviou-o ao Instituto Médico

desistiu de desdobrar a história e produzir notícias sobre ela. Teve a ideia de trazer Brian Fawcett, filho do meio do coronel, para o Brasil e promover uma nova expedição ao Xingu para acompanhar o encontro do filho órfão com os índios que teriam matado seu pai. Além de Brian, quase dez jornalistas faziam parte da equipe de exploração⁴⁰, entre eles Antonio Callado do *Correio da Manhã*. Antes de embarcar no avião com destino ao Xingu, Brian e todos os jornalistas já sabiam que as ossadas descobertas não eram de Fawcett. Diz Callado sobre o parecer das instituições europeias sobre o caso:

Isso tudo (*a descoberta dos ossos*) ocorria em abril de 1951. No entanto, quando lá estivemos nós em janeiro de 1952, convidados pelo Sr. Assis Chateaubriand para integrar, pelo Correio da Manhã, a expedição formada pelos Diários Associados e cujo centro era Brian Fawcett, filho do explorador desaparecido, já então sabíamos que os ossos não eram do coronel Fawcett. Tanto o Royal Anthropological Institute, de 21 Bedford Square, em Londres, como os antropólogos do Museu Nacional de S. Cristóvão concordavam num ponto básico. Aqueles eram os restos mortais de um homem bem mais baixo do que o coronel Fawcett (CALLADO, 2010, p. 16)

Os ossos também não poderiam ser de Jack, o filho de Fawcett, que era mais alto que o pai, ou de Rimell, o mais baixo dos três mas ainda assim mais alto que a medida da ossada.

Legal da USP, onde espera por um teste de DNA que os remanescentes da família Fawcett se recusam a realizar". Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/o-segreto-do-coronel-fawcett/>> Acesso em: 24 out. 2016.

⁴⁰ Stycer conta que, nominalmente, Callado cita no seu diário de viagem a presença de Arlindo Silva, de *O Cruzeiro*. No livro, menciona a presença dos repórteres Romildo Gurgel, do *Diário a Noite*, e de Hideo Onaga. Também do fotógrafo Antônio Pirozelli. "É certo que havia mais um fotógrafo, pelo menos". (STYCER, 2010, p.144).



Figura 9: Supostos ossos de Percy Fawcett.
Na fotografia de 1952, com os índios calapalos, Orlando Villas Boas apresenta o esqueleto encontrado. (Fonte: Arquivo da família Villas Boas disponível no Wikimedia Commons)⁴¹.

Mesmo já sabendo que aqueles ossos não traziam novidade ao caso do desaparecimento de Percy Fawcett, Callado aceitou participar da expedição de Chatô. Era uma grande oportunidade dele matar sua mencionada "fome de Brasil", de conhecer o interior profundo do país e de se aproximar dos índios, esses até então “exóticos” e selvagens brasileiros.

2.1.2. Esses “exóticos” desconhecidos

Orlando Villas Boas faz uma boa analogia sobre como o Xingu e os índios eram conhecidos em seu próprio país: o território indígena parecia estar em outro planeta. "Dele, aliás, pouco se falava. Nem dele, nem da Amazônia em geral" (VILLAS-BOAS in (ARRUDA, 2015, p. 2013). Callado teria sido um dos primeiros a trazer informações mais detalhadas e cuidadosas sobre os índios para os demais brasileiros.

⁴¹ Disponível em: <<https://goo.gl/eTru38>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Sistematicamente distantes das políticas e propósitos dos governos republicanos do começo do século XX, os indígenas eram vistos como entraves para a colonização do interior do Brasil (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 345)⁴². Eram duas as diretrizes básicas: extermínio dos índios considerados bravos ou civilizá-los, incluí-los na sociedade brasileira. Na imprensa das décadas de 1940 e 1950, a questão indígena fixava-se basicamente no “exotismo” das figuras nuas com comportamentos selvagens e na relação das tribos com o trabalho realizado pelo Estado para a demarcação de terras.

Para se ter uma ideia de como era essa cobertura da imprensa para o assunto, é válido observarmos, rapidamente, a grande reportagem “Enfrentando os Chavantes!”⁴³, publicado *O Cruzeiro*⁴⁴, em 24 de junho de 1944. A pesquisadora Yara Medeiros (2016) chama a atenção para as estratégias utilizadas, especialmente as não-verbais, na construção de um discurso colonizador-colonizado presente em tal narrativa.

Pelo enquadramento do repórter David Nasser e do fotógrafo Jean Mazon, os expedicionários brasileiros aparecem como personagens prontos para enfrentar os selvagens que atrapalham sua missão de colonização do Centro-Oeste do Brasil. O texto e, principalmente, as fotos trazem esse olhar que é reforçado pelas legendas. Na primeira página da reportagem, está a descrição para a foto que traz os exploradores na canoa:

RIO DAS MORTES. Lendas. Histórias de chacinas. Um mundo de fantásticas visões. À noite, os expedicionários saem para pescar, em suas pirogas, improvisadas com cascas de árvores. Não abandonam nunca, os homens brancos, os rifles. Porque sabem que da outra margem, centenas de olhos espreitam. (NASSER, 1944, p. 48)

⁴² Um caso exemplar dessa política de extermínio é trazido pelas autoras do livro *Brasil: uma Biografia*: o massacre do grupo Kaingang para a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil. A demarcação das terras indígenas das tribos Kaingang, Guarani e Xavante começou em 1880, no Oeste Paulista. Apesar de dizimados culturalmente, os Guaranis e os Xavantes foram “integrados”. Mas os Kaingangs resistiram bravamente por anos. O auge do confronto aconteceu em 1905, na época da construção da estrada de ferro. Só em 1911, a situação foi controlada com a intervenção do Serviço de Proteção Indígena (SPI), mas o grupo de índios já estava praticamente exterminado. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 345-346)

⁴³ Nasser escrevia “Chavantes” ao invés de “Xavantes”. Disponível em <<https://goo.gl/QwchKb>>. Acesso em 04 jun. 2018.

⁴⁴ A revista *O Cruzeiro* foi lançada em 1928. Era o carro-chefe das publicações do império de Assis Chateaubriand. A revista foi, segundo Accioly Netto (1998), considerada a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX. Entre as inovações gráficas da revista, ganha destaque a ênfase no fotojornalismo. A dupla formada pelo repórter David Nasser e pelo fotógrafo Jean Manzon ficou famosa por fazerem reportagens de grande repercussão (SCALZO, 2003, p. 30).

Em uma narrativa sequencial, tal qual a construída pelas HQs, a grande reportagem vai apresentando seus personagens. Sob outra foto que traz os desbravadores na canoa, dessa vez na penumbra e emoldurados pelas árvores da floresta inóspita, está outra descrição que explora matizes simbólicos - com ecos do nosso Romantismo indianista pela associação entre o nativo e a identidade da pátria - sobre os índios e a terra desconhecida.

A SEGUNDA INVASÃO vai começar. É a invasão da maior área desconhecida do mundo, o centro do Brasil. Algumas dezenas de homens brancos estão na fronteira do território chavante. Transposto o sinistro e poético Rio das Mortes, eles pisarão a terra proibida e lendária. Vinte mil índios, heróicos e atléticos, estão à sua espera. Dia após dia, noite após noite, eles os acompanharão, como sombras nas sombras noturnas das planícies e da serra. Um dia - ou uma noite - o primeiro ataque ferirá o silêncio e a guerra principiará. Eles, os selvagens, defenderão, palmo a palmo o chão da Pátria. A sua Pátria. A nossa Pátria. Tão nossa quanto desses guerreiros. Bravos guerreiros de alma e bordunas mais duras que o secular jequitibá. (NASSER, 1944, p. 49)

Finalmente, os índios são apresentados por meio da visão aérea do fotógrafo a bordo do avião.

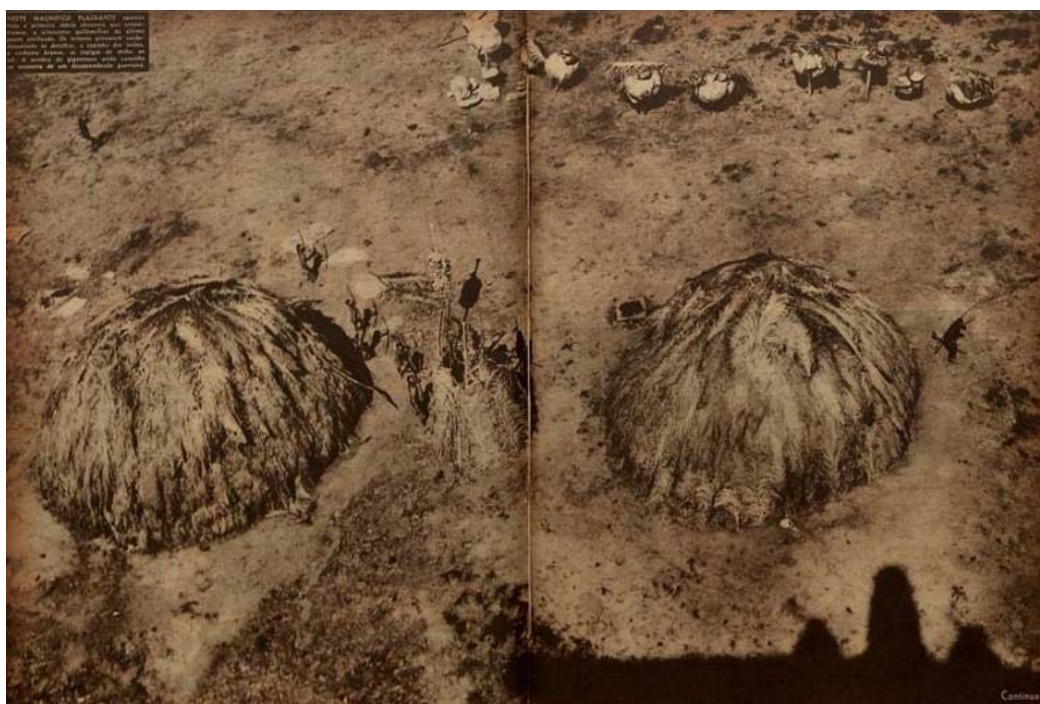


Figura 11: A tribo dos Xavantes é apresentada pela perspectiva aérea. Na composição, estão as ocas, os índios com seus arcos apontados para o avião que também aparece na foto por meio de sua sombra. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em <<https://goo.gl/QwchKb>>. Acesso em 04 jun. 2018.

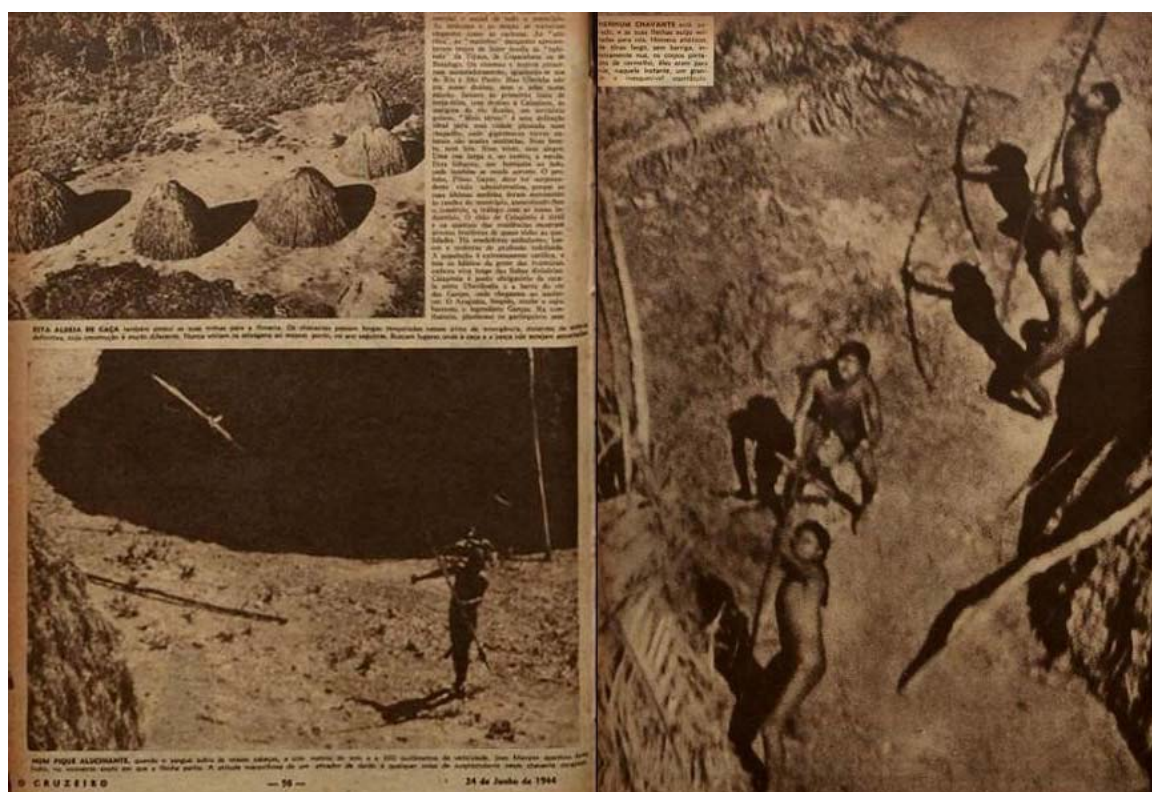


Figura 12: Os Xavantes atiram suas flechas contra o avião.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁴⁷.

Merece atenção a legenda vinculada à fotografia, na qual aparece o maior número de índios com arcos em punho (foto à direita na Figura 6).

Nenhum xavante está parado, e as suas flechas estão voltadas para nós. Homens atléticos, de tórax largos, sem barriga, inteiramente nus, os corpos pintados de vermelho, eles eram para nós, naquele instante, um grande e inesquecível espetáculo. (NASSER, 1944, p. 58)

Um espetáculo “exótico”, enfim. Essa era a noção geral apresentada pela revista *O Cruzeiro* sobre os índios do território desconhecido do Brasil. Medeiros (2016, p.7) chama a atenção para a polêmica em torno dessa grande reportagem sobre o fato conhecido de David Nasser não ter participado da viagem. Apesar de parecer que Nasser estava presente por toda viagem e a bordo do avião, apenas Jean Manzon sobrevoou os Xavantes.

⁴⁷ Disponível em <<https://goo.gl/QwchKb>>. Acesso em 04 jun. 2018.

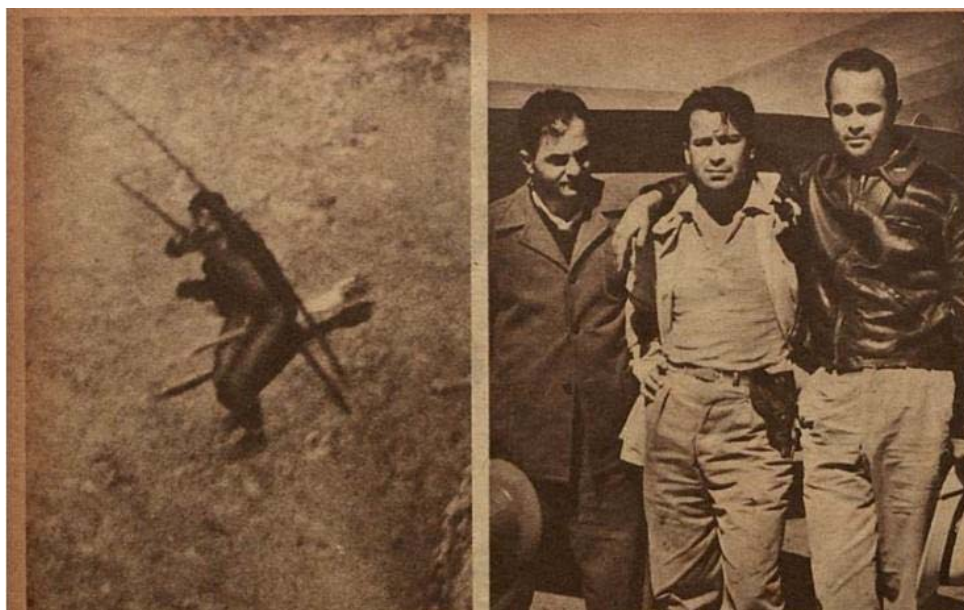


Figura 13: Foto forjada da equipe de O Cruzeiro.

Ao lado da imagem de um Xavante com sua flecha, a foto traz Nassar, Manzon e o piloto do avião. A legenda ainda traz o comentário de Nassar. "Tínhamos voado horas e horas sem pouso. Estávamos cansados deveras". (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁴⁸.

Há versões da história que dizem que nem mesmo Manzon estava no voo. O material publicado teria vindo de um filme feito pelo DIP, Departamento de propaganda do Estado Novo, em que Manzon trabalhou. Em análise sobre a biografia *Cobras Criadas - David Nasser e o Cruzeiro*, escrita por Luiz Maklouf Carvalho, o jornal Estadão comenta que o adjetivo "polêmico" não era bem o que qualificava Nasser. "Não era polêmico. Era uma figura de poucos escrúpulos, que dava pouca importância para os fatos e muita importância para o efeito de suas reportagens. Inventava, alterava, adequava a realidade à carga de efeito que seus escritos pudessem trazer". (*O Estado de S. Paulo*, 2001)⁴⁹.

Foi nesse contexto, em que são tênues os limites entre o ficcional e o fabulativo (tendendo para o franco fraudulento), que as primeiras imagens de uma tribo Xavante vieram a público. Custasse o que fosse, Chateaubriand sabia que a curiosidade dos seus leitores pelos "selvagens" venderia muitos exemplares. Em 1951, com a descoberta do possível esqueleto de Fawcett, a nova oportunidade para falar sobre os índios e, de quebra, sobre os mistérios de um assassinato provavelmente cometido por eles apareceu. Ainda que não tenha conseguido provar o paradeiro dos ossos que viajaram de lá pra cá, Chatô montou a equipe dos *Diários Associados* que partiu para o Xingu. Mas e Callado do

⁴⁸ Disponível em <<https://goo.gl/QwchKb>>. Acesso em 04 jun. 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<https://goo.gl/Z7v32B>>. Acesso em 04 jun. 2018.

Correio da Manhã? Por que um repórter da concorrência foi convidado a participar da expedição?

Hermes Leal, autor de *O verdadeiro Indiana Jones*, que foi entrevistado por Stycer, acredita que Callado teria sido convidado por Chatô, mesmo a contragosto dos *Diários de Associados*, porque Chateaubriand admirava o trabalho do repórter e também porque o empresário queria mostrar ousadia perante os adversários. Em entrevista a Fernando Moraes, em 1998, Callado conta que na época disse a Chatô sobre sua vontade de conhecer o Xingu. O empresário teria repondido: "Imediatamente". Moraes, também em entrevista a Stycer, fornece sua hipótese sobre a presença de Callado na expedição: "Chatô tinha um lado generoso e uma grande capacidade de juntar gente talentosa ao seu redor". (MORAIS in STYCER, 2010, p. 148). O "chute" de Stycer está na possível estratégia de Chatô de trazer maior legitimidade à cobertura jornalística do caso.

Dado o histórico de sensacionalismo e 'barrigas' que envolve a relação dos *Diários de Associados* com o caso Fawcett, arrisco dizer que Chateaubriand viu na presença de Callado na expedição uma oportunidade clara de dar um lustro de credibilidade e prestígio à empreitada. (STYCER, 2010, p. 150)

Seja por admiração, generosidade ou estratégia de credibilidade emplacada por Chatô, o fato é que Callado embarcou no avião para conhecer os índios e observá-los quanto fosse possível para sua grande reportagem e, principalmente, para a produção de seus romances. Na primeira página de seu diário de viagem⁵⁰, escreveu: "Vou ver se passo o tempo todo da expedição sem ler nada, só anotando coisas. Comprei três esferográficas e não trouxe nem um revista". (CALLADO in STYCER, p. 139). E lá foi ele para o Xingu com seu diário e três canetas esferográficas.

2.1.3. Os índios de Villas Boas e de Callado

Callado queria conhecer os índios, observá-los e compreendê-los para além da noção simplista conduzida pela imprensa de então. E se existisse alguém no Brasil que poderia

⁵⁰ Stycer (2010) analisa trechos do relato da viagem presentes no diário que acompanhou Callado. O pesquisador teve acesso ao diário - um caderno cinza, de espiral, com 48 páginas - que está no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa. A edição da Companhia das Letras de *Esqueleto na Lagoa Verde*, publicada em 2010, além dos posfácios de Davi Arrigucci Júnior e de Marcelo Stycer, traz dois apêndices: o documento dos bandeirantes de 1753, usado por Fawcett como uma das provas que a cidade perdida existia, e o diário de viagem de Callado, transcrito para a edição com a colaboração de Ana Arruda Callado.

apresentar esse índio de forma mais complexa e cuidadosa era Orlando Villas Boas. No diário de viagem, há, segundo Stycer, uma página solta que fala da ansiedade do repórter em conhecer pessoalmente o sertanista: "E Villas-Bôas, irá corresponder à expectativa?" (STYCER, 2010, p. 139).

Orlando Villas Boas era mesmo uma figura instigante. A luta dele e de seus dois irmãos, Cláudio e Leonardo, pela defesa dos índios do Xingu despertava interesse em Callado. Em 1943, os três irmãos aventureiros, então estudantes de São Paulo e filhos de um fazendeiro de café falido, conseguiram na lábia um lugar na Expedição Roncador-Xingu, coordenada pela Fundação Brasil Central, um dos braços da política "Marcha para o Oeste" do governo de Getúlio Vargas. Segundo Nahima Maciel (2012)⁵¹, os irmãos fizeram se passar por analfabetos e entraram para o grupo que tinha por objetivo desbravar as áreas mostradas em branco nos mapas do Brasil. Aos poucos, foram se tornando os chefes da Expedição e conduziram a abertura de uma dezena de campos de pouso e bases militares no centro desconhecido do país. O contato com os índios teria revelado aos três a necessidade de proteção urgente às tribos, pois elas estavam sendo dizimadas rapidamente por epidemias levadas pelos brancos e principalmente pelos conflitos armados na demarcação predatória dos territórios.

"Morrer se preciso, matar nunca". O lema do indianista Cândido Rondon, com quem se comunicavam por cartas⁵², sintetiza também ideias e postura protecionistas dos Villas Boas. O trabalho de Rondon e o do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910, influenciaram o tipo de abordagem cuidadosa que os irmãos faziam com as tribos. A luta dos Villas Boas pela proteção dos índios culminaria, em 1961, com a criação do Parque Nacional do Xingu. O projeto idealizado pelos irmãos e escrito por Darcy Ribeiro, antropólogo e então funcionário do SPI, garantiu a demarcação de 27 mil quilômetros quadrados para as tribos. Dentro do território, 14 etnias indígenas diferentes se distribuem em tribos que, hoje somam 5.500 indígenas. Na época da demarcação do território, muitas dessas tribos foram deslocadas para dentro dos limites do Parque com o objetivo de garantir

⁵¹ Disponível em: <<https://goo.gl/cDthPX>>. Acesso em 09 jun. 2018.

⁵² Os irmãos Villas Boas discutiam a execução do programa com Rondon, na época presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), criado pelo Decreto n.º 1.794, de 22 de novembro de 1939. Na defesa pelos índios, por exemplo, Rondon teve que negociar com o interventor de Mato Grosso sobre a proteção das tribos que viviam no estado.. Disponível em: <<https://goo.gl/bKKtFF>>. Acesso em 09 jun. 2018.

que não fossem mortas por fazendeiros da região⁵³. A criação do parque foi comemorada mundialmente, inclusive com a indicação dos irmãos Villas Boas ao prêmio Nobel da Paz.

Em 1952, quando Callado chegou ao Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, no Xingu, com a expedição organizada por Chatô, Orlando Villas Boas e seus irmãos já eram exímios defensores dos índios, o que fez com que Callado confirmasse sua expectativa. Em diferentes momentos da grande reportagem, o narrador-repórter demonstra admiração por Orlando Villas Boas⁵⁴, aquele que se tornaria seu amigo.

Veja-se Orlando Villas-Bôas. Do ponto de vista do seu conforto, tem comido o pão que o diabo amassou desde o dia em que, empregadinho que era da Standard Oil, deixou o escritório para ser sertanista. No entanto, seus dez ou doze anos de selva têm apenas aumentado seu interesse pelo índio e não pelo conforto. (CALLADO, 1977, p. 156)

No capítulo "Chantagem na volta do cemitério", no episódio em que a equipe de jornalistas é levada até o lugar onde os ossos foram desenterrados, o narrador-repórter sobre um interrogatório insistente que um dos repórteres fez aos índios, de modo a deixá-los irritados (veremos mais detalhes sobre a situação no capítulo 3). Para colocar um fim no exagero do jornalista, Orlando Villas Boas interrompeu um tanto ríspido a tentativa de conversa: "A morte de 15 Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios - disse ele ao repórter.- Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos" (CALLADO, 2010, p. 80).

Em outro momento da grande reportagem, no capítulo "O Sonho da Nação Futura", o narrador explicita sua concordância com o trabalho desenvolvido pelos Villas Boas para a proteção dos índios:

Todos sabemos que seringueiros e castanheiros trucidam índios, e onde temos nossas "fronteiras", no sentido americano de terra que está sendo conquistada, há matanças de selvagens quando há civilizados que a ambição impele para aquelas bandas. Mas no que temos de colonização organizada, no que temos criado para o desbravamento e domesticação de índios, estamos agindo como quem faz uma nação, como quem arrebanha irmãos. Podemos exagerar sem dúvida exageramos, com nosso sentimentalismo e nosso relaxamento, mas exageramos no rumo certo. Não se faz uma nação envergando um *dinner-jacket* todas as noites e mantendo os nativos em estado de humildade. Isto é receita pra Império. (CALLADO, 2010, p. 92)

⁵³ O filme *Xingu*, dirigido por Cao Hamburger, conta a história da trajetória dos irmãos Villas Boas - Orlando, Cláudio e Leonardo,- até a criação do Parque Nacional do Xingu.

⁵⁴ Nenhuma das edições de *Esqueleto na Lagoa Verde* traz informações sobre a presença de Cláudio e Leonardo Villas Boas no Xingu. Apenas Orlando é citado por Callado. No entanto, o livro *Fotobiografia* (2013), Ana Arruda diz que Cláudio acompanhou os jornalistas até a cova próximo à lagoa verde onde foram encontrados os supostos ossos de Fawcett.

Percebemos, assim, que Callado está em consonância com a política de Villas Boas mas também com o deslumbramento do sertanista sobre os índios do Xingu. O jornalista voltou outras vezes ao território indígena, mas sua primeira viagem, possibilitada pela expedição dos *Diários Associados*, deixou marcas que percorreram sua trajetória de escritor. Tal experiência entre os índios teria sido “repositório” para alguns romances que escreveria depois. Como veremos mais adiante, especialmente em *Quarup* (1967), as situações que viveu como jornalista entre os índios teriam sido “transpostas” para a ficção.

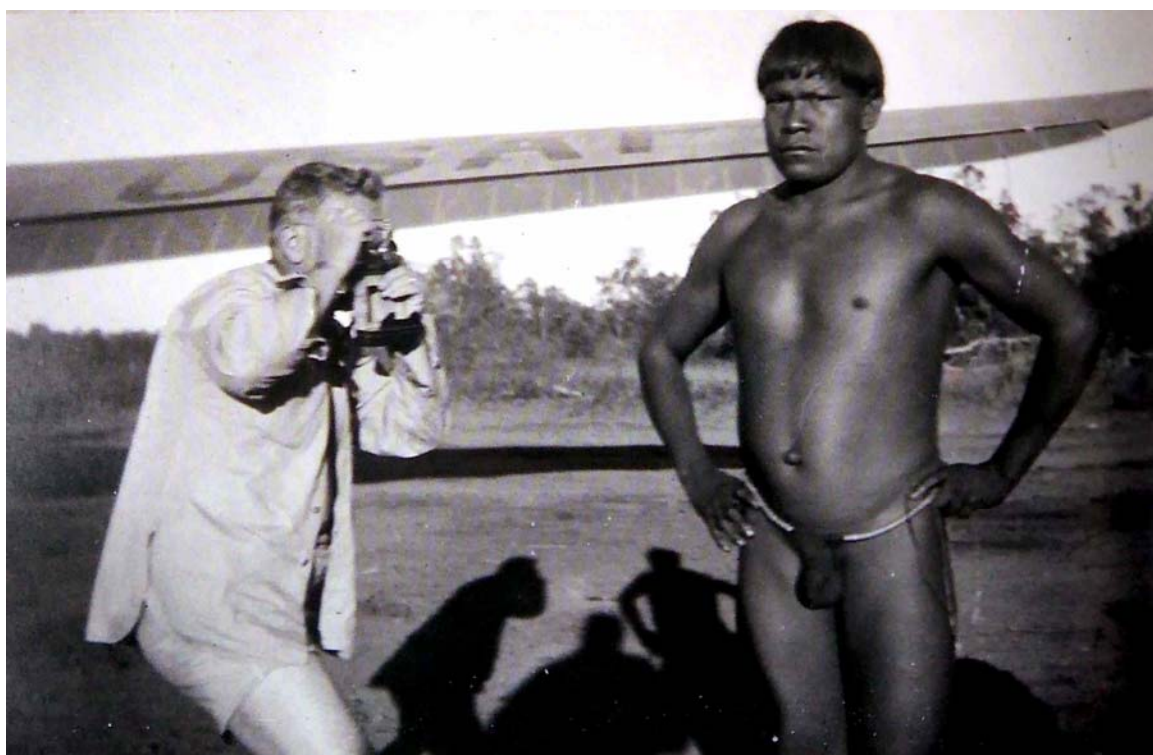


Figura 14: Callado com índio no Xingu.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 208)).

David Arrigucci Jr e Ligia Chiappini Moraes Leite, por exemplo, avaliam a relação de *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953) com *Quarup*. Evidência de que a viagem de Callado para cobrir o paradeiro dos ossos desconhecidos projetou-se na criação de sua narrativa mais conhecida é o personagem Anta, o índio que é destaque no capítulo final da grande reportagem, "Retrato do artista como um índio jovem". Anta parece ter marcado Callado. Sua preguiça, sabedoria, sagacidade, falta de habilidade para caçar e pescar e sua aptidão para tocar flauta chamam a atenção do repórter a ponto dele se tornar personagem em

Quarup. Anta aparece com o mesmo nome e com características bastante semelhantes no romance publicado em 1967. Ao estudar seu diário de viagem, Stycer nota que um dos relatos que Callado faz no dia em que visitaram a cova onde foram encontrados os ossos foi utilizado na grande reportagem, posteriormente, com pequenas modificações. Vejamos como aparece no diário que o acompanhou no Xingu:

Eu: Esta frutinha bom? Bonito?

Ele: Bom, bonito.

Eu: Por que você não come?

Ele: Não presta. (CALLADO in STYCER, 2010, p. 153)

E em *Esqueleto na Lagoa Verde*

Um dos únicos calapalos que sabiam algumas palavras de português era o rapazola Anta. Quando íamos a caminho de uma cova de George e a sede me apertava a garganta, vi no chão umas frutinhas amarelas. Tinham um bom cheirinho ácido. Perguntei ao Anta:

- Está frutinha: bom? Bonito?

- Bom, bonito, replicou o Anta, sorrindo com seus dentes ruins.

- Como uma. Toma.

- Não.

- Por quê, Anta?

- Não presta. (CALLADO, 2010, p. 75)

O diário de viagem certamente acompanhou Callado até a escrita de *Quarup*, mais de 20 anos depois da primeira viagem ao Xingu. A preguiça para o trabalho "de índio" e a disposição para falar português e tocar flauta de Anta, descritas em *Esqueleto na Lagoa Verde*, compõem a composição do personagem assim que o índio é apresentado em *Quarup*. Assim que chegam ao Xingu, Nando, o protagonista do romance, e seus companheiros de viagem entram em contato com a tribo. Anta começa sua negociação com Olavo, o piloto do avião que os levou até o posto do Serviço de Proteção dos Índios:

- Tem machado, Olavo? - perguntou um rapagão de penas de arara nas orelhas, joelheira e braçadeira de penas.

- Machado para que, seu Anta sacripanta? - disse Olavo. -Tu não trabalha mesmo. Já botou tua noiva Matsune para trabalhar?

- Matsune faz beiju - disse Anta sem muito bem compreender.

- É, seu sacana, a noiva faz beiju para te sustentar, enquanto tu toca flauta.

- Anta trabalha muito - riu o Anta com dentes amarelos. - Anta vai trabalhar com machado de Olavo.

- Não vai não porque Olavo não vai te dar coisa nenhuma, gigolô das selvas. Esse Anta - disse Olavo a Nando -é o único que fala português melhor que o Canato. Vive assim

como você está vendo. Pena nas orelhas, miçanga na cintura, braçadeira e joelheira, como se todo dia fosse dia de festa.
Toca umas gaitinhas de cana. Este se quisesse falava português feito Camões.
(CALLADO, 2014, p. 142-143)

Davi Arriguicci Júnior, em conversa com Callado, avalia a relação entre os trabalhos de repórter e escritor do colega e percebe: "Vamos dizer, seu namoro com a literatura começa no interior do jornalismo. [...]. A gente percebe como as andanças do jornalista têm a ver, de algum modo, com o escritor de ficção" (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 114). A experiência da produção da grande reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* seria, então, fundamental para a confecção de parte de sua obra como ficcionista. Seja para adquirir "material" para seus livros de ficção, seja por motivação jornalística, a procura pelo entendimento de quem eram os índios encontrou em Anta um exemplo profícuo para as anotações e elucubrações etnográficas de Callado. Se é sintomático que o fechamento de sua grande reportagem seja com um perfil sobre Anta, as reflexões sobre o índio, entremeadas ao relato, dirigem-se para a afirmação da necessidade da criação do Parque do Xingu:

Quando o *Beechcraft Antônio Rapozo Tavares*, pilotado por Dorival Marques, aterrissou dia 25 de janeiro no campo de pouso do Posto Culuene, à beira do rio do mesmo nome, tinha voado sete horas no presente e 7 mil anos rumo ao passado. Poderia ter aterrissado à beira do Tigre e do Eufrates há 7 mil anos, antes do nascimento de qualquer das civilizações. Só isso basta para tornar os índios inestimáveis para nós. Temos aqui, em nosso país, ao lado do nosso ensaio litorâneo de civilização ocidental, homens anteriores a essa aceleração do processo de desenvolvimento humano a que chamamos, de um modo geral, civilização. Podemos nos debruçar sobre o passado da espécie, vivo ao nosso lado. Até o Tempo, no Brasil, fica confuso.

No mundo em criação que fomos surpreender nas cabeceiras do Xingu, não há mais, unicamente, os tipos básicos de Abel e Caim, do agricultor e do criador, do homem que planta e do homem que mata. Lá já chegou a fecunda preguiça que inventa, que transubstancia, que vai aligeirando em música, em palavra, em risco, o chumbo que é a vida.[...].

Quando nosso avião pousou à beira do Eufrates - Culuene, digo - uma das figuras que logo se destacou da castanha monotonia da tribo, foi o Anta. Com os atletas da tribo, os do tipo de Iró, usava cordas de fibra nos braços, para realçar os bíceps e deltóide, mas não remava como Iró. Usava penas de arara nas orelhas, mas não parecia interessado na caça. Tinha seu colar de conchas o pescoço, mas nunca se vê o Anta ocupado no rio, a não ser que tomar banho seja ocupação. Na cintura usava colar de contas, contas que deve ter ganho dos caraíbas, mas em troca de que serviço não se sabe. Quando o Anta me trouxe a espiga de milho, eu perguntei:

- Você plantou?
- Não, apanhou.

E de outra feita:

- Você não caça, não planta e não pesca?...

- Não. - E o Anta sorriu com os dentes estragados e que lhe doem, como doíam a Pascal.[...].

Tanto os índios como, sem dúvida, os caraíbas pareciam gostar dele. Era simpático, risonho, pronto a fazer pequenos serviços e sabendo evitar os grandes com graça e boas desculpas, sem jamais se confundir com o malandro congênito, que nada quer fazer apenas para ficar sem fazer nada.

O Anta, em suma, em toda a tribo, parecia o mais próximo de ser aquilo a que damos o nome de artista, esse que nasce com a missão de nem cavar a terra nem lutar, que busca o ócio como a planta busca o sol, como a flecha busca o pássaro.

Quando ele apareceu um dia no terreiro tocando uma flauta, confirmaram-se as minhas suspeitas.

- Você fez a flauta, Anta?

- Não, pai da noiva fez.

Mas ele tocava a flauta e era ele o que mais parecia sonhar, quando se deitava nas redes armadas pelos caraíbas ou parava à porta da cozinha na hora da nossa comida. Nele começava a ser redimir a "selvageria" da tribo.

Arranjemos o Parque dos Índios - e interfiramos o menos possível com seus habitantes. Os índios do Xingu estão talvez no ponto em que o homem começa a ilustrar a parede das cavernas e a transformar a história de assassinios como o da Lagoinha da Mata nas primeiras sagas rudes da raça. (CALLADO, 2010, p. 103)

Tal representação de Anta sintetiza, enfim, a complexidade na “definição” dos índios. Ainda que indiretamente, Antonio Callado não deixa de dar uma resposta negativa à caracterização simplória e reducionista sobre o índio como um ser selvagem e “exótico”. Sua ida ao Xingu, enfim, teria alcançado o principal objetivo do repórter: conhecer, de fato, os índios.

2.2. Galileus de Pernambuco e a faísca de revolução que incendiou o nordeste

Um salto geográfico nos leva do convívio com os índios do Xingu à cidade Vitória do Santo Antão, em Pernambuco, mais especificamente ao Engenho Galileia. Ainda estamos no começo da década de 1950, mas poderíamos acreditar ter ido parar num engenho qualquer do Brasil antes de 13 de maio de 1888, dadas as condições de trabalho dos camponeses:

O coronel Beltrão mandou plantar uma roça de laranja cravo, em frente à casa grande, onde brotavam frutas enormes. Ela mandava trabalhadores para limpar o laranjal e

ficava sentado em uma cadeira, bem próximo. Obrigava a pessoa a trabalhar assoviando, para não se chupar a laranja. Quando alguém cansava os lábios e parava, ele perguntava: "Por que parou a música? Aqui não tem moleza para ninguém". E todos começavam a assobiar. (GALILEIA, 2018, p. 17-18)

Na propriedade de Oscar de Arruda Beltrão, a faina a ser executada diariamente por cada trabalhador era calculada em "braças", medição criada com base no tamanho de uma vara de 2,50 de comprimento. A meta diária de cada camponês era terminar um quadrado que equivalia a quarenta braças. Não bastasse o tamanho quase impraticável desse labor, os feitores que mediam o traçado ainda marcavam palmos à frente de onde deveria ser a marca final de cada braça. Ao final, o tamanho do terreno que deveria ser feito no dia aumentava em um terço e, mesmo chegando às cinco horas da manhã e trabalhando até às cinco da tarde, era difícil entregar o serviço como estabelecia o patrão e suas próprias regras. O que já seria penoso o suficiente se tornava quase sempre impossível para camponeses analfabetos e sem recursos para contestar o combinado.

Na maioria das vezes, o trabalhador não conseguia terminar sua tarefa. O restante era acumulado para o dia seguinte, com a ajuda das crianças entre 10 e 15 anos, no canavial, no cambito, na fornalha e na capinagem da soca. Se não cumprisse a tarefa, o trabalhador poderia ser despedido do engenho sem nenhum direito. (GALILEIA, 2016, p. 18)

E se o trabalhador ficasse doente?

Se um camponês adoecia e não podia trabalhar e pagar o cambão, era despejado, com o prazo de 24 horas para abandonar a casa, sem direito a nenhuma indenização. Se demorasse, o patrão mandava destelhar a casa e soltar os bois no roçado, para comerem e destruírem a lavoura. (GALILEIA, 2016, p. 19-20)

A miséria dos vivos arrastava-se para os mortos.

Quando morria uma criança em Galileia, às vezes ela era enterrada no mourão da porteira, ou a polícia ia enterrar, se já estivesse cheirando mal. Diante disso, o prefeito de Vitória (de Santo Antônio), senhor José Joaquim da Silva, mandou fabricar um caixão de defunto, para emprestar aos camponeses, que recebeu o nome de Loló. Quando morria alguém da família, o morador ia até a Prefeitura de Vitória e pedia o caixão emprestado, colocava nele o defunto e o carregava numa caminhada de dez quilômetros, até o cemitério São Sebastião, na cidade, onde o despejava na vala. Em seguida, devolvia o caixão, para ser emprestado a outra família. (GALILEIA, 2016, p. 19-20)

Em *A história das Ligas Camponesas: testemunho de quem a viveu* (2016), os relatos de Zito da Galileia revelam por que o nordeste brasileiro era concebido como um lugar primitivo, onde os camponeses viviam como servos em glebas medievais. Para a massa de lavradores explorados, o regime era de quase escravidão. Se o cenário de pobreza se estendia por todas as 140 famílias que viviam em Galileia, ele se tornaria definitivamente miserável depois que o engenho foi desativado e entrou em "fogo morto", deixando de moer cana e produzir açúcar e mel.

A família Beltrão desistiu de competir com as usinas de açúcar e arrendou suas terras para os lavradores que trabalhavam nela. A terra foi repartida e dividida com cada família que deveria pagar um foro, espécie de aluguel pelo casebre onde moravam e pelo pequeno pedaço de terras onde plantavam verduras e mandioca. Por falta de adubo, a terra estava “fraca” demais, os alimentos nasciam em péssimas condições e mal conseguiam ser comercializados. "E chegou a situação de os camponeses não pagarem o foro, que aumentava todo ano, tornando-se uma aberração. Começou com um valor de 220 cruzeiros, mas com pouco tempo já estava em 1700 cruzeiros." (GALILEIA, 2016, p. 19-20).

As reivindicações dos camponeses com o dono do engenho para a diminuir o valor do foro não foram atendidas. Em engenhos vizinhos na mesma situação, antes de serem expulsos, os trabalhadores levavam uma surra. Em síntese, o Engenho Galileia era um microcosmo representativo do que era a relação entre o homem do campo e seus patrões no nordeste e, em menor ou maior grau, em todo país.

Mas, no Engenho de Galileia, algo aconteceu. Os "galileus" conheceram José Ayres dos Prazeres, administrador do Engenho Bela Vista, propriedade vizinha. Ayres tinha sido membro do Partido Comunista Brasileiro. "Era um sujeito alto, magro, bigodudo, comunicativo, de linguagem desenrolada, com poder de convencimento extraordinário." (GALILEIA, 2016, p. 25).

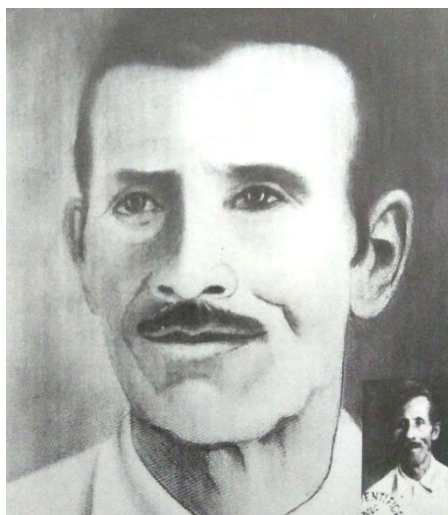


Figura 15: Ilustração de José Ayres dos Prazeres.
(Fonte: livro *A história das Ligas Camponesas* (GALILEIA, 2016, p. 182)).

Ao saber da precariedade em que estavam vivendo seus vizinhos, Ayres convidou-os para iniciar uma série de reuniões para aventar alternativas à situação. Os encontros começaram a acontecer nas casas dos camponeses, embaixo dos pés das árvores e nas beiras dos açudes. A agitação fez com que José dos Prazeres perdesse o emprego. O camponês levou a família para Recife para tentar buscar meios de sobreviver e voltou a Galileia, onde poderia garantir o mínimo com a ajuda dos companheiros. Ficou hospedado na casa de José Hortêncio da Cruz que, com outros camponeses, fabricaram cargas de farinha para que José dos Prazeres pudesse vender e sustentar sua família de alguma forma. Enquanto isso, as reuniões continuavam.

Em uma delas, chegou José Hortêncio com uma notícia que causou revolta nos companheiros. Hortêncio foi pagar o foro ao dono do Galileia com o dinheiro incompleto, mas prometendo levar o restante assim que pudesse. Beltrão não aceitou, despediu-o e o expulsou de sua propriedade. José dos Prazeres tomou a palavra e lançou a sugestão que está reproduzida por Zito da Galileia (2016):

Naquela ocasião, José dos Prazeres, tomando a palavra, perguntou:

"Que tal a gente já fundar a sociedade que estamos articulando há mais de ano? Fundamos a sociedade, pagamos uma pequena mensalidade, até podemos comprar a propriedade. Cada um ficará dono de seus próprios sítios, ninguém será mais despejado, não se terá a casa destelhada, ninguém mais soltara bois no roçado, não se pagará mais o cambão e todos serão libertos".

Todos aplaudiram o velho Prazeres. Mas havia um problema muito sério: onde reunir? [...] para fundar uma sociedade é necessário um lugar fixo. O que fazer?

Nesse momento, João Virginio da Silva pediu a palavra e se comprometeu a convencer o senhor José Francisco de Souza, o velho Zezé, a ceder a sua residência para o pessoal fazer suas reuniões. O velho Zezé tinha sido administrador do engenho Galileia por quase 30 anos, mas o senhor Oscar Beltrão resistia em reconhecer esse tempo de serviço. Zezé aceitou o convite porque estava muito triste com o proprietário Oscar Beltrão. E além de ceder sua residência, também aceitou se associar. E alguns meses depois, a residência de Zezé começou a se tornar pequena, porque muita gente comparecia às reuniões. Até moradores de outros engenhos se empolgaram. (GALILEIA, 2016, p. 27)

Zito da Galileia, neto do velho Zezé, conta que foi assim que nasceu a sociedade de caráter assistencialista. Todos os meses, os sócios pagariam dez mil cruzeiros; o dinheiro angariado teria como primeiro destino a compra de caixões para enterrar seus mortos. Em seguida, o saldo seria destinado às demais necessidades, tais como a compra de ferramentas de trabalho, a construção de uma escola e a procura por assistência médica e jurídica para os camponeses. Mas era preciso que Oscar Beltrão autorizasse a criação da sociedade em suas terras. José dos Prazeres teve outra ideia. Escreveu uma carta ao proprietário, em nome da associação, pedindo a tal autorização e convidando o Sr. Beltrão para ser o “presidente de honra”. Ainda na dúvida se deveria aceitar, perguntou o objetivo da sociedade. A resposta foi estratégica: a sociedade nada mais faria se não angariar fundos para comprar ferramentas de trabalho e criar uma cooperativa de crédito para pagar foros atrasados. "Nesse momento o proprietário sentiu que também poderia ser beneficiado e respondeu: 'Vocês deveriam ter feito isso há muito tempo. Agora todos do engenho terão de se associar a vocês'". (GALILEIA, 2016, p. 27).

Entusiasmados, os camponeses marcaram a reunião na casa de farinha de Zezé da Galileia para definir a diretoria. No dia seguinte, uma multidão estava presente para eleição. Todos os cargos administrativos foram objeto de votação. Paulo Travassos foi eleito presidente e Zezé da Galileia ficou com o cargo de vice-presidente. Como combinado, Oscar Beltrão se tornava presidente honorário. Na última semana do ano de 1954, a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP) foi registrada em cartório. A inauguração ficou marcada para dia 1º de janeiro de 1955. Zito rememora: "O povo compareceu em peso. Estava realizado o sonho". (GALILEIA, 2016, p. 28).



Figura 16: Primeiro local de reunião da SAPPP, no Engenho Galileia.
(Fonte: *A História das Ligas Camponesas* (GALILEIA, 2016, p. 172)).

A Sociedade só crescia. José Ayres dos Prazeres conversava com toda a gente para convencer os camponeses da importância da participação na sociedade. Mas, em abril, a visita do filho mais velho do proprietário Oscar Beltrão colocou tudo a perder. João Beltrão, o primogênito que morava em Recife, ficou revoltado ao saber que o pai não só permitia a sociedade "comunista" como estava vinculado a ela. Para o filho de Beltrão, era questão de tempo até camponeses tomarem o engenho. O proprietário chamou a diretoria da SAPPP e mandou desfazer a Sociedade. Os camponeses resistiram e o velho Beltrão deu o ultimato: em 24 horas todos deveriam sair da propriedade, levando apenas a roupa do corpo; suas terras virariam pasto para a criação de gado. O desespero tomou conta das famílias do Engenho. José dos Prazeres novamente pensou numa alternativa. Em discurso de quase 40 minutos, pediu calma e disse que iria até Recife em busca de um advogado para defender a causa dos camponeses de Galileia. O camponês montou uma comitiva e lá foram eles atrás de ajuda.

2.2.1. Francisco Julião entra em cena

A comitiva de lavradores chegou ao bairro de Recife onde morava Francisco Julião Arruda de Paula, deputado estadual eleito pelo Partido Socialista Brasileiro, em 1954.

Julião que, atuava desde 1940 na defesa dos direitos dos camponeses, recebeu José dos Prazeres e seus companheiros.

Ao conhecer a história da visita, anos depois, Antonio Callado narra o encontro da seguinte forma:

Manuel Severino, Zé dos Prazeres, Zezé da Galileia foram buscar justiça no Recife. Ali encontraram o Deputado Estadual Francisco Julião. Foi o encontro da chispa com a lenha seca, com um deputado ambicioso, homem, então, de menos de 40 anos (tem 43 atualmente) mas sofrendo dessa moléstia crônica do socialismo brasileiro: a falta de assunto.

De João Mangabeira, Hermes Lima, Osório Borba, Mário Pedrosa ou Rubem Braga aos mais humildes militantes o PSB é um partido desesperadamente sem assunto. É um clube de gente culta, inteligente, mas sem a menor ideia do que fazer, politicamente, consigo mesma. Têm as armas e não têm combate nenhum, saqueados pelo PC, pelo PTB e até pela UDN. Todas as donzelas são libertadas pelos outros.

Francisco Julião viu um dia o seu combate entrar-lhe pela casa adentro, no Caxangá, e hoje estende a todo o Partido Socialista a bandeira que vieram lhe trazer, que ele chama de Reforma Agrária, mas que é mais do que isso. É o despertar do lavrador brasileiro, um dos últimos escravos do ocidente. (CALLADO, 1960, p. 36)

Estava hasteada sua nova bandeira de luta que, em curto espaço de tempo, transformar-se-ia em bandeira de todos os trabalhadores rurais do Nordeste e do Brasil (PAGE, 1972, p. 59). Julião prometeu empenho para que os camponeses fossem indenizados. O primeiro passo seria voltarem ao Engenho, formar uma comissão maior, entre 10 e 15 pessoas, e aguardar novas orientações. Segundo Zito da Galileia, o advogado disse que não queria receber nada; ele já tinha seus honorários do estado. O único pedido foi para que os camponeses se unissem e resistissem⁵⁵. Beltrão entrou na justiça com um processo de reintegração de posse e uma guerra judicial iniciava-se.

Alguns meses depois, Francisco Julião anuncia a sua visita à Galileia. E num dia de domingo os camponeses se reuniram para receber seu advogado, com a casa de farinha superlotada por homens, mulheres e crianças. Às 9 horas da manhã, em um fusca vermelho ano 1951 aponta na estrada. Era Francisco Julião e sua comitiva. Quando saiu do carro foi recebido por pétalas de rosas, tiradas de uma bacia de alumínio e jogadas na sua cabeça por dona Marieta, minha avó. Foram disparados foguetes que estrondavam no céu, despertando a atenção dos camponeses dos engenhos da redondeza. (GALILEIA, 2016, p. 31)

⁵⁵ A informação aparece na entrevista que Zito da Galileia concedeu ao *Jornal do Commercio* sobre a participação de José Ayres dos Prazeres para formação da SAPPP. Disponível em: <<<https://goo.gl/X9RKgS>>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Julião se voltou para a massa de camponeses. Descalços, com roupas remendadas, mãos calejadas, chapéus de palha e crianças de colo eles estavam atentos ao discurso. "Chega de escravidão, chega de espoliação. Galileia, com certeza, será de vocês". (JULIÃO in GALILEIA, 2016, p. 31). Aplausos esperançosos confirmaram que a luta pela terra iria continuar.



Figura 17: Francisco Julião no Engenho Galileia.
(Fonte: *A História das Ligas Camponesas* (GALILEIA, 2016, p. 175)).

Sobre a possível demagogia de Julião com os camponeses, Antonio Callado avaliaria:

Muita gente me pergunta se Francisco Julião - o deputado socialista pernambucano que orienta intelectualmente as Ligas Camponesas - é um demagogo. Minha resposta é que há maneiras mais cômodas de ser demagogo do que a de Julião, que se dá grande trabalheiras com seus pupilos camponeses e vive com a varanda da sua casa do Caxangá cheia deles, que em grande parte não votam, por analfabeto. Pálido, enfermo, muito atuado pela lembrança de Castro Alves e pela ideia (bastante correta) de que está tentando acabar com os resíduos da escravidão nos campos pernambucanos, Francisco Julião uma coisa já fez: deu uma bandeira ao Partido Socialista Brasileiro, que só não a empunhará se estiver mesmo disposto a encerrar seu processo de extinção indolor. (CALLADO, 1960, p. 47-48)



Figura 18: Zito da Galileia, com nove anos, em uma das recepções de Julião no Engenho.
(Fonte: Documentário *Brazil: The troubled land* (1964))⁵⁶.

A aproximação entre Julião e os camponeses se fortaleceu e apontou que uma revolução pacífica, apoiada pela legislação, poderia ser possível. Evidentemente, as perseguições dos latifundiários começaram. Julião estava ameaçado de morte e começou a andar com homens que faziam sua segurança. Com o apoio da polícia, Oscar Beltrão se reuniu com outros proprietários e foi criada uma milícia particular liderada pelo impetuoso Alarico Bezerra, proprietário do Engenho Serra. Na primeira tentativa de invasão noturna dos capangas a um dos casebres, a família trancou a porta e conseguiu fugir pelos fundos. Com medo, o presidente da SAPPP se demitiu e Zezé da Galileia foi empossado em seu lugar. Julião não perdeu tempo, reuniu os camponeses e montou um plano: os responsáveis pela Sociedade precisariam manter um “foguetão” em suas casas. Assim que fossem atacados, deveriam acionar o foguete para que seus companheiros soubessem que estavam sendo atacados.

Depois disso, quando à meia-noite vários capangas cercaram a residência do companheiro João Pereira de Araújo, segundo tesoureiro da Sociedade, e já começavam a forçar a porta para invadir e agredir, ele subiu na cama, afastou uma telha e soltou o foguetão. Em dez minutos, uns 50 camponeses chegaram no local, armados de enxadas, facões, espingardas, estrovengas, foices, marretas e pedaços de

⁵⁶ *Brazil: The troubled land* (1964) é um documentário filmado em 1961 para a rede de televisão norte-americana ABC. A cineasta Helen Rogers, que dirigiu a produção, foi enviada pelos EUA para documentar o suposto surgimento de uma "Nova Cuba". Apesar da grande repercussão nos EUA, o documentário nunca foi veiculado na televisão brasileira e só recentemente foi disponibilizado para acesso na internet. Segundo Uraniano Mota (2015), o Conselho de Segurança Nacional o julgara inconveniente para os padrões nacionais. Documentário disponível em: < <https://goo.gl/QAzo3n> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

pau. Os jagunços perceberam que estavam cercados, fugiram por dentro dos canaviais e nunca mais apareceram. (GALILEIA, 2016, p. 39)

Era, definitivamente, um movimento organizado. Zezé da Galileia andava com um documento de *habeas corpus* preventivo no bolso para evitar sua prisão arbitrária. Para apoiar os companheiros de outros engenhos despedidos sem receber seus direitos, a sociedade montou uma equipe de avalistas entre os próprios camponeses. Eles eram responsáveis por ir às lavouras dos camponeses despejados, avaliar os prejuízos e entrar em contato com a equipe de três advogados da instituição que, por sua vez, cobrava a indenização na justiça⁵⁷.

Apesar da propaganda contrária ao movimento, proveniente sobretudo da imprensa local e das igrejas evangélicas - que consideram a SAPPP uma doutrina do diabo - a sociedade crescia. A casa de farinha de Zezé ficou pequena para receber tanta gente nas reuniões. Por conta própria, o velho Zezé construiu uma sede conjugada com sua casa. O novo salão tinha 12 metros de comprimento por 10 metros de largura e era coberto de sapê.

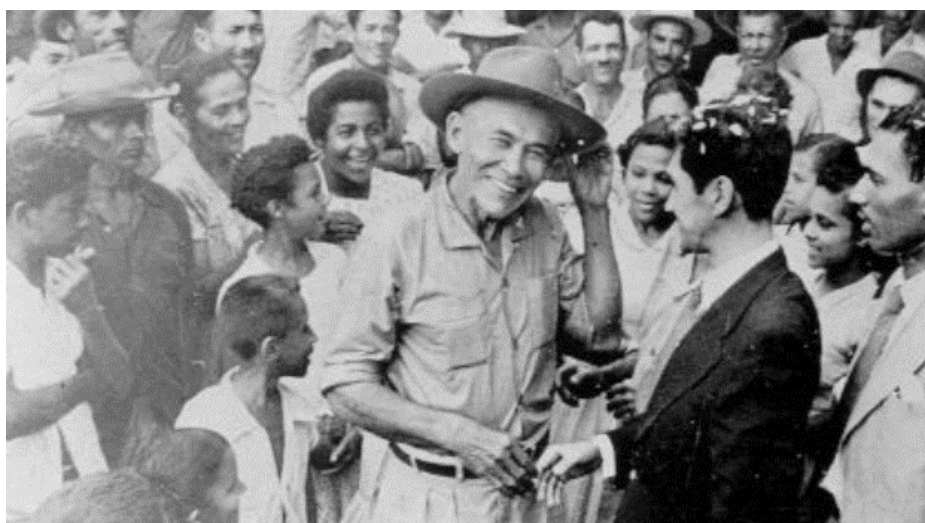


Figura 19: Zezé da Galileia, presidente da SAPPP, em uma das visitas de Julião.
(Fonte: *Jornal Nossa Vitória*)⁵⁸.

Os latifundiários e a imprensa passaram a associar a sociedade às Ligas Camponesas, movimento camponês que surgiu em 1945, no Recife, fundado pelo Partido Comunista

⁵⁷ A equipe de avalistas era formada pelos lavradores Joaquim Virgínio Dias, Manuel Gonçalo e José Feliciano. Os advogados responsáveis pelos processos eram Darcy Magalhães, Mario Cavalcante e Jonas (GALILEIA, 2016, p. 40).

⁵⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/RaeVy>>. Acesso em 26 jun. 2018.

Brasileiro. A Constituição de 1946 e o apoio dos Estados Unidos contra o movimento comunista no Brasil fizeram com que as Ligas fossem levadas rapidamente à ilegalidade, com consequentes prisões e torturas de seus filiados. Vincular a SAPPP às Ligas implicava ataques à Sociedade e dar margem para sua repressão. "Mas o tiro saiu pela culatra, o nome pegou e se passou a denominar de Liga Camponesa toda organização que surgisse na área rural". (GALILEIA, 2016, p. 41).

As ideias da Ligas se fortaleciam pelo canto dos “trovadores”. Quase em sua totalidade analfabetos, os camponeses se informavam pelos discursos de suas lideranças e pelas toadas dos violeiros. As cantigas e repentes que falavam de amor, casamento e colheitas foram dando espaço para o repertório político. Os versos de uma delas entoavam: "Francisco Julião sabe que é necessário para o trabalhador ter um salário decente. E Julião sempre luta por isso. Francisco Julião explicou que devemos ter uma revolução aqui, como a que Fidel Castro fez em Cuba"⁵⁹.

Na eleição de 1958, os camponeses compuseram uma cantiga que, segundo Zito da Galileia (2016, p. 36), eles entoavam diariamente na campanha de Julião.

Coro

Eu quero votar
Eu quero votar
No homem da enxada
Pra este Brasil mudar.

Camponês sem terra
Operário sem pão
Panela vazia
É tambor da revolução
Viva a reforma agrária
Radical com Julião

O homem da enxada
A única esperança da nação

Triste de nós se não fosse
Triste de nós se não fosse
Francisco Julião
É ele quem nos ajuda
Na luta contra o cambão

Coro

Vamos todos unidos
Companheiros

⁵⁹ A reunião dos camponeses para ouvir as toadas dos violeiros pode ser assistida no documentário *Brazil: The troubled land* (1964). Disponível em: < <https://goo.gl/QAzo3n> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

Até as urnas no dia especial
Vamos eleger Francisco Julião
Mais uma vez Deputado Estadual. (GALILEIA, 2016, p. 37)

Embora a massa de camponeses, em sua imensa maioria formada por analfabetos, não possuísse poder de voto, o "homem da enxada" foi reeleito com folga. Em 1959, a luta pela desapropriação do Engenho da Galileia para a distribuição das terras aos camponeses continuou, mas o crescimento das sociedades já se espalhava por Pernambuco e começava a adentrar no estado da Paraíba. O Engenho da Galileia se tornou, decididamente, um símbolo de luta por justiça social no campo.

2.2.2. Callado conhece o Engenho Galileia

É nesse cenário de ebulição social que Antonio Callado chega ao nordeste. Não era a primeira vez que o repórter ia até a região. Em 1953, conheceu a seca visitando cidades de Pernambuco e do Ceará. Dessa vez, também colocou Paraíba na rota, mas escolheu começar sua narrativa com a situação cearense. O repórter do *Correio da Manhã* buscava compreender os mecanismos da "indústria da seca" e aferir por que o estado que tinha a "duvidosa honra de possuir, no Jaguaripe, o rio seco maior do mundo" (CALLADO, 1960, p. 5) era contra a Lei da Irrigação, encaminhada pela Comissão de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO) ao Governo Federal. Todos os governadores dos estados do nordeste apoiavam a Lei, com exceção do Ceará. O narrador-repórter explica por que começa sua narrativa pelo Ceará: "Tenho a impressão de que investigando essa estranha frieza a gente apurará alguma coisa sobre a indústria da seca". (CALLADO, 1960, p. 6).

Até meados de 1950, falava-se pouco sobre a questão agrária no país. Uma rápida consulta nos principais jornais da época nos permite constatar que quando não era evitado, o assunto recebia tratamento exclusivo segundo a perspectiva dos latifundiários, muitos deles também donos de jornais. Mas a criação de SAPP e da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Utab), em meados da década, fez com que a reforma agrária se consolidasse como pauta de reivindicação unificadora das lutas dos trabalhadores rurais. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 424). O assunto foi ganhando as páginas dos jornais. Nesse contexto, Ana Arruda, uma das primeiras mulheres a trabalhar no *Jornal do Brasil*, ganhou reconhecimento por sua série de reportagens "Reforma Agrária: todo

mundo fala e ninguém faz"⁶⁰, publicada em 1958 e premiada no mesmo ano. Ana Arruda explica sua afinidade e a de Callado pela questão:

Foi um tema que compartilhamos e que não era bem visto pela imprensa em geral. Afinal, os donos de jornal, se não eram donos de terras, eram aliados e amigos deles. Meu pai, engenheiro, era cooperativista e fundou muitas cooperativas de eletrificação rural no Nordeste. Isso me influenciou muito. (ARRUDA, 2018)⁶¹

Para escrever sua série, em 1958 Ana Arruda convenceu os editores do *Jornal do Brasil* que seria importante enviá-la para Pernambuco. No ano seguinte, foi a vez de Callado percorrer o mesmo caminho. Entre 10 e 23 de setembro, sua investigação sobre a questão agrária no nordeste foi publicada no *Correio da Manhã* em formato de série.

Sempre em destaque na capa, o título da reportagem era emoldurado por um quadro (em outros dias, todo o texto relacionado ao assunto também era destacado pelo quadro). Os títulos, sempre em caixa alta, eram seguidos pela assinatura do repórter. Três chapéus (frases que aparecem sob o título) organizaram as reportagens, o primeiro deles tinha como nome "Ceará contra a Irrigação"⁶².

⁶⁰ Ana Arruda ganhou o Prêmio Herbert Moses, do Ministério da Agricultura. Nessa época ainda não conhecia Callado. Coincidentemente, iriam se casar cerca de 20 anos depois. Sobre a história de Ana Arruda no *Jornal do Brasil*, ver a reportagem "Tive de ser 'sargentona' para ganhar respeito, lembra jornalista pioneira no Brasil". Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40101297>>. Acesso em 29 jun. 2018.

⁶¹ Em entrevista foi realizada por e-mail por esta pesquisadora em 25 de junho de 2018.

⁶² As reportagens da primeira parte da série (organizadas pelo chapéu "Ceará contra a Irrigação") têm os seguintes títulos e linhas-finas: "Indústria e Industrias da Seca: O PTB como juiz de ausentes & abastados" (10 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/sXTLhb>>, parte 2: <<https://goo.gl/AdF9Es>>; "Banabuiu o açude que teve um filho: DNOCS não é para dar água a ninguém" (11 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/mXkbMe>>, parte 2: <<https://goo.gl/aQT2XZ>> e "O Óros, esse desconhecido. Rios molhados e deputados escaldados" (12 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/3Xj5Ba>>, parte 2: <<https://goo.gl/wEQUUR>>. Acessos em: 28 jun. 2018.



Figura 20: Página com a primeira das reportagens da série sobre os industriais da seca. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

A investigação do repórter denuncia aquilo que ele chama de a "mais fantástica e injusta loteria do mundo". Segundo o jornalista, os camponeses que ficavam na área inundável dos açudes perdiam tudo, recebiam uma pequena indenização e buscavam outra terra seca para continuar tentando a existência. Os que ficavam na área irrigável enriqueciam do dia para a noite, encontravam trabalhadores para lidar com a terra e se mudavam para a cidade. "Deixam a terra irrigada rendendo e vão frequentar o Náutico ou o Ideal em Fortaleza, vão morar em Recife ou vêm diretamente para o Rio" (CALLADO, 1960, p. 7). A Lei de Irrigação acabaria com a "festa" ao colocar regras para desapropriação das áreas inundadas. Os grandes proprietários e, conseqüentemente, a "indústria de seca" seriam prejudicados.

A denúncia se estendeu ao Departamento Nacional de Obras Contra Secas (DNOCS), órgão federal responsável por grandes obras no nordeste para minimizar o problema da seca. O DNOCS, segundo apuração do repórter, ao invés de diminuir a tragédia humana conseqüente da seca estava agindo a serviço dos grupos hegemônicos da política nordestina. Como exemplo das ações corruptas do órgão, o jornalista cita a construção de um "açudinho secreto", viabilizada nas terras da influente família Wicar de forma a beneficiar os negócios dos proprietários. O próprio general Wicar estaria traçando as estradas a serem construídas pela federação para beneficiamento de seus filhos, todos eles proprietários de terras e ligados diretamente à diretoria do DNOCS.

De forma a continuar com seus privilégios, os proprietários batiam o pé contra a Lei da Irrigação. O narrador-repórter reforça a denúncia:

No Nordeste agrava-se o máximo o Brazilian Way of Life: quem tem influência tem tudo e os pés-rapados, em meio a maior ignorância e desamparo, vivem da mais cristalina teimosia. Quando digo que o Ceará está contra a irrigação digo que a maioria dos porta-vozes do pobre povo cearense, tão cantando em verso e tão traído em discursos, morre de medo da Lei de Irrigação e de qualquer coisa que mexa no bem-bom. (CALLADO, 1960, p. 18)

Acusação maior está na segunda parte da reportagem, identificada pelo chapéu "Paraíba contra a lei"⁶³. A denúncia recai sobre o caso do então deputado federal Jacó Frantz, que na cidade de Pilões, na Paraíba, era grileiro em terras da união, há mais 30 anos, "com métodos de *gangster*". (CALLADO, 1960, p. 23). Jacó Frantz seria um acumulador de terras ilegais que a União não conseguia controlar. O repórter traz a fala de um dos trabalhadores explorados por Frantz: "O major prefere que não passe nenhuma estrada por aqui não senhor. Assim isto fica mais isolado, me disse um homem em Pilões. Se o major Frantz pudesse cavava um fosso em torno de seu reininho de grileiro". (CALLADO, 1960, p. 24).

Com o propósito de realizar uma espécie de mapeamento dos males sociais causados pelos "industriais da seca", Callado também foi até Pernambuco. Ao conhecer o Engenho Galileia, ficou entusiasmado e arrebatado com a organização dos camponeses na luta pela terra. As reportagens da série que narram a saga dos camponeses que Callado conheceu no engenho são identificadas pelo chapéu "Despertar em Pernambuco"⁶⁴. Para o repórter, aquilo era decididamente novo no país. A reportagem começa narrando e descrevendo o cenário e as condições de miséria em que os camponeses viviam quatro anos antes e, em analogia metafórica que abarca o campo semântico da reportagem, chama as proposituras de José dos Prazeres de "chispa criadora" (CALLADO, 1960, p. 34). A chispa, sinônimo

⁶³ Apenas uma reportagem está vinculada ao chapéu "Paraíba contra a Lei": "O Caso tenebroso do açude de Pilões: um gaúcho paraibano e seu sindicato de gangsters" (13 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/eSztUz>>, parte 2: <<https://goo.gl/fBTcyN>>. A próxima reportagem da série traz uma entrevista feita com um funcionário do DNOCS. "Entrevista com um sábio desconhecido: J. Guimarães Duque e a catástrofe das "emergências". (16 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/pHrv3T>>, parte 2: <<https://goo.gl/3HaHU1>>. Acessos em: 28 jun. 2018.

⁶⁴ Três reportagens são vinculadas ao tema (chapéu) "Despertar em Pernambuco". São elas: "Homens Livres no Engenho da Galileia: Francisco Julião e o velho Zezé" (17 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/uFluVw>>; parte 2: <<https://goo.gl/RAKg8R>>; "Cambão: resíduo da escravidão no nordeste: Prova de identidade recibo das sociedades mortuárias (18 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/RqyCHw>>, parte 2: <<https://goo.gl/q6PsAf>> e "Julião e sua marcha de 50.000 camponeses" (20 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/6bPsLq>>, parte 2: <<https://goo.gl/PzBQQ9>>. Há uma reportagem conclusiva: "Concluindo. No Nordeste o camponês mais triste do mundo: Nostalgia da seca e da escravidão" (23 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/GWj8Gd>>, parte 2: <<https://goo.gl/BkWv9w>>. Acessos em: 28 jun. 2018.

de faísca, encontrou sua lenha seca, o deputado estadual Francisco Julião e seu aparato legal em defesa aos camponeses.

A criação da Sociedade com a finalidade de comprar caixões para os camponeses enterrarem seus mortos que evoluiu para a luta contra os desmandos dos patrões, a explicação sobre o sistema de foro, as ameaças dos latifundiários e da polícia local, o trabalho de mutirão dos trabalhadores para que os companheiros não fossem expulsos estão narrados e analisados na série de reportagens. A reportagem de Callado naturalmente não é discurso jornalístico que busca produzir um efeito de distanciamento. Ao contrário, explicita a admiração com a organização dos camponeses de Galileia, a qual pode ser demonstrada, com certo teor de síntese, em trecho que comparece na edição de dezembro de 1959 da revista *Senhor* e que depois também constará no livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960):

No Galileia, o velho Zezé da Galileia, o moço e inteligente Severino, o Sebastião Paulino, o José Feliciano resolveram dar um basta no assunto e Julião iniciou para eles, bacharelescamente na boa tradição brasileira, o que é hoje uma revolução firmada e bonita na sua humildade, na sua exiguidade de mero ensaio. Falaram com quase voz do samba: daqui não saímos, daqui ninguém nos tira. E assim se fez. Todos aqueles "galileus" têm uma coragem simples de líderes telúricos, naturais como um pé de cana qualquer. Já foi há quatro anos que procuraram Julião no Recife. Sua revolução modesta é hoje uma realidade nacional. Mil pessoas e um bacharel fizeram uma Revolução Francesa em algumas centenas de hectares de terra de cana no Brasil. Julião registrou como sociedade de fins beneficentes a associação dos lavradores (Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, que hoje todo mundo chama de Ligas Camponesas), tornando-a tabu num regime de garantias constitucionais. E as Ligas estão se alastrando por Pernambuco, a partir da Galileia, surgindo sem a gente saber como. Julião já recebe camponeses que vêm lá do sertão, de Triunfo, da zona do velho cangaço. (CALLADO, 1960, p. 115)

A série de reportagens publicadas no *Correio da Manhã* traz um mapa com as cidades pernambucanas que em 1959 possuíam filiais ligadas à Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, ou Ligas Camponesas. O narrador-repórter exala convicção em que as Ligas se espalhariam rapidamente para Paraíba e, em seguida, por todo Nordeste. As intenções de Julião em canalizar esforços para que elas chegassem também a São Paulo e ao Paraná também foram registradas na série de reportagens. O narrador-repórter assume em seu discurso propositura de apoio incondicional para que tal disseminação de fato ocorresse:

Eu acredito que Julião ainda consiga muita coisa com as Ligas e torço, para que vários Engenhos Galileias inquietem num futuro próximo aquele Nordeste egoísta e rotineiro, e, se possível, o Paraná dos espoliados de Porecatu, Pato Branco e Cascavel. (CALLADO, 1960, p. 40)

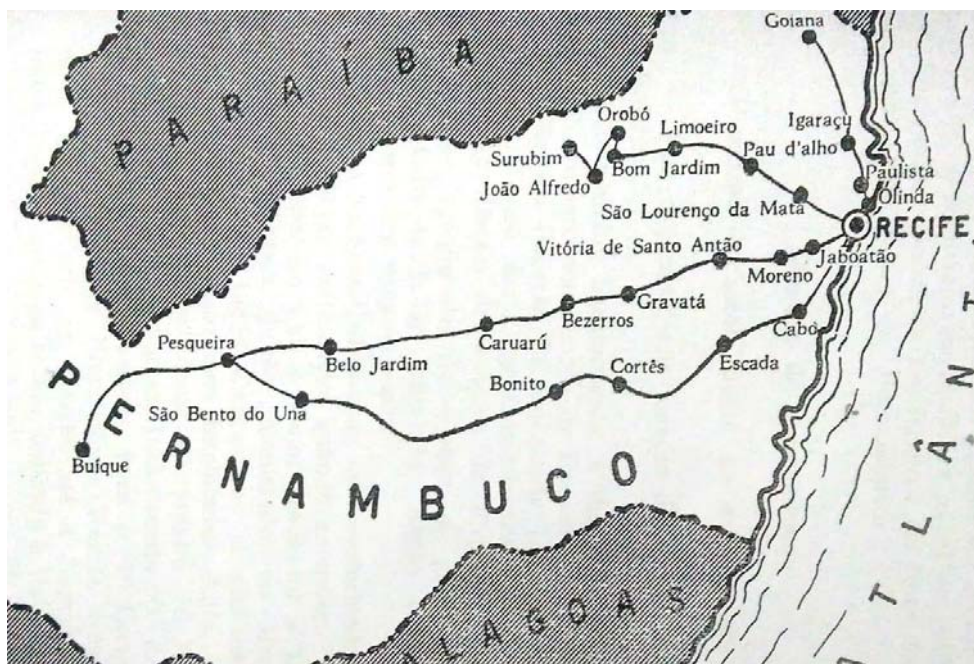


Figura 21: Mapa de 1959 mostra as cidades onde foram fundadas Ligas Camponesas. (Fonte: *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (CALLADO, 1960, p. 45))⁶⁵.

Sobre a situação jurídica dos camponeses de Galileia, Julião demonstrava-se otimista. Para ele o caso estava liquidado. "A terra é dos foreiros que dela se apossaram". (JULIÃO in CALLADO, 1960, p. 34). E foi com a expectativa de que a revolução pacífica no Engenho Galileia terminaria com a vitória dos camponeses que Callado voltou para o Rio de Janeiro e publicou sua série de reportagens no *Correio da Manhã*. Entre 10 e 23 de setembro de 1959, o jornal estampou as denúncias sobre os industriais da seca e o despertar da liberdade que se iniciava com os "galileus". A conclusão da série de Callado afirma um caráter de prospecção: "Esperemos que o Engenho Galileia seja um novo ponto de partida" (CALLADO, 1960, p. 56).

No entanto, menos de dois meses depois, uma intervenção violenta da polícia de Vitória de Santo Antão a uma passeata organizada pelos camponeses de Galileia demonstrou, a Julião e a Callado, que os latifundiários, mais uma vez, poderiam levar a melhor.

⁶⁵ O mapa também foi publicado na reportagem do *Correio da Manhã*: "Cambão: resíduo da escravidão no nordeste" (18 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/RqyCHw>>, parte 2: <<https://goo.gl/RAKg8R>>. Acessos em: 28 jun. 2018.

2.2.3. Um repórter em defesa declarada

A série de reportagens de Callado foi publicada na íntegra pelo *Jornal do Commercio*, de Recife, e, em parte, por outros jornais do país. Um grande debate sobre a série movimentou a opinião pública brasileira⁶⁶. Colunistas de diferentes periódicos reforçavam as denúncias feitas por Antonio Callado e exigiam um posicionamento do Governo Federal. Por sua vez, os denunciados enviaram cartas aos jornais "desmentindo" as acusações. No Senado, um debate inflamado sobre a reforma agrária foi conduzido, ensejado pelas reportagens. Na Câmara Federal, o deputado cearense Esmerino Arruda solicitou que as reportagens fossem transcritas nos Anais da Câmara Federal. Para o deputado, aquele era "[...] um documentário autêntico e honesto da insensibilidade do Poder Público para com o nordeste" (ARRUDA in CALLADO, 1960, p. 85). As ratificações ao teor das reportagens continuaram na Câmara Federal. Fernando Ferrari, o deputado mais votado no país, tinha acabado de visitar o Nordeste e confirmado o cenário descrito por Callado. Já o deputado federal Jacó Frantz, designado como *gangster* nas reportagens, pediu direito de resposta ao *Correio de Manhã* e escreveu uma longa carta. Depois de sua publicação, foi lançada a seguinte nota da redação, que mantém as denúncias:

O deputado federal Jacó Frantz valeu-se de um discurso do Sr. Fernando Ferrari, grandemente elogioso das reportagens, para meter um aparte em que reclamou não haver sido publicada sua carta acima. A carta foi escrita fora dos prazos e depois que o Sr. Frantz veio pessoalmente ao *Correio da Manhã*, para dizer que não era grileiro nem *gangster*. É as duas coisas. E agora ser arvora em doador de terras que grilou e que na maior parte não estão no seu nome. Mas aí fica a carta, pelo que possa valer. (in CALLADO, 1960, p. 104)⁶⁷

O debate acalorado, com ódios e rancores manifestos certamente ruminados em silêncio, como explicaria Callado, explodiu repentinamente em Vitória de Santo Antão meses depois, em 15 de novembro de 1959. Os "galileus" que ajudaram a eleger o prefeito local, José Ferrer, realizaram uma manifestação para comemorar sua vitória. A passeata

⁶⁶ Diferentes textos e cartas sobre as reportagens estão publicados no livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), entre as páginas 61 e 110.

⁶⁷ A nota da redação do *Correio da Manhã* não foi assinada.

seguia pacífica e, sem justificativa, foi brutalmente impedida por policiais. Zito da Galileia, estava entre os manifestantes e narrou o ocorrido:

Eram cerca de 100 pessoas, homens, mulheres e crianças, portando faixas e cartazes que diziam: abaixo o capitalismo, queremos terra; por uma reforma agrária radical com Julião; abaixo aos latifundiários. Na entrada da cidade fomos surpreendidos por um pelotão da Polícia Militar, armado de mosquetões, que partiu pra cima e arrancou nossos cartazes, faixas e até a bandeira brasileira. Fomos empurrados e dispersados pelos canos dos mosquetões. (GALILEIA, 2016, p. 42)

No dia 19 de novembro, o Juiz de Direito de Vitória de Santo Antão, José Albino de Aguiar, depois de quatro anos de arrastado processo, ordenava o despejo dos "galileus" que dirigiam a SAPPP:

No dia seguinte à audiência, o oficial da justiça, Abraão, começou a entregar as ações de despejo, de mão em mão, aos camponeses da Galileia, que juntaram todas e entregaram a Francisco de Julião. Enquanto os galileus se desesperavam com a decisão, pois a única alternativa que lhes restava seria morar debaixo das pontes, os latifundiários faziam festa, derramando cerveja no Hotel Laranjeira, no centro de Vitória. (GALILEIA, 2016, p. 52)

Com ironia, Callado comenta a comemoração dos proprietários: "O senhor de engenho Cunha Beltrão e os latifundiários de Vitória celebravam, assim, o dia da República e o do Bandeira". (CALLADO, 2016, p. 131). O repórter do *Correio da Manhã* arrumou as malas e partiu para Pernambuco. Ele queria investigar quem teria autorizado a polícia a dissolver a passeata e precisava entender a decisão do tal juiz. Sua chegada é lembrada por Zito: "No dia seguinte, o jornalista Antonio Callado, do *Correio da Manhã*, com um advogado (*Francisco Julião*), foi a Vitória de Santo Antão para saber quem tinha autorizado a polícia a dissolver a passeata" (GALILEIA, 2016, p. 42).

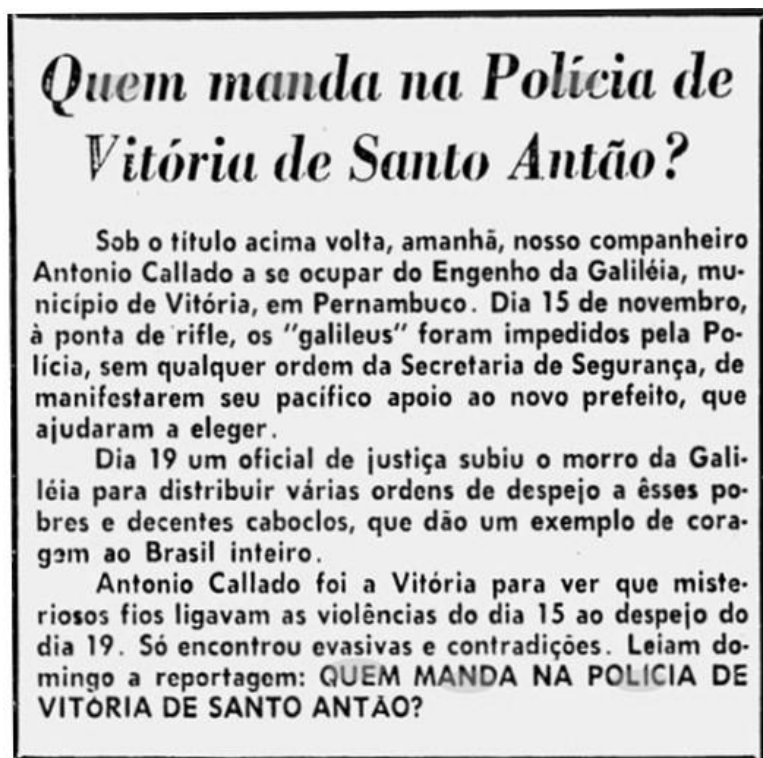


Figura 22: Correio da Manhã anuncia novas reportagens de Callado sobre o Engenho Galileia. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁶⁸.

Duas reportagens foram publicadas a partir dessa viagem repentina em defesa dos camponeses. Os textos, que integram parte do livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), possivelmente foram determinantes para o que aconteceria com os camponeses do Engenho Galileia em seguida.

As reportagens desvelam a apuração do repórter que, acompanhado por Francisco Julião, tentou descobrir quem teria autorizado a detenção violenta da passeata e os motivos que fizeram com que o juiz ordenasse o despejo dos camponeses. Na primeira das duas reportagens, publicada em 29 de dezembro de 1959, o narrador-repórter exprime sua preocupação ao perceber o clima de revolta no Engenho Galileia. O chapéu ganha a atenção, "Galileia transforma-se em Canudos", mas o título e a linha-fina também têm caráter denunciativo.

⁶⁸ A chamada foi publicada na capa do *Correio da Manhã* de 29 de novembro de 1959. Disponível em: <<https://goo.gl/XpSCr7>>. Acesso em: 28 jun. 2018.



Figura 23: Na reportagem, o destaque para a foto de Zezé da Galileia.
Na legenda: Zezé da Galileia. Foi despejado dia 19, mas ninguém o tirará vivo do Engenho.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

A reportagem não deixa de trazer um alerta para o governador de Pernambuco:

Se as autoridades não abrirem os olhos, vai correr sangue em Pernambuco. Ninguém prova a liberdade, como a têm provado durante quatro anos os homens do Galileia, para retornar depois aos troncos de escravos. [...]. Há um meio de evitar nova vergonha. Na Assembleia Legislativa de Pernambuco existe projeto de lei desapropriando as terras do Engenho Galileia. Há anos rola pelas comissões, mas recentemente criou novas forças. Se os deputados, mais serenos que os vorazes senhores de engenho, o aprovarem sem mais delongas, darão ao Sr. Cid Sampaio um meio de evitar a chacina. O governador pode depositar um juízo a quantia da desapropriação e doar os lotes aos seus atuais possuidores. Se não o fizer a responsabilidade pelas consequências será sua e não mais do Legislativo. (CALLADO, 1960, p. 133)

Tal trecho receberá mais nossa atenção no capítulo 3. Por ora, no entanto, é válida sua presença por demonstrar como o narrador-repórter constrói a argumentação de forma a responsabilizar o governador por um possível conflito trágico no Engenho. Em seguida, o narrador-repórter relata sua “saga” para encontrar o responsável pela violência na passeata. Na delegacia, o capitão José Lopes afirmou que teria consultado o prefeito Ferrer e o juiz de direito de Vitória de Santo Antão. O prefeito negou tal consulta e declarou ao

repórter que apoiava a passeata, além de ter tido conhecimento de seu encerramento violento no dia seguinte pela imprensa. Por sua vez, o juiz José Albino de Aguiar teria sido categórico ao dizer que nada tinha a ver com passeatas. Diante de tudo isso, o narrador-repórter manifesta indignação:

Está, portanto, mentindo deslavadamente a Polícia arbitrária de Vitória de Santo Antão. Apesar do absurdo de declarar desconhecer a existência jurídica das Ligas Camponesas, ainda assim a Polícia arrogou-se o direito de arrancar a bandeira brasileira das mãos decentes e calosas dos foreiros da Galileia e ameaçá-los de morte em plena rua? Quem lhe deu força para tanto? [...].

Alguém precisa ser responsabilizado. Impõe-se abertura do inquérito respectivo. Ditadura da Polícia num Estado em perfeita calma é um intolerável golpe na Constituição do país. (CALLADO, 1960, p. 135)

Tal dicção de revolta também se manifesta na segunda reportagem, publicada em 2 de dezembro de 1959, com a narração do diálogo realizado entre o repórter e o juiz José Albino de Aguiar. Segundo Callado, valeria a pena ver em "*close up*, como a letra de um Direito caduco pode ferir de morte os direitos de homens vivos". (CALLADO, 1960, p. 135). Na conversa com o juiz, presente em forma de diálogo, o narrador-repórter contesta sua decisão, aparentemente parcial e conivente com a vontade dos latifundiários, sobre o despejo dos galileus. Com respostas cuja feição burocrática demonstra indiferença, o juiz não titubeia sobre sua deliberação. O narrador-repórter encerra a reportagem com a um diagnóstico do que deveria ser feito. Mais uma vez há um conselho ao governador sobre a decisão certa a ser tomada (analisaremos tal o fechamento dessa reportagem no capítulo 3).

As últimas reportagens estouraram os ânimos: nos dias 5 e 6 de dezembro, apenas quatro dias depois da última reportagem de Callado publicada no *Correio da Manhã*, o *Diário de Pernambuco* publicava com destaque: "Caso Galileia: Denúncia contra Callado e Julião".



Figura 24: Destaque do Diário de Pernambuco sobre representação contra Callado e Julião. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁶⁹.

Na reportagem do jornal pernambucano, expõem-se detalhes sobre a representação dos proprietários do Engenho Galileia contra Julião e Callado. O advogado da família Beltrão, Audalio Alves, acusou o deputado e o jornalista de incitarem os foreiros da Galileia a não cumprirem a ordem de despejo. Para o advogado, as atividades subversivas de Julião e Callado eram flagrantes e eles deveriam ser enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Na representação do advogado de Beltrão, estava o pedido de prisão preventiva para Antonio Callado e Francisco Julião.

Assim que recebeu a notícia sobre a representação contra ele e Julião, Callado providenciou sua resposta, publicada em 11 de dezembro no *Correio da Manhã*, sob o título "Tiranos que viraram melado"⁷⁰. O texto-resposta ratifica a opinião de Callado sobre Beltrão, a amizade do repórter com os "galileus" e declara que a causa dos camponeses de Galileia valeria sua prisão, se esse fosse o caso:

Ao regressar de uma viagem à Bahia onde fui homenagear, no dia dos seus anos, a Conceição de Praia, encontro a mesa da redação cheia de recortes de jornais

⁶⁹ Disponível em: <<https://goo.gl/vR1UeY>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/j97vaD>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

pernambucanos. O Sr. José da Cunha Beltrão, através de um advogado chamado Audalio Alves, deseja, nada mais nada menos que enquadrar-me na Lei de Segurança Nacional. Deseja inclusive a prisão preventiva do repórter que ousou fazer-se amigo dos caboclos que fincaram pé na terra pedregosa do Sr. Beltrão e declaram-se dispostos a não sair de lá nem a bala. [...]

O Sr. Cunha Beltrão pertence à raça extinta dos senhores de engenhos atrasados e que resolveram ignorar a extinção da escravidão do Brasil. [...]. Esbravejem quanto quiserem. Se ganharem o processinho tanto pior para eles: perdem, seguramente, a causa. Eu, pessoalmente acho que a causa dos camponeses do Galileia vala uma estação de água de côco na prisão de Recife. (CALLADO, 1960, p. 151)

Oscar de Arruda Beltrão e seu advogado, possivelmente, não calcularam a reação contrária à representação e às manifestações de apoio a Callado que se espalharam pelo país. Jornalistas, deputados e senadores demonstraram sua manifestação a favor do jornalista e de Julião. Na câmara Federal, o deputado Andrade Lima Filho fez um discurso inflamado em defesa dos dois. Aurélio Viana, também deputado federal, seguiu o apoio e organizou uma moção de solidariedade ao repórter, assinada por 113 deputados. No *Diário de Notícias*, o jornalista Osório Borba ressaltava a afronta (“opróbio”, como define) contra a situação miserável da população nordestina e o abuso de poder econômico dos latifundiários, “[...] como sempre sob a proteção de uma polícia e de uma justiça de classe”. (BORBA in CALLADO, 1960, p. 154). E depois:

Como agravantes para a abstrusa, incongruente, odiosa medida judicial contra o jornalista carioca, salientemos seu absoluto e evidente desinteresse pessoal, seu generoso interesse pela situação de miséria e opróbio de brasileiros perdidos num recanto do Brasil, que não é seu, e onde ele os conheceu levado por uma nobre missão jornalística. (BORBA in CALLADO, 1960, p. 156)

Outras e distintas instituições também manifestaram solidariedade ao jornalista. A Associação Brasileira de Imprensa e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais declararam total apoio a Callado. O Sindicato de Jornalistas do Rio e de Pernambuco e da Associação Pernambuco de Imprensa colocaram à disposição do jornalista seu departamento jurídico. Assim também o fez o deputado Fernando Ferraz. Se o processo tivesse ido adiante e Antonio Callado precisasse ter se apresentado em Vitória de Santo Antão, tudo faz crer que o jornalista seria seguido por uma legião de advogados em sua defesa.

Mas não seria necessário. Enquanto o embate de ideias acontecia na Câmara Federal e nos jornais de todo Brasil, os camponeses de Galileia foram para as ruas de Recife.

Organizados por Francisco Julião, homens, mulheres e crianças se aglomeraram em frente à Assembleia Legislativa.

Ônibus e caminhões foram fretados para transportar os camponeses da Galileia até a Assembleia Legislativa. Não ficou sequer uma pessoa em Galileia. Todos os galileus estavam em vigília nas galerias da Assembleia, pressionando os deputados a votarem no projeto de desapropriação. (GALILEIA, 2016, p. 13)



Figura 25: Camponeses se reúnem em Recife.
(Fonte: Memorial da Democracia)⁷¹.

Depois de dois dias em frente à Assembleia, Julião convocou os camponeses, no meio da madrugada, para caminharem até o Palácio do Campo das Princesas, morada do governador Cid Sampaio. Ao sair do galpão principal, Sampaio se deparou com uma multidão de camponeses enfurecidos, mas com fome e sono.

Julião começou a falar ao governador Cid Sampaio:

"Excelentíssimo senhor governador Cid Sampaio, o prazo da permanência do povo de Galileia está terminando, resta agora a polícia fazer o despejo destes marginalizados, como já foi ordenado pelo juiz. Portanto, hoje, ao romper da manhã, a polícia estará desejando os camponeses de suas residências, derrubando as casas. Por isso quero expor minhas últimas palavras. Ou Vossa Excelência desapropria Galileia hoje, ou então, ao amanhecer do dia, pode mandar os carros funerais para remover e transportar o meu cadáver, junto com os dos camponeses de Galileia".

⁷¹ Disponível em: < <https://goo.gl/Rw9vbs> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

O governador, sentindo o perigo de um confronto entre os policiais e os camponeses, disse ao povo:

"Voltem para a Assembleia e peçam aos deputados que votem e aprovem o projeto de desapropriação da Galileia". (GALILEIA, 2016, p. 54)

Zito da Galileia, então um menino no meio da multidão, conta em seu livro que o pedido de Cid Sampaio encheu os camponeses de alegria. Eles marcharam de volta à Assembleia e mantiveram a pressão sobre os deputados. Depois de muito debate, era chegada a hora da votação: 13 deputados votaram a favor da desapropriação e 7 votaram contra. Os trabalhadores de Galileia, enfim, explodiram de alegria. Cid Sampaio sancionou a lei e Galileia e pagou uma indenização prévia de sete mil e quinhentos cruzeiros a Oscar Beltrão de Arruda. Em fevereiro de 1960, Galileia foi desapropriada.

O *Cruzeiro da Manhã* comemorou a decisão. Já *O Estado de S. Paulo* condenou Cid Sampaio, chamou-o de demagogo e irresponsável. Era este o texto publicado no editorial do periódico de São Paulo em 18 de fevereiro de 1960:

Ao criticarmos, não faz ainda muitos dias, a absurda iniciativa do governador Cid Sampaio, de desapropriar as terras do Engenho Galileia para, num ilícito e violento golpe no princípio da propriedade, distribuí-las aos empregados daquela empresa, prevíamos o que disso poderia resultar. A violência seria, como foi, considerada uma conquista das Ligas Camponesas, e acenderia a ambição dos demais camponeses assalariados, desejosos de favores idênticos. (in MONTENEGRO, 2004, p. 8)

Trata-se, como se vê, de vetor discursivo oposto ao de Callado, exarando a perspectiva dos grupos conservadores. Mas não teve jeito, as Ligas Camponesas, que já tomavam todo estado de Pernambuco, espalharam-se pelo nordeste como fogo em cana seca. No final de 1960, a Sociedade Agrícola e Pecuária de Pernambuco tinha 10 mil associados em torno de 40 municípios. As Ligas alcançaram 13 dos 22 estados brasileiros da época (GALILEIA, 2016, p. 41). O Nordeste se tornou uma espécie de coração do país e a reforma agrária criou raiz no topo da agenda política nacional (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 438).



Figura 26: As Ligas ganham força; camponeses em manifestação.
(Fonte: site Memorial das Ligas Camponesas).

As reportagens de Antonio Callado sobre os "galileus" de Pernambuco e sua repercussão teriam sido fundamentais no processo de desapropriação do Engenho e para a criação do símbolo que ele se tornou. Para Wilson Figueiredo, com tal série de reportagens Callado lançava a pedra fundamental da reforma agrária no Brasil. "As Ligas Camponesas que se espalhavam pelo Nordeste ganharam nas suas mãos identidade política nacional e fundaram descendência" (FIGUEIREDO, 2009, p. 9). Na Academia Brasileira de Letras, Cândido de Mendes de Almeida Filho, na "sessão de saudade", realizada em fevereiro de 1997 e dedicada à recente morte do jornalista, declarou que Antonio Callado havia sido "o inventor das Ligas Camponesas". Para Cândido de Mendes, [...] o Brasil e o mundo não saberiam da existência das Ligas se não existissem as reportagens de Callado no nordeste" (ARRUDA, 2005, p. 169).

Em entrevista a esta pesquisadora⁷², Ana Arruda Callado, viúva do jornalista, disse que ele era modesto quanto à importância de suas reportagens.

⁷² A entrevista foi realizada por e-mail em 25 de junho de 2018.

Nunca vi Callado se gabar, em qualquer ocasião. Ele diria que os camponeses iriam ganhar aquela luta de qualquer maneira. Mas pessoas politizadas do Brasil consideravam que ele havia contribuído muito. Inclusive a Assembleia de Pernambuco prestou uma homenagem a ele. Quando estivemos lá, nos anos 70, Callado foi recebido muito calorosamente pela esquerda (havia na época esquerda de verdade!) e houve uma mudança no programa do seminário porque havia notícias de que na noite em que Callado falasse, haveria uma baderna promovida pelos donos de engenho mais direitistas. (ARRUDA, 2018)

Reconhecendo ou não sua participação na vitória dos camponeses, é notório que as reportagens tornaram Callado uma das principais referências da imprensa no debate da reforma agrária. Callado voltaria a Pernambuco, quatro anos depois, para visitar seus amigos "galileus". Dessa vez pelo *Jornal do Brasil*, o jornalista escreveria a série *Revolução-piloto em Pernambuco* (1963), que posteriormente reunida no livro *Tempo de Arraes* (1964), ganhou ainda maior repercussão.

2.3. Tempo de esperança em *Tempo de Arraes*

Na apresentação do último texto do livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), uma notícia sobre a nomeação de Celso Furtado para a superintendência da então recém-criada Sudene é apresentada em texto de Callado:

E o Presidente da República, apesar dos muitos que hostilizaram o projeto da SUDENE, e a nomeação de Celso Furtado, no dia 8 de janeiro de 1960 encerra também esse caso [dos industriais da seca]. Aqui está como o viu o *Correio da manhã*, com cujas palavras fechamos - **com uma nota de grande esperança** - este livro (CALLADO, 1960, p. 169, grifo nosso)

A fundação da Superintendência do Desenvolvimento para o Nordeste (Sudene), pelo presidente Juscelino Kubitschek (JK), e a nomeação de Furtado parecem ter enchido Callado de esperança. Diz o repórter: "O que o Sr. Juscelino Kubitschek acaba de completar, com a nomeação do superintendente, é obra séria, que pode, dentro de dez anos, alterar a fisionomia deste país." (CALLADO, 1960, p. 169).

Naquela altura, Celso Furtado já era uma figura destacada, respeitada no campo intelectual brasileiro e latino-americano. Sua participação na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão das Nações Unidas, instalada no Chile em 1949, contribuiu para embasar o Plano de Metas do governo JK. Furtado ficou na Cepal até 1957. Em 1954, com apenas 30 anos, foi publicada sua primeira obra *A Economia Brasileira*. O livro trouxe

as marcas do trabalho desenvolvido na Cepal e uma nova maneira de pensar a economia do país. A partir da publicação, os técnicos do governo tiveram acesso a uma palavra-chave para enquadrar os problemas nacionais: "subdesenvolvimento". O conceito designava uma trajetória histórica específica na formação do capitalismo em países como o Brasil, nos quais a economia foi historicamente sujeita a sistemas coloniais. Furtado buscava uma nova síntese teórica e a superação das teorias europeias vigentes (BORJA, 2014, p. 164). Para o economista, as condições estruturais da relação subserviente às colônias continuavam presentes e decisivamente atuantes. Apesar dos avanços no processo de industrialização, a estrutura agrária permanecia arcaica, fundamentada na monocultura exportadora e na profunda desigualdade das relações de trabalho. A análise de Furtado apontava que, para superar o estado de "subdesenvolvimento", seria necessário um conjunto de reformas básicas a serem implementadas pelo Estado. Além das reformas fiscal, bancária, urbana, tributária, administrativa e universitária, o economista indicava a reforma agrária como questão decisiva para o surgimento de um novo país (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 418).

É nesse contexto de análise das estruturas econômicas nacionais que o economista sugeriu a criação da Sudene, órgão que seria responsável por promover e coordenar o desenvolvimento do nordeste, minimizar os problemas da seca e combater o coronelismo arraigado na região. A sugestão do economista foi acatada por JK e em 15 de dezembro de 1959 a Sudene estava criada.

A notícia publicada no *Correio da Manhã* sobre a fundação do órgão mostra que Callado sabia que a ideia central da Sudene não era a reforma agrária, mas o fortalecimento econômico do nordeste pelo incentivo à industrialização. Ainda assim, a fundação da Sudene foi comemorada pelo repórter. Para Callado, a reforma agrária viria com o tempo. Em sua avaliação, o órgão criaria condições para a superação do papel nefasto dos "industriais da seca". Afirmo o narrador-repórter:

Esse eterno problema do Nordeste criou, na região, uma estranha fauna: a dos industriais da seca, que vão perder sua matéria prima; a dos nordestinos profissionais, que vivem das misérias da região como o mendigo que explora suas mazelas para esmolar, e a dos Ioiôs de engenho, os proprietários que não quiseram acompanhar os tempos e acham que Deus botou no mundo o lavrador nordestino e a cana para que, juntos, forneçam ao senhor de engenho açúcar, rapadura e cachaça.

Esses são os inimigos da SUDENE e tudo fizeram para, frustrando a nomeação do atual superintendente, frustrarem a própria Superintendência do Nordeste. Recusando-se, com firmeza a ouvi-los, o presidente fez obra de governo. E restituiu, a 20 milhões

de brasileiros, a esperança, bem mais escassa do que a água no Nordeste. (CALLADO, 1960, p. 171)

A criação da Sudene e a nomeação de Celso Furtado naturalmente passaram a fortalecer o movimento das Ligas Camponesas, que se tornaram centrais nas discussões sobre os rumos para o país superar os abismos sociais em dimensão ampla. Tal dimensão macro se refletiria em espectro micro, biográfico: "[...] desde então, Celso e Callado se tornaram não só grandes amigos, como bons interlocutores." (ARRUDA, 2013, p. 187).

Também em 1959, Miguel Arraes de Alencar, advogado, economista e ex-deputado estadual de Pernambuco, era eleito prefeito de Recife. Assim que tomou posse, Arraes passou a desenvolver uma série de políticas direcionadas ao enfrentamento de problemas cruciais da população de baixa renda. O novo prefeito empreendeu várias obras para melhorar as condições de infraestrutura da população. Sua consciência sobre a desigualdade social adviria da sua experiência de juventude, quando se mudou de Araripe, no Ceará, onde nasceu, para Crato, também sertão cearense. Na cidade, um fato marcaria fortemente sua trajetória: o testemunho de um curral com três camponeses miseráveis presos por um senhor de engenho por tentarem fugir para Fortaleza. Arraes comenta a lembrança: "É uma lembrança que guardo para sempre. Era um horror difícil de compreender e marcou meu jeito de ver as coisas"⁷³ (ARRAES in ALENCAR, 2016).

Na prefeitura de Recife, as obras estruturais que beneficiaram os mais pobres conquistaram, indiretamente, também a simpatia de parte da classe média urbana. Apesar da popularidade das obras viárias e urbanísticas, Taciana Santos (2008, p. 27) constata que nem de longe elas viraram a marca de sua gestão. O projeto de maior impacto da prefeitura de Arraes foi o lançamento do Movimento de Cultura Popular (MCP), criado para combater o analfabetismo de jovens e adultos e incentivar diferentes formas de manifestações culturais populares. Seus opositores afirmavam que se tratava de um projeto eleitoreiro de cunho subversivo e baseavam seus argumentos na cartilha do MCP, desenvolvida com base no método educacional de Paulo Freire. A cartilha ressaltava a importância da participação política e do poder do trabalhador ao se reunirem em sindicatos.

Mas Arraes tinha habilidades políticas para lidar com as críticas da oposição. Sua projeção garantida pelas políticas sociais de sua gestão aliada à aptidão para negociar com

⁷³ Tal declaração de Arraes está publicada no Projeto de Lei, de 2016, do deputado federal Tadeu Alencar (PSB), que objetiva a inscrição do nome de Miguel Arraes de Alencar no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <<https://goo.gl/GYuFc5>>. Acesso em 07 jul. 2018.

os opositores fizeram com que a Frente do Recife⁷⁴ indicasse Arraes como candidato ao governo nas eleições de 1962. Seu principal adversário era o líder udenista João Cleofas. Em *A história das Ligas Camponesas: testemunho de quem a viveu* (2016), Zito da Galileia explica quem era o adversário de Arraes: "Cleofas era muito conhecido pelos vitorenses porque teria dito num comício que se um dia se elegeisse governador de Pernambuco, todo os pobres teriam de usar um remendo na bunda, para diferenciar-se dos ricos." (GALILEIA, 2016, p. 68). Foi fácil para os "galileus" escolherem quem apoiariam.

Francisco Julião participou de vários comícios com Arraes pelo agreste pernambucano. Não poucas vezes, os dois foram ameaçados de morte pelos latifundiários. Alarico Bezerra, proprietário do Engenho Serra em Vitória de Santo Antão, conhecido pela fama de matar camponeses e jogá-los em açudes, escolheu dois bois de seu rebanho para batizar de Arraes e Julião. Os senhores de engenho queriam deixar claro quem mandava e quem deveria ser mandado na zona da mata e no sertão pernambucano. Mas, dessa vez, os senhores de engenho erraram. Apesar da pequena diferença entre os candidatos, Arraes foi eleito governador⁷⁵ e Julião garantiu a reeleição como deputado federal. João Cleofas passou a ser conhecido como "João Três Quedas", em uma alusão às suas derrotas sofridas em 1950, 1954 e 1962. Zito da Galileia lembra a comemoração dos camponeses Engenho Galileia:

Quando os camponeses souberam dos resultados nas urnas, Arraes eleito governador e Julião deputado federal, foram buscar os dois bezerros no Engenho Serra, mataram e fizeram um grande churrasco para comemorar a vitória.

Os cantadores da feira também improvisaram versos sobre a vitória de Miguel Arraes:

*Das três quedas de Cleofas,
Foi essa que doeu mais.
As duas caiu pra frente,
Mas essa caiu pra trás.
Além de cair de costa,
Caiu no pé de Arraes.*

⁷⁴ A Frente do Recife é conhecida no meio político e acadêmico como uma aliança partidária formada em 1955, em função das eleições municipais no Recife. A Frente do Recife alcançou sucessivas vitórias nas campanhas eleitorais até 1963. Considerada de esquerda, a Frente apresentava o PCB e o PSB como os únicos partidos que a integravam. No entanto, Taciana Santos (2008) defende que outros partidos PTB, UDN e PTN e mesmo a ala dissidente do PSD foram aliados da Frente do Recife e, ao negociarem a participação de cada partido, fizeram com que cada governo tivesse alianças específicas. Seja como for, a Frente do Recife foi a responsável pela eleição de Arraes para a prefeitura em 1960 e para governo de Pernambuco em 1962.

⁷⁵ Miguel Arraes alcançou 47,98% dos votos e João Cleofas, 45,47%. Cleofas ganhou no interior do estado (com 50,40% contra 43,46% dos votos de Arraes). Arraes garantiu a eleição pela votação no Recife. Na cidade, 58,09 % dos votos foram no ex-prefeito. (SANTOS, 2008, p.29). O grande número de camponeses analfabetos, e, por isso, impossibilitados de votar, poderia justificar porque ele não ganhou no interior. De toda forma, a aprovação de seu governo em Recife garantiu sua vitória geral nas urnas.

No dia da posse de Miguel Arraes os camponeses de Galileia formaram uma caravana para homenagear o governador eleito. Eu, com 15 anos de idade, tive o prazer de estar presente, ali no Palácio do Campo das Princesas. No decorrer da campanha eleitoral os galileus partiram para os engenhos e vilas distribuindo material de propaganda, com a esperança de que Arraes não os decepcionaria. E não deu outra. Depois de eleito visitou a Galileia, sentou-se e discutiu com os camponeses por várias vezes, mandou limpar o açude que estava coberto de mato, liberou empréstimos bancários, beneficiou os camponeses com um motor de moer mandioca, doou vacas e cavalos e enviou máquinas de costura para as mulheres costurarem na casa grande. (GALILEIA, 2016, p. 70)

Dos nove governadores eleitos no Brasil em 1962, o único que se situava francamente à esquerda era Miguel Arraes. Meses antes, em setembro de 1961, João Goulart, vice de Jânio Quadros, assumia a presidência do país em um conturbado momento político. Ainda assim, com um mês no cargo, criou a Superintendência de Política da Agrária (Supra) com a função de planejar e promover a reforma agrária. Com a conquista da desapropriação do Engenho Galileia, o deputado federal Francisco Julião tinha deixado claro que tipo de reforma agrária buscava implementar: desapropriação de terras improdutivas superiores a cinco hectares, pagamento e indenização com títulos da dívida pública, concessão de terras aos camponeses sem custos, entrega de títulos das propriedades aos trabalhadores rurais e estímulo às cooperativas camponesas. O PSD, com bases regionais sustentadas por fazendeiros, aceitou discutir a reforma agrária. Não eram poucas os avanços sobre o assunto (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 438-439).

O poder executivo também conseguiu estender os direitos da legislação trabalhista para ao trabalhador rural. Salário mínimo, férias, décimo terceiro e sindicalização estavam garantidos por lei aos camponeses. No chamado "Acordo do Campo", Arraes levou os usineiros para a mesa de negociação e exigiu o cumprimento da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Apoiado no CLT, o pagamento diário aos lavradores que trabalhavam com cana de açúcar em Pernambuco aumentou em 150 vezes. Como lembra Zito da Galileia, os direitos garantiram uma melhora visível na qualidade de vida no campo.

Os trabalhadores rurais passaram a respirar mais livremente. Foi uma grande vitória. Outros estados passaram a copiar o exemplo. Os trabalhadores rurais passaram a adquirir determinados bens a que antes não tinham direito. Nos canaviais, quando se avistava um cambiteiro com um burro carregando cana, via-se um rádio de pilha pendurado no cabeçote da cangalha, coisa que antes não se via. (GALILEIA, 2016, p. 70)

Uma “revolução pacífica” parecia estar em marcha, enfim, tendo sido deflagrada com os “galileus” e com Francisco Julião, impulsionada com a nomeação de Celso Furtado à Sudene e adquirido solidez no âmbito estadual com a eleição de Miguel Arraes para o governo pernambucano⁷⁶. Antonio Callado, dessa vez como repórter especial do *Jornal do Brasil*, voltou a Pernambuco para conhecer aquilo que, confirmando suas expectativas, chamou de “revolução-piloto” para o Brasil.

2.3.1. Um repórter no olho do furacão revolucionário

Entre os dias 22 de dezembro de 1963 e 19 de janeiro de 1964, a série de reportagens de Callado sobre as ações do governo de Arraes foi publicada nas páginas do *Jornal do Brasil* e posteriormente reunidas no livro *Tempo de Arraes* (1964). Sob o título “Revolução-Piloto em Pernambuco”, uma sequência de vozes de diferentes atores sociais do contexto revolucionário pernambucano abre a primeira reportagem do texto⁷⁷. A forma de apresentação dessa reportagem faz lembrar o que Edvaldo Pereira Lima afirma quanto à “[...] imersão significativa do repórter no olho do furacão de seu tema de abordagem.” (LIMA, 1995, p. 11).

Avaliaremos melhor as marcas discursivas de subjetiva do narrador-repórter na abertura da reportagem no capítulo 3. Por enquanto, todavia, vale considerar essa pluralidade de vozes no trabalho discursivo-jornalístico de abordar o cenário multifacetado em que a “revolução” se desenvolvia. Havia a luta dos camponeses materializada nas Ligas Camponesas, a disputa da narrativa revolucionária pelo Partido Comunista e por parte Igreja Católica, a presença de estudantes comunistas que se deslocaram das áreas urbanas para engajar-se nos trabalhos dos sindicatos rurais e um trabalho intenso de alfabetização conduzido por padres católicos e educadores com base no método de Paulo Freire.

A primeira reportagem intenta explicar, tal qual sugere o primeiro intertítulo que aparece no texto, esse “Laboratório de experiências sociais” em Pernambuco. O narrador-repórter é categórico em suas afirmações; não titubeia em afirmar que o estado é “o maior

⁷⁶ No livro com sugestivo nome *A revolução que nunca houve* (1972), Joseph Page descreve a atuação de Francisco Julião, Celso Furtado e Miguel Arraes de Alencar e a influência de cada um nos movimentos de reivindicação para as mudanças sociais. Page mostra como os três conquistaram espaço junto a um determinado domínio. Respectivamente, a população do campo, o governo federal e a frente urbana.

⁷⁷ “Revolução-piloto em Pernambuco” (22 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/iEgFpd>>. Acesso em 09 jul. 2018.

laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil". Tomemos o início para flagrar como o texto expõe os dois fatores que, segundo a perspectiva de Callado, seriam os responsáveis pelo clima favorável à justiça social no campo:

Pernambuco é, neste momento, o maior laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil. É o estado mais democrático da Federação. Lá **a gente repara**, mesmo, que a democracia não tem nada de habitual no Brasil. Dois fatores principais se terão combinado para favorecer o aparecimento desse clima pernambucano de liberdade: **um movimento de agitação das massas** que preencheu, em poucos anos, o papel da educação que essas massas nunca tinham tido, **e a eleição, para o governo do Estado, de um homem do povo**. Miguel Arraes é o primeiro homem do povo a dirigir uma das unidades de maior atraso mental e mais arraigadas pretensões aristocráticas do Brasil. Quando falo em atraso mental, diga-se entre parênteses, não estou esquecendo a contribuição pernambucana às letras e graças do País. Estou pensando na inadequação entre essa cultura e o que acontece no Estado, na distância entre essas graças e os horrores da realidade social. (CALLADO, 2005, p. 30, grifos nossos)

O narrador-repórter usa linguagem coloquial para dizer que essas são suas impressões ("A gente repara"). O discurso busca evitar, pois, com o labor lexical, postar-se em patamar de elevação, de superioridade intelectual em relação ao mundo narrado, o dos camponeses.

Deixemos em suspenso também essa observação sobre a presença do narrador-repórter que tenta certa equivalência com o universo linguístico-discursivo dos "objetos" da reportagem. Interessa-nos agora destacar que o narrador-repórter assinala dois fatores responsáveis por tornar Pernambuco o estado da revolução embrionária para o país: a formação do quadro de agitação das massas e o mandato de Miguel Arraes. Na série de reportagens, o narrador-repórter retoma a história do Engenho Galileia - e como ele se tornou um símbolo da reforma agrária no país - e explica como a gestão de Miguel Arraes, mesmo sem nunca ter manifestado a filiação político-ideológica aos regimes de Cuba e da União Soviética, estava sendo conduzida marcadamente à esquerda. O narrador-repórter também elucida como, em conjunto com as ações do economista Celso Furtado e do educador Paulo Freire, o governo de Arraes estava sendo rubricado, de maneira inequívoca, pela abertura de canais fluidos de diálogo com os movimentos populares rurais e pelo combate ao abuso de poder da polícia. Até então subserviente aos usineiros e latifundiários, a polícia de Pernambuco fazia o que lhe pediam os donos dos engenhos. Exemplo desse comportamento é a atuação violenta da polícia contra a manifestação pacífica organizada pelos "galileus" em Vitória de Santo Antão em 15 de novembro de 1959 (acompanhamos esse caso na contextualização da série de reportagens sobre os "industriais da seca"). Como

apurou o repórter, a repressão policial teria sido uma ordem de um dos senhores de engenho da cidade. Para Arraes isso era inadmissível. A polícia foi reestruturada para que ela trabalhasse em defesa do Estado de Direito, nada além disso.

No campo educacional, a proposta de Paulo Freire, intrinsecamente vinculada ao cotidiano dos camponeses, também fazia sua própria revolução e se tornava uma das bases para a sustentação do cenário revolucionário geral. Na primeira reportagem da série "Revolução-piloto em Pernambuco", o narrador-repórter escreve sobre a metodologia de Paulo Freire logo após o subtítulo "O mundo conhecido de chofre":

Com desenhos e com palavras inteiras, o analfabeto entra em passo de carga num mundo que aprende logo a dividir em mundo da natureza e mundo da cultura. Católico de esquerda, existencialista do grupo de Gabriel Marcel, Paulo Freire não ensina só o camponês a ler. Como todo mundo em Pernambuco, vai logo doutrinando o *cabra*. Usa, o mais depressa possível, palavras explosivas e de grande conotação política-social. Com o *letrume*, como disse um dos recém-alfabetizados, procura situar o analfabeto na luta social que o analfabeto desconhece, o que deve dar ao homem que aprende a ideia de que aprender a ler é aprender a lutar para melhorar a vida. A ideia da leitura desinteressada só pode e só deve chegar quando a luta pela vida já houver resultado na conquista de um palmo de ócio. Católico, Paulo Freire não vai exatamente do ódio ao ócio. Mas seu sistema é também aguerrido. Acabaram-se os contemplativos no estado de Pernambuco (CALLADO, 2005, p. 36-37, grifo do autor)

O entusiasmo com o trabalho desenvolvido a partir da metodologia de Paulo Freire parece ter sido tal que o narrador-repórter dedicou uma reportagem exclusiva para ela. Nos dediquemos a esse material com mais atenção.

2.3.2. O entusiasmo com a metodologia Paulo Freire

Com o título "Da grande mentira às primeiras sílabas de verdade"⁷⁸, a reportagem sobre o sistema pedagógico de Paulo Freire, com o qual os camponeses estavam sendo alfabetizados, foi a única da série publicada no Caderno B⁷⁹, seção de cultura do periódico. Em relação às outras reportagens, a página recebeu diagramação especial. A presença de uma figura usada nas aulas com os camponeses ilustra o texto que explica em detalhes a metodologia que mostrava aos camponeses "a verdade".

⁷⁸ "Da grande mentira às primeiras sílabas de verdade" (15 jan. 1964). Disponível em: <<https://goo.gl/XveCyJ>>. Acesso em: 09 jul. 2018

⁷⁹ Lançado em 15 de setembro de 1960, o Caderno B foi o primeiro suplemento da imprensa brasileira exclusivamente voltado para assuntos culturais, de entretenimento e variedades. No aspecto gráfico, Almicar de Castro, inspirado por noções concretistas, eliminou os fios e implantou uma diagramação vertical de modo a valorizar os espaços brancos das páginas. (MELLO, 2010).



Figura 27: Página com a reportagem sobre o trabalho de Paulo Freire em Pernambuco. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁸⁰.

O Sistema Paulo Freire, iniciado em 1961 com o Movimento de Cultura Popular (MCP), no Recife, é detalhado na reportagem. Como vimos, o projeto foi lançado por Miguel Arraes quando ainda era prefeito da cidade. Na época, o MCP estudava meios de fazer a educação de adultos considerando um círculo de cultura, de forma a instituir debates entre os analfabetos.

A agitação de ideias que começou com a luta dos camponeses do Engenho Galileia, e se espalhou na criação das Ligas Camponesas pelo estado, levou para as salas de aula o debate político. Temas como voto dos analfabetos, política brasileira e nacionalismo apareciam na aula por meio de um método ativo e dialogal. O narrador-repórter elucida a espontaneidade com que os assuntos eram trazidos à discussão.

Como existe hoje em dia em Pernambuco uma bela exaltação revolucionária, fala-se menos em dar voto ao analfabeto do que em alfabetizá-lo para que conquiste seu voto

⁸⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/XveCyJ>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

contra um país e uma Constituição esnobe. Numa aula dada pelo Sistema Paulo Freire, um lavrador juntou pela primeira vez duas sílabas, *ti* e *to*, e bradou:

- Tito é nome de gente e o papel que a gente vota!

Tinha pescado ao mesmo tempo, do meio do *letrume*, um ser humano e sua carta de alforria na mão. **Um retrato do Brasil possível, futuro.** (CALLADO, 2003, p. 102, grifo do autor em itálico, grifo nosso em negrito)

Mais uma pista do “país futuro” estava em Pernambuco: a população alfabetizada politicamente no “letrume”. Tanto que o Movimento de Educação de Base (MEB), coordenado por parte da igreja católica, baseou-se na experiência educacional de Pernambuco para alfabetizar a população camponesa pelo país. O MEB funcionava por meio de Escolas Radiofônicas e por uma série de cartilhas inspiradas pelo método Paulo Freire. Foi um sucesso. Em 1963, o MEB atuava intensamente em 14 estados brasileiros (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 425-426).

Segundo a reportagem, o Sistema Paulo Freire era comprovadamente eficiente. Podiam-se alfabetizar adultos em 40 horas, ou cerca de um mês e meio a dois de instrução. Isso porque, segundo Paulo Freire, o homem aprendia a ler e a pensar (politicamente) ao mesmo tempo. Com um diafilme (sequência de imagens a serem projetadas) de cartões ilustrados pelo artista recifense Francisco Brennand, os coordenadores das turmas de alunos conduziam o debate de forma a ensinar o educando a identificar e dividir o mundo da natureza e o da cultura. Só depois de compreender noções abstratas relacionadas ao seu modo de existir no âmbito social e político é que os educandos entravam em contato com as “palavras geradoras”, formas lexicais indissociáveis do contexto cultural e do trabalho dos camponeses que, com seus fonemas decompostos, poderiam formar novas palavras. *Tijolo, povo, farinha, terra, seca, casa, cego, guia, engenho, enxada, máquina, trabalho, chuva, pobreza, classe e eleição* eram as palavras geradoras. Vejamos a descrição do narrador-repórter sobre como se dava a sequência das aulas do Sistema Paulo Freire, a partir da explicação da mestra Aurenice Cardoso:

Começa a projeção de *slides* ou fichas. O primeiro é um camponês na sua casa, uma cacimba ao lado. O coordenador (pois não se chama professor) pede aos analfabetos que descrevam o que veem. Conta Aurenice:

- Quando investigados a respeito da atitude do homem, entendem que ele se relaciona com o mundo, e o faz, explicam, porque tem ciência, pensamento, razão, juízo. O coordenador observa, então, que há coisas na ficha que o homem não fez: a árvore, o monte, o pássaro, o porco, o próprio homem; pertencem ao mundo da

natureza. Outras coisas o homem fez, criou, como a casa, a cacimba, o chapéu que leva na cabeça. O mundo das coisas que o homem criou é o da cultura. De debate em debate, os educandos descobrem que a cultura surgiu como uma resposta do homem ao desafio da necessidade. Contra o sol fez o chapéu. Ao ter sede cavou a terra para fazer a cacimba. (CALLADO, 2003, p. 107-108)



Figura 28: Cartão "homem em sua casa" do Sistema Paulo Freire.
(Fonte: Acervo Paulo Freire)⁸¹.

As três fichas que se seguem representam três caçadores: um índio, um caçador de hoje, um gato caçando um rato. Aos poucos, de observação em observação, os educandos comparam os dois caçadores homens, veem que o segundo é mais civilizado. Dizem que, enquanto o índio faz força para atirar a flecha, o outro caçador, feita a pontaria, gasta o mínimo de energia, apertando o gatilho. Entra aí a ideia da tecnologia, enquanto o coordenador leva o grupo a discutir a fase iletrada do primeiro caçador, uma vez que correspondia a uma época em que a herança cultural se processa por via oral. O gato dá a ideia do mundo irracional, comparado ao humano. Não altera seu modo de caçar, não sabe por que faz as coisas.

Paulo Freire ouviu de um camponês mais filosófico uma espécie de protesto defesa:

- O gato também faz cultura, como o homem, porque eu, às vezes, faço feito gato, quer dizer, faço as coisas sem saber por quê. (CALLADO, 2003, p. 108)

⁸¹ As ilustrações não aparecem na reportagem de Callado. Decidimos trazê-las para tese para contribuir com a compreensão do método Paulo Freire. Todas as ilustrações podem ser acessadas no Acervo Paulo Freire. Disponível em: <<https://goo.gl/ru8529>>. Acesso em: 09 jul. 2018.



Figura 29: Cartões Sistema Paulo Freire diferenciam o que é natureza e o que é cultura.
(Fonte: Acervo Paulo Freire)⁸².

E outras imagens a discutir são projetadas: oleiros trabalhando; jarra de flores; livro aberto com o poeminha *A Bomba*, sobre a bomba atômica; vaqueiro nordestino e gaúcho. Finalmente, vem a imagem-síntese: o quadro que mostra os camponeses aprendendo, o coordenador projetando um slide na parede. É a hora da recapitulação, de todos verem que o fazem ali, do que é e para que serve a educação. (CALLADO, 2003, p. 106)

⁸² Disponível em: <<https://goo.gl/ru8529>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

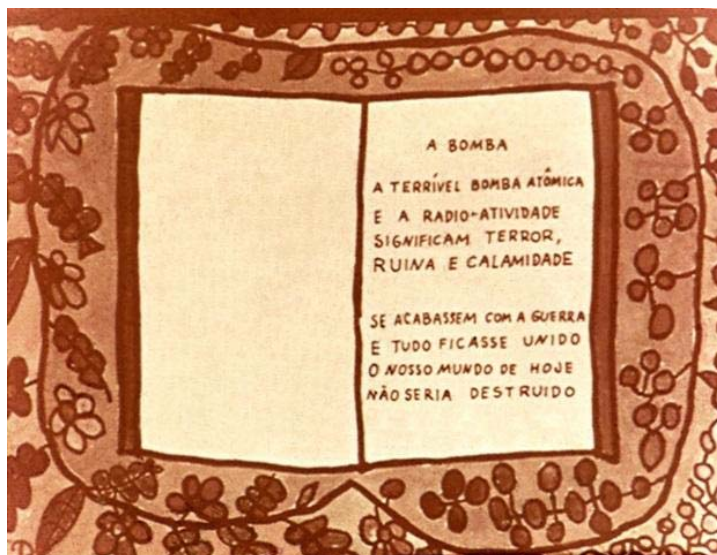


Figura 30: Cartão do Sistema Paulo Freire com poema sobre a bomba atômica.
(Fonte: Acervo Paulo Freire)⁸³.

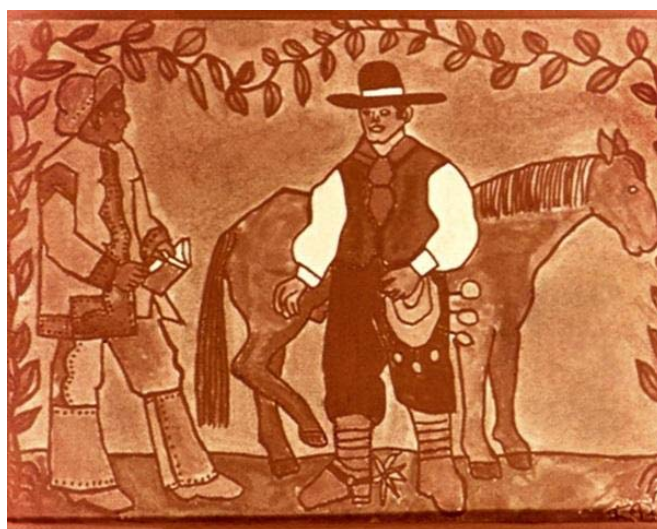


Figura 31: Cartão do Sistema Paulo Freire com vaqueiros nordestino e gaúcho.
(Fonte: Acervo Paulo Freire)⁸⁴.

⁸³ Disponível em: <<https://goo.gl/ru8529>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

⁸⁴ Ibidem.

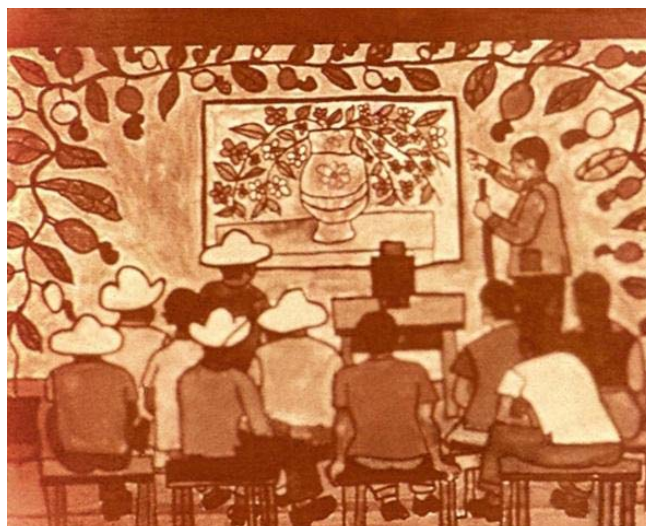


Figura 32: Cartão do Sistema Paulo Freire mostra os camponeses aprendendo.
(Fonte: Acervo Paulo Freire)⁸⁵.

A descrição do método prossegue indicando a função das "palavras-geradoras". Depois do estímulo ao raciocínio, ao mesmo tempo livre e sistematizado, a partir dos cartões de ilustração, era a vez da projeção das palavras com suas imagens correspondentes. Em seguida, as palavras apareciam com os fonemas separados para que, identificados individualmente, pudessem ser recombinaados para formar novas palavras. Tais imagens eram chamadas de "fichas de descoberta". Explica a entrevistada na reportagem: "É que se não faz doação, nada se deu pronto ao analfabeto, mas ele descobriu" (CARDOSO in CALLADO, 2003, p. 108).

A dimensão textual das reportagens para explicar a metodologia de alfabetização dos camponeses é índice do entusiasmo do narrador-repórter com o novo país em construção em Pernambuco. Ali estaria, como o próprio narrador-repórter escreve, "um retrato do Brasil possível, futuro". Mas a esperança estaria com os dias contados. A última reportagem da série foi publicada em 19 de janeiro de 1964. Menos de três meses, no dia 01 de abril de 1964, os militares tomavam o poder de golpe e a revolução em Pernambuco foi ceifada na raiz.

2.3.3. "A coisa acaba na marra"

⁸⁵ Disponível em: <<https://goo.gl/ru8529>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

Com o Golpe Militar, salvaram-se apenas os "galileus": com a garantia do direito adquirido por Francisco Julião, os camponeses do Engenho Galileia continuaram na fazenda como trabalhadores proprietários de suas terras. Os líderes, no entanto, foram punidos de maneira "exemplar".

Zezé da Galileia (2016, p. 93) conta que, no dia do golpe, Francisco Julião estava na Câmara dos Deputados. Fez um discurso convocando o povo a resistir, mas, assim que o pronunciamento dos militares sobre o "Ato Institucional de Número Um" foi decretado, precisou fugir às pressas para o interior de Belo Horizonte. Andou muitos quilômetros a pé e se escondeu no mato com outros viajantes. O pai de Julião, major Adaauto, no dia do seu aniversário de 86 anos, recebeu a notícia falsa de que seu filho tinha morrido em confronto com os militares. Adaauto não aguentou o choque e teve um ataque cardíaco fulminante.

Julião conseguiu se esconder até 3 de julho de 1964, quando sua cabana no interior de Goiás foi cercada por policiais. Foi levado preso para a Brasília e depois para Recife, onde escreveu o livro *Até quarta, Isabela* (1964), escrito para sua filha que nascera dias antes do Golpe Militar. Na prisão no Recife, encontrou-se com Miguel Arraes, também preso no Corpo de Bombeiros. Arraes seguiu preso para a Ilha de Fernando de Noronha. Julião foi para o Rio de Janeiro e, libertado por um *habeas corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal, preparou uma trajetória que o levaria ao exílio político no México. Conta Ana Arruda que "[...] foi Callado que o levou, no seu fusca, à embaixada do México." (ARRUDA, 2013, p. 170).

O Sistema Paulo Freire para alfabetização de adultos, que no começo de 1964 já fazia parte do Plano Nacional de Educação, foi interrompido imediatamente após o Golpe Militar de abril. O diafilme com a sequência de cartões projetados nas aulas para alfabetização educacional e política dos camponeses desapareceu com os militares. Ele só seria encontrado 30 anos depois, guardado em uma geladeira. No prefácio da primeira edição em livro de suas reportagens - *Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução se violência*, publicado em julho de 1964, pela editora José Álvaro -, Callado não esconde sua consternação sobre esse cenário de interrupções e violências em Pernambuco: "Com fulminante rapidez, o movimento militar de 1º de abril transmutou em passado a mais viva experiência social já tentada no Brasil." (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 175).

Até o fim da vida, Callado manteria a admiração pelo governador do "laboratório social" impedido de seguir adiante. No último texto que escreveu, o prefácio para a publicação dos discursos de Arraes, em 1997, Callado faz um cotejo entre as duas

circunstâncias em que ambos se encontraram, a do contexto de efervescência e élan revolucionário em Pernambuco e depois, no exílio pós-Golpe Militar:

Impossível imaginar circunstâncias mais diferentes. Mas em nenhuma das duas, ou em qualquer das várias outras ocasiões potencialmente dramáticas em que encontrei Arraes, o vi amedrontado, em hora de tempestade, ou arrogante, ao voltar o bom tempo. (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 175)

Callado chegou a estabelecer uma curiosa similaridade entre o ex-governador e Carlos Drummond de Andrade, que Arraes citava muito, embora nunca o tenha conhecido:

Gosto de imaginar o encontro que não houve entre esses dois homens reservados, de fala cordial e mansa. Drummond tinha muito do sertanejo do Araripe e Arraes podia ter sido criado na paisagem férrea de Itabira. **E o traço familiar que une os dois é, naturalmente, o sentimento do mundo e do lugar que o Brasil tarde tanto a ocupar neste mundo.** Não estou exagerando na força desse sofrimento compartilhado, que calou tão fundo em Arraes. (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 175, grifo nosso)

No Brasil que, mais uma vez, não conseguia ocupar seu lugar no mundo, os líderes "galileus" padeciam sob as torturas. No dia 1º de abril de 1964, caminhões cheios de militares invadiram o Engenho Galileia. Era o fim da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP) e das Ligas Camponesas espalhadas pelo país. Zezé da Galileia foi preso em sua casa. Investigado pela Secretaria de Segurança Pública no Recife, foi confinado no Quartel de Olinda em um cubículo de dois metros quadrados; lá ficou por 6 meses. O neto Zito da Galileia conta que ele dormia em colchão fino sobre o chão rústico, "[...] os militares lhe davam pão, mas não lhe davam água para beber, bebia água no esgoto que estava quebrado no meio da cela." (GALILEIA, 2018)⁸⁶. O coração do camponês de 70 anos não aguentou. Acometido por um AVC, Zezé perdeu a fala. A família conseguiu resgatá-lo da prisão, mas sua saúde já estava muito debilitada. Morreu em 30 de agosto de 1969.

José Ayres dos Prazeres foi levado diversas vezes pelos militares. Sua filha, Josinalda Alves, recorda o terror permanente da família a espera dos soldados que insistiam em torturar o pai. "De noite, o DOPS chegava muito sorrateiramente. Dava um pontapé na porta e levava ele, que não gritava. Eu só escutava ele gemer." (ALVES in

⁸⁶ Zito da Galileia conta o destino de seu avô em um *post* no Facebook. A publicação data de 3 de maio de 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/PBfvig>>. Acesso em: 9 jul. 2018.

ALBUQUERQUE, 2014)⁸⁷. Não há registros oficiais de todas as prisões de José dos Prazeres, mas a filha sustenta o martírio sofrido pelo pai. “Uma vez o vi chegar em casa um farrapo humano, com a costela quebrada. Minha mãe, com medo de que fosse preso novamente, não levou para o hospital. Tratou em casa.” (ALVES in ALBUQUERQUE, 2014). Depois de uma prisão longa, José dos Prazeres chegou em casa muito abatido e foi levado para família direto ao hospital. Não resistiu, faleceu em 4 de junho de 1968. “O DOPS foi no hospital e procurou saber o que meu pai tinha. Receio eu não sei se era. Eu acho que queriam ver se o que fizeram surtiu efeito. E surtiu né? Mataram meu pai.” (ALVES, 2014)⁸⁸.

No Cemitério da Várzea, a placa da Comissão da Verdade com uma homenagem às vítimas da ditadura não traz o nome do agricultor que idealizou a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, a semente das Ligas Camponesas. A tumba e os ossos do camponês morto pelos militares desapareceram. Ironicamente, a única foto que Josinalda tem do pai foi tirada do momento de sua prisão pelos militares.



Figura 33: Foto de José Ayres dos Prazeres no registro da sua última prisão.
(Fonte: Arquivo pessoal de Zito da Galileia).

Na tentativa de registrar a memória do pai, Josinalda entrou com processo na Anistia do Ministério da Justiça, em 2013, ainda sob análise. Zito da Galileia fez sua homenagem: a Biblioteca no Engenho Galileia, organizada por ele, leva o nome de Jose Ayres dos Prazeres.

⁸⁷"Das ligas à luta pela Anistia que não veio". Disponível em: <<<https://goo.gl/X9RKgS>>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

⁸⁸ A fala está no vídeo que acompanha a reportagem. Link na nota acima.

Zito da Galileia relata guardar viva na memória a lembrança da conversa que teve com os "galileus" presos pelos militares. Quando foi visitar seu tio, João Virgínio, preso na casa de Detenção do Recife, conversou com alguns deles. Lembra-se, principalmente, do diálogo com Gregório Bezerra. Zito conta o teor do diálogo entre ele, então adolescente, e o homem de cabelos lisos e grisalhos que não sabia se dali sairia:

Depois de vestir o uniforme penitenciário, deu a volta, pegou em minhas mãos, apertou bem forte e disse:

"Grande é o sofrimento, mas grande também é a vitória. Não troque esta luta por dinheiro. Não se importe de lutar sendo pobre, mas saiba que preservar o caráter é mais importante do que se curvar diante da corrupção e da ganância de riqueza. Veja suas mãos calejadas pelo cabo de enxada. Elas atestam o seu sacrifício para sobreviver em busca do pão de cada dia. [...]"

Meu coração se comoveu com suas palavras e vieram lágrimas em meus olhos. A campainha tocou, avisando que estava esgotado o horário de visita. Despedi-me do meu tio, voltei para Gregório Bezerra e o abracei. Senti o seu coração bater bem forte. Segui na direção da portaria e, quando olhei para trás, vi que o seu olhar me seguia. Ao pisar fora daquela casa resolvi olhar pela última vez e ainda o vi com a mão levantada, acenando pra mim. (GALILEIA, 2016, p. 95-96)

No epílogo da edição de *Tempo de Arraes* publicada em 1980, Callado escreveria sobre a atuação do Exército em Pernambuco, o que chamou de "contrarrevolução", e seu inevitável pessimismo:

Houve em Pernambuco uma contrarrevolução à revolução democrática e brasileira do Governador do Estado e essa covarde contrarrevolução de senhores de engenho e proprietários assustados, encampada pelo exército, e uma advertência aos que querem democratizar o Brasil à brasileira: não vai não. A coisa acaba na marra. (CALLADO, 1980, p. 80)

Sem poder falar sobre o Brasil nos jornais, restou ao intelectual escrever ficção com os pés fincados na realidade. Datam desse primeiro período de silenciamento na imprensa, consequente do Golpe Militar, a peça *Forró no Engenho Cananéia* (1965), na qual é evidente a inspiração na luta camponesa testemunhada no Engenho Galileia, e *Quarup* (1967), considerada pela crítica sua obra-prima. Nela, Nando, o personagem principal, vê como única saída para um país tomado pela repressão militar seu engajamento na resistência organizada pelos camponeses. De outra forma, não era possível falar sobre o que acontecia no país. Mas Callado encontraria um jeito. Em 1968, sugeriu para o *Jornal do Brasil* a cobertura da Guerra Vietnã pela perspectiva vietcongue. Traçar paralelos entre o Brasil e a nação que resistia bravamente às ofensivas norte-americanas poderia indicar

caminhos para a resistência brasileira sufocada. Era preciso conferir *in loco* o que os vietcongues tinham a “nos ensinar”.

2.4. O "outro lado" em *Vietnã do Norte*

Em 1967, Antonio Callado era editorialista do *Jornal do Brasil*. Em uma das reuniões de pauta no fim da tarde, perguntou ao dono do periódico, Nascimento Brito: "Por que é que só noticiamos a Guerra do Vietnã do ponto de vista de Saigon? Do ponto de vista dos norte-americanos? É uma vergonha que nossa imprensa só mostre um dos lados!"⁸⁹. Para um periódico que se apresentava como "imparcial e livre" trazer as informações do conflito exclusivamente baseadas nas agências internacionais de notícias parecia mesmo incongruente. Brito não teria pensado muito: "Está certo. Então você vai ao Vietnã do Norte. O jornal banca a viagem, mas você cuida de tudo." (BRITO in ARRUDA, 2013, p. 295). Brito e Callado sabiam que conseguir o visto para chegar em Hanói era quase impossível, mas o editorialista não titubeou em topar o acordo.

Foram dez meses de negociação diplomática e já era 1968 quando Callado conseguiu embarcar rumo à cidade de Hanói. O repórter especial seria o único repórter sul-americano a visitar o lado norte do Vietnã durante o conflito que duraria até 1975. Uma das coberturas mais referenciadas no Brasil sobre o conflito foi feita também em 1968 por José Hamilton Ribeiro, então repórter da revista *Realidade*. O repórter, que perdeu parte da perna esquerda depois de pisar em uma mina em um dos territórios do conflito, fez a cobertura a partir do lado sul do Vietnã, onde se organizava a ostensiva dos Estados Unidos⁹⁰. Callado foi para o norte, comunista, para a região defendida pela Frente Nacional de Libertação, os

⁸⁹ A frase foi reproduzida por Ana Callado em entrevista à pesquisadora desta tese por telefone. A história sobre a conversa com Nascimento Brito também está contada no livro *Antonio Callado: Fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 295).

⁹⁰ A cobertura de José Hamilton Ribeiro deu-se a partir de Saigon. O lado norte do conflito só entraria na vida do repórter de modo trágico. A pedido do fotógrafo japonês Keu Shimamoto, Hamilton o acompanhou em uma batida dos soldados norte-americanos no norte do Vietnã, considerada uma das regiões mais perigosas da guerra. O trabalho dos dois já estava encerrado, mas Shimamoto ainda não tinha encontrado sua foto de capa. Assim que desceram do helicóptero, Hamilton e Shimamoto avistaram três soldados feridos em uma mina. Na corrida que fizeram para fotografar o grupo, nova explosão. Dessa vez, José Hamilton Ribeiro tinha pisado em uma das minas que explodiu parte da sua perna esquerda. Shimamoto ganhou sua foto de capa: o próprio amigo sendo socorrido por um soldado norte-americano. A reportagem e as memórias de Hamilton Ribeiro sobre o Vietnã foram publicadas no livro *O Gosto da Guerra* (2005). Shimamoto também padeceu no Vietnã. Ele estava em um helicóptero que explodiu no ar. Seus restos mortais nunca foram localizados. Só em 2013, a família recebeu objetos pessoais do fotógrafo recentemente encontrados. (RIBEIRO, 2013). Disponível em: <<https://goo.gl/giAiW7>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

vietcongues que resistiam de forma surpreendente à ofensiva norte-americana iniciada oficialmente em agosto de 1964. A guerra já durava quatro anos quando a tomada de Saigon pelas forças comunistas do Vietnã do Norte fez com que os Estados Unidos se envolvessem de vez no conflito. Para os norte-americanos, era preciso frear o comunismo de toda forma. Sob o olhar das agências de notícias internacionais, a Guerra do Vietnã era capa dos jornais no ocidente. Nelas, quase invariavelmente, os vietcongues apareciam como os "inimigos" que estavam fazendo o número de soldados norte-americanos crescer exponencialmente no território vietnamita: em menos de quatro anos de combate, os 16 mil soldados norte-americanos passaram a ser 549 mil.

Callado queria apresentar o conflito segundo a perspectiva dos "inimigos"; o repórter estava dedicado a cumprir uma regra básica do jornalismo: ouvir o “outro lado.” (ARRUDA, 2013, p. 301). Não havia, por parte da diretoria do *Jornal do Brasil*, ingenuidade sobre o recorte que seria feito. Alberto Dines, editor-chefe do *JB* à época, conta quais eram as expectativas sobre essa cobertura:

Eles sabiam o que viria. Callado escolhe ir ao Vietnã no Norte e isso já é uma opção definitiva. Ele sempre jogou limpo. Era uma pessoa admirável. O *JB* quis mostrar uma abertura. O que eu acho muito bom. Acho que a imprensa tem que fazer isso. Não fazer o que faz hoje, que é toda fechada, impermeável, monolítica. Imagina, naquela época, **o *Jornal do Brasil* ousou mandar um homem de esquerda ao Vietnã do Norte**. Então, foi um pouco de ousadia da direção do jornal para mostrar sua invenção. (DINES, 2015, grifo nosso)⁹¹

Para Ana Arruda, a série de reportagens sobre o Vietnã do Norte foi uma forma elegante de desprezo do autor pela ideia hipócrita de jornalismo imparcial (ARRUDA, in FIGUEIREDO, 2005, p. 10). Wilson Figueiredo, também editorialista do *Jornal do Brasil*, conta que Callado dizia que não fora ao Vietnã para saber se tinha razão. "Isso eu já sabia", declarava (in FIGUEIREDO, 2005, p. 10).

O que Callado queria saber, então, ao sugerir fazer a cobertura da Guerra do Vietnã a partir do outro lado do conflito? A resposta para essa pergunta é fornecida pelo narrador-repórter já na primeira reportagem da série publicada pelo *Jornal do Brasil* e posteriormente reunida no livro *Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores* (1969) com duas outras perguntas: "Como conseguiram os vietnamitas derrotar completamente uma grande potência da Europa Ocidental, a França, em 1954, e como conseguiram levar os americanos à mesa de conferência, em Paris, em 1968?" (CALLADO, 2005, p. 127).

⁹¹ Entrevista de Alberto Dines foi concedida à pesquisadora em 19 de novembro de 2015, no contexto do “Colóquio Lecotec de Pesquisa – A Crítica da Mídia como Disciplina Acadêmica”, realizado na Unesp de Bauru.

Interessaria ao narrador-repórter, portanto, “descobrir” como os vietcongues expulsaram a França de seu território na década de 1950 e como estavam conseguindo resistir ao grande poder armamentista dos EUA nos anos 1960. Antes de avaliarmos o enquadramento feito por Callado para a Guerra do Vietnã e como tal cobertura representava uma novidade nas notícias sobre o conflito que chegavam ao Brasil, levemos em conta alguns dos motivos que deflagraram essa que foi considerar a maior derrota militar dos Estados Unidos.

2.4.1. "Uma guerra indigna"

Entre os anos 1964 e 1975, os olhos do mundo ficaram voltados para o Vietnã. A guerra em seu território foi veementemente registrada por fotógrafos, repórteres e equipes de televisão. Ana Maria Bahiana, no prefácio de *Despachos do Front*, de Michael Herr, conta sobre o número de mortes desses profissionais no conflito:

Diz muito sobre o que era essa guerra ao largo das relações públicas saber que as baixas da mídia no Vietnã, principalmente fotógrafos, foram as maiores já registradas, e que quatro dos cinco melhores amigos de Herr, citados frequentemente no livro - John Cantwell, Sean Flynn (que ganhou uma música do Clash), Dana Stone e Larry Burrows - estão entre elas. (BAHIANA, 2005, p. 11)

O livro de Herr, uma das principais referências do jornalismo traz dois textos: o primeiro, "Salvas de Iluminação" escrito para a revista *Rolling Stones*, em 1968, sobre sua experiência na linha de frente da ofensiva norte-americana contra os vietcongues; o segundo escrito oito anos depois, tempo que o repórter precisou para digerir sua traumática experiência no campo de batalha. No segundo texto, como analisa Bahiana, o trabalho estético sobre a realidade vivida é realizado por Herr como se não houvesse outra saída para contar o inenarrável. Herr "[...] diz sem dizer, a matéria-prima é selvagem demais, imponderável demais, indizível demais para ser transmitida com qualquer afetação de imediatismo e objetividade." (BAHIANA, 2005, p. 11). Fã do livro, Frans Ford Coppola entrou em contato com Herr para que ele colaborasse em *Apocalypse Now* (1979). O filme, ícone imagético sobre o conflito, traz, segundo Gisele Rech (2013), fragmentos da realidade que foram apropriados das reportagens de Herr. Nas cenas, o horror de uma guerra injustificável até para a opinião pública norte-americana. Ana Maria Bahiana conta como conflito começou a embrulhar os estômagos nos Estados Unidos: "O Vietnã foi a primeira guerra levada diretamente para a sala de estar da família americana média,

interrompendo a sacrossanta galinha com purê de batata das sete da noite com tripas e sangue e crianças em chamas." (BAHIANA, 2005, p. 11).

Evidentemente, esse incômodo foi crescendo com o passar dos anos, com o volume de imagens jornalísticas divulgadas e o número mortos no conflito: 58 mil soldados norte-americanos e 1,1 milhão de vietnamitas (algumas estimativas falam em 3 milhões de mortos vietnamitas). Para grande parte da população norte-americana, apesar das declarações dos John F. Kennedy e Lyndon Baines defendendo os ataques, o apoio à ofensiva ianque ficou insustentável. No contexto da Guerra Fria, os presidentes diziam que era preciso salvar os vietnamitas e também o mundo da ameaça comunista.

Mas a história política do Vietnã era bem mais complexa do que a narrativa contada pelo governo norte-americano. Constante alvo de invasões, o Vietnã sofreu sob o colonialismo Francês e por invasões da China e do Japão⁹². O principal responsável pela luta contra a dominação colonial era o grupo *Viet Minh* (a Liga para Independência do Vietnã), criada por Ho Chi Minh em 1940. A liga nasceu do Partido Comunista indochinês, mas Ho sabia que precisava conquistar mais densidade nacionalista e transformou-o no *Viet Minh*. Entre as lideranças da liga estavam Giap, Pham Van Dong e Truong Chinh (que Callado entrevistou para sua série de reportagens), os três acompanharam Ho em toda sua trajetória política.

Com orientação nacionalista e comunista, o grupo conseguiu a independência do Vietnã em 1945. Na ocasião, o discurso de Ho Chi Minh convocou o cidadão vietnamita a se desdobrar em três: um guerreiro, um professor (ou aluno) e um produtor. Como descobre Callado em sua série de reportagens, essa noção trinitária para os norte-vietnamitas seria fundamental para a reconstrução do país e para a resistência da invasão norte-americana. Presente na primeira reportagem da série sobre o conflito, a fala de Nguyen Thuong Chi, um alto funcionário que participou da campanha de 1945, ajuda na compreensão sobre o que aconteceu com o país depois da independência. Vejamos:

- Era assim como se estivéssemos sendo todos dizimados pela varíola, por uma peste mortal, e que o remédio, a vacina e a cura tivessem aparecido ao mesmo tempo. Nosso povo é um povo frugal e tradicionalmente habituado a expulsar invasores, desde os feudais chineses, desde o Kubla-Kan mongol. Mais eis que nos encontrávamos no centro do século XX com o povo ainda no centro da era feudal, ou das invasões

⁹² Os franceses iniciaram a fase colonial no Vietnã em 1858. O império francês no sudeste asiático também se estendeu para o Laos e para o Camboja, formando a Indochina francesa. Callado explica a colonização: "O império francês da Indochina seguiu a rotina triste de toda exploração colonial com a reificação ou a coisificação do país explorado, com a manutenção de uma imutável miséria entre as grandes massas. Os únicos nativos a se beneficiarem do colonialismo - no Vietnã sob o domínio francês como no Brasil de hoje sob o domínio americano - era um pequeno grupo da burguesia, ligado ao capital colonizador." (CALLADO, 2005, p. 209).

mongóis: um povo analfabeto, que só sabia ouvir, não sabia ler, e que tinha de lutar contra franceses, ingleses, americanos. O presidente Ho tinha dado seu comando: quem soubesse ler e escrever tinha que começar imediatamente a ensinar os outros. Os filhos tinham de ensinar os pais; os proprietários agrícolas, aos camponeses; os capatazes, aos operários. A ordem era de ensinar e aprender em qualquer lugar, qualquer hora, de qualquer maneira. Nós sabíamos que bastava um mês e meio, dois meses para ensinar um adulto a ler. E que fica ainda mais fácil se suas primeiras letras estivessem amarradas ao seu trabalho, à sua produção, ao seu ofício, a sua guerra. E começamos. Até nossos búfalos ficaram letrados porque, mesmo no lombo dos búfalos, passamos a escrever letras e frases para os camponeses aprenderem a ler, para decorarem aquilo que iam anotando em folha de bananeira, em lasca de bambu, em fundo de chapéu de palha. E imprimimos, aos milhões, as cartilhas toscas, no papel que havia. A grande e única benção da educação colonialista é que há muito os vietnamitas não estão mais presos a ideogramas, e sim ao alfabeto latino. Alfabetizadas como os búfalos e bois, as árvores também ostentavam letras e frases. Só atravessavam as pontes aqueles que soubessem ler o que nelas estava escrito. (CALLADO, 2005, p. 145)

Quanto aos franceses, Ho foi diplomático e ofereceu perdão aos crimes. Eles aceitaram, prometendo reconhecer o novo governo e sair do território. Mas os colonizadores derrotados estavam blefando e, em 23 de novembro de 1946, tropas francesas iniciaram um bombardeio na cidade portuária Haiphong, dando início a Guerra da Indochina. Os Estados Unidos que, segundo Callado, são "anticolonialistas apenas de boca", entram aqui na história: "[...] ao verem que o Vietnã destroçava a França, tentaram a todo custo evitar essa derrota do homem branco. Nada menos de 4/5 das despesas de guerra da França na Indochina foram financiados pelos Estados Unidos, entre 1953 e 1954." (CALLADO, 2005, p. 217)⁹³.

A guerra contra os franceses deixou o país cindido em dois: no Norte, sob a liderança de Ho Chi Minh, ficou a República Democrática do Vietnã, com Hanói como capital; no Sul, o Reino Unido do Vietnã, liderado pelo Imperador Bao Dai (auxiliado por franceses e norte-americanos) e com capital Saigon. No mapa a seguir, presente na abertura do livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969) é possível observar a divisão estabelecida pela Conferência de Genebra, em 1954.

⁹³ Segundo Callado, de 1950 até o fim da Guerra da Indochina, os Estados Unidos enviaram à Indochina 400 mil toneladas de material de guerra, 340 aviões, 350 navios de guerra e 150 mil armas de todos os calibres (CALLADO, 2005, p. 217).



Figura 34: Mapa mostra a divisão do Vietnã acordada na Conferência de Genebra em 1954.
(Fonte: Vietnã do Norte: advertência aos agressores (CALLADO, 1969)).

A divisão seria provisória, na medida em que o acordo assinado na Conferência de Genebra previa eleições gerais em 1956. Nela, os dois “vietnãs” escolheriam um único presidente e a nação voltaria a ser uma. Ho Chi Minh certamente ganharia com grande maioria dos votos. Mas a Conferência de Genebra deu indícios de que a unificação estaria longe de se concretizar. O acordo que estabeleceu a divisão provisória e as eleições futuras

não foi assinado pelos EUA. Visentini (2007, p. 53) explica que, não podendo evitar a Conferência de Genebra, os Estados Unidos tentaram evitar, a todo custo, as eleições. Eles sabiam que seus aliados perderiam.

Os norte-americanos, então, articularam a ascensão de Ngo Dinh Diem ao poder no Vietnã do Sul. Diem transformou o sul em uma república, criou uma tese de agressão comunista e impediu as eleições de 1956. Estava garantida a influência norte-americana na região compreendida pelos ianques como um ponto estratégico para impedir o avanço do comunismo na Ásia. Diem perseguiu a oposição ao seu governo, principalmente os apoiadores do *Vieth Minh* e da Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul (FNL), criada em 1961 e cujos combatentes eram chamados de vietcongues. Apoiada pelo norte de Ho Chi Minh, a FNL resistia à ofensiva de Diem. O começo de uma guerra civil entre o sul e o norte estava anunciada.

Era início de 1960, os Estados Unidos cogitaram um plano de intervenção direta no Vietnã. Começaram com a ajuda financeira, envio de armamentos e agentes para treinar as tropas do sul contra os comunistas do norte. Em 1964, a insatisfação dos EUA com Diem era grande. O catolicismo de Diem oprimiu de tal forma os budistas que criou uma guerra religiosa não declarada. É nesse contexto que, em 11 de junho de 1963, o bonzo Quang Duc, encharcou-se de gasolina e ardeu até a morte em Saigon.



Figura 35: Foto de Quang Duc, autoimolação em protesto contra o governo de Diem. (Foto de autoria de Malcom Browne)⁹⁴.

⁹⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/6TUhxx>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Outros bonzos buscaram a mesma morte no sul do Vietnã. Diem estava chamando atenção demais para seu governo e, com medidas antipopulares, fazia aumentar ainda mais as fileiras dos vietcongues. O texto de Callado traz detalhes sobre a insatisfação do governo americano com Diem:

Dúbio e politiqueiro, Kennedy, quando viu que não podia mais utilizar seu fantoche Diem, que exasperava demais os budistas, denunciou o antibudismo de Diem solenemente, diante das Nações Unidas, em setembro de 1963. Era o sinal verde. No dia 1º de novembro de 1963, Diem era assassinado. Kennedy só não escalou mais a guerra do Vietnã porque foi assassinado, 21 dias depois. Um final de peça shakespeariana, com palco juncado de bonzos queimados e presidentes fuzilados. Encontrar o herói da peça é que ninguém consegue. (CALLADO, 2005, p. 220)

Em 1964, o presidente Johnson anunciava que, aproveitando a instabilidade da região sul, a Marinha do Vietnã do Norte teria atacado a Marinha dos EUA. O texto de Callado ironiza essa versão: "Um clube de regatas resolvera atacar a mais poderosa esquadra do mundo. Mas qualquer pretexto valia para a escalada total da guerra do Vietnã, com ataques maciços no sul e destruição do norte mediante os bombardeios aéreos." (CALLADO, 2003, p. 220). Em agosto de 1964, o Congresso dos Estados Unidos autorizou o presidente Johnson a entrar definitivamente em guerra.

O ano de 1968, quando Callado consegue autorização para visitar Hanói, foi decisivo para a Guerra do Vietnã. A FNL teve seu mês de glória em fevereiro quando fez tremular a bandeira vietcongue na antiga cidade imperial de Hué por três semanas. Em Saigon, a embaixada-cidadela dos Estados Unidos quase cai com as ações do exército vietcongue. Os Estados Unidos começaram a perceber que a guerra estava acabada para eles. Em discurso de 31 de março, Johnson retirou-se do páreo presidencial e suspendeu os bombardeios no Vietnã do Norte; eles ficariam concentrados na zona desmilitarizada no Paralelo 17. Os caminhos para as conversações de paz em Paris foram, assim, iniciados.

Evidentemente, a decisão de Johnson de diminuir os bombardeios no Vietnã era uma estratégia política para a eleição que se aproximava. No texto "Resumo da História do Vietnã", texto inédito publicado no livro que reuniu a série de reportagens, Callado analisa a frieza do presidente norte-americano:

Finalmente, dias antes das eleições presidenciais, Lyndon B. Johnson suspendeu por completo os bombardeios ao Vietnã do Norte. Foi um digno começo de fim de uma guerra indigna. Johnson deixou morrer vietnamitas e pilotos americanos até a véspera da eleição para ver se, com o golpe da paz, elegia seu candidato Humphrey. Elegeu-se Nixon. Derrotando Johnson - que nem se elegera e nem elegeu o candidato

democrata - tio Ho Chi Minh ganhava a eleição nos Estados Unidos. (CALLADO, 2005, p. 221)

Quando Callado desembarcou em Hanói, os bombardeios ainda aconteciam no Paralelo 17⁹⁵, mas o território norte-vietnamita estava livre das bombas. Nas três semanas que ficou no Vietnã do Norte, o repórter pôde visitar cidades e comunidades em busca das explicações para a resistência do povo conduzido por Ho Chi Minh.

Com o nome "Vietnã do Norte: o outro lado da guerra", a série de reportagens foi publicada entre 18 e 24 de outubro de 1968 no *Jornal do Brasil*. De fato, era uma nova perspectiva sobre o conflito. De forma a compreender como tal cobertura representou uma novidade quanto ao enquadramento sobre a Guerra do Vietnã, realizamos um levantamento das notícias publicadas sobre o conflito no periódico entre outubro de 1967 e outubro de 1968. Fazemos uma breve análise sobre o material levantado.

2.4.2. Vietcongues: os "inimigos" das agências internacionais

A pesquisa que realizamos na Biblioteca Nacional e, posteriormente, na Hemeroteca Digital da biblioteca demonstra que todas as notícias publicadas sobre o conflito, no período analisado, vieram das agências internacionais *United Press International* (UPI) e da *Agence France-Presse* (AFP). A cobertura de tais agências retrata, em linhas gerais, os vietcongues como adversários cujo combate e enfrentamento se justificam para o triunfo da democracia e da liberdade econômica preconizado pelos Estados Unidos.

A notícia publicada em 11 de janeiro de 1968⁹⁶, que traz informações provenientes das agências UPI e AFP, é um exemplo dessa abordagem:

Vietcongs são repelidos por tiros de canhão horizontais

Saigon (UPI-AFP-JB) - Soldados norte-americanos, em desesperada luta pela vida, puseram ontem seus canhões em nível horizontal e abriram fogo a curta distância contra forças do Vietcong, anulando a tentativa dos **comunistas** de dominar uma base dos Estados Unidos situada a apenas 38 quilômetros de Saigon.

Os vietcongs lançaram cerca de 600 homens ao ataque, e já haviam chegado à periferia do posto de comando quando os artilheiros apelaram para o recurso extremo e

⁹⁵ A série de reportagens não traz a data exata do desembarque do repórter em Hanói, mas as eleições norte-americanas de 1968 foram realizadas em 7 de novembro. As reportagens de Callado sobre o conflito foram publicadas entre 18 e 24 de outubro de 1968, dias antes da eleição norte-americana e do anúncio do fim dos bombardeios no Vietnã.

⁹⁶ "Vietcongs são repelidos por tiros de canhão horizontais" (11 jan. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/B2aWdv>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

baixaram as bocas de seus canhões para atirar diretamente contra o **inimigo**, que pouco depois iniciou a retirada, deixando 66 mortos no campo de batalha.

CINCO HORAS

Na batalha, que durou cinco horas, os norte-americanos tiveram cinco mortes e 28 feridos graves. Os comunistas abriram fogo com morteiros e foguetes, **obrigando os soldados a buscar refúgio nas trincheiras.**

Também ontem, os vietcongs atacaram com explosivos o aeroporto de Kontum, no planalto central do Vietname do Sul, provocando danos em aviões e equipamentos norte-americanos. **Segundo porta-vozes do comando militar dos Estados Unidos em Saigon**, os norte-americanos tiveram 7 mortes e 20 feridos. (JORNAL DO BRASIL, 11 jan. 1968)

Os vietcongues⁹⁷ são identificados como "inimigos" e "comunistas". Por sua vez, os soldados norte-americanos parecem estar na defensiva: tiveram que abrir fogo de canhões contra os vietcongues porque estavam em "em desesperada luta pela vida". Ao final da notícia, sabemos que as agências tiveram informações de porta-vozes norte-americanos.

As fotografias do conflito, enviadas pelas agências internacionais e publicadas no *Jornal do Brasil*, também revelam um contraste ideológico evidente na cobertura: enquanto os soldados norte-americanos são retratados em poses heroicas - preparando-se para a batalha ou desarmando armadilhas vietcongues -, os "inimigos" aparecem presos ou mortos. Vejamos alguns exemplos dessas representações:

⁹⁷ Nota-se que as grafias das palavras "vietcongue" e "Vietnã do Norte" eram distintas na década de 1960: respectivamente, "vietcong" e "Vietname do Norte".



Figura 36: Foto da agência UPI traz soldados norte-americanos prontos para o combate. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁹⁸.



Figura 37: Foto da UPI traz soldado norte-americano observando um morteiro vietcongue (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)⁹⁹.

⁹⁸ "EUA concentram aviões para a defesa de Khe Sahn" (27 jan. 1964). Disponível em: <<https://goo.gl/aTaLVm>>. Acesso em: 11 jul.2018.

⁹⁹ "EUA coordenam operação contra ofensiva norte" (2 mar. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/p71ThJ>>. Acesso em 11 jul. 2018.



Figura 38: Série de fotografias mostra uma criança e vietcongues mortos ou capturados.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

No período observado, não foi identificada qualquer fotografia de soldados norte-americanos mortos ou machucados. As mortes do conflito, pela cobertura fotográfica das agências internacionais, só aconteciam no lado vietcongue.

Roland Barthes (1984) e Susan Sontag (2003) podem nos ajudar a compreender o imaginário sobre o conflito que pode ter sido criado a partir dessas fotografias. Em *Câmera Clara*, Barthes (1984) discute a produção de sentido de uma fotografia ao cunhar o conceito "isso-foi". Por tal definição, o teórico explica que, apesar de todas as discussões possíveis quanto aos recortes ideológicos e intencionais de uma fotografia, algo é inquestionável quanto ao registro: aquilo que está fotografado aconteceu, foi vivido, é um "isso-foi" incontestável. Ao contrapor a fotografia à linguagem textual, Barthes reforça a noção da "autentificação" trazida pela primeira em contraposição à desconfiança que uma linguagem textual permite:

O infortúnio (mas também, talvez, a volúpia) da linguagem é não poder autenticar-se a si mesma. O noema da linguagem talvez seja essa impotência, ou, para falar positivamente: a linguagem é, por natureza ficcional; para tentar tornar a linguagem inficcional é preciso um enorme dispositivo de medidas: convoca-se a lógica ou, na sua falta, o juramento; mas a Fotografia, por sua vez, é indiferente a qualquer revezamento: ela não inventa; é a própria autentificação. (BARTHES, 1984, p. 129)

A fotografia, portanto, é incontestável quanto à certeza de que o objeto fotografado existiu. "Toda fotografia é um certificado de presença", afirma Barthes (1984, p. 129) ainda no mesmo trecho de sua obra. Considerando o poder referencial de uma fotografia, ao contemplar as fotos sobre a Guerra do Vietnã no *Jornal do Brasil*, o leitor-enunciário testemunharia a ofensiva dos soldados norte-americanos e, do outro lado, os inimigos mortos, caindo frente ao poderio militar dos Estados Unidos. Susan Sontag (2003), em seu livro *Diante da Dor dos Outros*, reforça o entendimento sobre o poder da fotografia na produção de sentido sobre um conflito:

A compreensão da guerra entre pessoas que não vivenciaram uma guerra é, agora, sobretudo um produto do impacto dessas imagens. Algo se torna real - para quem está longe, acompanhando o fato em forma de "notícia" - ao ser fotografado. (SONTAG, 2003, p. 22)

E complementa: "[...] a fotografia adquiriu um imediatismo e uma autoridade maiores do que qualquer relato verbal para transmitir os horrores da produção da morte em massa." (SONTAG, 2013, p. 25). O aprofundamento da discussão sobre as mortes em fotografias também está em Sontag. Para a teórica, não há fotografia sem articulação ideológica prévia. O imaginário sobre um conflito, portanto, está inevitavelmente atrelado aos registros fotográficos que se faz dele e que chegam aos leitores de um jornal. Na composição a seguir, as fotografias sobre um vietcongue preso e prestes a ser executado apresentam indicativos evidentes dessa interpretação:



Figura 39: Fotos da UPI mostram preparativos para a execução de um vietcongue. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰⁰.

¹⁰⁰ "Vietname do Norte: Golpe de Misericórdia" (4 abr. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/tnyrLT>>. Acesso em 11 jul. 2018.

A legenda sob as duas fotos diz: "Um padre e um guarda conduziram Nguyen Cong Kuanh, soldado norte-vietnamita que violentou uma moça de 19 anos, para o pelotão de fuzilamento de Co Ky, em Trong Au". Alguns elementos dessa composição merecem maior atenção. Ao ser conduzido por um padre e por um militar, o vietcongue aparece como incontestável inimigo. As instituições igreja e exército, representadas pelos homens que carregam o prisioneiro, legitimam o soldado norte-vietnamita como culpado. Outro aspecto importante: o fotógrafo posiciona-se atrás do pelotão de fuzilamento. Por meio de sua perspectiva, o leitor-enunciário também "participa" do fuzilamento do "inimigo".

Como podemos constatar, portanto, a cobertura da Guerra do Vietnã publicada no *Jornal do Brasil*, entre outubro de 1967 e outubro de 1968, apresentou tanto no campo semiótico do texto verbal quanto da imagem fotográfica os norte-americanos como os "heróis" do conflito e os vietcongues como os "inimigos" a serem combatidos. Com a composição narrativa dita em "terceira pessoa", buscando ocultar as marcas da enunciação, as notícias apresentadas pelas agências internacionais buscam produzir um efeito de neutralidade e imparcialidade.

A imparcialidade no jornalismo aliás é, como define Bulhões (2007, p. 107), presunçosa. As decisões para a construção de um texto jornalístico sempre são conduzidas por uma rede complexa de operações políticas (sobretudo no caso da Guerra do Vietnã, na qual eram evidentes os interesses norte-americanos por uma cobertura que os favorecesse). Mesmo a produção que se pretende mais isenta é conduzida por um enunciador que escuta pessoas (fontes), seleciona materiais, escolhe fragmentos para só então desenvolver uma construção discursiva. Dizer-se isento, portanto, seria como "camuflar" um processo produtivo que desde sua primeira etapa é inescapavelmente feito por escolhas. Dessa forma, apesar da isenção anunciada, fragilmente se sustenta a noção de imparcialidade da cobertura da Guerra do Vietnã proveniente das agências internacionais.

Nesse ponto, a cobertura jornalística realizada por Callado assinala vetor em direção contrário, pois o discurso assumirá as marcas da enunciação, movimento articulado à "meta-reportagem": narra-se a ação do repórter como persona em busca de informações, entrevistando fontes, emitindo suas reflexões, ponderações, comentários. Explicitam-se o processo produtivo-discursivo da construção da narrativa e o "lado escolhido" para contar a história.

2.4.3. Mulheres fortes, jovens e gentis: os vietcongues de Callado

Na chamada da capa sobre a série de reportagens de Antonio Callado sobre a Guerra do Vietnã, o *Jornal do Brasil* já anunciava que o conflito seria abordado pelo lado oposto do que até então vinha sendo mostrado pelo jornal.



Figura 40: Chamada na capa do JB para a série de reportagens sobre Vietnã do Norte.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰¹.

O texto da notícia diz:

JB vê a guerra do Vietname pelo lado Norte

Primeiro jornalista brasileiro a visitar o Vietname do Norte desde o início dos conflitos com os Estados Unidos, Antonio Callado, **editorialista do JORNAL DO BRASIL e um dos mais experientes repórteres do país**, inicia amanhã uma série de cinco reportagens sobre a guerra do Sudeste asiático.

Hanói ou Heroísmo como Rotina - a primeira da série - é o retrato de um povo que tem a guerra como quadro diário há 20 anos. Callado entrevistou dirigentes do Vietname do Norte e pessoas do povo, à beira de arrozais. Num cárcere de Hanói, conversou com Hugh Allen Sttaford, piloto americano prisioneiro do Vietname do Norte.

Romancista, autor de Quarup, o editorialista do JB pesquisou as raízes do heroísmo vietnamita as duas grandes guerras daquele povo: a da Resistência, contra os franceses, e a atual, contra os norte-americanos, que está em vias de terminar num impasse militar. (JORNAL DO BRASIL, 12 jul. 1968, grifos nossos)

No texto que anuncia a série de reportagens, vemos como Callado era reconhecido pelo jornal: "editorialista do JORNAL DO BRASIL", "um dos mais experientes repórteres do país" e "romancista, autor de *Quaurp*". Para o periódico, portanto, o repórter tinha credenciais para fazer uma série de reportagens que apresentasse a Guerra do Vietnã pelo ponto de vista dos vietcongues.

¹⁰¹ "JB vê guerra do Vietname pelo lado Norte" (18 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/ST3Aio>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Já na composição da primeira página que abre o especial, a abordagem sobre a nova perspectiva para o conflito fica evidente. O título da série, "Vietname do Norte: o outro lado da guerra", aparece em destaque no topo. Do lado esquerdo, abaixo do título "Hanói ou heroísmo como rotina", está a foto com maior destaque vinculada ao texto: duas mulheres jovens e sorridentes conversam enquanto seguram o que parecem ser ferramentas de trabalho, uma delas está com uma arma sobre os ombros. A legenda que acompanha a foto referencia: "As mulheres no Vietname do Norte são um misto de agricultura e milicianas de guerra". Vamos observar:



Figura 41: Páginas com a primeira reportagem da série sobre o Vietnã do Norte.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰².

¹⁰² "Hanói ou heroísmo como rotina" (19 out. 1968). Disponível em: página 1<<https://goo.gl/t7812e>>;
página 2: <<https://goo.gl/GoyrCZ>>. Acesso em: 12 jul. 2018.



Figura 42: A fotografia de destaque da reportagem mostra as mulheres vietcongues.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰³.

É a primeira vez, dentro do período analisado, que o *Jornal do Brasil* mostra vietcongues que não estão presos ou mortos. Também é a primeira vez, no período pesquisado, que são mostrados prédios destruídos do lado norte do conflito. É importante sublinhar que as fontes das fotos publicadas na série não foram encontradas por esta pesquisa. Ao ser perguntando para Alberto Dines se ele conhecia a autoria das fotografias, Dines disse que provavelmente elas teriam sido feitas pelo próprio governo do Vietnã do Norte. Callado teria trazido as fotos mala.



Figura 43: Foto da reportagem sobre o Vietnã do Norte. Destruição em Hanói.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰⁴.

¹⁰³ Disponível em: página 1<<https://goo.gl/t7812e>>; página 2: <<https://goo.gl/GoyrCZ>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

¹⁰⁴ Ibidem.

Na legenda da fotografia que mostra prédios destruídos, está a legenda: "Bairros inteiros bombardeados já fazem parte da paisagem de Hanói e de todo o Vietnã". Dessa forma, o "isso-foi" de Barthes e a referencialidade inquestionável da realidade vivida que a fotografia apresenta, que é discutida por Sontag, mostram para o leitor uma perspectiva nova sobre o conflito, provavelmente, até então desconhecida. Na resistência retratada pela cobertura, a participação das mulheres é evidentemente fundamental.

Não à toa, a primeira personagem que aparece na série de reportagem é uma mulher encarregada de derrubar aviões norte-americanos. Vejamos o começo do trecho que será analisado com mais vagar no capítulo de análise: "Na província de Thanh Hoa, a 150 quilômetros ao Sul de Hanói, **falei de heroísmo** diretamente com uma dona do assunto, a jovem Nguyen Thi Hang, de 24 anos, veterana em derrubar avião e prender piloto." (CALLADO, 2005, p. 127, grifo nosso). Na série de reportagens, a narrativa sobre os motivos da heroica resistência vietnamita é conduzida, em diversos momentos, pelo olhar feminino. De forma que, em três das cinco reportagens da série as fotografias em destaque trazem mulheres. A mais icônica das fotografias da cobertura, inclusive, traz uma miliciana vietcongue em destaque. A foto está na reportagem "Espigas de Arroz e Socialismo Nacionalista"¹⁰⁵. Vejamos a composição da página.



Figura 44: Reportagem sobre os pilotos norte-americanos e o trabalho das vietcongues.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰⁶.

¹⁰⁵ "Espigas de Arroz e Socialismo Nacionalista" (23 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. Acesso em 12 jul. 2018.

¹⁰⁶ Ibidem.

Na primeira das fotografias, que aparece em seguida ampliada, está a legenda: "Uma miliciana de Quang Binh socorre o piloto norte-americano W.N.Glubb, ferido na queda".



Figura 45: Foto com mulher vietcongue socorrendo piloto norte-americano ferido.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰⁷.

Vejamos, com mais vagar, a outra fotografia presente na página:

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. Acesso em 12 jul. 2018.



Figura 46: Foto com miliciana vietcongue que acompanha piloto norte-americano capturado. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁰⁸.

A foto, que tem como legenda "Um piloto norte-americano foi capturado por uma miliciana de Ho Tinh, no Vietname do Norte", traz uma pequena mulher vietcongue. Com arma em punho, a miliciana acompanha um piloto norte-americano capturado, alto e cabisbaixo. Não há nomes e detalhes sobre a foto, mas ela pode ser associada à história de Nguyen Thi Hang, a miliciana especializada em derrubar aviões. A foto ganhou tamanha força na produção de sentido da série de reportagens que virou a capa do livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores*, publicação da editora Civilização Brasileira, de 1969¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. Acesso em 12 jul. 2018.

¹⁰⁹ A foto também é capa de outro livro brasileiro sobre a Guerra do Vietnã: *A Revolução Vietnamita* (2003), de Paulo Fagundes Visentini.

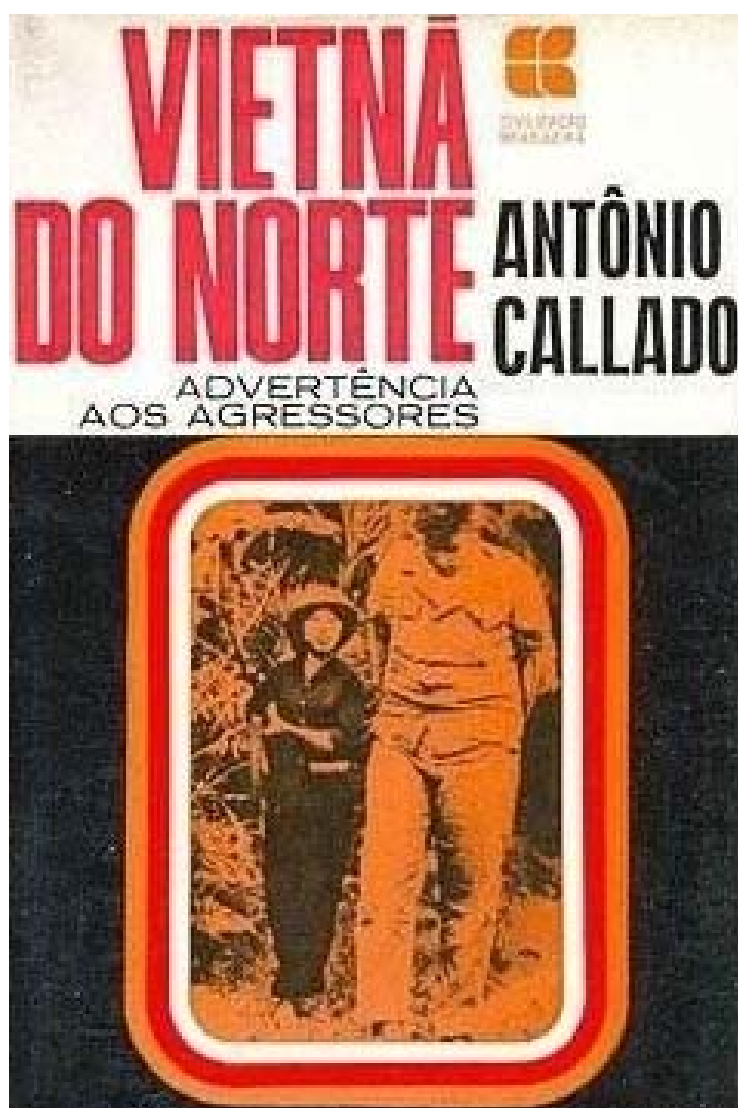


Figura 47: Capa do livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969).

A imagem sobre a jovem vietcongue e seu piloto norte-americano aprisionado é representativa sobre o que o narrador-repórter quer apresentar em suas reportagens: a resistência do "pequeno" Vietnã do Norte ao grande poderio militar dos Estados Unidos. No final da reportagem, a mensagem é reforçada pelo narrador-repórter:

A gente parte do aeroporto Giam-Lam, de Hanói, com a sensação de quem está deixando o centro do mundo. A cidade é modesta, pobre mesmo. Não há quase carros nas ruas, só bicicletas. Não há uma pessoa gorda. Mas é a pobreza de país que derrota as nações mais ricas, são as bicicleta que abasteceram os vietnamitas em Dien Bien Phu, é a magreza dos pequenos guerreiros que aprisionam nos arrozais os pilotos gigantescos. (CALLADO, 2005, p. 191)

Apesar do enunciador das reportagens sobre o outro lado da Guerra do Vietnã falar de heroísmo dos norte-vietnamitas, não há a indicação na série de que os soldados norte-americanos e os pilotos gigantes fossem os "inimigos". O narrador-repórter não cai na armadilha de simplificação maniqueísta e ideológica que as agências internacionais estavam fazendo e recorre ao relato das experiências vividas pelo repórter no território do conflito para apresentar quem eram os soldados norte-americanos e quem eram os reais inimigos nessa guerra de Davi e Golias.

2.4.4. Quem são os inimigos, afinal?

Mesmo no território dos vietcongues, lado pelo qual Callado observava o conflito, o narrador-repórter não deixa de compreender o outro lado, posto que, por tal perspectiva, seria ocupado pelos soldados do EUA. De forma a traçar um perfil sobre a natureza dos jovens norte-americanos enviados ao campo de batalha, o narrador-repórter traz antes um exemplo sobre os horrores causados por eles no Vietnã. Vejamos o trecho que aparece na primeira reportagem da série¹¹⁰.

Sáímos em direção ao Rio Da, o São Francisco, que eu devia atravessar de volta. E passamos pela cabana de Nguyen Thai Van, uma mulher semidestruída por bomba de fósforo. Quase sem cabelo, as sobrancelhas reduzidas a dois tufo de frincha de pele, crestada, os ossos da mão direita visíveis debaixo da pele, como se tivessem posto uma luva transparente em mão de esqueleto. A mão esquerda não era nada. Um punho com protuberância. E vermelho, vermelho como se fosse sangrar. Ao que me dizem o *napalm* queima e queima. Mesmo que quem esteja em fogo mergulhe num lago, o *napalm* continua a arder. O fósforo apaga. A mulher estava só em casa, sem o marido, e tinha nove filhos a carregar para o abrigo quando a bomba ateou fogo à sua palhoça e a ela própria.

- Consegui salvar sete dos meninos - disse ela -, mas o fogo continuou me queimando o tempo todo. Acabo de passar oito meses no hospital de Hanói. Lá tem gente pior que eu.

O que me veio à lembrança foi *In Cold Blood*, de Truman Capote. Dicks e Perrys, não mais atravessando os Estados Unidos de automóvel para assassinar a família Clutter, mas atravessando o Pacífico de avião para queimar viva a família Van. A sangue frio. (CALLADO, 2005, p. 135)

Seria assim, tal qual o título do livro de Truman Capote, *A Sangue Frio* (1965), que os soldados norte-americanos jogavam suas bombas sobre crianças vietcongues.

¹¹⁰ "Hanói ou heroísmo como rotina" (19 out. 1968). Disponível em: página 1: <<https://goo.gl/t7812e>>; página 2: <<https://goo.gl/GoyrCZ>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Considerando tamanho horror, o caminho mais fácil seria identificar tais homens como inimigos, mas, de forma a não entrar na emboscada das repostas fáceis, o enunciador resolve contar, logo na sequência do seu encontro com a mulher vítima do *napalm*, que entrevistou um piloto de avião, o norte-americano Hugh Allen Stafford, aprisionado pelos vietcongues.

Na segunda reportagem da série, ficamos sabendo mais Hugh Stafford, um rapaz da Carolina do Sul, era, como descreve o narrador-repórter, "simpático e polido". O prisioneiro contou que estava sendo bem tratado e pediu que o repórter enviasse uma carta para sua esposa e para sua mãe dizendo que ele estava bem. As autoridades vietcongues só permitiram que Callado entrevistasse Hugh Stafford, mas foi autorizado que o jornalista recebesse 46 cartas de pilotos presos (os endereços de todas as cartas enviadas pelo *Jornal do Brasil* para as famílias dos pilotos aparecem na segunda reportagem da série¹¹¹). O repórter pôde examiná-las e se comprometer a enviá-las para os Estados Unidos assim que chegasse ao Brasil. De modo a mostrar a afabilidade dos soldados norte-americanos, o narrador-repórter apresenta trechos das cartas na reportagem. Vejamos o fragmento que traz o apanhado das cartas:

Um deles, escrevendo à família em Lexington, Virgínia, diz: "Meninos, obedeçam à sua mãe, comam legumes, bebam leite e escovem os dentes, aprendam a contar e a ler".

E outro, escrevendo a Overland Park, Kansas: "Torno a confirmar minhas suspeitas de que você sempre foi e sempre será a moça mais linda do mundo".

E outro, escrevendo a Orlando, Flórida: "... Quando eu te amo? Deixe-me contar de quantas maneiras. Compre um ramo bem grande de rosas, que mando para você!"

[...].

São esses, então, os homens que, na calada da noite, vêm a sangue frio assassinar as famílias vietnamitas? E note-se que vêm com suas bombas de bilhas, as CBU, arma de puro terror, sem qualquer valor militar, que cravam milhares de esferas de aço em gente e bicho. Vêm com napalm e com fósforo para incinerar colheitas e colhedores. (CALLADO, 2005, p. 136-137)

Para explicar como homens amáveis como esses das cartas seriam capazes de destruir vilarejos inteiros disparando armas cruéis de seus aviões, o narrador-repórter traz sua interpretação no parágrafo que segue:

¹¹¹ "Um piloto americano e uma heroína do Vietnã" (20 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/1fRV8b>> Acesso em: 12 jul. 2018.

A responsabilidade daquelas que ordenam, mantêm e escalam uma guerra assim é terrível. Num livro fundamental de nossa época, *Sobre agressão* (um livro que pretende reformar a sociedade dos homens estudando a sociedade dos bichos), o cientista austríaco Konrad Lorenz fala na facilidade com que as armas modernas despersonalizam a matança, levando homens normais, de natureza boa - como esses que escrevem cartas como as que citei -, a cometerem, sem qualquer envolvimento emocional, horrores como os que vi no Vietnã.

É fácil gostar de americanos, pessoalmente. Mas eles estão se transformando numa nação abominável. (CALLADO, 2005, p. 137)

Está aí, portanto, a resposta do narrador-repórter sobre quem seria o "real inimigo": os EUA quanto nação. O país que enviou para o território vietnamita garotos entre 18 e 28 anos para manusear armas de destruição de forma automatizada e despersonalizada em uma guerra moralmente dúbia, taticamente inviável e politicamente constrangedora (BAHIANA, 2005, p. 10).

Para Antonio Callado, havia correspondência entre essa nação inescrupulosa e a ditadura conduzida no Brasil pelos militares. Afinal, o apoio dos Estados Unidos para que o Golpe Militar acontecesse em terras brasileiras, apesar de não ser comprovável à época, era evidente para os intelectuais à esquerda¹¹². Se os vietnamitas estavam resistindo ao maior poderio militar do mundo, outros países subdesenvolvidos poderiam seguir sua cartilha para resistir às suas opressões locais também apoiadas pelos ianques também. É nesse sentido que o enunciador busca associações entre o Vietnã do Norte o Brasil. No texto que finaliza o livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969), o narrador-repórter depois de detalhar a articulação desonesta dos Estados Unidos para que o acordo da Conferência de Genebra de 1954 não fosse cumprido e o Vietnã não tivesse uma eleição unificada, comenta:

¹¹² Só recentemente, documentos e gravações nos EUA sobre a relação entre o governo norte-americano e os militares brasileiros foram abertos. Os registros comprovam aquilo que os intelectuais da esquerda já tinham certeza em 1964: a articulação do governo americano foi definitiva para derrubar Jango e manter a ditadura no Brasil. Um exemplo dessas provas é o registro da primeira gravação de um aparelho instalado na Casa Branca para conversas sigilosas em 1962. Coincidentemente, a primeira gravação registrada é uma ligação feita por Kennedy, em 30 de julho de 1962, para Lincoln Gordon, embaixador norte-americano no Brasil. Os dois conversaram das 11h52 às 12h20. Na gravação, o embaixador estava irritado. Jango estava "dando a porcaria do país de graça para os..." "...comunistas", completou Kennedy do outro lado da linha. Era preciso frear o presidente com tendências comunistas. Uma série de artimanhas, comprovadas por documentos, mostra que o Golpe Militar no Brasil foi dado graças ao empurrão dos EUA. Jennifer Ann Thoas explica: "O governo americano instigou os militares, financiou a oposição, boicotou a economia e tinha tropas e navios prontos se fosse necessário intervir. Não foi. Em boa parte, graças ao próprio João Goulart, um presidente que até hoje desafia classificação (THOMAS, 2017). Caso os militares brasileiros não tomassem sozinhos o governo a golpe, os EUA dariam o suporte necessário. No dia 31 de março de 1964, a Operação norte-americana Brother Sam mandou ao Brasil um porta-aviões, 6 contratorpedeiros, 1 porta-helicóptero, 4 petroleiros, tropas de paraquedistas e 100 toneladas de armas. No dia 1º abril, a frota norte-americana deu a volta. O Golpe estava garantido no Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/oDt1mm>>. Acesso em 21 jul. 2018.

Esse é o cerne do crime americano contra o Vietnã no plano mental e espiritual. Vale um estudo muito pormenorizado do que estou apto a fazer, para que todos os ameaçados pelo imperialismo americano (o termo não é vazio e nem representa repetição mecânica de propaganda esquerdista) em todos os continentes saibam com quem estão lidando. Trata-se de uma grande potência santarrona mas inescrupulosa, pregadora de sermões, mas sempre pronta a pregar na cruz quem lhe descarnar os sermões. Em se tratando de povos sobre os quais tenha desígnios imperialistas - como o Vietnã ou o Brasil, por exemplo -, os Estados Unidos usarão todas as armas, da mentira ao *napalm*, da corrupção à bomba de bilhas, para chegarem ao destino que propuseram. E o único jeito é derrotá-los no campo de batalha, como fizeram os vietnamitas. (CALLADO, 1969, p. 110)

É a única vez no livro que o narrador-repórter sugere que a luta contra os Estados Unidos, e contra seus tentáculos que ajudavam a conduzir as ditaduras na América Latina, era caso para campo de batalha. A mobilização nacional norte-vietnamita para resistir à ofensiva imperialista dos ianques mostrava-se um exemplo para países como o Brasil.

Apesar da confirmação que a guerra estava praticamente perdida em 1968, os EUA insistiram com contínuo envio de soldados ao território do conflito. Do outro lado, a resistência norte-vietnamita, consolidada pelo homem trinitário preconizado por Ho Chi Minh, crescia. Quando os EUA aceitaram o cessar fogo em 1973, cerca de 700 mil soldados norte-americanos lutavam contra 1 milhão de soldados vietcongues. O conflito continuaria entre o sul e o norte-vietnamita até a queda de Saigon em 29 de abril de 1975.

No último parágrafo do seu livro de 1969, Callado não sabia como terminaria a guerra, mas fez sua previsão e reforçou sua sugestão para os outros "povos humildes":

Os humildes da terra, no Vietnã, começaram a ganhar o seu combate milenar. Se outros povos humildes souberem seguir o luminoso exemplo vietnamita, o mundo ainda poderá ser o lugar de paz e justiça com que tem sonhado os fundadores de religiões e os profetas, de Zarathustra e Jeremias a Karl Marx e Ho Chi Minh. (CALLADO, 1969, p. 113)

Dez anos depois de publicada sua série de reportagens sobre o Vietnã do Norte, em 1978, Antonio Callado embarcou para Cuba. Para Callado, assim como o Vietnã do Norte, a terra de Fidel Castro também tinha muito a ensinar para o Brasil.

2.5. A viagem ao país possível

Em 15 de janeiro 1978, Callado embarcava para Cuba. O escritor chegaria na ilha de Fidel Castro na condição de júri da premiação organizada pela *Casa de las Américas*,

instituição cultural cubana que, todos os anos, distribuía prêmios para diferentes gêneros de literatura. Foi acompanhado de intelectuais referenciados no Brasil: Fernando de Moraes, autor de *A Ilha* (1976), júri na categoria Testemunhos, Ignácio Loyola de Brandão, que escreveu *Zero* (1974) - proibido de circular no Brasil - na categoria Contos, e Chico Buarque, júri da categoria Teatros. Na lista de referências intelectuais que cercam Callado no contexto de produção dessa reportagem ainda está Oscar Niemayer. O renomado arquiteto é quem ilustra a capa do pequeno livro que reúne os relatos do escritor sobre sua viagem a Cuba: *Passaporte sem Carimbo* (1978).

Callado chama seu livro, que tem 60 páginas, de diário de viagem. No momento da escrita da narrativa, ao comentar sobre um convite que recebeu da Embaixada dos Estados Unidos para que ele participasse de uma cerimônia, o narrador-repórter comenta: "Interrompo por um instante este trabalho de arrancar do meu **diário de viagem** a Cuba algumas folhas, para publicação." (CALLADO, 1978, p. 17, grifo nosso). Na lista de bibliografia de Callado realizada por Lígia Chiappini Mores Leite (1982, p. 13), *Passaporte sem Carimbo* aparece como reportagem.

De fato, o material pode ser encarado como reportagem se considerarmos o conceito de reportagem dado por Marques de Melo (1985, p. 65), que entende a reportagem como um relato ampliado sobre um acontecimento que já repercutiu socialmente. Nesse sentido, *Passaporte sem Carimbo*, ao trazer interpretações do narrador-repórter sobre a revolução cubana, pode ser considerada uma reportagem.

De toda forma, a breve análise sobre o livro e sobre o contexto de sua publicação interessa-nos por que há no livro mais um paralelismo entre Brasil e um país que conseguiu, na perspectiva do narrador-repórter, criar sua identidade a partir da revolução. Diz o narrador-repórter na reportagem:

Quem poderia supor que exatamente um pequeno país como Cuba é que iria, no conjunto da América Latina, adquirir um perfil mais nítido e inconfundível? O rótulo Latin America é uma espécie de pesadelo continental. Todos os países nele englobados aspiram uma identidade nacional, a uma personalidade. No entanto, mesmo países importantes territorial e demograficamente como a Argentina e o Brasil se veem confundidos o tempo todo. Brasil capital Buenos Aires é um chavão que nos enfurece. Num anúncio em inglês, referente ao Brasil, um colunista lamentava outro dia que se falasse em adiós muchachos. Numa crítica do *Times Literary Supplement*, que li em 1974, mencionava-se Eva Perón, depois de embalsamada, fora entregue na sede do CGT do Rio de Janeiro.

Acontece que nem os países de Latin America fazem as reformas sociais que as tornariam civilizados e humanos, nem busca uma verdadeira independência, isto é, a econômica, continuam no mesmo bolo. Nossa identidade comum é esta,

exatamente, da preguiça, do privilégio dos ricos, da crueldade com os pobres, da falta de brio.

Cuba tem 114.500 km², isto é, menos da metade do Estado de São Paulo, e uma população de cerca de 10 milhões, isto é, menos gente que a Grande São Paulo. Mas nunca se ouve dizer que a capital de Cuba é Tegucigalpa. Cuba saiu energicamente do indefinível. Por amor ou por temor, todos a conhecem. (CALLADO, 1978, p. 19-20, grifo nosso)

Pela perspectiva do enunciador, ao contrário de Cuba, o Brasil e os demais países da América padeciam com sua falta da coragem de tornarem-se independentes das grandes potências econômicas e de fazerem reformas sociais básicas. Para o escritor, portanto, a Revolução Cubana, realizada em 1959, ainda merecia ser comentada. De forma a contribuir com a análise desses comentários, que será feita no capítulo 3, façamos uma breve retomada do que foi *La Revolución*.

2.5.1. A revolução que deu certo

Pode-se dizer que Revolução Cubana teve início em 26 de julho de 1953, quando o maior nome do movimento revolucionário em Cuba, Fidel Castro, conduziu cerca de 100 homens no Assalto ao Quartel Moncada, a grande fortaleza militar do país. Essa teria sido a primeira tentativa da oposição armada ao governo do ditador Fulgencio Batista. O movimento conduzido por Fidel, na época nacional-democrático, ainda não carregava a bandeira do comunismo, mas já lutava contra o domínio imperialista dos Estados Unidos. Com Fidel Castro preso, a tomada do Quartel fracassou, mas colocou o revolucionário como principal nome da resistência à ditadura. Dos 15 anos aos quais foi condenado, cumpriu apenas dois. Solto e exilado no México, Fidel continuou a organizar a resistência, dessa vez com o movimento guerrilheiro 26 de julho (M26).

Foi em terras mexicanas que Fidel se juntou a Ernesto Che Guevara, Camilo Cienfuego e Raul Castro. Martins e Liebem (2015) analisam que, no período de exílio, o vulto de Fidel Castro se associou à imagem do herói exilado, de forma a engendrar no imaginário a esperança de um retorno futuro com uma ação redentora (MARTINS; LIEBEM, 2015, p. 3). O retorno aconteceria em 1956. Os guerrilheiros voltaram à Cuba e se instalaram em Sierra Maestra. Os anos seguintes foram de organização estratégica e recrutamento. Mesmo em menor número, as táticas de guerrilha permitiram algumas vitórias decisivas ao movimento. Além do aumento da moral do grupo, o número de armas

e mantimentos cresciam com as vitórias. Das camadas mais simples aos intelectuais, a resistência armada de Fidel ganhava apoio maciço. Sem saída, Batista fugiu para a República Dominicana.

O cargo executivo central estava vago e Fidel, em negociação com os responsáveis das cidades que estavam no seu caminho até Havana, conseguiu avançar territorialmente até chegar à capital. Fidel finalmente subiu ao poder como primeiro-ministro de Manuel Urrutia, que assumiu a presidência. Em 1959, teve início o governo revolucionário. É curioso notar que, até esse momento, a articulação política não se denominava comunista. Os partidos de esquerda tomaram o partido oposto na revolução: "De fato, a esquerda cubana, em especial o PSP, pouco fez pelo movimento, estando ao lado de Fulgencio até próximo de sua queda." (MARTINS; LIEBEM, 2015, p. 3).

A busca da aliança com a URSS só viria de forma lenta e gradual, principalmente depois da morte de Che Guevara na Bolívia, em 1967. Antes disso, Che desempenhou papel fundamental na configuração do sistema de produção cubano. No debate sobre quais seriam as formas de organização da produção e os estímulos a ela, as ideias de Che Guevara foram adotadas: centralização da administração e estímulo moral para a que a população participasse dessa nova forma dinâmica social. O regime alternativo à produção capitalista se transforma rapidamente em bandeiras e símbolos cubanos. No imaginário cultural e identitário da América Latina, a Revolução Cubana ganhou grande reverberação. Entre os anos 1960 e 1980, "[...] auge da Revolução, é que os escritores e pesquisadores do continente produzem alguns dos maiores clássicos de denúncia da condição de miséria, submissão e domínio que envolve a América Latina." (MARTINS; LIEBEM, 2015, p. 3).

Nesse contexto, Eduardo Galeano publica *As Veias Abertas da América Latina*. Escrito em 1971, o livro é uma denúncia sobre a dominação colonialista e imperialista que os países latinos sofreram nos últimos séculos. No Brasil, a unidade latino-americana é almejada nas músicas de Caetano Veloso, Chico Buarque e Belchior, compositor da música *A Palo Seco* (1974). Com o sugestivo título¹¹³, a composição revela a melancolia de ser um jovem sul-americano no contexto das ditaduras:

Se você vier me perguntar por onde andei
No tempo em que você sonhava

¹¹³ Em interessante análise sobre a música, Thamirys Pereira remete o título da canção de Belchior à poesia homônima de João Cabral de Melo Neto. Disponível em: <<https://goo.gl/u4JPBL>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

De olhos abertos, lhe direi
Amigo, eu me desesperava.

Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em 76
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português
Mas ando mesmo descontente.

Desesperadamente, eu grito em português
Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue
E de América do Sul.
Por força deste destino
Um tango argentino
Me vai bem melhor que um blues.

Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em 76
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês.
(BELCHIOR, 1974)

Na música, a desesperança é flagrante. O golpe de Estado no Chile, em 1973, tinha deposto Salvador Allende - o primeiro presidente marxista eleito democraticamente em toda a América Latina - e colocou no seu lugar o chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet, considerado o mais violento e perigoso dos governantes chilenos de todo os tempos¹¹⁴. No Brasil, a ditadura militar já se arrastava por 10 anos. Se ainda havia sonho, ele era fictício e estava relacionado à euforia ufanista que a Copa do Mundo de 1970 trouxe ao país. No cenário de golpes, torturas e liberdades sufocadas, Cuba era o país possível. A revolução organizada por Fidel Castro e por Che Guevara era a utopia para os jovens da resistência brasileira. Mas, por aqui, a resistência fracassava. No romance *Bar Don Juan* (1971), Callado faz sua crítica ao projeto revolucionário disperso e inviável tocado pelos intelectuais, estudantes e artistas brasileiros da classe média. Faltava organização, faltava liderança. Em Cuba, eles tinham Fidel. No Brasil, só o sonho da revolução.

¹¹⁴ A definição está declarada no acordo aprovado pela Parlamento chileno em 2016. O acordo foi votado depois que os Estados Unidos abriram os documentos sobre o assassinato do chanceler de Salvador Allende, Orlando Letelier, que denunciava a ditadura do Chile em Washington. Os documentos provam que foi Pinochet o mandante do crime. Disponível em: <<https://goo.gl/zGLSB9>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Em 1978, quando Callado visitou Cuba, essas certezas ganharam ainda mais força para o autor. Pela terceira vez em sua trajetória profissional, Callado foi detido pelos militares assim que entrou no Brasil. Uma detenção pontual, mas suficiente para mostrar o contraste entre a nação conduzida por um exército e a ilha que tinha recentemente visitado. Para o autor, o lugar da utopia teria de ser mesmo nos livros. Ao jornalismo, como repórter, só voltaria pontualmente em 1985, para conhecer uma pequena experiência de reforma agrária conduzida no estado de São Paulo.

2.6. Pontal do Paranapanema: uma fagulha de esperança no país sem sossego

Começemos falando sobre *Entre Deus e a Vasilha* (1985) pelo fim. O último parágrafo da reportagem é uma sugestão a Tancredo Neves, eleito em 15 de janeiro de 1985, o presidente que encerrou o governo dos generais. A Nova República se aproximava e, apesar da transição ambígua - que incluía uma alternativa política conservadora política e conservadora (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 486-487) - estava orientada para a reconstrução democrática. Não era pouca coisa.

É neste contexto de certa esperança, que Callado finaliza sua reportagem com um recado ao presidente que tomaria posse em março, três meses depois do momento em que o repórter escrevia sua reportagem.

Tancredo Neves vai ter, agora, na presidência da República, a faca e o queijo na mão. Quando lançar os olhos pelo vasto império que lhe cabe governar - soberbamente delimitado desde Alexandre de Gusmão - verá de pronto que, de forma comedida, sem praticamente mexer nas estruturas, São Paulo está resolvendo o problema da miséria rural no Pontal do Paranapanema. Acontece que São Paulo é um estado próspero com um Pontal a redimir, quando a maior parte do Brasil é um irredento Pontal onde se equilibram estados dependentes da boa vontade do Governo central. **Da interpretação e da prática que der o Governo central ao conceito de interesse social depende o sempre adiado futuro do país.** Se o interesse social não prevalecer, continuará tudo na mesma. E, se assim, for, esperemos que o povo, dentro do dilema montado por Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, faça o que lhe compete fazer. (CALLADO, 1985, p. 66, grifo nosso)

O texto sugere que governo federal faça em todo o país o que fez a Companhia Energética de São Paulo (CESP), durante a gestão do governador Franco Montoro, na região oeste do estado São Paulo. Ali tinha acontecido uma fagulha da reforma agrária a qual, como declara o subtítulo do seu livro, o Brasil nunca conseguiu realizar.

A centelha de entusiasmo de Antonio Callado sobre o assunto consistia na criação de assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema. Com os assentamentos, o governo de Franco Montoro buscava resolver uma crise iniciada na gestão anterior da CESP que, para a construção de uma hidrelétrica, inundou pequenas propriedades rurais na região. Sem indenização e alternativas para moradia, 415 famílias sem-terra - com cerca de 1.200 crianças - ocuparam às margens da rodovia SP-613. Depois de 90 dias de negociações entre os camponeses e o governo, foram desapropriados 15 mil hectares para cessão de uso, arrendamento ou projeto de produção de alimentos dos camponeses. Ao primeiro grupo foram incorporadas outras 350 famílias que também tinham sido expulsas de suas terras pela logística irresponsável da CESP. No total, perto de 800 famílias estavam sendo ressarcidas minimamente pelo estado e conquistando seu direito à terra.

Mesmo assentadas, as famílias não estavam tranquilas. Os supostos proprietários das terras desapropriadas, grileiros que teriam falsificado títulos de propriedade sobre o território que pertencia legitimamente ao estado, estavam ameaçando os camponeses. Os latifundiários se defendiam dizendo que os "invasores" eram bandidos e conduziam uma a "grande caminhada de subversão" e "hordas guerrilheiras de Cuba e El Salvador"¹¹⁵.

De forma a explicar o conflito para a opinião pública, a CESP, as Secretarias de Agricultura, Promoção Social e Justiça pensaram que uma reportagem de Antonio Callado poderia ajudar. Há anos sem fazer reportagem, o escritor aceitou o convite. Nos assentamentos, já com quase 70 anos, Callado virou novamente repórter no palco dos acontecimentos. Entrevistou os assentados, os responsáveis oficiais, levantou documentos históricos, cartas e ofícios para compreender o cenário. Ao final sua conclusão: os assentamentos estavam funcionando bem, as terras eram mesmo griladas e a tentativa de reforma agrária do estado de São Paulo poderia ser replicada por Tancredo.

Mas a posse do presidente não veio. Tancredo foi internado para fazer uma cirurgia de emergência, um dia antes de assumir a presidência. O político, que já tinha 75 anos, sabia que estava doente, mas não procurou ajuda antes. Tinha pesadelos diários com a possibilidade dos militares alegarem que um governante fragilizado por uma doença fosse incompatível com o governo do país, impedindo sua posse (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 486-487). Enquanto Tancredo enfrentava a primeira cirurgia e o país estava em choque, a reportagem *Entre Deus e a Vasilha* estava sendo fechada para a publicação. Deu tempo de Callado fazer uma nota melancólica para o fechamento do livro:

¹¹⁵ As definições foram dadas, segundo Callado, pelos fazendeiros Enio Pepino e Plínio Junqueira Júnior, e pelo advogado Daniel Schwenck.

Na noite de 14 de março de 1985, quando circulou a notícia do internamento de Tancredo Neves no Hospital de Base de Brasília, para a primeira cirurgia, eu acabava de assistir uma peça, no Teatro João Caetano. Ouvi, então de Fernanda Montenegro, a frase: "O Brasil não tem sossego, Callado".

Vejo, ao ler as provas deste ensaio de dezembro de 1984, que ele acaba com um apelo a Tancredo Neves. Resolvo deixar como está. O apelo talvez interesse ao sucessor de Tancredo.

A.C.

Os militares tinham pedido que Ulysses Guimarães, então presidente da Câmara dos Deputados, assumisse. Ulysses recusou com base nas informações divulgadas por seu secretário particular, o jovem Aécio Neves. Aécio era neto de Tancredo e foi à televisão dizer que seu avô estava melhorando e que, em 48 horas, ele tomaria posse. Sarney, vice do presidente que padecia, assumiu provisoriamente. Em 21 de abril de 1985, a morte de Tancredo foi anunciada. Difícil imaginar como seria o governo de Tancredo, mas o fato é que a Nova República começou com uma atmosfera de frustração e quase nenhuma novidade. Segundo Schwarcz e Starling (2015, p. 487), Sarney, poderoso e onipresente no Maranhão, levou sua principal prática administrativa para o governo federal: incapacidade de distinguir o público e o privado, uso do poder para conseguir empregos, contratos, subsídios e toda sorte de favores para o enriquecimento de seus parentes. A reforma agrária, mais uma vez, era adiada no país. Mais uma vez, o país não teria sossego.

Capítulo 3. Análises das estratégias discursivas das grandes reportagens

Situadas as condições de produção das grandes reportagens jornalísticas de Antonio Callado que fazem parte do *corpus* deste trabalho, vamos nos debruçar sobre as estratégias discursivas das reportagens. Interessa-nos identificar recursos manejados pelo enunciador para produzir certos efeitos de persuasão. Assim, flagra-se na dimensão discursiva a postura de um intelectual-jornalista militante, cujo ofício se inscreve agudamente em um projeto de transformação político-social em certo quadrante contextual da vida brasileira. O “Brasil possível” se apresenta, então, como dimensão a ser construída com a ação interventora do intelectual combativo, naturalmente em consórcio com movimentos ou ações sociais que se lhe afiguravam nos anos de 1950 e 60, ora de maneira mais ou menos intensa, como vetores que pareciam apontar para a superação crucial de contingências drásticas de nossa ordenação econômico-social.

Tal qual no capítulo de contextualização das reportagens, organizamos a análise das estratégias discursivas a partir da sequência cronológica das seis publicações. Considerando que o trabalho jornalístico de Callado como intelectual engajado se concentra, sobretudo, entre as décadas de 1950 a 1960, os quatro primeiros livros (ou série de reportagens) publicados nesse período, *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), *Tempo de Arraes* (1964) e *Vietnã do Norte: advertência aos Agressores* (1969), serão esmiuçados com mais vagar. Outras duas grandes reportagens, *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1985), publicadas quando o jornalismo passou a ser uma atividade bastante esporádica para Callado, serão analisados, sucintamente, de forma a confirmar se as estratégias discursivas utilizadas nas reportagens das décadas anteriores ainda se fazem presentes.

Antes de enumerarmos as estratégias a serem avaliadas, pontuemos, rapidamente, algumas questões teóricas concernentes aos nossos interesses. Assim, para Brandão (1995), é preciso reconhecer a dualidade constitutiva da linguagem, ou seja, “[...] seu caráter formal e ao mesmo tempo atravessado pelas entradas subjetivas e sociais.” (BRANDÃO, 1995, p. 11). Para além da dualidade língua/fala, reconhece-se um nível fora dessa dicotomia, instância que liga o propriamente linguístico com o extralinguístico. Em outras palavras, um enlace das significações de um texto às suas condições sócio-históricas como partes constitutivas das próprias significações. Nesse vetor, acolhemos um dos conceitos de

discurso: "O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso." (BRANDÃO, 1995, p. 11).

Ao falarmos em estratégias discursivas, portanto, estamos considerando recursos presentes nas reportagens que, para além do plano textual (a avaliação de elementos “internos”), dizem respeito à enunciação. No caso das reportagens de Callado, significa encarar como os elementos da construção narrativa se articulam a dimensões contextuais particulares. Desse modo, falar em postura ideológica - a militância de Callado, seu ideal e projeto de nação - perde qualquer pendor abstrato e se torna um campo em que o plano da expressão é indissociável do gesto de intervenção em quadratura contextual: o discurso jornalístico torna-se “linguagem em ação”. Se vislumbramos a figura de Antonio Callado como indivíduo localizado sócio-historicamente e que age por meio da linguagem, o discurso é a dimensão em que o textual não está elidido do contextual. Assim, por exemplo, precisamos, minimamente aferir “quem é” o narrador-repórter das grandes reportagens de Callado, a instância enunciativa das reportagens. Outras questões também merecem atenção, como a que pondera não confundirmos narrador com autor.

3.1. Narrador-repórter como enunciador

Reis e Lopes (2007) explicam que o autor de uma narrativa não pode ser confundido com seu narrador. Isso porque o narrador é uma entidade fictícia “[...] a quem, no cenário da ficção cabe a tarefa de enunciar o discurso.” (REIS E LOPES, 2007, p. 257-258).

Ligia Chiappini Leite, por sua vez, chama o autor, que não pode ser confundido com o narrador, de “autor implícito”. Apesar de ser direcionada aos estudos da literatura, a definição da autora pode contribuir com nosso entendimento do conceito:

O autor implícito é uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele que comanda os movimentos no narrador, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem em que se narram indiretamente os fatos ou que se expressam diretamente as personagens envolvidas na história. (LEITE, 1985, p. 19)

Mas como se estabelece a diferenciação entre o autor implícito e o narrador nas narrativas jornalísticas? Jacqueline Martins (2016), autora da tese de doutorado *O autor e o narrador nas tessituras da reportagem*, considera que a relação entre as duas entidades pode se estabelecer como acontece na literatura. No texto “O narrador na reportagem: uma estratégia do autor”, Martins (2017) faz reflexões sobre como essas categorias podem ser adaptadas para a análise de reportagens, de forma a encontrar um o *ethos* do narrador no

jornalismo. De forma a traçar um paralelo com o narrador na literatura, a autora é didática: "Na literatura, por exemplo, é visível que o autor é aquele que cria/elabora e assina a obra. Este autor pode adotar inúmeras perspectivas para contar uma história, eis o narrador." (LEMOS, 2017, p. 98). Nas reportagens, as categorias se colocariam da seguinte forma: o autor é o jornalista (o repórter) e o narrador é a instância que o jornalista escolhe para narrar a reportagem.

Cecilia Aare (2016) prefere chamar esse autor (ou autor implícito) de diretor. Isso porque, como a autora enfatiza, o que está em uma reportagem sempre é uma realidade dirigida pelo autor implícito que maneja todos os elementos da narrativa (AARE, 2016, p. 108). Em seu modelo de análise de reportagens - que tem por base a narratologia - a narrativa se desenvolve a partir da interação de três instâncias: o diretor, o narrador e as experiências dos personagens (nas reportagens em primeira pessoa, a experiência do repórter também é considerada uma experiência de personagem). Aare enfatiza que mesmo nas reportagens narradas pelo repórter em primeira pessoa, o narrador que narra história é escolhido pelo diretor ou autor implícito. A imagem a seguir, adaptada de uma ilustração presente no texto de Aare, explica de que forma se dá a atuação do diretor/autor na reportagem.

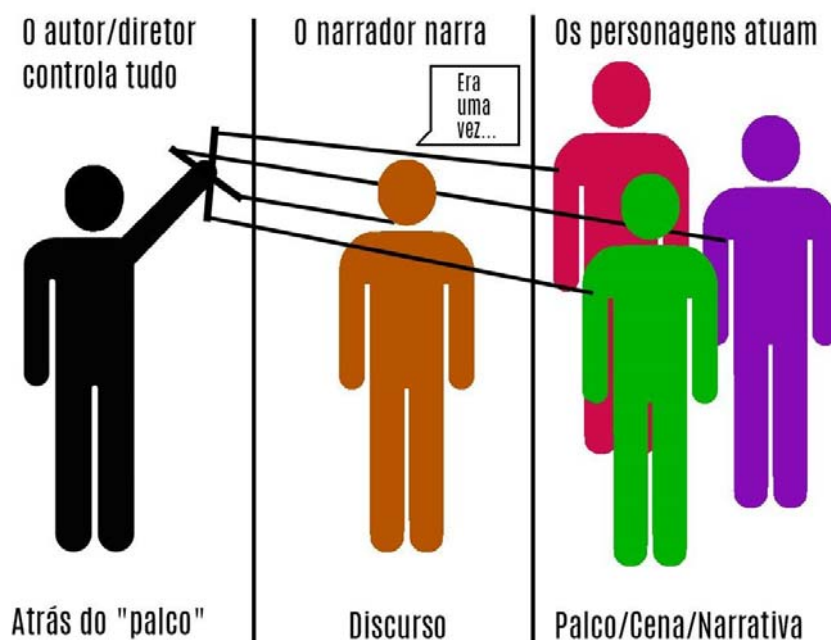


Figura 48: Esquema explica a diferença entre autor/diretor, narrador e personagens.
(Fonte: Adaptação e tradução da ilustração de Cecilia Aare (2016, p. 109)).

O esquema de Aare é bastante ilustrativo para pontuarmos a diferença entre instâncias discursivas de uma narrativa. Ele também nos auxilia a justificar porque chamamos a instância enunciativo-narrativa das reportagens de Antonio Callado de *narrador-repórter*; na medida em que o narrador escolhido pelo diretor/autor implícito também narra as experiências vividas pelo autor enquanto repórter, entendemos que os textos apresentam um narrador-repórter. E o narrador-repórter é uma instância conduzida pelo diretor / autor cuja voz está fortemente impregnada do discurso ideológico do seu autor.

Ainda amparados pela narratologia, uma outra classificação pode ser vinculada a esse narrador. Dessa vez é Gérard Genette (2017) que nos dá suporte para apontar que nas reportagens de Antonio Callado temos um narrador homodiegético, ou seja, um narrador presente na história e que deixa explícito que a narrativa é sua perspectiva sobre o que testemunhou (na outra ponta, está o narrador heterodiegético, que não participa do que narra). Ao assinalarmos o narrador das reportagens de Callado como narrador-repórter deixamos subentendido, portanto, que há um narrador homodiegético que narra a experiência da qual o autor, que também foi o repórter na narrativa, participou. Compreendido quem é o "narrador-repórter", é a vez de enumerarmos quais são as três principais estratégias discursivas que vamos localizar nas reportagens.

3.1. De quais estratégias estamos falando?

Assunção da subjetividade, autorreferencialidade e literariedade: esses são os três aspectos que se constituem nas principais estratégias discursivas a serem observadas nas produções jornalísticas de Callado. Desde já, é importante ressaltar que outros recursos podem ser identificados. Por ora, para colaborar na compreensão de cada uma dessas três principais estratégias, vamos considerar o trecho que segue. Ele faz parte da reportagem "Da grande mentira às primeiras sílabas"¹¹⁶, publicada na série "Revolução-Piloto em Pernambuco" do *Jornal do Brasil* e depois reunida no livro *Tempo de Arraes* (1964). Neste fragmento, que narra o método de alfabetização do Sistema Paulo Freire, podemos localizar as três estratégias. Antes de falarmos dela, vejamos o trecho:

¹¹⁶ No livro *Tempo de Arraes* (1964), o nome do capítulo correspondente é "Diálogo com os analfabetos". A reportagem do *Jornal do Brasil* está disponível para acesso na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://goo.gl/XveCyJ>>. Acesso em: 09 jul. 2018

O analfabeto, ao contrário da criança, tem montada em si uma complexa máquina de pensar. Em grande parte inútil, rodando no escuro, apanhando noções ao acaso. Mas quando entra ali, pela leitura, o pensamento concatenado, **o moinho esta pronto a moer**. O homem é pegado já adulto, como Jeová pegou Adão, e inserido igualmente num mundo formado. Em parte formado contra eles, antes mesmo de qualquer pecado, porque não sabe ler. **Outra frase iluminada que anotei** quando ouvia histórias dos educandos do Paulo Freire foi a camponês que, ao invés de juntar sílabas para formar uma palavra, deixou as sílabas independentes e formou uma frase:

- Tu já lê.

Como se *tu* fosse ele próprio, ou melhor, seu ser novo, alfabetizado. **Descartes ficaria deleitado** de ver tanto homem cogitando e sendo ditame das palavras projetadas nos cartões. (CALLADO, 2005, p. 102-103, grifo do autor em itálico, grifo nosso em negrito)

Em destaque aparecem os trechos que analisaremos para explicar cada uma das estratégias a seguir. É importante ressaltar que, no caminhar da análise, para além dos autores que apresentamos agora, outras referências teóricas nos darão respaldo para analisá-las. Enfim, vamos à primeira das três principais estratégias: a assunção da subjetividade.

3.1.1. Assunção da subjetividade

A assunção da subjetividade diz respeito à atitude de explicitar as marcas do *eu*-enunciador do discurso das reportagens. A narração do narrador-repórter sobre os fatos - narração homodiegética, como vimos -, estando sempre em consórcio com suas interpretações e análises, sublinha a perspectiva parcial e afetiva do *eu* que narra. Não há efeito de isenção. Os códigos de imparcialidade e objetividade - que fizeram com que o jornalista do século XX mantivesse a ilusão de dominar o fluxo dos acontecimentos apenas porque os contempla e os organiza em forma de notícias - não se apresentam nas reportagens.

A “ilusão de imparcialidade” chega a ser, às vezes, ironizada por esse narrador-repórter que deixa explícita sua voz na condução da narrativa jornalística. Um comportamento que condiz com a crítica de Nilson Lage (2001) sobre a noção de objetividade no jornalismo: “A interferência da subjetividade nas escolhas e nas ordenações será tanto maior quanto mais objetivo, ou preso às aparências, o texto pretende ser.” (LAGE, 2001, p. 19). O que Lage quer dizer é que ao privilegiar uma informação em

detrimento à outra o jornalista já estaria sendo conduzido por fatores subjetivos que direcionariam suas decisões.

A constatação de Lage encontra consonância na crítica de Edvaldo Pereira Lima sobre aqueles que acreditam que os fatos sempre devem se encaixar na fórmula clássica da objetividade.

Os que acham que só é jornalismo a matéria pura e reducionisticamente factual, presa à antiga fórmula do que, quem, como, onde, porquê; descarnada de qualquer imersão significativa do repórter no olho do furacão de seu tema de abordagem. (LIMA, 1995, p. 11)

Para o autor, quando se assume as respostas para as perguntas do *lead*¹¹⁷ como as únicas passíveis de apreender a realidade, incorre-se na falácia de postular que o jornalismo não é também um caleidoscópio subjetivo de diferentes versões.

Como veremos nas análises, o narrador-repórter deixa claro que as narrativas jornalísticas sobre um mesmo acontecimento - como naturalmente recebem diferentes versões ou interpretações - estão sob sua perspectiva, indissociáveis de seu ponto de vista engajado. Nesse aspecto, a rememoração de “fatos pessoais” - ou aparentemente dispensáveis segundo uma concepção ortodoxa - são trazidos à narrativa.

Uma reflexão que pode colaborar sobre nosso entendimento quanto à assunção da subjetividade como recurso discursivo no jornalismo é feita por Fabiana Moraes. No livro *O Nascimento de Joyce* (2015), Moraes conta a história, publicada anteriormente no *Jornal do Commercio*, da cabeleireira Joyce, um ex-agricultor pernambucano que, por meio do serviço público de saúde, passa por uma redesignação sexual. Ao acompanhar os preparativos para que Joyce adequasse seu corpo masculino ao feminino e, posteriormente, sua difícil recuperação e adaptação ao novo corpo, Moraes faz um relato jornalístico intimista. Além de trazer os bastidores da reportagem, que revelam a conturbada relação construída entre jornalista e personagem, o livro traz um ensaio da autora sobre o que ela designa como “jornalismo de subjetividade”. O início de seu ensaio traz sua concepção sobre o conceito:

É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos

¹¹⁷ Lage nos dá a definição de lead da seguinte forma: “O lead é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso; por extensão, a abertura do texto nos noticiários radiofônicos. Trata-se do relato sumário e particularmente ordenado do fato mais interessante de uma série e não do resumo da notícia toda, como aparece em algumas descrições.” (LAGE, 2001, p. 67).

que escapam da "rede técnica" dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior - e o Outro - em sua totalidade (independente de estarmos lidando com um "fato", "fenômeno" ou "acontecimento"), mas que devemos antes incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida, - o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo. (MORAES, 2005, p. 160)

Entendemos que o narrador-repórter de Callado realiza esse "jornalismo de subjetividade" na medida em que reconhece e expressa ao leitor-enunciário seus anseios e fragilidades. Como veremos, o narrador-repórter não abdica do método de investigação jornalística; não dispensa o trabalho de apuração e verificação dos fatos, o levantamento de dados concretos. Ele se debruça em documentos, realiza entrevistas com diferentes atores sociais relacionados aos acontecimentos (de forma a cumprir a máxima do jornalismo de "ouvir os dois lados"), realiza pesquisa para confrontar informações e versões. A forte presença do *eu* nas reportagens parece conferir autenticação do real, legitimidade e mesmo credibilidade ao que se está narrando: o enunciador afirma que esteve diante dos acontecimentos, que os testemunhou. E, ao declarar que a reportagem é *seu* testemunho, o narrador-repórter portaria uma atitude ética: assumo minha parcialidade na narração do que testemunhei. Evidentemente, com essa postura, o narrador-repórter arrisca na medida em que o leitor-enunciário pode contestar o discurso por se tratar de percepção assumidamente subjetiva e, portanto, parcial dos acontecimentos. No entanto, articulada a dados e informações adquiridas em protocolos "clássicos" do jornalismo, tal atitude jornalística parece potencializar o efeito de verdade desejado.

No trecho elegido para apresentar a articulação das estratégias discursivas, no qual o narrador-repórter conta as experiências dos alunos que aprendiam pelo método Paulo Freire, localizamos a assunção da subjetividade no momento em que o enunciador diz ter anotado uma frase "iluminada" a partir das histórias que ouviu dos educandos: "Outra frase *iluminada* que anotei [...]". É o próprio narrador-repórter que grifa a palavra na sintaxe. Isso porque ela vai encontrar correspondência com a menção a Descartes, um dos precursores do iluminismo, no fim do trecho: "Descartes ficaria deleitado de ver tanto homem cogitando e sendo ditame das palavras projetadas nos cartões". A relação estabelecida pelo narrador-repórter com as associações criadas pelos alunos no processo de aprendizagem e a filosofia iluminista apresenta seu próprio deslumbramento com a experiência educacional. O enunciador sublinha seu perspectivismo: diz que aferiu a frase como "iluminada". O mesmo fragmento do trecho, ao trazer marcas dos procedimentos

adotados pelo narrador-repórter no campo dos acontecimentos, leva-nos à outra estratégia discursiva presente nas reportagens: a autorreferencialidade.

3.1.2 Autorreferencialidade

Para apontarmos o que entendemos por autorreferencialidade, é válido, ainda que rapidamente, ir à definição de reportagem. Seguindo a definição de Bulhões (2007), a reportagem pode ser entendida como a forma desenvolvida da notícia: "Ultrapassando o simples anunciar do acontecimento, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações." (BULHÕES, 2007, p. 45). A apuração laboriosa das informações, por meio das entrevistas e por meio da investigação de diferentes versões, também está dentro de sua definição. No mais, a presença do repórter no palco dos acontecimentos está em sua gênese. Bulhões (2007) explica que a Guerra de Secessão, ou Guerra Civil dos Estados Unidos, considerada o marco inicial da reportagem, levou os jornalistas ao local da batalha e fez com que a reportagem ganhasse seu traço essencial: a necessidade do jornalista - o repórter - estar no lugar das ações dos acontecimentos, de forma a trazer a voz de quem está estreitamente imerso nos fatos.

Como sabemos, esse detalhamento dos fatos e do contexto em que se desenrolam os acontecimentos é feito, na maioria das vezes, pela ocultação dos protocolos realizados para a aquisição das informações e da subjetividade impregnada nesse processo. Mas, há também a possibilidade do narrador-repórter apresentar suas decisões e seus procedimentos escolhidos para a construção da narrativa jornalística no próprio discurso da reportagem. A essa postura Fausto Neto (2007) chama de autorreferencialidade.

Na primeira escolha discursiva realizada, aquela que esconde as marcas da subjetividade do repórter, tem-se o entendimento da linguagem por uma dimensão "instrumental". Na contramão, a narrativa em que o narrador apresenta seus métodos para a apreensão da "realidade" pode ser compreendida na perspectiva "construcionista" (FAUSTO NETO, 2007, p. 78). Sob a perspectiva da dimensão "instrumental", explica o autor, a linguagem estaria apenas a serviço do ato de fala, independentemente das injunções que determinaram sua constituição¹¹⁸. Por esse caminho, o processo produtivo de uma

¹¹⁸ Fausto Neto exemplifica a dimensão "instrumental" com a matéria jornalística do correspondente do *New York Times* no Brasil que acusou o então presidente Lula de hábitos alcoólicos. Quando chamado à Justiça para defender sua versão, o jornalista declarou: "O artigo limita-se apenas a veicular comentários, não contendo nenhum juízo de valor do próprio requerente". Sobre sua declaração, o Fausto Neto comenta: "Ou seja, confessa a noção de linguagem apenas como um meio, ao 'desconhecer' que a construção do texto passa por complexas operações, pois é dele enquanto enunciator ao

reportagem é "naturalizado" e "objetivado", sem considerar os caminhos subjetivos pelo qual passa a captação, a edição e a feitura do material jornalístico. Por outro lado, a dimensão "construcionista" situa o sujeito falante da enunciação jornalística imerso explicitamente nas complexas relações da operação discursiva. Em uma perspectiva autorreferencial, e que poderíamos chamar de metajornalística, o leitor-enunciatório pode perceber a complexidade das situações e decisões inseparáveis do processo de edificação do texto que se lê; o enunciatório está, enfim, diante das próprias condições da produção da reportagem como discurso¹¹⁹.

Eloísa Klein (2013), no seu texto "Autorreferencialidade e jornalismo", explica que narrativas autorreferenciais amplificam as leituras possíveis da narrativa: "Entendemos que, ao tratar do que 'se fez para fazer', os textos midiáticos [...] exploram a redação contínua com as características contextuais de tempo, sociedade, instituição, com as implicações técnicas e materiais e com as pessoas com as quais interage (KLEIN, 2013, p. 2).

Pois bem, se considerarmos novamente o fragmento que estamos utilizando como exemplo da realização das estratégias discursivas, percebemos que o narrador-repórter revela os protocolos do seu trabalho no campo dos acontecimentos ("[...] que **anotei** quando ouvia histórias dos educandos do Paulo Freire [...]", grifo nosso). O narrador-repórter diz que faz anotações, que organiza suas percepções e associações. Em muitos momentos da série de reportagens *Tempo de Arraes* e de outras, tal atitude metajornalística é atuante na produção de sentido.

Por último, possivelmente como o vetor mais poderoso de ampliação de sentidos, encontramos o terceiro recurso: a literariedade.

3.1.3. A literariedade

O entendimento sobre o que é o que não pode ser identificado como texto literário mudou muito ao longo da história. De tal forma que, para apreender o conceito moderno de literatura, é necessário considerar um relativismo histórico. Mas, mesmo considerando

escutar pessoas (fontes), ao selecionar materiais, extrair seus fragmentos e agrupá-los no seu próprio texto. Naturaliza seu trabalho, ao 'camuflar' seu processo produtivo." (FAUSTO NETO, 2007, p. 79).

¹¹⁹ Os estudos de Antônio Fausto Neto, assim como os de Eloísa Joseana da Cunha Klein, tratam especialmente da autorreferencialidade nas reportagens televisivas. Em tais estudos, o programa *Profissão Repórter* da Rede Globo é o principal exemplo. Apesar dessa especificidade, tais análises, que consideram as estruturas formais e tradicionais do fazer jornalístico, abrem espaço para uma dimensão analítica que também se aplica em reportagens impressas.

as transformações estruturais que influenciaram na definição do que é o texto literário ao longo do tempo, a constatação de que a literatura se baseia no trabalho com a linguagem não foi afetada ao longo do século XX.

Poderíamos nos debruçar sobre vários conceitos de literatura para o desdobramento dessa análise. No entanto, o estudo sobre o plano da expressão da linguagem na literatura ganha consistência quando nos atentamos ao movimento dos formalistas russos. Nas primeiras décadas do século XX, quando os formalistas se dedicaram à questão, o objeto da literatura ganhou nome: a literariedade. Ou seja, o conjunto de traços distintos que confere a uma obra a sua qualidade literária. Antes de assimilarmos esses traços, vejamos o contexto em que eles foram designados. A compreensão do cenário nos dará respaldo para identificar a linguagem literária e como ela se articula na reportagem de Callado.

Na Universidade de Moscou antes da Revolução Russa, como nos informa Aguiar e Silva (1976, p. 555-556), alguns universitários russos estavam insatisfeitos com o cenário dos estudos literários. Se por um lado se mostravam descontentes com a erudição da história acadêmica de raízes positivistas, por outro denunciavam a crítica impressionista tendenciosa e sem rigor analítico. Assim, com o objetivo de identificar os caracteres próprios do objeto literário, foi que tais estudantes começaram a se organizar. Durante o inverno de 1914 e 1915, Buslaev, Vinokur, Roman Jakobson, entre outros, criaram o Círculo Linguístico de Moscou. Em 1916, foi a vez de linguistas e de estudiosos da literatura de São Petersburgo fundarem o Opazaz (a Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética), entre eles Viktor Šklovskij e Boris Ejchenbaum. Assim nascia o formalismo russo.

Em primeiro lugar, era preciso organizar a casa: à crítica literária caberia um papel bem definido, com método próprio, de modo a terminar com a confusão com outros domínios do saber. Era preciso reagir contra a crítica erudita que se alimentava sem critérios de dados fornecidos pela história da cultura, pela psicologia, pela sociologia e era afeita ao biografismo e às anedotas. Servindo-se de diferentes áreas do conhecimento, a literatura estaria condenada à condição de “coisa de ninguém”.

A constatação de que os caracteres específicos do fato literário não estavam fincados na pessoa do poeta, mas no poema seria uma prerrogativa decisiva. Ou seja, a análise da obra deveria atentar para o texto em si. E para definir a literariedade, os formalistas russos decidiram comparar a linguagem poética com a linguagem cotidiana. Feito isso, identificaram que a oposição essencial entre elas reside no contraste entre automatização e perceptibilidade.

Relacionada à rotina e ao hábito, a automatização está muito presente na linguagem cotidiana, calcada na praticidade comunicacional. Nesse contexto, uma frase inacabada ou uma palavra dita apenas em parte é compreendida por seu uso costumeiro e denotativo. Já na linguagem poética, "[...] o escritor deforma a realidade para melhor atrair a atenção do leitor, consistindo o seu processo básico de representação do real num processo de *singularização dos objetos*." (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 561, grifo do autor). Há uma transferência, portanto, do objeto para uma esfera de percepção nova, conotativa, de forma a "físgar" o leitor. O ato da percepção é um fim em si mesmo e, por isso, é fecundo tudo o que colabora para prolongá-lo. O autor Aguiar e Silva enumera: "[...] a escola dos elementos lexicais, a disposição dos vocábulos, as associações semânticas, as variações rítmicas, tudo na linguagem poética tende para anular o automatismo da percepção." (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 561).

A essência da literariedade, assim, foi estabelecida considerando a distinção entre os usos de linguagem. Para explicar tal caráter, Aguiar e Silva cita a definição dos traços marcantes do fato literário por diferentes autores. Roman Jakobson, em um trabalho cuidadoso de diferenciação entre as linguagens, procurou a essência da literariedade de forma a distinguir a linguagem poética da linguagem informativa e também da linguagem emotiva (que muitas vezes foi confundida com a linguagem poética). Para Jakobson:

O traço distintivo da poesia reside no fato de que, nela, uma palavra é percebida como uma palavra e não meramente como um mandatário dos objetos denotados, nem como a explosão de uma emoção; reside no fato de que, nela, as palavras e seu arranjo, o seu significado, a sua forma externa e interna, adquirem peso e valor por si próprios. (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 562 apud ERLICH, 1969, p. 156)

Tomachevski explica a forma poética de forma semelhante ao dizer que, segundo Aguiar e Silva, (1976, p. 562) "[...] esta forma de linguagem constitui um sistema linguístico em que a 'função informativa é relegada para um plano secundário e onde as estruturas verbais adquirem valor autônomo.". Por sua vez, Boris Ejchenbaum identificou que na linguagem poética a palavra tem a ver com uma nova atmosfera semântica. A palavra deixa de ser entendida na sua compreensão costumeira e passa a ter relação com a língua poética, ou seja, dentro da estrutura semântica em que se relaciona. Ejchenbaum observa que a característica mais importante da semântica poética "[...] reside na 'formação de significações marginais que violam associações verbais habituais', sublinhando assim a importância do fenômeno da ambiguidade significativa na constituição da linguagem literária." (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 562 apud TODOROV, 1965, p. 156).

E, por fim, Tynianov considera as inter-reações entre os fatores semânticos e os fatores rítmicos. Na linguagem literária, o vínculo que une os vocábulos é muito mais forte do que na linguagem cotidiana, "[...] verificando-se entre as palavras da linguagem literária uma *relação posicional* que não existe na linguagem cotidiana." (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 562, grifo do autor).

A partir da percepção desses formalistas russos, pode-se obter uma síntese válida dos aspectos que regem a literariedade. Na linguagem literária, a palavra não é percebida com seu sentido denotativo; ela ganha novo significado e estruturas verbais autônomas. A função informativa da palavra, inclusive, é relegada a segundo plano. Nessa constituição da linguagem literária, o fenômeno da ambiguidade é muito significativo (Jakobson, Tomachevski e Ejchenbaum). É determinante considerar a atmosfera semântica com a qual a palavra se relaciona (Ejchenbaum) e as inter-relações entre os fatores semânticos e rítmicos precisam ser considerados. A relação posicional existente na linguagem literária é também outra característica definidora para a compreensão da literariedade (Tynianov).

Voltemos ao começo do trecho trazido como exemplo agora munidos de conhecimento sobre a literariedade como aquela que opera a ampliação e multiplicidade da significação:

O analfabeto, ao contrário da criança, tem montada em si uma complexa máquina de pensar. Em grande parte inútil, rodando no escuro, apanhando noções ao acaso. Mas quando entra ali, pela leitura, o pensamento concatenado, **o moinho esta pronto a moer**. O homem pegado já adulto, como Jeová pegou Adão, e inserido igualmente num mundo formado. Em parte formado contra eles, antes mesmo de qualquer pecado, porque não sabe ler. (CALLADO, 1960, p. 102-103, grifo nosso)

De forma a explicar como se dá a alfabetização no Sistema Paulo Freire, o narrador-repórter associa o cérebro do adulto analfabeto a um maquinário rodando ao acaso. Esse cenário, no entanto - explica o enunciadador - é revertido pelo método de associações possibilitado pelas aulas; nesses casos, o "moinho está pronto a moer". A frase metafórica, que remete ao campo semântico telúrico do qual participam os camponeses, demonstra a literariedade utilizada pelo enunciadador. A função informativa da palavra "moinho", ainda que não descartada, deixa se sobrepor pelo sentido desejado: mostrar o novo funcionamento do cérebro dos camponeses.

Para definir tais características - que podemos chamar de estilísticas, a partir do conceito de TODOROV e DUCROT (1977, p. 288)¹²⁰, vamos nos debruçar neste momento da tese, sobretudo, sobre o plano do enunciado das reportagens. Mas o plano da enunciação, mais evidente no capítulo 2, estará indissociavelmente vinculado à análise semântica que agora se inicia. Vamos às reportagens.

¹²⁰ Para os autores, o estilo é "[...] a escolha que todo texto deve operar entre um número de disponibilidades contidas na língua. O estilo assim compreendido é equivalente aos *registros da língua e seus subcódigos*; é a que se referem expressões como "estilo figurado", "discurso emotivo" etc. E a descrição estilística de um enunciado é apenas a descrição de todas as suas propriedades." (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 288).

3.2. Esqueleto na Lagoa Verde: que jornalismo é esse?

Durante meses a fio Orlando Villas Boas, o maior amigo branco que tem os calapalos, interrogou pacientemente acerca do explorador inglês desaparecido. Quando os calapalos desconversam, aborrecidos, o sertanista falava noutra coisa. Um dia, quando todos fumavam no terreiro, Villas Boas aguilhoou Cuiuli, um dos índios mais velhos dos calapalos.

- Aposto como você não sabe onde estão os ossos do coronel Fawcett.
- Sei! Foi a resposta.
- Se sabe me leve lá.

Os índios se entreolharam. Villas Boas, que já explorara a vaidade intelectual do que orgulhosamente dissera saber, explorou a vaidade física de todos os chefes.

- Dou aos chefes calapalos uma arara vermelha se me levarem aonde estão os ossos.

Os chefes se viram todos de penas encarnadas na orelha. De mais a mais, se confiam em algum caraíba confiam em Villas Boas, e este já se cansara de lhes dizer que os outros caraibas não estavam mais "brabos" com a morte do "ingueresi". Só queriam era saber como tinha ele morrido. Os índios o levaram então para uma lagoinha entre o rio Culuene e seu afluente Tangúru. Subiram um barranco e, entre o chão limoso e as árvores folhudas, o atual cacique dos calapalos, o índio Curatsi, falou das 11.15 da manhã às 2.30 da tarde, contando como ali haviam sido assassinados três homens - aparentemente Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimell. Depois disse ao sertanista:

- Cava.

Não foi preciso cavar mais de meio metro. Não era um túmulo. Era um apressado buraco, aberto sem dúvida há muitos anos, e nele, sujos de terra e já meio enleados em raízes, uma caveira e um montão de ossos. (CALLADO, 2010, p. 15)

No primeiro capítulo da grande reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde*, logo depois que o narrador-repórter relata e descreve a chegada do avião com a equipe da qual fazia parte ao Posto Culuene, somos apresentados à situação em que os índios Calapalos confessam para Villas Boas o assassinato de um homem, possivelmente Percy Harrison Fawcett, o coronel inglês que desaparecera na mata com seu filho mais velho e com um amigo quando estavam a procura de uma cidade perdida. Na sequência, está a cena da caminhada até a cova dos ossos e, finalmente, a descoberta do esqueleto da vítima. O narrador-repórter parece testemunhar a conversa do sertanista com os índios e a trajetória deles até a lagoa verde. Afinal, como seria possível afirmar que os índios se entreolharam interessados na proposta do sertanista se o narrador-repórter não estivesse a observá-los? Mais: como seria

possível saber o que os chefes da tribo imaginaram ("se viram todos de penas encarnadas na orelha") para aceitar a arara vermelha de Villas Boas em troca das informações?

A descoberta dos supostos ossos de Fawcett por Villas Boas aconteceu em abril de 1951. Callado chegaria no Xingu meses depois, em janeiro de 1952, com a expedição dos *Diários Associados* e com Brian Fawcett, o filho do meio do coronel desaparecido. Com as datas apresentadas pelo próprio narrador-repórter logo após o trecho que narra a sequência das duas situações a que nos referimos há pouco, sabemos que, definitivamente, Callado não testemunhou o diálogo, a caminhada até a lagoinha verde e nem esteve presente na revelação do esqueleto que faria Assis Chateaubriand organizar sua caravana em busca de manchetes para seus jornais.

O que o narrador-repórter faz na narrativa desse e de outros trechos de sua grande reportagem, como veremos, poderia ser caracterizado a partir de certos preceitos do New Journalism, o “movimento” norte-americano da década 1960 que marcou a história do jornalismo ocidental¹²¹. O *New Journalism* caracterizou um tipo de escrita desenvolvido inicialmente por Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese nas reportagens especiais publicadas nas revistas *Esquire* e *Herald Tribune*, e que desembocou em grandes narrativas de produções como as de Truman Capote e Norman Mailer.

Se consideramos a lista das principais técnicas identificadas por Tom Wolfe, usadas por ele e pelos jornalistas referenciados pelo *New Journalism*, é possível notar que todas as características aparecem nesse trecho de *Esqueleto na Lagoa Verde*. Monica Martinez (2016, p.38) diz que Wolfe teria se tornado uma espécie de pensador do movimento ao lançar, em 1963, *Radical Chique* e o *Novo Jornalismo* (2005). Wolfe, apelidado de "Balzac de New York"¹²², enumerou os recursos presentes nos textos que teriam sido tomados de “empréstimo” do realismo social do século XIX: o registro minucioso de gestos de personagens; a descrição de costumes, hábitos, detalhamento espacial para caracterização de um evento narrativo; a presença de diálogos; e a construção cena a cena.

Talvez não haja, em todo arcabouço teórico e prático escrito sobre Jornalismo Literário, aula mais magna do que esta, que expõe de forma clara e cristalina as

¹²¹ Apesar da palavra "movimento" ser a mais utilizada para designar o *New Journalism*, Marcelo Bulhões (2007, p.145) avalia que é preciso compreender a palavra mais no sentido de agitação. Isso porque não houve no *New Journalism* um delineamento de ideias estabelecido por um grupo coeso de representantes. Nesse sentido, é válido compreender o Novo Jornalismo mais com uma atitude que repercutiu na prática textual desenvolvida por jornalistas de publicações norte-americanas do que um movimento.

¹²² Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, o apelido era muito apropriado para Wolfe. Segundo o jornalista, Honoré de Balzac teria sido uma espécie de precursor do Novo Jornalismo, "[...] com a descrição atilada e elegante que fez dos salões de Paris da primeira metade do século 19, similar à que Wolfe fez da Nova York da segunda metade do século 20". (LINS DA SILVA, 2005). Disponível em: <<https://goo.gl/pSZsqU>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

técnicas fundamentais que transformaram um texto comum em uma sofisticada narrativa jornalística à moda do JL. (MARTINEZ, 2016, p. 38)

Daniel Piza, (2010), à época da publicação de *Esqueleto na Lagoa Verde* na coleção "Jornalismo Literário" da Companhia das Letras, estabelece associação entre a obra jornalística de Callado e o *New Journalism*, defendendo que a narrativa do jornalista sobre o mistério do desaparecimento de Fawcett - na contramão das publicações que usam o uso indiscriminado do termo - representa uma boa amostra do que seria Jornalismo Literário nos termos de utilização de recursos utilizados pelos Novos Jornalistas.

[...] jornalismo literário é apenas o que se vale mais intensamente de recursos narrativos mais comuns na ficção, como o "clima", os diálogos e detalhes, assumindo mais explicitamente a subjetividade, como Norman Mailer e Truman Capote escrevendo sobre si mesmo e Tom Wolfe anotando onomatopeias etc. (PIZA, 2010)¹²³

Para Piza, associar o texto de Callado ao *New Journalism* é inevitável. Evidentemente, recursos como os utilizados por Norman Mailer, Truman Capote e Tom Wolfe estão no texto de Callado. Ou, invertendo os termos e adotando um critério cronológico, em *Esqueleto na Lagoa Verde*, cuja primeira edição em livro data de 1953, muito do que se flagra no texto narrativo de Callado se notará frequentemente nos expoentes do *New Journalism*, a partir do início dos anos 60. Assim, um olhar analítico para *Esqueleto na Lagoa Verde* baseado exclusivamente nos preceitos levantados por Wolfe serviria mais para mostrar que produções jornalísticas tocadas por recursos comuns à literatura foram feitas no Brasil¹²⁴ mais de uma década antes do *New Journalism* ganhar força de agitação¹²⁵ nos Estados Unidos. Naturalmente, também nos Estados Unidos não é difícil citar exemplos de jornalistas cujas produções realizavam tais processos discursivos

¹²³ Disponível em: < <https://goo.gl/LjKqws> >. Acesso em: 17 out. 2017.

¹²⁴ Segundo Marcelo Bulhões (2007), a reportagem que apresenta recursos de representação ficcional se inicia, no Brasil, com João do Rio, um dos pseudônimos que Paulo Barreto passa a utilizar a partir de 1903, quando atuava na *Gazeta de Notícias*. Com João do Rio, a própria ação de reportar é evidenciada na reportagem. "Pode-se dizer que com ele enfatiza-se o próprio jornalista, ou seja, o profissional a partir de cuja ação se desenvolve o acontecimento noticioso". (BULHÕES, 2007, p.79). O comportamento autorreferencial pode ser flagrado nas suas principais obras: *As Religiões do Rio*, de 1904, *A Alma Encantadora das Ruas*, de 1908, *Cinematógrafo*, de 1909, *Vida Vertiginosa*, de 1911, e *Os Dias Passam*, de 1912.

¹²⁵ Vera Helena Saad Rossi (2005) explica que a reportagem *Frank Sinatra has a cold*, de 1966, narrativa de Gay Talese que traça um perfil sobre Frank Sinatra apenas com depoimentos de personagens próximos a ele, foi quem anunciou de vez o Novo Jornalismo, mas a definição já teria sido evocada em 1965 por Pete Hamill em um artigo intitulado "The New Journalism" para a revista *Nugget*. Monica Martinez (2016, p.38) lembra outros nomes que também já faziam Jornalismo Literário nos EUA antes da notoriedade atingida pelo New Journalism: Lilian Ross, autora de *Filme* (1952), e Joseph Mitchell, que publicou *O segredo de Joe Gould* (1942). Os dois, jornalistas da *The New Yorker*, estão entre os precursores norte-americanos.

décadas antes do advento da vaga do *New Journalism*, casos de John Hersey ou Lillian Ross.

O que poderia explicar a associação quase imediata de textos como os de Callado ao *New Journalism* é, segundo John S. Bak¹²⁶, o número de estudos internacionais sobre Jornalismo Literário que, a fim de buscar um passado compartilhado para a área, acabam associando sua gênese ao movimento mais conhecido e difundido pelo mundo. Bak explica que é uma conexão que precisa ser evitada. No seu texto "Rumo a uma definição do jornalismo literário internacional" (2017)¹²⁷, que também abre o livro *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences* (2011), Bak explica que esse é o principal desafio para o estudo de Jornalismo Literário em diferentes países. "Enfatizar suas diferenças é elementar; reivindicar seu passado compartilhado, contudo, é muito mais desafiador." (2017, p. 233).

Bak elucida que, ao escrever a introdução do livro, tentou remodelar o argumento científico de que a os norte-americanos são proeminentes no mundo quanto à criação de modelo para o Jornalismo Literário ou, como também define, reportagem literária. O pesquisador, que possui dupla cidadania, americana e francesa, em entrevista dada para a *Revista Comunicação Midiática* da Unesp (edição ainda a ser publicada) revelou sua preocupação sobre a definição exclusivamente atrelada ao *New Journalism*. Para isso, contou sobre sua própria vivência com o tema:

Eu cresci com essas definições (*sobre Jornalismo Literário*), mas depois de viver por 20 anos na Europa e ter lido artigos de Portugal, China... sem chances! Eu comecei a reconhecer que os americanos são imperialistas de várias formas. Sim, nós influenciemos muitas pessoas, mas essa definição não seria legítima. Também porque a maior parte delas são baseadas na mentalidade do *New Journalism*. Então meu objetivo nessa introdução foi o de dizer que não é possível continuar apenas com a definição americana, precisamos propor algo diferente, porque as tradições jornalísticas e literárias pelo mundo não são americanas e não são as mesmas. (BAK, 2017)¹²⁸

¹²⁶ John S. Bak é fundador da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS), é professor de Literatura Americana na Universidade de Lorraine, em Nancy, na França, e integra o grupo de pesquisadores do Centro de Pesquisas Interdisciplinares de Estudos Ingleses (I.D.E.A.). Entre setembro e dezembro de 2017, o professor recebeu a autora desta tese na Universidade de Lorraine durante seu Doutorado-Sanduíche com bolsa CAPES.

¹²⁷ O ensaio atualizado e traduzido foi publicado na revista *Brazilian Journalism Research* (BJR) em dezembro de 2017. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1007>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

¹²⁸ Entrevista feita pelos pesquisadores Mateus Yuri Passos, Felipe de Oliveira Mateus, e Lilian Juliana Martins. A ser publicada nas próximas edições da *Revista Comunicação Midiática*. Disponível em: <<https://goo.gl/MXMfPZ>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

É considerando tal perspectiva sobre a necessidade de uma compreensão própria sobre os fenômenos de cada país que nossa avaliação das estratégias enunciativas da reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* se distancia das tradições teóricas norte-americanas para repousar sobre uma das análises brasileiras que consideramos mais sagaz sobre a grande reportagem de Callado no Xingu: a análise de Davi Arrigucci Jr. No texto "O sumiço de Fawcett", Arrigucci Jr apresenta caminhos de análise fundamentais para a o labor interpretativo da grande reportagem de Callado, descortinando estratégias narrativas que apontam *Esqueleto na Lagoa Verde* como uma "[...] espécie de desconstrução da reportagem tradicional." (ARRIGUCCI JR, 2010, p. 129). Entre os *insights* do analista está a de que a narrativa apresenta a "[...] pulverização da perspectiva única, espatifada pela multiplicação dos narradores e de sua visada sobre os fatos." (ARRIGUCCI JR, 2010, p. 130).

Para que essa proliferação de vozes sobre o desaparecimento de Fawcett apareça na narrativa, o repórter fez um árduo trabalho de investigação. Especialmente na primeira parte da produção, comparece a articulação de diferentes perspectivas sobre o caso. Entrevistas, leituras de documentos, livros, artigos e o relato de sua própria vivência são “vertidos” para a reportagem. Há, pois, um trabalho conciliatório entre apuração e experiência vivida do repórter, a qual fornece sustentação jornalística da narração. Embora alguns episódios não tenham sido testemunhados pelo repórter, comparecem alinhados aos que o jornalista teria aferido diretamente. No caso do trecho em que Villas Boas negocia com os índios para que eles mostrem o lugar dos supostos ossos de Fawcett, o modo como o jornalista teve acesso a informações explicita-se no próprio percurso narrativo. Ou seja, a narrativa jornalística expõe o próprio percurso de sua construção. Exemplo de investimento narrativo em episódios não vivenciados pelo narrador-repórter encontra-se no trecho em que Brian Fawcett está com os índios que tentam explicar como se deu o suposto assassinato de seu pai. O narrador-repórter revela-se como testemunha da conversa:

A cena do bate-papo em frente à cabana tinha, como *décor*, muita dignidade. Brian, louro, magro, alto, de fino pescoço, sentava-se entre o velho Iruca, avermelhado de urucu como um diabo, e Cumatsi, o atual cacique calapalo. Por trás de Brian, ao lado do mastro onde se içava a bandeira nacional, Taiuri, o pajé. (CALLADO, 2010, p. 67)

A descrição continua com o detalhamento de outros índios que participam da conversa dos Calapalos com Brian e que é observada pela equipe dos jornalistas. Callado poderia ter tirado dessa situação a imagem para a descrição do cenário em que Villas Boas

negocia com os Calapalos a revelação dos ossos de Fawcett. De tantos outros momentos testemunhados, o narrador-repórter teria criado arcabouço de referências para descrever a a cena de Villas Boas com os Calapalos, da qual não participou.

A narrativa da reportagem expõe seu próprio constructo: explicita a observação etnográfica do jornalista sobre os cenários onde os acontecimentos aconteceram e o labor da junção de peças espalhadas para a construção da narrativa. O labor jornalístico é movimento semelhante ao que realiza John Hersey em *Hiroshima* (2002)¹²⁹, a grande reportagem sobre a explosão atômica na cidade japonesa em 1945, escrita a partir do relato de seis sobreviventes. Um ano depois do bombardeio, Hersey dirige-se ao que restou da cidade, recolhe as histórias e desenvolve a reportagem como se testemunhasse o que aconteceu com cada personagem horas antes do ataque, no momento da bomba com seu clarão silencioso e nos dias que seguiram à destruição de tantas vidas. Mas, de modo muito mais agudo, a narrativa de *Esqueleto da Lagoa Verde* explicita o próprio labor jornalístico.

Em *Esqueleto na Lagoa Verde*, o jornalista brasileiro também labora narrativamente o que não testemunhou a partir de um trabalho de investigação e observação. Trata-se de apuração levada até a última possibilidade, como a dos repórteres que Gay Talese seguia: "[...] os escritores que eu admirava em geral levavam semanas e meses fazendo o trabalho de apuração e de organização, de escrever e reescrever, antes que os artigos pudessem ser considerados dignos de ocupar o espaço da revista." (TALESE, 2004).

A citação vale aqui para especularmos como se dá o trabalho de jornalistas como Talese e Callado. Cerca de um ano marca o tempo entre a ida de Callado ao Xingu e a publicação de *Esqueleto na Lagoa Verde*. Muito provavelmente, o autor que trabalhava no *Correio da Manhã* à época não se dedicou exclusivamente à sua grande reportagem. O recolhimento de informações para sua produção levou meses, com a leitura de livros e sua mencionada visita à Biblioteca Nacional para copiar documentos dos bandeirantes que teriam sido usados por Fawcett como argumento para provar a existência de sua cidade perdida (CALLADO, 2010, p. 31). Tal aspecto dos “bastidores” - para além da textualidade em sua imanência, quanto à gênese da reportagem - leva a articular a multiplicação de narradores e a pulverização da perspectiva única, contrariando alguma ideia sobre a reportagem ser fundamentada na ficção, ao labor de apuração jornalística. Afinal, como

¹²⁹ A reportagem original foi publicada no *The New Yorker*, em 1946. A narrativa de Hersey sobre a bomba atômica lançada pelos Estados Unidos que matou 100 mil pessoas teria causado tanto assombro nos editores que eles resolveram dedicar toda edição à reportagem. Uma nova edição da reportagem foi lançada 40 anos depois. Hersey reencontrou os entrevistados e completou o trabalho.

aponta Clóvis Rossi (2000), "[...] a coleta de informações precisas, acuradas e, dentro do possível, aprofundadas, é - ou deveria ser - o foco central do jornalismo." (p. 48).

Desse modo, pontuamos nossa primeira resposta sobre que jornalismo é esse trazido por *Esqueleto na Lagoa Verde*: ele é, antes de tudo, jornalismo, ou seja, a narrativa resulta de protocolos de apuração e levantamento de dados. Mas outro elemento caracterizador dessa reportagem a torna “fora da curva” se considerarmos as características básicas que definem um texto como jornalístico. A busca da verdade factual, no emaranhado de versões que não se podem provar, é deslocada sutilmente pelo narrador-repórter que cede lugar à força da ficção que vem da imaginação, produzindo-se um outro tipo de “verdade”. Sintetiza Davi Arrigucci Jr sobre *Esqueleto na Lagoa Verde*:

Por tudo isso, a reportagem põe a descoberto, de forma irônica e abismada, o fundo de ficção com que topa o jornalista quando se cerne dos fatos até o limite de seu esgarçamento em conjecturas, em hipóteses contraditórias, em apostas vacilantes sobre o real. (ARRIGUCCI JR, 2010, p. 130)

Callado é afeito às questões da modernidade. Como vimos no primeiro capítulo, sua preferência pela leitura de Machado de Assis está associada ao que ele considera moderno na narrativa do escritor. Apesar desse namoro com a modernidade, Arrigucci Jr diz que o narrador-repórter em *Esqueleto na Lagoa Verde* “[...] não adotou a perplexidade moderna sobre os impasses da narração” (p. 131) e decidiu arriscar nas dificuldades de contar a história junto ao que imagina. Essa é, portanto, outro traço peculiar do jornalismo feito por Callado na narrativa sobre os ossos descobertos no Xingu: uma narrativa no limite entre os fatos verificáveis e aquilo que se imagina sobre o que não pode ser provado.

Por fim, é um jornalismo que não deixa de ser instrumento de Callado por sua busca pelo “Brasil profundo”. No meio da pesquisa histórica e de uma investigação quase policial sobre o sumiço da equipe de exploradores, o narrador-repórter faz descobertas sobre seu país. Seu olhar mítico para a ancestralidade dos povos que habitaram a terra brasiliis se concilia com uma interpretação histórico-política sobre o trabalho realizado pelos irmãos Villas Boas para a proteção dos índios e, finalmente, se projeta sobre suas inquietações sobre seu ideal quanto à nação futura. Tudo isso sem perder de vista a história que tornou possível sua ida ao Xingu: o mistério sobre o desaparecimento do coronel Fawcett.

3.2.1. A reportagem em defesa da imaginação

Os capítulos da reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* estão divididos em duas partes: "Vitoriano e o sonho do novo império" e "O moderno bandeirante e sonho da nação futura". Apesar dos passos da investigação sobre os motivos do desaparecimento de Fawcett estarem descritos por todo o livro, é na primeira parte que as hipóteses sobre o caso aparecem com mais vigor. O mistério sobre o desaparecimento parece ter sido bastante atrativo para Callado. Como vimos, apesar de já saber que os ossos encontrados não eram de Fawcett, o jornalista vai ao Xingu porque achava "[...] que a história valia a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações." (CALLADO, 2010, p. 17). Além dos índios, a figura de Fawcett o atraía e a presença de Brian, o filho do meio de desaparecido, na expedição dos *Diários Associados*, provavelmente incrementou mais interesse sobre quem era esse vitoriano e por que ele teria desaparecido sem deixar vestígios.

O que aferimos em *Esqueleto da Lagoa Verde* é que, na tentativa de traçar o perfil de Fawcett, o narrador-repórter descobre em sua figura um legítimo representante do ideal do império britânico colonizador. Na contramão dessa personalidade simbólica, quanto ao tipo de colonização realizada até então no Brasil, estaria em Villas Boas um exemplo do bandeirante moderno efetivamente preocupado com a nação futura. É por essa perspectiva que se dá a divisão do livro em duas partes contrastantes.

Para que tal cotejo se exerça, a autorreferencialidade e as marcas da subjetividade cumprem papel fundamental na estratégia enunciativa do narrador-repórter. Na primeira parte da reportagem, dizer ao leitor o caminho percorrido para a investigação sobre a personalidade de Fawcett e os motivos de seu desaparecimento legitimam a ideia de que o repórter levantou todas as informações que estavam ao seu alcance para conseguir demonstrar que o caso era mesmo irresolúvel. Ainda que não seja possível dar uma resposta sobre como o coronel britânico e seus companheiros desapareceram, o narrador-repórter constrói um itinerário argumentativo para apresentar um perfil convincente sobre Fawcett e suas prováveis intenções na busca pela cidade perdida.

Já na segunda parte da reportagem, ao descrever os detalhes de sua aventura no Xingu, sobretudo sua irritação declarada com o comportamento dos índios, o narrador-repórter apresenta as dificuldades na lida com a colonização do Brasil central para que, com finalidade conclusiva, poder dizer que, apesar de todas as intempéries de um ambiente inóspito, os brasileiros do Serviço de Proteção dos Índios conduzidos por Orlando Villas Boas dariam um exemplo sobre o que deveria ser a nação do futuro.

Esse é o desenho geral da estrutura enunciativa de *Esqueleto na Lagoa Verde*. Mas há outros aspectos não menos importantes, indissociáveis de componentes temáticos: o assombro do próprio narrador-repórter com sua atitude intolerante ao reavaliar sua experiência no meio da selva, a defesa do criação do Parque dos índios e, finalmente, a exaltação da importância da imaginação que leva às grandes descobertas. Vamos nos debruçar com mais vagar nos dois primeiros elementos, posteriormente. Vejamos, por ora, como se dá o trabalho do narrador-repórter quanto à defesa da atitude imaginativa. Por ser transversal aos outros elementos da narrativa, tal comportamento do narrador-repórter que tangencia à imaginação caminha paralelo ao eixo central da reportagem. Isso porque, em um labirinto de versões que não conseguem ser confirmadas, a imaginação aparece como saída. Seja como caminho para a apresentação de hipóteses que o narrador-repórter também faz, seja como argumento desse narrador sobre a importância da imaginação para encorajar a descoberta. Nesse sentido, a imaginação é defendida como força motriz que encorajaria a saída do estado de letargia e do comodismo que afundam a possibilidade de descobrimento de novos caminhos, inclusive para o país.

Na primeira parte da grande reportagem, o capítulo "Cidades e homens que desaparecem" está fundamentado sobre o poder do imaginário, ou seja, no âmbito do lendário, que figuras como Fawcett e sua cidade desaparecida desencadeiam. Na construção de seu argumento, ao mencionar uma história da família de Callado abre a narrativa, a autorreferencialidade se faz explícita.

Não são só os Fawcett que desaparecem. Eu mesmo, na minha família, tenho um desaparecimento de truz. Um tio-avô meu, Dario Rafael Callado, desapareceu no ano de 1867, quando era simplesmente o chefe de polícia da Corte, isto é, a pessoa que menos desculpa tinha no Rio de Janeiro para desaparecer. Pois numa noite, em fins de 1867, saiu de sua casa, à rua Larga de S. Joaquim, e foi tomar ar fresco no Campo de Santana. Levava em sua companhia Malaquias, um escravo de estimação. Ao ver que não trouxera a caixa de rapé, o chefe de polícia disse ao Malaquias que a fosse buscar. Quando Malaquias voltou, encontrou o banco vazio.

E nunca mais se tornou a ver Dario Rafael Callado.

Não se tratava de pesquisar quilômetros quadrados do Planalto Central brasileiro nem de obter informações mímicas de calapalos e nafuquás. O Rio daquela época tinha cerca de 200 mil habitantes. Bastava procurar o chefe de polícia em 284 ruas, 42 travessas, 47 praças, trinta praias e 27 morros, pois tal era sua área pública por volta do desaparecimento*. A polícia foi mobilizada. Um barco patrulhou a costa. Nada, nada apareceu. Ou, para maior exatidão, apareceu também uma ossada, meses depois, na caixa-d'água da Tijuca. Mas nunca se provou que fosse sua.

A diferença é que hoje, mesmo na sua cidade, Dario Rafael está inteiramente esquecido, e apostamos que Fawcett (a menos que prove sua morte) ainda será lembrado de muita gente no mundo inteiro daqui a cem anos. Por quê? Porque não há nada mais sólido do que as lendas, e P.H. Fawcett se identificou com uma das lendas matrizes da humanidade: a da Cidade Abandonada. (CALLADO, 2010, p. 27-28)

O asterisco remete a um rodapé para referenciar a obra *Aparência do Rio de Janeiro* (1949), de Gastão Cruls, que Callado consultou para apresentar como era a cidade na época do desaparecimento do tio. A pesquisa sobre os detalhes da cidade mostra a apuração do jornalista mesmo para uma história que não tem ligação direta com o caso Fawcett.



Figura 49: Dário Rafael Callado, o tio-avô desaparecido.
(Fonte: *Antonio Callado: Fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 24)).

A narrativa segue com a elucubração do narrador-repórter sobre o efeito das lendas no campo do imaginário:

Nos homens em cuja natureza predomina o espiritual, a força dinâmica da lenda produziu as Civitas inventadas, as terras do ideal - descritas em termos de esperança ou sátira - como a Utopia de sir Thomas More, a Cidade do Sol, de Campanella, as utopias socialistas do século XIX e, em nossos dias, o Erewhon, de Samuel Butler, e *Admirável Mundo novo*, de Huxley. **Nos homens sonhadores mas de ação, a lenda ateou o fogo das descobertas.** (CALLADO, 2010, p. 28, grifo nosso)

O trecho, impregnado de marcas de subjetividade do narrador, serve, enfim, para enfatizar como a imaginação, atizada principalmente por figuras lendárias, leva às “grandes descobertas”. No capítulo seguinte, “Da Taprobana ao Brasil Central”, o argumento é reforçado quando o narrador-repórter traz a menção a outros desbravadores que foram desacreditados por aquilo que ele designa como “medo do ridículo”. Vejamos o trecho que, apesar de um tanto extenso, é bastante simbólico sobre a defesa do exercício imaginativo:

Há muito mais histórias fantásticas sobre a antiguidade do Brasil, empoleirada em nosso velho planalto central, do que o imaginamos **nós, brasileiros, seres cétricos e incuriosos que somos**. Perto do apartamento em que escrevo isto, aqui no Leblon, ergue-se a Pedra da Gávea. Uma de suas faces mostra o que se chama turisticamente a Cabeça do Imperador. A erosão, de fato, parece ter modelado na rocha os traços de um velho de barbas longas.

Mas há os que pensam que a erosão apagou, isto sim, os traços de um velho de barbas longas, que não era Sr. D. Pedro II e sim um rei fenício, que teria plantado uma amena colônia balneária perto de Copacabana. Os mesmos adeptos da colonização fenícia mostram-nos também inscrições que os grandes marinheiros teriam deixado na face da rocha. Aliás, quando copiávamos, na Biblioteca Nacional, o documento sobre a cidade abandonada que teria sido achada em 1753, lemos, no mesmo volume 1839-1840 do Jornal do Instituto Histórico, um relatório sobre exatamente a Pedra da Gávea.

Nosso ceticismo e nossa incuriosidade têm uma base psicológica dura como um penedo: o medo do ridículo. Preferimos atribuir qualquer coisa a causa nenhuma a correremos o risco de parecermos “crentes”. Quando Russel Wallace percorria a Amazônia e se detinha diante das itacoatiaras para observar os traços ali deixados, havia sempre algum nativo perto para balançar a cabeça diante do inglês doido. Referindo-lhe às inscrições rupestres que copiou no rio Uaupés, Wallace tem o seguinte trecho que transcrevemos por mostrar o que pensava ele das inscrições, dos índios e de nós mesmos. As figuras que apareciam na pedra lhe parecem “sem a menor dúvida bastante antigas, e jamais seriam executadas pela atual raça de índios. Mesmo entre as tribos menos civilizadas e onde tais figuras são encontradas, os índios não têm a menor ideia sobre qual possa ser a sua origem; e se lhes perguntamos, dirão que não sabem, ou que as supõem serem feitas por espíritos. Muitos dos comerciantes portugueses e brasileiros teimam em que são produções naturais, ou, para empregar sua própria expressão, que “são obras de Deus”; e diante de qualquer objeção que se possa fazer perguntam, triunfantes: “E se Deus quisesse então não podia fazê-las?”, o que, naturalmente encerra a discussão.

Pelo mero fato de, com sábio mas também como homem de imaginação, haver acreditado numa civilização fenícia no Brasil, Ladislau Neto, o estudioso da louça marajoara, sofreu a estúpida mesquinha de uma peça que pregou um erudito invejoso e certo de que, no Brasil, o ridículo faria mais mal ao colega do que qualquer

outra coisa. Dirigiu meio anonimamente ao Instituto Histórico, sabendo que este a passaria a Ladislau Neto, "cópia" de uma inscrição fenícia que teria sido achada em Pouso Alto, Paraíba do Sul. O sôfrego entusiasmo com que o sábio publicamente revelou o encontro de tal prova de uma civilização pré-colombiana no Brasil, foi a recompensa do falsário. Morreu feliz, esperamos.

Tudo isto vem para dizermos agora que o fato de Fawcett ter acreditado na existência de uma cidade abandonada no sertão do Brasil, entre Xingu e o Araguaia, no Roncador, ou na Serra e Sincorá, na Bahia, não tem nada de imbecil. (CALLADO, 2010, p. 31-33, grifos nossos)

Entramos em contato com a lenda sobre a Pedra da Gávea a partir da observação que o narrador-repórter faz de seu lugar de escrita, o Leblon. De forma a dizer que seus compatriotas são excessivamente céticos, inclui-se na constatação ao utilizar a primeira pessoa do plural e, posteriormente, o pronome possessivo também na primeira pessoa do plural - respectivamente "nós, brasileiros", "nosso ceticismo" e "nossa incredulidade". Para mostrar como entrou em contato com a lenda sobre a pedra ser o rosto de um rei fenício, o narrador comenta sobre suas pesquisas na Biblioteca Nacional. Enfim, o desejo irônico de que o erudito que pregou a peça no pesquisador da civilização fenícia no Brasil tenha, ao menos, morrido feliz. O narrador-repórter inscreve-se no texto e inscreve-lhe a marca de sua subjetividade para afiançar que o ideal de Fawcett pela cidade perdida não seria absurdo.

Tal qual Alfred Russel Wallace, o inglês que esteve na Amazônia no século XIX e fez anotações sobre as inscrições antigas que encontrou na floresta - tais anotações estão no seu livro *Narrativa de viagens pelo Amazonas e o Rio Negro* (1853)¹³⁰ - e Ladislau Neto, Percy Fawcett teria um comportamento exemplar sobre a maneira de se posicionar frente ao desconhecido. Fawcett e seu ímpeto de explorador curioso representariam, para Callado, o símbolo de um comportamento que nós, brasileiros, deveríamos adotar: deixar de ter "medo do ridículo", fazer conjecturas e nos aventurar em versões e hipóteses. Essa atitude seria impulsionadora de descobertas. Não é difícil perceber que tal atitude está inscrita no comportamento da *persona* do repórter no interior da narrativa da reportagem. Afinal, ao se aventurar pelo Xingu. E mesmo sabendo que os ossos não eram de Fawcett, a narrativa da viagem proporciona ao narrador-repórter a “descoberta” da colonização do Brasil central e a busca de compreensão sobre os índios. Assim, *Esqueleto da Lagoa Verde* é uma narrativa que não se recusa a expor o próprio “fracasso”. Segundo certa concepção

¹³⁰ O Senado Federal publicou uma edição do livro em 2004. O livro está disponível em: <<https://goo.gl/x6xebs>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

de jornalismo segundo a qual não se deve publicar uma reportagem que expõe o malogro do cumprimento da pauta fundamental, o que ensejou a viagem do jornalista ao Xingu, *O Esqueleto da Lagoa Verde* é jornalismo *sui generis*, pois seu saldo narrativo expõe indefinições, indeterminações, lacunas.

A constatação da importância de se colocar frente ao desconhecido, rumo ao imaginário que possibilita as descobertas, liga-se à concepção central de nossa tese sobre o posicionamento de Callado como jornalista. Com suporte de estratégias enunciativas, tais quais a autorreferencialidade e a assunção da subjetividade, o repórter estaria tentando habilitar o leitor a reconhecer perspectivas de uma realidade de forma mais complexa, de modo a fazê-lo se posicionar como mais contundência sobre os problemas centrais do país - e do mundo - em dada conjuntura histórica. O trecho analisado poderia, portanto, apresentar um indício de confirmação do pressuposto. O narrador-repórter apresentaria nessas três figuras, Wallace, Ladislau Neto e Fawcett, sobretudo, uma postura a seguir: a busca por novas possibilidades sobre um fato e, em sentido desejado por Callado, por novos rumos para o país.

No caso de Fawcett, é instigante saber que as pesquisas arqueológicas recentes indicam que o explorador provavelmente estava certo. David Grann, o jornalista do *The New Yorker* que escreveu o livro *The Lost City Z* (2009), um *best-seller* nos Estados Unidos sobre a história do Fawcett, refez os passos do explorador em 2005. Na reportagem "Under the Jungle"¹³¹, Grann conta que na trilha do coronel desaparecido, quando esteve no Brasil, conheceu o arqueólogo Michael Heckenberger¹³².

Segundo Heckenberger, na área onde Fawcett acreditava que iria encontrar sua Cidade Z, o arqueólogo e sua equipe de pesquisadores descobriram mais de vinte assentamentos pré-colombianos ocupados aproximadamente entre 800 a 1600 D.C.¹³³. Em cada um desses vinte espaços mapeados viviam aproximadamente entre duas a cinco mil pessoas, o que significa que as comunidades maiores eram do tamanho de muitas cidades europeias medievais. Estima-se que cerca de 60 mil pessoas viviam na região. As peças encontradas e as medições feitas nos sítios arqueológicos indicam que essas pessoas

¹³¹ "Under the Jungle": Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/under-the-jungle>>. Acesso em: 23 out.2016.

¹³² Michael Heckenberger escrever o livro *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*, publicado em 2005, sobre as descobertas.

¹³³ Sobre a pesquisa, ver o texto "Lost cities of the Amazon revealed Archaeologists discover a grid of villages and managed parks", de Kathleen Wren. Disponível em: < <https://goo.gl/LSAnXD>>. Acesso em: 09 jun.2018.

construíam praças, casas majestosas, pontes e estradas geometricamente alinhadas ao longo de pontos cardiais.



Figura 50: Ilustração mostra a cidade perdida procurada por Fawcett. Publicada na Science, a ilustração feita com base nas recentes descobertas arqueológicas da equipe de Michael Heckenberger. (Fonte: NBC News).

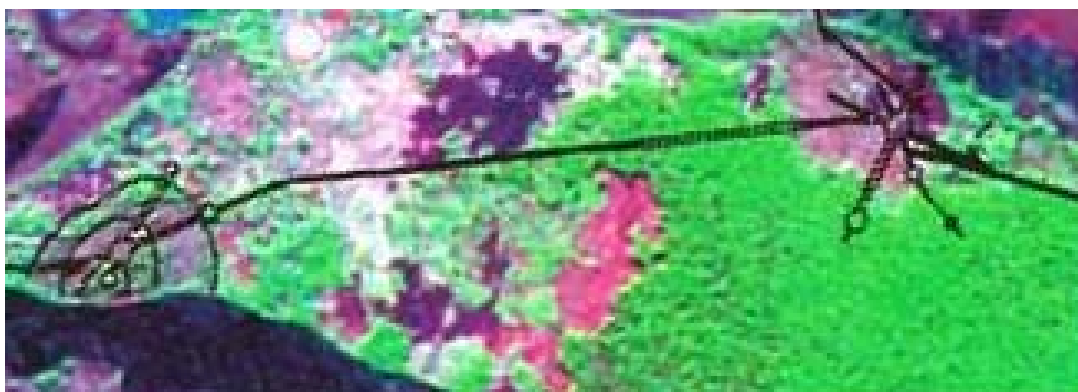


Figura 51: Imagem de satélite indicando as comunidades da cidade perdida. Indicação desenhada pela equipe do arqueólogo Michael Heckenberger com base nas descobertas. (Fonte: NBC News).

Tais descobertas indicam o início de uma revolução arqueológica (GRANN, 2010). A crença de que a Amazônia era um ambiente selvagem primordial até a chegada dos colonizadores, ideia que Fawcett já questionava no começo do século XX, está sendo finalmente derrubada. Essa civilização até então desconhecida teria construído terraplanagens moldadas por círculos perfeitos, retângulos e figuras esculpidas nos solos

ricos de argila da região. Os arqueólogos ainda não sabem se essas trincheiras descobertas, de 10 metros de largura por três de profundidade, foram projetadas para fins defensivos ou para trabalhos cerimoniais. A forma simétrica de muitos dos pequenos montes e a maneira com que se inclinam podem significar que as construções teriam um propósito astronômico. "O que é impressionante sobre as estruturas é que sua monumentalidade e seu design sofisticado são melhores vistos a partir de uma visão aérea, onde elas se parecem com uma equação de geometria elaborada e diagramada na Terra." (GRANN, 2010, tradução nossa)¹³⁴.

A visão aérea sobre as figuras demonstra o paradoxo de grande parte dessas descobertas: elas só foram possíveis em consequência do desmatamento nas regiões para a criação de pastos. Sem a cobertura verde, fotos de satélite dos pastos revelaram geoglifos também no Acre.



Figura 52: Imagem aérea dos geoglifos de civilização pré-colombiana no Brasil.
(Fonte: Jennifer Watling)¹³⁵.

¹³⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/5LtNe9>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

¹³⁵ Outras imagens dos geoglifos, de Jennifer Watling, arqueóloga especialista em Arqueologia da Amazônia podem ser acessadas. Disponível em: <<https://goo.gl/hjdTxk>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

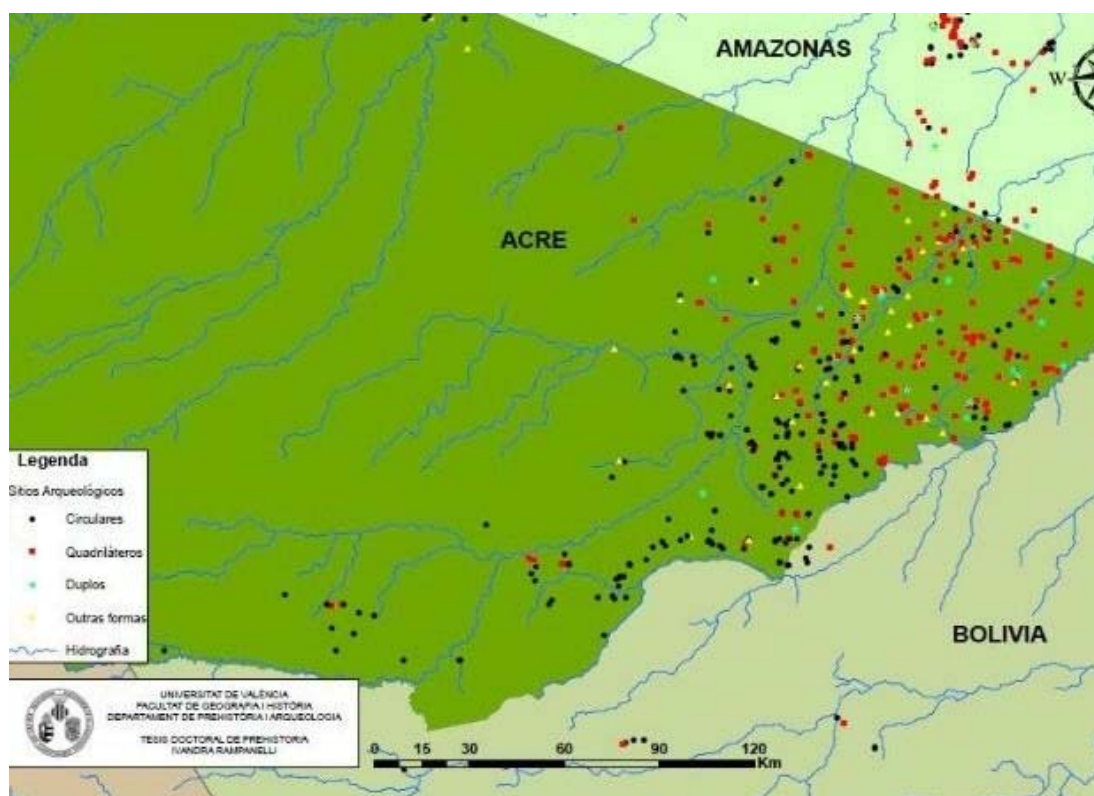


Figura 53: Pontos mostram os geoglifos mapeados na Amazônia.
(Fonte: Ivandra Rampanelli)¹³⁶.

Em 2015, em artigo publicado na revista científica *Antiquity*¹³⁷, os arqueólogos Martti Pärssinen, Denise Schaan e Alceu Ranzi anunciaram outra civilização pré-colombiana também perdida no Brasil. Por cerca de 250 km de extensão, mais de 800 geoglifos já mapeados pela historiadora e arqueóloga Ivandra Rampanelli indicam que essa população construiu terraplanagens de planos geométricos precisos conectados por estradas. Os arqueólogos acreditam que encontraram apenas um décimo desse geoglifos no estado.

¹³⁶ Disponível em: <<https://goo.gl/KUFq5u>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

¹³⁷ O artigo dos arqueólogos na revista *Antiquity* tem como título "Pre-Columbian geometric earthworks in the upper Purús: a complex society in western Amazonia". Disponível em: <<https://goo.gl/Sx3FTN>> Acesso em: 23 out.2016.

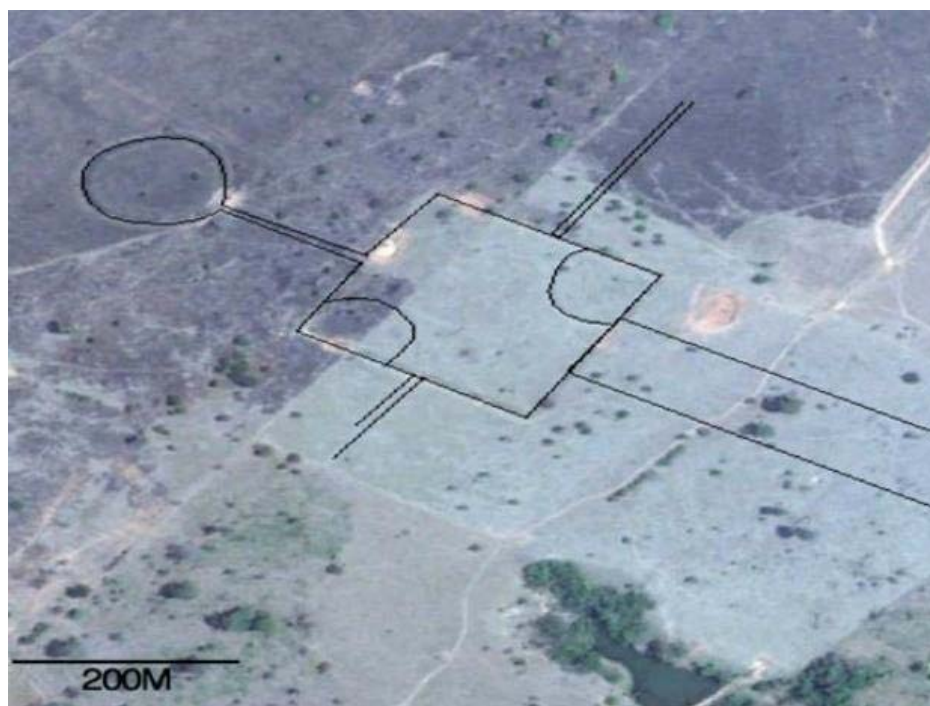


Figura 54: Locais de colheita e adoração indicados no geoglifo.
(Fonte: Pesquisa de Ivandra Rampanelli. Imagem Google/Earth, 2015)¹³⁸.

Todas essas pesquisas indicam que Fawcett, então, estava certo? Se a história de seu desaparecimento tivesse desencadeado pesquisas sobre sua hipótese, teríamos demorado mais de 60 anos para descobrir os indícios das civilizações pré-colombianas no país? Quanto dessas áreas teriam sido poupadas pelo desmatamento se elas já tivessem sido sinalizadas como sítios arqueológicos? Essas perguntas colocam Fawcett na categoria de desbravador incompreendido e injustamente ridicularizado. Tais questões parecem ir ao encontro do que Callado indicou no seu livro, já em 1953, ao dizer que para conhecer Fawcett seria preciso ir além da imagem de aventureiro insano que o marcou.

No entanto, sem perder de vista a importância de questionar as possibilidades e perspectivas múltiplas sobre um fato, o narrador não cai na armadilha de simplificação da figura do coronel em outro vetor, a de um herói. Vejamos como se dá a construção do perfil de Fawcett na reportagem para além da imagem de visionário incompreendido.

3.2.2. Fawcett e sua personalidade simbólica

Começa assim o capítulo "Expedição Dyott", o segundo da reportagem:

¹³⁸ Informações sobre a pesquisa de Ivandra Rampanelli. Disponível em: <<https://goo.gl/dggdqn>>. Acesso em 17 jun. 2018.

Antes de vermos como a personalidade de Fawcett e sua busca simbólica emprestaram ao seu desaparecimento uma curiosidade muito maior do que a que poder ser razoavelmente explicada, fixemos bem os fatos relacionados ao seu desaparecimento. O melhor meio de chegarmos a esse resultado é resumir aqui, em suas linhas gerais, o que apurou em Mato Grosso, apenas três anos após o desaparecimento de Fawcett, o explorador americano George Miller Dyott. (CALLADO, 2010, p. 18, grifo nosso)

Desde o começo da narrativa, flagramos que um dos objetivos importantes da reportagem é compreender quem era Fawcett e por que o desaparecimento do inglês teria despertado curiosidade em demasia. Há, portanto, a tentativa de construção de um personagem e, se como diz Beth Brait, "[...] o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras." (2002, p. 11), o narrador-repórter vai aos textos existentes sobre Fawcett para buscar e divisar sua "existência como personagem" dentro de uma diversidade textual. Ou melhor, o texto do narrador-repórter explicita o movimento intertextual, em sentido estrito, em seu discurso. Assim, a reportagem de Callado expõe-se como um texto que se relaciona com outros textos.

O primeiro texto que o narrador-repórter encara para buscar pistas sobre a personalidade de Fawcett é *Man Hunting in the Jungle*, do norte-americano George Miller Dyott, que, em 1928, teve uma oportunidade de descobrir o que acontecera a Fawcett: "[...] ao nosso ver, descobriu o bastante para provar que Fawcett *pelo menos* (se é que ali não morreu, como é provável) passou por aquela região de formadores do Xingu e desapareceu ali mesmo por onde andamos nós com seu filho Brian, perto do Culuene." (CALLADO, 2010, p. 18, grifo do autor). O destaque para o "pelo menos" é explicado depois. Brian acreditaria que o desaparecimento do pai teria se dado em um lugar muito mais distante. O filho do meio também discordaria de outras informações do livro de Dyott. O narrador-repórter, no entanto, avalia que "a narrativa de Dyott tem um valor excepcional" (CALLADO, 2010, p. 22). E continua em sua avaliação positiva: "Muita gente poderá rir de várias coisas no livro de Dyott e principalmente da sua fuga final. Mas nós passamos dias no Posto Culuene, e isso basta para não se ter vontade de rir de quem passou meses vagando por aqueles matos na trilha do coronel Fawcett." (CALLADO, 2010, p. 22). E por fim:

Não deixemos agora de acrescentar que a trilha percorrida por Dyott e o Aloique (*índio que o acompanhara*) como sendo a do coronel britânico antes de desaparecer na mata é fantasticamente coincidente com a trilha que palmilhamos nós rumo à Lagoinha da

Mata... Que os ossos achados por Villas Boas não sejam de nenhum dos três ingleses é coisa realmente de assombrar. A vida não imita a arte coisa nenhuma. Artisticamente falando, os ossos da lagoinha são de Percy H. Fawcett. (CALLADO, 2010, p. 22)

Dyott teria indicado uma provável região onde Fawcett e os companheiros teriam sido mortos. A área era exatamente a mesma onde os supostos ossos do coronel foram encontrados por Villas Boas. Ainda assim, não havia provas científicas que o esqueleto era do desbravador. O narrador-repórter, em comentário irônico, exala frustração como se fosse um detetive que, mesmo com as peças sobre a mesa, não consegue montar o quebra-cabeça. A figura de Fawcett permanecerá como enigma e a reportagem não deixará de assinalar tal aspecto. Na verdade, enfatiza o próprio mistério e irresolução em que estão indissociados a busca por desbravar o interior do país e o destino enigmático do explorador. Em outro momento da reportagem, o narrador fala mais uma vez sobre seu assombro: "A coincidência é tão extraordinária que a teimosia dos ossos em não pertencerem a Fawcett chega a ser irritante. Os dados de Dyott foram confirmados várias vezes." (CALLADO, 2010, p. 25).

Se o paradeiro dos ossos não poderia ser provado, os fragmentos dos registros encontrados ao menos mostrariam indícios das concretas motivações de Fawcett e, conseqüentemente, de sua personalidade simbólica. A ideia geral sobre Fawcett é que ele era um desbravador desvairado em busca de fortuna. Orlando Villas Boas, por exemplo, tinha certeza disso. "Ele achava que o Fawcett estava querendo era uma mina de ouro da região dos Martírios de que ele teria ouvido falar." (CALLADO in STYCER, 2010. p. 152)¹³⁹. Em trecho do diário de viagem, o narrador conta porque Villas Boas não tocou no assunto na frente de Brian Fawcett (B.F):

Disse-me o Villas-Boas que não quis repisar essa sua convicção agora, diante de B.F, porque este é tão simpático e tão boa pessoa... Na sua opinião, B.F está exclusivamente interessado em tirar fotografias e documentar-se mais para o livro sobre o pai que está escrevendo. (CALLADO in STYCER, 2010, p. 145).

O texto da reportagem também transparece o interesse do jornalista pelo que Brian acreditava. "Lastimamos que ainda não tenha sido publicado *Exploration Fawcett* que

¹³⁹ Marcelo Stycer traz trechos da entrevista que Callado deu a Fernando Moraes em 1988 e que Moraes, gentilmente, cedeu ao pesquisador. Essa hipótese de Villas Boas sobre Fawcett, que não aparece na grande reportagem, é contada por Callado nessa entrevista a Moraes.

Brian Fawcett escreveu sobre seu pai e que já deixou com os editores, na Grã-Bretanha.¹⁴⁰ (CALLADO, 2010, p. 23). Para Brian, o pai não teria ido atrás de uma cidade perdida em busca de riquezas, como acreditava a maioria, mas desapareceu na mata porque ficou fascinado com a ideia de fazer uma descoberta que mudaria a noção sobre civilizações antigas no mundo. Além de George Miller Dyott, outro pesquisador é bastante referenciado na reportagem: Harold Wilkins. É Wilkins que ajuda a reforçar a teoria de Brian e apresenta Fawcett como um personagem que é, antes de qualquer outra definição, um cientista.

O autor é introduzido na narrativa por meio do registro de um diálogo em que o narrador-repórter teve com Brian Fawcett.

Pois de alguma forma começamos a conversar sobre os grandes objetivos que teria o coronel Fawcett na sua busca pela selva e eu disse:

- Conheço um livro que se ocupa pormenorizadamente das possíveis intenções de Fawcett no Brasil. Mas é um livro tão alucinado e custa tamanho esforço ler aquele caos de teorias e fantasias abstrusas...

- Quem é o autor?

- Um senhor Harold Wilkins.

- Muito meu amigo - respondeu Brian, impenetrável.

Quando, como sempre acontece, procurávamos de certa forma remendar o que fora dito, Brian atalhou-nos, dizendo que reconhecia realmente os exageros do livro, mas que fizera questão de se aproximar de Wilkins por uma razão principalmente:

- Eu já estava tão cansado de ler livros em que meu pai aparecia como um vulgar cavador de ouro, que foi um alívio encontrar alguém que o mostrasse como cientista e explorador que era. (CALLADO, 2010, p. 37)

O diálogo em discurso direto, aspecto presente em todas as grandes reportagens de Callado, como veremos, é um dos recursos importantes da condução da narrativa. A partir dele se apresenta, além do constrangimento revelado pelo jornalista em sua empreitada na crítica ao livro do amigo de Brian, uma espécie de *insight* do narrador-repórter sobre a compreensão de que a busca pelo descobrimento de algo revolucionário poderia vir antes do sonho pela fortuna. Essa ideia justificaria o comportamento autoritário de Fawcett relatado por diferentes pesquisadores de sua história. Era preciso garantir sua descoberta a qualquer custo. Essencialmente inescrupuloso, é esse o personagem de Fawcett que Dyott descreve. Entre os casos contados pelo norte-americano que seguiu a trilha do inglês, está o roubo de uma canoa pelo trio de exploradores. Depois de ter perdido seu barco, Dyott

¹⁴⁰ A primeira edição do livro foi publicada em 1953 com autoria do próprio Percy Fawcett. O que Brian fez foi compilar a história da expedição a partir de manuscritos, cartas e diários de bordo do próprio pai.

conta que Fawcett teria decidido roubar uma canoa dos índios no Curisêvo, um rio da região onde desapareceu. Não se sabe se o roubo foi determinante para o massacre, mas os relatos sobre o incidente mostram que os índios teriam ficado furiosos.

Em outro momento, Dyott conta que encontrou um trabalhador que acompanhara Fawcett em uma viagem anterior à derradeira. O participante da expedição, que denunciou os exageros do coronel britânico no trato com sua equipe, disse que ele e mais dez homens desistiram de participar da expedição de Fawcett por medo de morrer. "Pois o homem não parava para deixar a gente comer ou dormir. A gente trabalhava o dia inteirinho e era tocado para a frente como do debaixo do relho." (in CALLADO, 2010, p. 76)¹⁴¹.

O narrador-repórter traz a defesa que Brian faz do pai segunda a qual o traço autoritário do explorador derivava de seu instinto de sobrevivência. Para corroborar tal defesa, o narrador cita a situação extrema que o coronel britânico e os companheiros teriam vivido na expedição de 1909, na fronteira entre Brasil e Bolívia. Com vistas a trazer detalhes do caso, um relato publicado pelo *O Jornal*, de 2 de março de 1952¹⁴², feito com base nos diários deixados por Fawcett, comparece à narrativa. Nele, a figura de Fawcett como um personagem austero se mantém.

Com seis semanas acabou-se o alimento e eles comiam apenas palmitos e frutas. Depois de dois meses de caminhada, achou (Fawcett) as cabeceiras do Rio Verde e, vendo que era impossível regressar pelo rio, procurou galgar a serra de Ricardo Franco, muito acidentada. Depois de duas semanas de pacientes esforços, achou uma vereda entre as altas montanhas e, quase mortos de fome, ele e os dois companheiros deram em uma fazenda de negros do outro lado da serra. Comeram bem, refizeram-se da jornada e regressaram a Mato Grosso. Todos os peões e a caravana morreram em consequência do esgotamento e da fome. Mesmo um, justamente o chefe, *a quem Fawcett forçara a caminhar, de faca na mão, na hora em que o desânimo se apoderou dos pobres mulatos*. (in CALLADO, 2010, p. 77, grifo do autor)

Outra pista sobre a postura “firme” de Fawcett com sua equipe viria da versão trazida por Peter Flemming quanto à lida do coronel com seus dois companheiros. O autor de *Brazilian Adventure*, publicado em 1946, conta que um índio Calapalo teria dito ao pesquisador qual era a situação dos três expedicionários quando chegaram na tribo.

[...] ao chegarem às malocas calapalos, Jack e Rimmell "padeciam terrivelmente de feridas nas pernas, estavam terrivelmente enfraquecidos pelas privações e se esquivavam a prosseguir viagem. Os calapalos juntaram vozes tentando dissuadir o chefe de um empreendimento tão temário... Mas Fawcett foi irredutível; só voltaria diante de uma derrota total". Flemming nunca pôde confirmar a história de Murica -

¹⁴¹ A citação, que está no livro de Dyott aparece em *Esqueleto na Lagoa Verde* sem crédito à fonte.

¹⁴² Não há informações sobre a autoria do relato.

mas uma vez mais surte aí a imagem autoritária do Pater Familias carregando a expedição para a frente. (CALLADO, 2010, p. 76-77)

Na perspectiva de Flemming, Fawcett aparece como o pai de família que impõe suas decisões a todo custo. Apesar da provável debilidade dos mais jovens, três desavenças com os índios teriam sido fatais para a equipe.

Primeiro, Fawcett teria se irritado com Cavucuira, guia da expedição, porque o índio teria dito que eles chegariam ao meio dia em um determinado ponto e só chegaram às quatro da tarde por conta da dificuldade de locomoção dos expedicionários machucados. Ainda assim, Fawcett teria culpado o Calapalo. Depois, o índio teria preferido conduzir os ingleses para dormir nas malocas da tribo, mas Fawcett se recusou por achar o lugar sujo e fedido. Por último, Fawcett teria abatido um pássaro com sua espingarda e visto Cavucuira chegar perto da caça, julgou que o índio fosse roubá-lo e o repreendeu severamente. Tudo irritou muito o Calapalo que teria pedido autorização ao chefe da tribo para matar Fawcett e seus companheiros.

O narrador-repórter expõe surpresa ao perceber que o relato descrito por Dyott coincide com a versão contada pelos índios ao sertanista. "Villas-Boas não sabe inglês e portanto nunca leu o livro de Dyott, mas sua história engata perfeitamente na do explorador americano." (CALLADO, 2010, p. 74). Apesar de não se basear em nenhum texto escrito de Villas Boas, o narrador-repórter considera muitas das hipóteses apresentadas pelo sertanista.

Vejamos como a conjugação de depoimentos, relatos e observações vai sendo configurada pelo discurso narrativo na tentativa de delinear seu personagem simbólico. Mas simbólico do que exatamente? A resposta do narrador-repórter vem logo depois do trecho, já analisado, em que Fawcett é, de certa forma, aclamado por sua ânsia pela descoberta. Vejamos o final do trecho novamente e a sequência da narrativa.

Tudo isto vem para dizermos agora que o fato de Fawcett ter acreditado na existência de uma cidade abandonada no sertão do Brasil, entre Xingu e o Araguaia, no Roncador, ou na Serra e Sincorá, na Bahia, não tem nada de imbecil. Por outro lado, **lendo tudo que conseguimos encontrar** sobre ele próprio, Fawcett, **ficamos convencidos** de que ele jamais arriscaria a sua vida e a do seu filho para tentar encontrar uma mina de ouro. Não acreditamos em absoluto que buscasse as legendárias minas dos Martírios. Se encontrasse a sua fabulosa cidade, ele provavelmente encontraria os tesouros e riquezas que parecem parte infalível de tais descobertas - mas, na sua natureza, a força motriz não era a ambição de enriquecimento. Era, como veremos, de fama, de glória. Fawcett foi um típico *empire bulding* inglês que viveu ao tempo em que o Império [...]. A Grã-Bretanha vive hoje - e vive conscientemente, o que é raro - o drama de uma divisão em si mesma que vai

até o âmago do povo. Há os saudosistas dos dias imperiais e há os que veem para a Grã-Bretanha de agora não mais a antiga tarefa de espalhar seus navios pelos mares e arcar, meio hipocritamente, com o "fardo do homem branco" (que era o de civilizar pretos, amarelos etc.), e sim de abrir mão de grande parte das suas posses materiais para ser um império espiritual, um distribuidor da sua cultura, da sua grande sabedoria política, do seu sistema de serviço público. Alguns meses de leitura regular de, digamos o *Daily Express* e do semanário *New Statesman & Nation* dão perfeitamente uma ideia das duas correntes, respectivamente, dos saudosistas do Império e dos que se esforçam por plasmar uma outra Grã-Bretanha. Fawcett, **na nossa opinião**, leria o *Daily Express*. (CALLADO, 2010, p. 33-34, grifo do autor em itálico, grifo nosso em negrito)

Depois de anos de trabalho na Europa, não fazia muito tempo que Callado tinha desembarcado no Brasil. Em 1947 ele estava de volta e em 1952 pousava no Xingu. O trabalho na BBC, em Londres, forneceu repertório ao jornalista sobre as principais tendências políticas da Grã-Bretanha, dos periódicos e de seus leitores. A analogia encerra a explicação de que Percy Fawcett, saudosista dos tempos de colonização a todo custo, via na descoberta da cidade perdida a construção de um novo império britânico no centro do Brasil. Tal constatação do narrador-repórter - que vem a partir da leitura de "tudo o que conseguiu encontrar" e da colagem e descolagem de diferentes vozes que surgem dessas leituras - reverbera no teor geral da segunda parte do livro: em direção oposta ao movimento autoritário e imperialista encarnado em figuras como Fawcett, no Brasil se delineava o horizonte de uma nação emancipada do jugo do primeiro mundo. Tal concepção ideológica é, aliás, certa linha de força do pensamento de Antonio Callado como intelectual militante.

Mas é preciso avaliar o delineamento discursivo de outros personagens dessa narrativa, inclusive a do próprio repórter. Tal labor de constituição do repórter como personagem que participa dos eventos narrados é movimento fundamental da obra jornalística de Callado como um todo.

3.2.3. O "eu estive lá" conduz a narrativa

Se na primeira parte de *Esqueleto na Lagoa Verde* há atuação moderada da autorreferencialidade, na segunda ela se torna explícita. Depois de apresentar como se deu seu trabalho investigativo sobre livros e documentos históricos, o narrador-repórter evidencia sua ação de reportar os eventos no campo dos acontecimentos. O registro da vivência do repórter pela voz narrativa não é aleatório. Ao contrário, trata-se de movimento

de estratégia enunciativa com pendor persuasivo do texto - como buscaremos cada vez mais patentear. Assim começa a segunda parte do livro:

Foi na sexta-feira 25 de janeiro de 1952 que saímos do Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, rumo à Lagoinha da Mata (como acabou por ser chamada) à beira da qual o cacique Cumatsi apontara a Villas Boas a cova que continha os ossos, depois de tão variados, que foram primeiro à capital federal do Brasil e depois à própria capital da Comunidade das Nações Britânicas. (CALLADO, 2010, p. 67)

O trecho retoma o episódio narrado no primeiro capítulo do livro, a negociação conduzida por Villas Boas para que os ossos fossem revelados pelos calapalos. Dessa vez, o narrador-repórter está em cena. Ele testemunha e registra todos os detalhes que possam colaborar na ambientação dos acontecimentos vividos por ele e pela equipe de expedição dos *Diários Associados*. Saltemos alguns parágrafos e atentemos ao seguinte trecho:

E o pior é **que iniciamos a jornada** rumo à cova debaixo de um sol de quase três horas da tarde. Por falta de canoas para todo mundo (éramos dez brancos e índio que não acaba mais), nem tentamos fazer todo percurso por água, descendo o Culuene. Por outro lado, como as chuvas andavam escassas, ao contrário do que se esperava a Lagoa Grande (na realidade sem nome) não se ligava à corrente do Culuene. Aí também, portanto, não poderíamos fazer uso das duas ou três canoas de casca de jatobá de que dispúnhamos. Isso transformou uma viagem que seria de quatro quilômetros numa caminhada de uns 24 quilômetros ida e volta - em passo ligeiro **para que a noite não nos colhesse** no mato. (CALLADO, 2010, p. 68, grifos nossos)

O discurso do narrador-repórter explicita seu próprio caminhar, e de seus companheiros, no cerne de uma jornada que também é empreitada jornalística da feitura da reportagem. O trecho também demonstra um recurso bastante utilizado na segunda parte da grande reportagem: a exploração de componentes metafóricos cuja dimensão semântica possui associação com o meio físico e cultural em que o repórter está inserido. A caminhada ligeira dos expedicionários se justificaria pelo medo da noite que se aproximava; tal qual uma *colheita*, atividade indígena por excelência - transfigurada na busca de sua caça -, a escuridão poderia "colher" os caraíbas inexperientes. Tal labor que tangencia o literário não é ocorrência episódica, ele comparece a outros momentos da narrativa.

A grande reportagem se desenvolve como uma grande caça ao tesouro. Os recursos de ambientação são reforçados, inclusive, com a presença de um mapa ilustrado¹⁴³ pelo major Norwook Eggeling, que também fazia parte da expedição.

¹⁴³ As edições publicadas em 1977, pela editora Paz e Terra, e em 2010, pela Companhia das Letras, trazem o mapa.

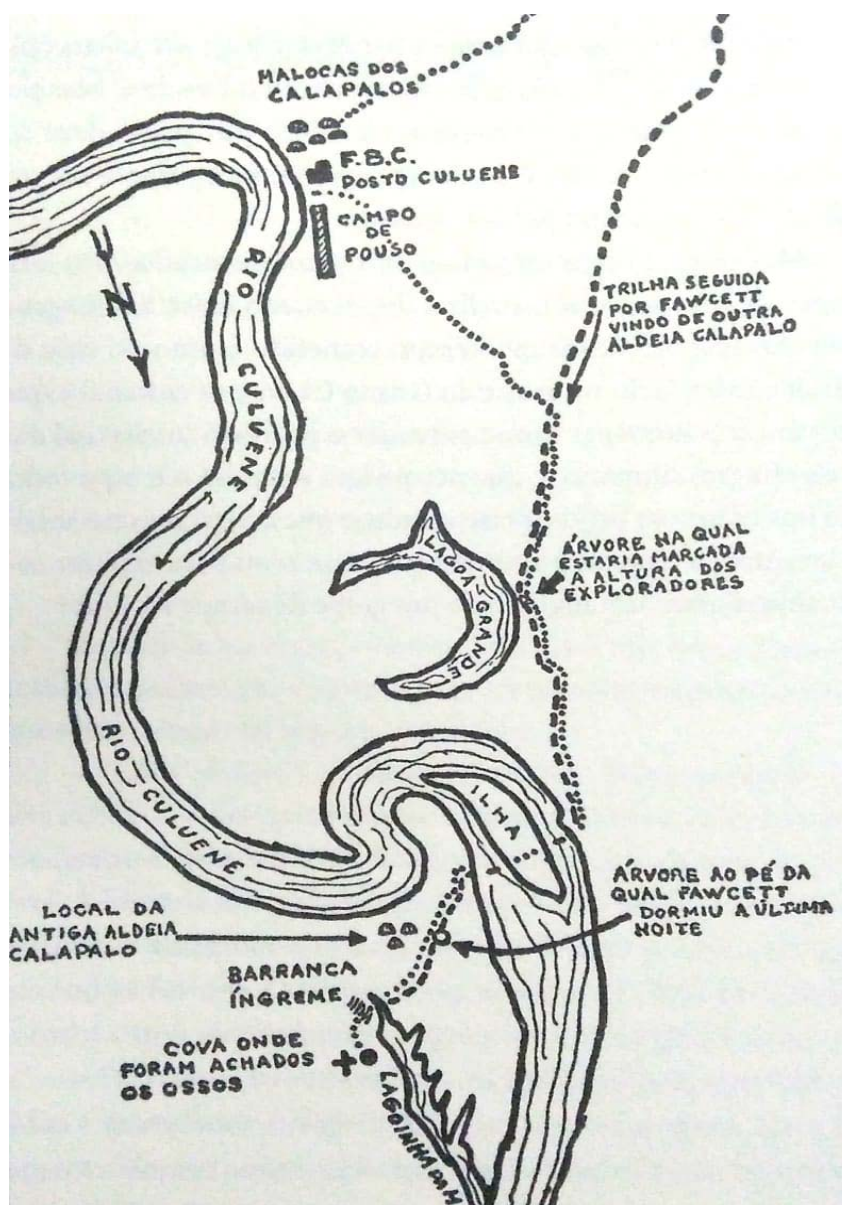


Figura 55: Mapa mostra a caminhada da expedição dos Diários Associados até a cova. A linha pontilhada marca o percurso da expedição. Já a linha traçada mostra o percurso feito por Fawcett e seus companheiros. (Fonte: *Esqueleto na Lagoa Verde* (CALLADO, 2010, p. 71).

É possível acompanhar a caminhada narrada segundo os delineamentos do mapa. Em destaque, uma seta que indica uma "árvore na qual estaria marcada a altura dos exploradores". Sobre esse marco, a narrativa ganha contornos etnográficos.

Finalmente, à beira da tal Lagoa Grande existe um verdadeiro monumento fitolátrico ao longo da via-sacra de Fawcett: a árvore em cuja casca, não se sabe bem por quê, seus assassinos lhe teriam marcado a altura e a de seus companheiros, e onde o major-médico americano Norwook Eggeling, que nos acompanhava, julgou ver, isso sim,

uma das marcas em forma de Y que Dyott encontrou em toda a trilha do coronel Fawcett.

Examinamos a árvore, tocamos a árvore, fotografamos a árvore, Brian pediu a Cumatsi que marcasse também a sua altura. A faca de Cumatsi deu um golpe seco na árvore, assinalando a altura do filho sobrevivente do explorador. (CALLADO, 2010, p. 69)

A aventura testemunhada segue adiante e apresenta recursos e funcionalidades que analisaremos com mais atenção.

3.2.3.1. O literário como expressão da experiência

Vimos em um dos trechos anteriores a exploração da linguagem metafórica dirigida ao campo semântico do universo cultural e geográfico no qual está inserido o narrador-repórter. Em outros momentos, entre a metáfora e a símile, exatamente no ponto onde paramos na narrativa, há um fragmento bastante representativo desse labor no âmbito da literariedade.

Andamos da árvore à beira da Lagoa Grande até o ponto do Culune que devíamos atravessar, com escala pela ilha que figura no mapa. Nos primeiros dois botes atravessamos eu, Brian, o major médico Norwook Eggeling, o fotógrafo Pirocelli e o repórter Hideo Onaga. Enquanto esperávamos o resto da expedição, arriamos na barranca do rio os corpos castigados por uma caminhada excepcionalmente árdua. Os índios, **nus em pelo**, passavam pelos **longos floretes do capim-navalha** como se passassem entre **plumas**, mas **nossas botas e nossas camisas** haviam guardado lanhos que **chegavam às vezes a cortar a carne**. Eles se agachavam quando **a vegetação fechava-se colérica em cipós e taquaras finas**, e passavam como uma enguia por um buraco de rocha sob o mar, mas nós tínhamos o chapéu desabado arrancado da cabeça e os lados do corpo arranhados. Quando saímos desses cerrados, os varjões de areia, descampados, não ofereciam grande consolo, pois **o sol inclemente descia do céu em flechas de fogo**. Para os índios aquilo era uma sesta, para Orlando Villas Boas um passeio, mas para o resto da expedição foi uma caminhada severa, principalmente por termos ido preparados para quatro quilômetros e andamos seis vezes mais. (CALLADO, 2010, p. 69-70, grifos nossos)

O primeiro período do trecho explora contrastes para destacar a aptidão dos índios em se deslocar em discordância com inabilidade dos brancos em caminhar pela floresta: "nus em pelo" x "nossas botas e nossas camisas" e "longos floretes de capim navalha" x "plumas". O final do período, "que chegam às vezes a cortar a carne", remete ao tipo de vegetação que os atrapalha, "capim-navalha", metáfora que enfatiza o quanto estavam se machucando na travessia. No período que segue, a prosopopeia (ou personalização) "a vegetação fechava-se colérica em cipós e taquaras finas" é recurso expressivo da falta de

controle que os expedicionários tinham sobre a mata. Tal como alguém em cólera, a floresta os açoitava. O penúltimo trecho traz a literariedade mais expressiva do fragmento: "o sol inclemente descia do céu em flechas de fogo". O sol inclemente (prosopopeia para designar o calor que fazia o grupo desejar pedir clemência) chega até os jornalistas em forma de flechas de fogo. Retira-se do léxico "fechas", instrumento de caça indissociavelmente relacionado aos índios, seu significado denotativo para expressar a forma com que o sol chega aos homens brancos em busca da cova dos ossos: de forma violenta e dolorosa, como atingidos por flechas em chamas.

Tais marcas de literariedade, todavia, não implicam um desvio - mera ornamentação textual - do percurso discursivo da reportagem, mas corroboram dimensões semânticas caras à narrativa, entre as quais ser a floresta um território inóspito ao homem branco, ou melhor, aos homens que não pertencem ao meio indígena, o que inclui, enfaticamente, o próprio narrador-repórter. Outras situações aglutinam-se para reforçar o senso de contraste cultural. Há outros momentos em que o discurso narrativo é permeado de ocorrências desviantes da convencionalidade jornalístico-informativa. Nesse sentido, o trecho que abre o capítulo "Chantagem na volta do cemitério" merece ser observado. Ali está mais um reforço sobre o "mato assustador", a demonstração do cuidado de Villas Boas com os índios e, em outro vetor, um comentário irônico sobre um jornalismo oportunista que busca, a todo custo, uma versão única para os fatos.

3.2.3.2. Quando o jornalismo se torna jocoso

Depois da extenuante caminhada, a expedição finalmente chega ao lugar onde supostamente teria sido assassinado Fawcett. Os repórteres e fotógrafos se postam em frente ao local. Mencionamos tal episódio no segundo capítulo desta tese. É hora de dar-lhe maior atenção:

Subida a barranca a beira da Lagoinha da Mata, ficou diante de nós - a cova. O chão de limo, de barro escorregadio, de folhas e decomposição, interrompia-se na cova aberta sob o dossel de árvores. Os fotógrafos pediram a Brian Fawcett que entrasse no túmulo. Ele aquiesceu e as lâmpadas piscaram na penumbra verde. Por um momento tive a esperança de que, da mata além, uma voz cavernosa e magoada nos fizesse estremecer, dizendo a Brian: "*I am the father's spirit*".

Mas em lugar de um fantasma a falar de dentro da floresta úmida, começou naquele instante o interrogatório do cacique Cumatsi, conduzido pelo menos fantasmagórico e mais gordo dos repórteres cariocas. (Tão gordo, que, ao desembarcar do avião no Posto

Culuene, foi abordado por uma índia aflita que lhe apontou a barriga e perguntou se tinha filha lá dentro: - *Mêri, mêri?* indagava, verdadeiramente assustada. - Não, homem, respondeu o repórter batendo no peito.). O repórter, à beira da cova, quis fazer aquilo que em reportagem policial se chama de "reconstituição do crime". Interrogou Cumatsi, Cravi, Boróro, fez os gestos de quem derruba um homem a tacape, repetiu inúmeras vezes cada pergunta - tudo isto num diapasão muito agudo de voz. Os índios iam respondendo, com aquele eterno meio-sorriso, o repórter cada vez representava mais e a cena toda ia naufragando em irreprimível comédia.

Súbito, um protesto estalou, não sabemos bem onde. Os índios estavam meio alarmados ou um pouco encolerizados com a gritaria do repórter. Villas-Bôas adiantou-se, meio ríspido:

- A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios, disse ele ao repórter. Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos.

O intérprete Naho entrou também na brecha.

- Calapalo não está mentindo e índio não gosta que branco grite com ele!

Houve uns segundos de agitação e de um vago temor. O gordo repórter se desmanchou em sorrisos, abraçou Cumatsi, se declarou amigo dos calapalos e de todo mundo. E concordamos todos em que o melhor era iniciarmos a viagem de regresso. Apesar de cansadíssimos como estávamos, não podíamos perder tempo, para que a noite não nos colhesse longe do acampamento. (CALLADO, 2010, p. 79)

Ao discorrer narrativamente sobre o comportamento dos índios e o modo como os defendia Orlando Villas Boas, o fragmento expõe o olhar avaliativo do narrador-repórter sobre procedimentos comuns a jornalistas no afã pela busca de “bons enquadramentos” a qualquer custo. Primeiro, destaca a construção da “cena sensacionalista” para a realização da fotografia jornalística: o pedido para que o filho vivo do coronel entrasse na possível cova de seu pai; em seguida, a “entrevista” desmedida de um dos repórteres com o intuito de fazer uma espécie de reconstituição do crime. O discurso narrativo assinala uma perspectiva decididamente crítica do narrador-repórter: na ânsia de querer enquadrar os indícios de um possível assassinato numa narrativa que se tornasse atrativa para a imprensa, o jornalista desencadearia uma passagem hilária. A perspectiva do narrador-repórter sinaliza que, tal qual o companheiro que se mete em uma cena jocosa, o jornalismo que se vincula à busca de uma versão simples sobre os fatos é simplório e, por vezes, demonstrativo de insensibilidade que tangencia a agressão diante do “outro”, o índio.

Mesmo para casos indecifráveis, como é o de Fawcett, a narrativa jornalística em geral, sobretudo no chamado *hard news*, tende a reduzir as explicações em perspectivas únicas; os porquês precisam estar baseados em elucidações factíveis e indiscutíveis, ainda que não se confirmem. O narrador-repórter de *O Esqueleto na Lagoa Verde* faz o caminho

discordante de tal vetor: na tentativa de montar o quebra-cabeça de versões sobre o desaparecimento do coronel Fawcett e perceber que uma resolução para o caso é impossível, o percurso narrativo de Callado espalha as peças sobre a mesa e promove uma tácita discussão desse movimento. Tal caminho discursivo tem no que Davi Arrigucci Jr chama de "pulverização da perspectiva única" (ARRIGUCCI JR, 2010 p. 130) um dos seus vieses.

A discussão do narrador-repórter sobre o fascínio das perguntas sem resposta para o caso Fawcett não deixa de gotejar, ainda que indiretamente, sobre a construção de narrativas de maneira geral, sejam elas históricas ou jornalísticas. Ao apresentar as diferentes hipóteses sobre o caso e discutir sobre elas, o repórter não deixa de dizer que sua narrativa, entre tantas possíveis, é mais uma versão sobre a história de Fawcett. O caráter metalinguístico que algumas vezes a narrativa assume - com feição de meta-reportagem - alia-se ao comportamento autorreferencial do narrador-repórter, evidencia isso. O narrador-repórter escancara, enfim, que a construção de uma narrativa jornalística, ou mesmo de uma narrativa histórica, sempre é uma perspectiva escolhida entre tantas possíveis.

A partir de um olhar que assume lacunas e indeterminações, os principais personagens de sua narrativa são delineados: Brian Fawcett, jovem, gentil e defensor do pai; Villas Boas, sertanista protetor dos índios e da cultura deles a todo custo; e finalmente os índios: com uma lógica de difícil compreensão, estariam no limite entre a ingenuidade infantil e o interesse ardil típico dos homens "civilizados". Antes de nos atentarmos à caracterização de Villas Boas e de sua luta, vejamos, no item que segue, mais um trecho no qual o comportamento dos índios é perfilado. No percurso da narrativa, trata-se do retorno da expedição à tribo.

3.2.3.3. Índios, esses ingênuos ardilosos

No último capítulo da grande reportagem, "Retrato do artista como um índio jovem", como vimos no capítulo 2, o narrador-repórter sintetiza sua percepção sobre os índios. "Os índios do Xingu estão talvez no ponto em que o homem começa a ilustrar a parede das cavernas e transformar a história de assassinios como o da Lagoinha da Mata nas primeiras sagas rudes da raça." (CALLADO, 2010, p. 103). Essa seria sua defesa para que o Parque

dos Índios fosse criado: era preciso cuidar dessa gente e interferir o menos possível em sua cultura.

O acúmulo de informações sobre os "selvagens"¹⁴⁴ foram adquiridas nos dias de vivência do Xingu que são narradas na reportagem. O repórter demonstra-se cioso de desvelar o modo de ser dos índios (não se pode esquecer, uma vez mais, que sua viagem ao Xingu foi um grande laboratório para a escrita de *Quarup*). Para demonstrar o comportamento dos índios sobre o pedido de presentes aos visitantes de suas aldeias, o narrador-repórter conta como se comportou o guia Naho, um índio calapalo na volta da expedição que os levou à lagoa verde. O medo de se perderem no momento que estavam sendo deixados para trás por Naho é descrito com vistas a apresentar como se dá a chantagem quase infantil dos índios para conseguir o que querem. Preferimos transcrever o trecho na íntegra para apresentar como o discurso explora detalhes da experiência do narrador-repórter com a situação:

Meu grupo foi o primeiro a atravessar o rio e a Ilha de volta e era composto de mim, do fotógrafo Piroselli e do piloto Irineu. O guia era Naho. O segundo grupo, formado por Norwood Egging, Romildo Gurgel e talvez Brian, e que se pusera logo a caminho logo atrás de nós, cedo perdeu-nos de vista, porque Naho andava extremamente depressa e não atendia aos pedidos que lhe eram feitos de diminuir a marcha. **Nossas botas, encharcadas pela vadeação da Lagoinha da Mata, pareciam umas banheiras de chumbo que nos prendessem aos pés. Iam chóc-chóc pela senda quase invisível no chão.** Ao cabo de uns quarenta minutos de marcha estávamos inteiramente sós com o guia no seio da mata. Foi então que Naho positivamente se pôs a correr... Agílimo, fundindo-se com os obstáculos, passando pelos espinheiros como uma canoa maneira entre rochas, Naho pôs-se a correr. O magro Pirosseli, que, apesar de estar carregando seus petrechos de fotografia, não se despregou de Naho o tempo todo, aguentou a marcha acelerada. Atrás dele vinha Irineu, meio distraído, e eu nas pegadas de Irineu. Quando demos acordo de nós, Naho, **seguido por Pirosseli como uma lebre por um lebréu, ia longe - um saci adulto, um calunga veloz que a mata antes parecia absorver do que entrava ele pela mata.**

Chamei-o várias vezes, pedindo-lhe que reduzisse a marcha. Sua **aérea resposta** era que estava andando devagar. Chegou o momento em que eu e Irineu tivemos realmente que correr para alcançá-lo. Quando nos viu esbofados, exaustos, com um medo danado de que o grupo seguinte não viesse pelo mesmo caminho e ficássemos isolados na mata, Naho parou, esperou, e me perguntou de chofre:

- Me dá a calça cáqui?

¹⁴⁴ O narrador-repórter usa uma vez a palavra "selvagem" para definir os índios. Ela aparece em sua interpretação sobre a necessidade da criação do Parque Nacional Indígena (que depois se tornaria o Parque Nacional do Xingu) para impedir o processo veloz de extinção dos índios. Seguros no Parque, a integração começaria com a educação das crianças. "Essas crianças é que, continuando nas próprias malocas, começarão a única educação possível - a que ele mesmo adquirirá do filho. Assim, os selvagens só se integrarão muito lentamente em nossa civilização, mas virão conscientes, terão eles mesmos interesse em conservar seus traços básicos, não entrarão como uns mendigos, pela porta da libertinagem em barraca de rio e capoeira de mato, mas como algo semelhante a um "povo" que se acerca de outro." (CALLADO, 2010, p. 87).

Fiquei surpreso. Desde praticamente o instante da chegada ele me pedira a calça e eu a prometera para quando fosse embora do Posto Culuene.

- Claro que dou, Naho, pois eu não prometi a calça a você?
- Eu sei, eu sei, mas dá hoje?
- Escute, capitulei, eu, ignóbil, dou a calça a você logo que chegarmos ao Posto - *desde que você vá devagar*. Está ouvindo. *Devagar*.
- E a camisa, dá?
- Não, disse eu agarrando-me à camisa como a um farrapo de dignidade, só tenho essa.
- Coitado, comentou Naho.

Passou a andar em passo mais civilizado. Mas nos tirara muito do fôlego. Irineu quase resolve sentar quando já nos aproximávamos. Era impossível saber se estávamos perto ou longe do posto. O sol já desaparecera e a noite vinha avançando por entre os troncos das árvores. Quando, pela primeira vez, eu e Pirocelli exortávamos Irineu a não entregar os pontos - surgiu por entre a folhagem pousado no campo do Posto Culuene, o avião do próprio Irineu, um Piper monomotor, de corpo vermelho e prateado... Dez minutos depois de haveremos chegado ao Posto, Naho vinha cobrar a sua calça cáqui.

Soube depois, conversando com os demais companheiros, que a de Naho não fora a única chantagem. Os índios pareceram compreender que a caminhada tinha sido demais para os brancos e aproveitaram a oportunidade para comerciar um pouco. Não foi só Naho que teria aprendido a ser malandro com os brancos. Por instinto eles são aproveitadores - como as crianças.

Suponhamos, agora, que eu tivesse Naho como guia e me encontrasse no meio da selva, em pleno curso de uma expedição longa. Devia puni-lo pela ousadia de armar sua pequena chantagem? Devia obrigá-lo a andar devagar com o cano da pistola metido em suas costelas? Ou devia, seguindo o exemplo de Orlando Villas Boas, tratá-los, e a todos índios, como a crianças de verdade, depositárias de tudo que há de bom na natureza mas astuciosamente, disfarçadas, egoístas e rancorosas quando qualquer mal lhes é feito? (CALLADO, 2010, p. 80-82, grifos do autor em itálico, grifos nossos em negrito)

Destacamos os períodos onde a analogia se faz presente. O trabalho com a expressividade linguagem, mais uma vez, aparece para potencializar a descrição da situação vivida. Há também a utilização de uma onomatopéia (as botas "iam choc-choc pela senda") que explora ludicamente a dificuldade na caminhada no meio da floresta.

Mas desse fragmento nos interessa principalmente a presença da forma verbal "suponhamos". A partir dela, o narrador-repórter, diante da dificuldade sobre a lida com os índios, convida o leitor a pensar sobre como seria sua reação caso ele estivesse no lugar de Fawcett. É importante sublinhar que é exatamente dessa forma que o capítulo com o trecho se encerra: com perguntas que se tornam trilhas abertas. Vê-se, portanto, que a narração do momento crítico vivenciado pelo repórter e seus companheiros não é aleatória, ou seja, faz reverberar o "oportunismo infantil" e "irritante" dos índios. Assim, tal momento se inscreve

no teor geral que envolve a narrativa: a relação do “civilizado” com o índio, sinalizando que a postura agressiva de Fawcett - representante por excelência da faceta exploratória eurocêntrica - com os índios pode ter deflagrado o próprio assassinato que teriam cometido. Todavia, uma vez que a narrativa situa a reportagem para além da possibilidade de encontrar respostas - e o leitor não as terá - o problema de fundo tangencia tanto a relação de Fawcett com o mundo indígena quanto a do repórter, espécie de etnólogo embrenhado nos sertões do país. Para o narrador-repórter, só Orlando Villas Boas e seus homens da Fundação Brasil Central conseguiriam entendê-los ou, pelo menos, divisar que não cabe ao “civilizado” subjugar-los.

3.2.3.4. Brasileiros construtores da nação futura

Quase ao final da reportagem, há um capítulo que, à primeira vista, parece ter sido inserido apenas para registrar a experiência do repórter diante de mais uma situação de risco, "Incêndio em Xavantina". Xavantina era a vila na qual ficava a sede da Fundação Central do Brasil, de onde a expedição dos *Diários Associados* partiu para encontrar os índios calapalos no Xingu e para onde voltaram findada a aventura. Mais uma vez, os passos do narrador-repórter conduzem a narrativa. Vejamos:

Na madrugada de sexta-feira, dia 1º de fevereiro, quando, de volta ao Posto Culuene, já nos encontrávamos na vila de Xavantina, Mato Grosso, despertamos com um estrépito de fuzilaria. Pouco depois, um rumor de vozes do lado de fora da casa rústica em que dormíamos:

- O armazéns está pegando fogo, Mizu!

Quando saímos da casa, com Orlando Villas Boas, vimos na face oriental do vilarejo (Xavantina, à beira do rio das Mortes, duzentos habitantes, último povoado de civilizados na fímbria da selva do Brasil Central, é um quadrado de casas ao redor de uns dois hectares de capim) o almoxarifado em chamas. Para Xavantina aquilo era como se, no Rio, pegassem fogo ao mesmo tempo todas as casas de gêneros alimentícios [...].

Um corte transversal da população mestiça do Brasil era a humanidade que se agitava em torno daquele arcabouço de tijolo, barro e brasa. Mulatinhos ágeis e caboclos caipiras marinavam pelas paredes para jogar um balde d'água na voragem. Lá em cima do telhado o Paulista, claro e alourado, esguichava a água de uma mangueira bem na goela ardente do fogaréu. Zé Dentista e o piloto Caiado - os dois barrudos da vila - entravam de marreta e picareta nas paredes que ameaçavam propagar o incêndio. Capitaneando aquele enxame de gente, pondo ordem naquele caos de coragem, estava o chefe da expedição Roncador-Xingu, delegado da Fundação Brasil Central em Xavantina, Olívio de Sousa. Com a batina e o barrete de linha branco e as

alvas barbas avermelhadas pelo fogo, o padre Colbacchini tranquilizava as mulheres e crianças.

O incêndio foi aos poucos abrandando [...].

Diante do drama obscuro e ignorado que ali se desenrolava, da luta que só a presença fortuita de um repórter em Xavantina ia ficar em letra de fôrma, mas que morreria, de outro modo, num telegrama qualquer (Aragarças, 1º - Pegou fogo em Xavantina o almoxarifado. Não há vítimas a lamentar), ficamos pensando na tinta, no papel, nas conjecturas e na emoção gastos com o desaparecimento, em 1925, de um coronel inglês na selva de Mato Grosso.

E, no entanto, o sumiço que levou Fawcett e que em 1952 ainda nos atraía, a nós próprios, ao rio Culuene, é um episódiozinho marginal na epopeia majestosa que arrancou com a primeira bandeira paulista e que ainda hoje pulsa viril em Xavantina - ponta de lança da civilização embebida na brenha verde do Planalto Central Brasileiro.

E note-se: essa epopeia em si mesmo é algo novo e estranho. **Os bandeirantes de agora, como os irmãos Villas Boas, o médico Noel Nuttels, o Mato Grosso, o Aires do Posto Culuene, alijaram os motivos do bandeirante e dos descobridor de outrora.** São homens sem cobiça e sem luxúria. Gostam de abrir picada na selva e de encontra índio, gostam de desbravar, como os portugueses de antanho gostavam de desvirginar mares (e outras coisas), gostam de viver naquelas solidões - mas sem cobiça e sem luxúria. Não procuram minas, não querem ouro, e à noite esticam entre dois paus a rede vazia sob o céu que ferve de estrelas. (CALLADO, 2010, p. 85, grifos nossos)

A partir do relato do incêndio testemunhado pelo narrador-repórter, desencadeia-se uma série de interpretações sobre o trabalho dos bandeirantes da Fundação Brasil Central e da SPI. Segundo a perspectiva de Callado, em contraste com os exploradores portugueses, interessados em ouro e índias como objeto de desejo, os bandeirantes conduzidos por Villas Boas desejavam a proteção dos índios. Não à toa, na sequência desse trecho comparece a descrição do caso em que um funcionário da Fundação pediu autorização para se casar com uma índia, mesmo que ela nem soubesse sobre o interesse do caraíba. O pedido chegou até às mãos de Cândido Rondon que o negou. "Fez-se ver ao funcionário que ele ia constituir família com uma criatura culturalmente distanciada dele por milênios [...], mais removida de qualquer afinidade com ele do que se houvesse nascido nos confins da China." (CALLADO, 2010, p. 86). O funcionário respeitou a decisão. "Ele entendeu e terá entendido que a fundação e o SPI, protegendo-o embora de um erro, estavam principalmente protegendo a índia." (CALLADO, 2010, p. 87).

O trabalho conjunto de diferentes tipos de brasileiros para que o incêndio fosse apagado em Xavantina, aos olhos do narrador-repórter, representaria uma imagem do Brasil que pode "dar certo". Tal qual na condução do trabalho de controle das chamadas organizado pelo delegado da Fundação Brasil Central, o país poderia ser conduzido por

homens com tal noção de preservação e organização do trabalho coletivo. O relato testemunhal contribui, portanto, para perfilar quem são os homens comprometidos que trabalham com os irmãos Villas Boas. Do lado oposto desse trabalho vangloriado pelo narrador-repórter, estariam homens como o coronel Fawcett, exploradores cujo eurocentrismo imperialista é sinônimo de vilipêndio da gente brasileira, os nativos, dos bens naturais e busca de fama e glória. A comparação entre as figuras, com exaltação da primeira, fecha a grande reportagem em chave de síntese com concepções básicas, uma espécie de projeto político de Callado em torno de questões da vida brasileira.

Mas antes, vejamos o comentário crítico feito pelo narrador-repórter quanto aos registro jornalístico e, conseqüentemente, histórico da "epopeia majestosa" que os bandeirantes modernos estavam realizando no interior do Brasil. Se não fosse o caso Fawcett que levaria Callado ao lugar de trabalho dos Villas Boas, o relato sobre o incêndio não passaria de um telegrama oficial. Quais outros episódios tão importantes sobre a colonização desses modernos bandeirantes não deixaram de ser cobertos pela falta de interesse da imprensa nacional? Não fosse a curiosidade de Assis Chateaubriand pelo desaparecimento do inglês, estariam os periódicos dos *Diários Associados* interessados no trabalho dos Villas Boas?¹⁴⁵ Que outras pautas, ligadas a "episodiosinhos marginais", seriam necessárias para que se falasse sobre o que realmente era importante para o país? No trecho, portanto, não deixa de haver uma reflexão crítica sobre o trabalho da imprensa desatenta ao trabalho fundamental que estaria sendo realizado no centro do país. O narrador-repórter estabelece uma breve análise que, mais recentemente, poderia se adequar às teorias de *gatekeeping*, isto é, aos estudos dos fatores que influenciam o modo como as mensagens jornalísticas vêm a ser como são (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 17).

Todas essas elucubrações aparecem a partir do seu testemunho, o "estive lá" como componente discursivo de legitimação dos argumentos do narrador-repórter. Vamos às conclusões feitas pelo narrador-repórter.

3.2.4. Nação futura, a utopia que se realiza no Xingu

¹⁴⁵ Orlando e Cláudio Villas Boas dizem que sim. Segundo os irmãos, o movimento de interiorização que se realizou pela Fundação Brasil Central, por meio da Expedição Roncador-Xingu foi apoiado pela imprensa. "E se mais não foi feito a causa se deve somente por estar o mundo todo envolvido na Segunda Grande Guerra. Esta, pela sua amplitude, absorvia divulgação, recursos e tudo mais". (Villas Boas, C; Villas Boas, O; 1994, p. 603). Os irmãos citam o constante trabalho da revista *O Cruzeiro*, que teria sido "[...] o mais precioso órgão de divulgação e apoio da Expedição" (Villas Boas, C; Villas Boas, O; 1994, p. 604)

Sobretudo na segunda parte da reportagem, há investida no delineamento dos personagens da aventura narrativa. Na finalização de *Esqueleto na Lagoa Verde*, no capítulo com o simbólico nome "O sonho da nação futura"¹⁴⁶, as principais figuras da narrativa, Percy H. Fawcett e Orlando Villas Boas, aparecem em contraste. Vejamos:

Quando Percy Harrison Fawcett apanhou as canoas no Curisevo, ou Kuluseu, sabia, como explorador experimentado, que aquilo não era um gesto exatamente aconselhável. Mas ele perdera a sua canoa no Salto de Taunay, lá para o princípio do mesmo rio, e a alternativa era bordejar a corrente a pé - um estúpido suplício quando há um Curisevo deslizando como uma correia de transporte ao lado - ou completar todo o fatigante e longo processo de cercar um jatobá de jirau, de recortar na casca da árvore uma silhueta de canoa, de fincar as cunhas que desprenderão a casca, de meter paus transversais na casca para que não se feche, de botar tudo ao sol para que seque, de arrebatar com fogo a popa para que não entre água. Não, terá Fawcett pensado, pode não ser aconselhável mas *damm it*. **Ali estava ele, um homem com um objetivo, um explorador britânico, um dos que haviam lutado e vencido na guerra de 1914-8, ali estava ele a pé, com Releigh Rimell a mancar e talvez a querer voltar, com Jack um tanto pálido e assustado** a despeito daquele físico de atleta que ele, Fawcett, o fizera adquirir para que um dia pudesse vier a descobrir com ele a maravilhosa cidade dos bandeirantes de 1753 - e diante dele estavam duas ubás. Por que iria *ele* a pé, ou porque ficaria dias e dias arrancando uma ubá de um pau de jatobá, quando índio anda a pé descalço e tão bem e gasta todo o seu tempo de maneira a mais tola e sem finalidade que é possível?

Eu o vejo entrando numa das canoas, louro e firme, dizendo aos outros que se abancassem.

Ora, no sábado, 26 de janeiro de 1952, quando da expedição que viera do Rio só restávamos no Culuene eu e o Villas Boas (todos os demais haviam iniciado de manhã a viagem de volta), procedeu este à distribuição das miçangas e dos facões, mas Bororo, índio meio encenqueiro (um dos que teriam assistido ao massacre de Fawcett), só ganhou uma faca. Aliás, ele dissera antes que queria uma faca e não uma pernambucana, mas o fato é que na hora emburrou. Viu todos os capitães armados com facões e danou-se.

Pois era de ser ver a preocupação em que ficou Villas Boas durante a zanga do Bororo. Enquanto não arranhou sei lá onde outro facão para dar ao índio (Bororo então se declarou muito feliz com a faquinha...), enquanto não o viu de novo sorrindo e não recommçou a lhe dar cachações de amizade e a esfregar sua cara na cara do índio velho, Villas Boas não teve sossego. Essa é sua maneira de lidar com os bugres. (CALLADO, 2010, p. 89-90, grifo do autor em itálico, grifos nossos em negrito)

Dois movimentos são realizados na construção do contraste entre os personagens. Primeiro, o narrador-repórter "recria" a cena que não testemunhou em um espécie de exercício imaginativo que reitera a figura impetuosa do coronel. Para isso, utiliza seu

¹⁴⁶ Este não é o último capítulo da grande reportagem. Ele antecede os três últimos: "África interior", "Amigo ou criação de Rider Haggard?", "Retrato do artista como um jovem". Por dizerem mais sobre o a relação do repórter com o tema do da própria reportagem, eles eles já foram analisados anteriormente na tese.

artefato de informações recolhidos durante sua investigação sobre o perfil de Fawcett e sobre os motivos de seu desaparecimento. A descrição do suposto roubo da canoa pelo britânico é feita como se ela estivesse sendo observada pelo narrador-repórter ("ali estava ele, um homem com um objetivo, um explorador britânico [...], ali estava ele a pé com com Releigh Rimell a mancar e talvez a querer voltar, com Jack um tanto pálido e assustado" e "Eu o vejo entrando numa das canoas, louro e firme, dizendo aos outros que se abancassem"). Depois de uma transição abrupta, tal qual a edição de uma imagem para a outra em um documentário cinematográfico, o narrador-repórter descreve aquilo que ele, de fato, conseguiu testemunhar ("Pois era de ser ver a preocupação em que ficou Villas Boas durante a zanga do Bororo"). A informação referencial sobre a data em que tal situação se realizou corrobora a presença do repórter no palco do acontecimento.

O tecido textual atual, pois, apresenta-se na direção de potencializar a comparação. De um lado, está Fawcett e seu perfil de colonizador que percebe os índios como meros instrumentos para seus objetivos de obtenção de glória e reconhecimento pelo mundo "civilizado". De outro, está Villas Boas. Tal qual um pai preocupado com o bem-estar de seus filhos, faz de tudo para agradá-los. A comparação continua no período seguinte.

Para explicar como se dá essa relação de colonizadores estrangeiros com os índios, especialmente os ingleses, o narrador traça um comparativo com o comportamento de Orlando Villas Boas. Percebe-se, mais uma vez, que a reportagem situa um eixo para além do desaparecimento de Fawcett. O discurso narrativo dedica-se a elucubrações sobre a existência dos índios e discerne o cuidado pela manutenção de sua cultura pela equipe da Fundação Brasil Central.

O trecho que segue traz a mesma lógica comparativa. Dessa vez, a autorreferencialidade está presente quando o narrador-repórter resolve trazer um trecho do diário de viagem de Callado para a narrativa:

Se aquele Posto Culuene fosse inglês não seria a choupana de taipa construída dia a dia pelo próprio Cícero (servente o Posto Culuene onde, além dele, só fica o chefe Aires). Seria um bangalô com varanda. À noite, de jaqueta branca e gravata preta para o jantar, os ingleses tomariam gim com água tônica - quando mais não fosse para manter os nativos a uma respeitosa distância. Não dormiriam jamais em redes, ainda que as apreciassem, pelo simples fato de que cama de índio é rede, e é preciso marcar as diferenças. Teriam criados índios para cozinhar, lavar e passar. Fariam a barba toda as manhãs.

Os brasileiros da Fundação Brasil Central parecem fazer sistematicamente o oposto. Não constroem uma plataforma para que sobre ela os índios os contemplem. Ao contrário, descem até eles, praticamente. Vivem como ascetas numa falta de conforto

inconcebível. A própria água que bebíamos era apanhada no rio aos baldes, pelos curumins, e despejada dentro de uma talha sem filtro. A comida fornecida aos tripulantes do posto é feijão com arroz, talvez algum macarrão, mas não recebem nada com vitaminas, nada de frutas, nada verde. Se quiserem variar a dieta que cacem e pesquem. **Eis aqui algumas notas que tiro do meu diário em 29 de janeiro, notas escritas com o mau humor de quem tem os tornozelos e as mãos inchados de mordida de muriçoca:**

"Em postos como estes devíamos, em primeiro lugar, alimentar os homens racionalmente. A dieta deles é de fome. Nesta era dos sucos de fruta, dos tomates, das sopas enlatadas, têm feijão e arroz. O leite condensado que temos tomado e os pedaços de goiabada que andamos comendo, nós os trouxemos de Xavantina. E entretanto um ótimo servente como Cícero ganha Cr\$ 700,00 e ainda desconta para um Ipase que não o beneficia: recebe líquido Cr\$ 684,00. Faz um trabalho de desbravador e ganha o que pago à minha criada no Rio. O Aires, chefe do Posto, parece que ganha coisa de Cr\$ 1.500,00. Não sei quanto ganha Orlando Villas-Bôas mas sei que pelo menos metade do que recebe vai em presentes para os índios, que ele ama de maneira difícil de descrever, ama como pai, como um amo minhas filhas, só vendo os defeitos deles com bom humor e tolerância e dando brilho às mínimas qualidades dos bugres. Em segundo lugar, sem tirarmos a afetividade existente em nossas relações com o índio devíamos guardar, mesmo assim, certa distância. O índio cheira a urucu e pequi, um cheiro vegetal, muito melhor do que o cheiro do suor dos civilizados. No entanto, não vejo razão para eu ter acordado hoje de manhã cheirando a puro índio. É que eles se recostam em nossas redes, vivem sentados no chão da cozinha bisbilhotando tudo. Há verdadeira promiscuidade - sem embargo de uma total inocência nessas relações. Ninguém quis casar com o bonito índio Cuicuro coberto de feridas, mas ele comumente está sentado em nossas banquetas. A rede onde eu saí com cheiro de cacique cheirava também a cachorro sujo. Isto gasta a resistência da gente e faz com que se anseie pela volta do avião. Uma comida mais interessante, uma vida de mais anseio, uma rede onde houvesse travesseiro limpo e um lençol fresco, lavado no rio pelos curumins, que são ótimos auxiliares, isto tornaria uma temporada no Posto Culune muito diferente e - o que é o principal - tornaria os homens do Posto alegres e felizes e não entediados e desiludidos como são".

Não podíamos, em suma, agir de maneira mais diferente do Sahib inglês da Índia, do conquistador dos cafres da África. A verdade, porém, é que eles, entre os povos de cor, criavam um Império, e nós, povo mestiço que já somos, **estamos criando no Brasil uma nação**. Todos sabemos que seringueiros e castanheiros trucidam índios, e onde temos nossas "fronteiras", no sentido americano da terra que está sendo conquistada, há matanças de selvagens quando há civilizados que a ambição impele para aquelas bandas. Mas no que temos de colonização organizada, no que temos de criado para o desbravamento e a domesticação de índios, **estamos agindo como quem faz uma nação**, como quem arrebanha irmãos. Podemos exagerar, e sem dúvida exageremos, com nosso sentimentalismo e nosso relaxamento, mas exageramos no rumo certo. Não se faz uma nação envergonhando um *dinner-jacket* todas as noites e mantendo os nativos em estado de humildade. Isso é receita para Império. (CALLADO, 2010, p. 92)

O fragmento permite aferir o encaminhamento analítico sobre o Brasil a partir da história do desaparecimento de Fawcett. Os ingleses, olhando do "alto de seus bangalôs" para os índios, e a Fundação Brasil Central - que desce até eles e, apesar da falta de conforto, vive como eles para compreendê-los - estão em franco contraste. A experiência

de Callado na Inglaterra, e sua observação sobre aristocracia inglesa, certamente trouxe elementos importantes para que o narrador-repórter pudesse especular como seria o Posto Culuene se ele fosse inglês. Com recurso autorreferencial, o relato do diário assinala, por meio da irritação registrada pelo repórter, a falta de conforto dos sertanistas e os baixos salários. O trabalho deles, portanto, só poderia ser entendido a partir do ideal da construção de território de proteção aos povos indígenas. O comportamento típico dos colonizadores sobre o Brasil, do qual Fawcett é veemente emblema, está em contraste ao entendimento cuidadoso da cultura indígena pelos irmãos Villas Boas e da luta compartilhada por eles pela criação do Parque Nacional do Xingu. É esse, enfim, o paralelo que o narrador-repórter mostra para dizer que o sonho da nação futura estava sendo construída no Xingu.

A importância da experiência entre os índios e os Villas Boas para Antonio Callado foi registrada no prefácio escrito por ele em *Marcha para o Oeste* (1994), livro escrito por Orlando e Cláudio Villas Boas. "Quando o Brasil em geral fica difícil de aturar, eu fecho os olhos um instante e me refugio no pedaço do Brasil onde corre o Tuatuari." (CALLADO, 1994, p. 13). Explica o escritor que Tuatuari é "[...] um riachinho, um humilde formador do Xingu, mas à sua margem os irmãos Villas Boas - Orlando, Cláudio e Leonardo - estabeleceram a sede do Parque Indígena do Xingu." (CALLADO, 1994, p. 13).

No Parque do Índio (como o narrador-repórter chama-o em 1953 e que depois viria ser o Parque Nacional do Xingu), Callado viu uma amostra sobre esse país possível, ao menos quanto à questão indígena. O "sonho da nação futura" a que se referencia o título do capítulo da grande reportagem não deixa de ser o do intelectual que, mesmo mais de 30 anos depois de sua primeira ida ao Xingu, continuava exaltando o lugar criado para a conservação dos índios como um território para o qual gostava de fugir, ainda que fosse pelos caminhos de sua memória.

Outra pista sobre a nação do futuro apareceria para Callado anos depois em Pernambuco, com a mobilização dos camponeses que estariam fazendo aquilo que ele acreditava ser uma faísca potencial para a imprescindível reforma agrária do país. Mas, antes de sairmos do Xingu em direção a Vitória de Santo Antão, Pernambuco, vamos elencar, numa síntese de três características, como *Esqueleto na Lagoa Verde* pode apresentar caminhos para a compreensão das outras grandes reportagens de Callado. São elas:

1. Na grande reportagem sobre o mistério do desaparecimento de Fawcett, está uma amostra de como Callado articula dimensões para desvelar e problematizar questões caras de um "projeto Brasil". Ainda que a história de Fawcett lhe

interessasse, conhecer - ou melhor discutir narrativa e discursivamente - os problemas brasileiros comparece como primeiro plano da reportagem no Xingu. Suas vivências com os calapalos, nesse sentido, foi fundamental para a aquisição de material para a produção de seus romances.

2. A discussão sobre as diferentes hipóteses para a explicação do desaparecimento de Fawcett, e para sua peculiar personalidade, incita o leitor a não se intimidar diante de novas versões para um caso ou situação. Esse estímulo pela busca de novas possibilidades para uma situação, sobretudo para o país, vai aparecer em todas as suas grandes reportagens.
3. Por fim, as estratégias discursivas que tangenciam o literário e se fundam na assunção da subjetividade - o “eu estive lá - inscrevem-se no movimento de argumentação sobre a necessidade, em vetor político-social, da construção de uma nova nação.

Vejamos, então, como tais aspectos comparecem a outra grande reportagem de Callado. Próxima destino: *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco*.

3.3. Industriais da seca e o confronto com o jornalista "guardião"

Há um conceito no jornalismo que pode ajudar na compreensão da postura jornalística assumida por Antonio Callado na série de reportagens publicada entre setembro e dezembro de 1959 no *Correio da Manhã*: "Watchdog". Ligada à ideia da fidelidade típica dos cães, a definição identifica a responsabilidade jornalística de vigiar a máquina pública, desvelar seus desvios e cobrar justiça. Nesse aspecto, atrelado fundamentalmente à democracia, ao jornalismo não caberia apenas o papel de informar seus cidadãos, mas também a responsabilidade de ser um guardião dos interesses públicos (TRAQUINA, 2005, p. 24). Ou melhor, a informação é inseparável desse papel de zelo social.

Pois bem, quando Callado vai ao nordeste investigar as irregularidades do então Departamento Nacional de Obras Contra Secas (DNOCS), esse comportamento investigativo sobre a estrutura governamental move-o pelos estados do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco. No entanto, essa noção sobre o jornalista guardião pode ser ampliada quando analisamos o comportamento do repórter ao conhecer os camponeses da Sociedade

Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP), fundada quatro anos antes da chegada do repórter ao Engenho Galileia. Demonstrando-se compadecido com luta das 140 famílias que brigavam judicialmente pelo direito de permanecerem na terra em que viviam e plantavam, Callado tornou-se uma espécie de guardião dessa batalha.

Na concepção sobre o jornalista como defensor do interesse público não cabe uma concepção de “neutralidade”. Sempre se opera - avultando-se em cenário de tensões políticas e sociais agudas - uma "escolha de lado". Como temos avaliado, o jornalismo da grande reportagem em Antonio Callado é discurso que exhibe as marcas de suas proposituras ideológicas, alocadas ou dirigidas ao contexto peculiar dos anos 50 e 60. O discurso do narrador-repórter em Callado propala a convicção pela luta por distribuição justa de terras improdutivas, o que poderia ser garantida pela reforma agrária. Tal ponto seria, para ele, decisivo para a emancipação social do país. Nesse sentido, a defesa dos camponeses do Engenho Galileia não deixaria de ser a defesa por uma “nação possível”.

Nas poucas fotos publicadas em toda a série de reportagens (cinco no total), uma delas é bastante emblemática dessa postura “guardiã” de Callado em relação aos camponeses de Galileia e sobre a ideia do que eles representavam. A foto foi publicada no dia 17 de setembro de 1959, na primeira das reportagens associadas ao tema "Despertar em Pernambuco". Na foto¹⁴⁷, que foi republicada posteriormente no livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 168) com melhor resolução, é possível ver o semblante sério do repórter que tem o corpo voltado para Francisco Julião, o advogado defensor dos camponeses (a conversa entre os dois certamente fora interrompida para a feitura da foto). Na foto, ambos estão posicionados no mesmo nível: entre o jornalista e o advogado dos camponeses não há desnível hierárquico; ambos são figuras que combatem no “mesmo plano”. Há, aliás, clara associação no delineamento de seus corpos: ambos estão com os rostos voltados para a câmera, as pernas estão levemente abertas. Tal qual os trabalhadores rurais por eles defendidos, os dois estão com os pés fincados no mato que cresce na propriedade. Ao fundo, a casa-grande abandonada pelos proprietários do Engenho Galileia. Julião e Callado parecem, simbolicamente, confrontá-la. Ao mesmo tempo, postada ao fundo, trata-se de uma efígie com ressonância ao passado rural opressor. Não se trata de mero ambiente decorativo: o passado da casa grande está “ao fundo”, ou seja, precisa ser superado pela luta do presente.

¹⁴⁷ Conforme apresentada na legenda da foto publicada pelo *Correio da Manhã*, a foto foi feita por João Bezerra dos Santos, presidente do PSB de Vitória de Santo Antão, em 1959.



Figura 56: Antonio Callado com Francisco Julião no Engenho Galiléia, em 1959.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 168)).



Figura 57: Página com a primeira reportagem sobre o "Despertar de Pernambuco".

Começa assim a segunda reportagem ligada ao tema "Despertar de Pernambuco", publicada em 18 de setembro de 1959¹⁴⁹:

Que é, no Engenho Galileia, que desperta o entusiasmo do repórter calejado?

Umhas quinhentas pessoas adultas recusaram-se a ser despejadas das terras que ali cultivavam - e ficaram. Mas não se organizaram numa cooperativa, não redistribuíram as terras e continuam a produzir farinha, utilizando a mesma moenda manual de sempre. Colhem as mesmas safras de tomate, chuchu, milho, feijão batatas, coentro e cebola. A produção do Engenho Galileia continua a ser vendida na feira de Vitória de Santo Antão, cujo prefeito, que aliás teve o voto dos "galileus" do Engenho, é o filho do fabricante de cachaça Pitu.

O que faz a gente se entusiasmar com o pessoal do Engenho é que se libertaram eles próprios e dá mais alegria a cara de um caboclo que se salvou sozinho do que todo um povoado que se salvou arranjando emprego no DNOCS. (CALLADO, 1960, p. 39-40, grifos nossos)

O discurso explicita a marca de um eu-enunciador com a luta dos camponeses e é em defesa dessa luta que toda a série de reportagens será articulada numa estrutura explicitamente persuasiva. O narrador-repórter desenvolve um eixo argumentativo com o objetivo de convencer o leitor-enunciatário que em Vitória de Santo Antão, no Engenho Galileia, está a semente do que poderia vir a ser um modelo para a reforma agrária no país. As estratégias discursivas gerais presentes nas reportagens de Callado - a autorreferencialidade, a assunção da subjetividade (marcada por uma ironia latente) e a literariedade - vão alinhavando um texto que pode ser analisado dentro dos preceitos da retórica clássica aristotélica.

É preciso não ter um olhar ingênuo sobre a noção do que caracterizaria a série de reportagens como "evidentemente persuasiva". Mesmo nos discursos que se declaram neutros e imparciais, inclusive os jornalísticos, a condução persuasiva é praticamente inevitável, como adverte Adilson Citelli (2002). Segundo o mesmo autor, deparar com um texto que não tenha uma organização persuasiva é muito difícil (talvez a arte, algum texto lúdico e algumas manifestações literárias conseguiriam escapar à persuasão). Diz ele: "Generalizando um pouco a questão, é possível afirmar que o elemento persuasivo está

¹⁴⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/uF1uVw>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

¹⁴⁹ "Cambão: resíduo da escravidão no nordeste: Prova de identidade recibo das sociedades mortuárias (18 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/RqyCHw>>, parte 2: <<https://goo.gl/RAKg8R>>.

colado ao discurso como a pele ao corpo." (CITELLI, 2002, p. 6). Tal consideração leva a pensar que se o narrador-repórter de Antonio Callado declarasse sua cobertura jornalista como atinente aos fatos, “verdadeira”, flagrar-se-ia uma afirmação de evidente intento persuasivo. De qualquer modo, os textos de Callado sublinham entusiasmo pela causa dos "galileus": o narrador-repórter não deixa dúvidas de que lado está e de que lado seu leitor-enunciatário deveria estar. É flagrante, como veremos, a presença de argumentos que poderiam levar ao convencimento do receptor. Nesse sentido, a análise dos elementos que trabalham em função da persuasão pode colaborar para a compreensão da identidade jornalística de Callado e sobre como tal identidade dialoga com seu ideal de país possível.

De forma a flagrar como se dá o encaminhamento persuasivo conduzida pelo narrador-repórter, vamos conferir mais de perto o delineamento do discurso do narrador-repórter na série de reportagens dentro de alguns pressupostos da retórica clássica. Pela perspectiva aristotélica, tentaremos identificar quais elementos presentes na narrativa das reportagens são capazes de gerar a persuasão.

Com finalidade analítica, a série pode ser dividida em duas partes principais. Na primeira, que chamaremos de "Descoberta dos Galileus", está a cobertura advinda da visita que Callado fez em três estados nordestinos, Ceará, Paraíba e Pernambuco, em busca dos "industriais da seca" e da organização dos camponeses no Engenho Pernambuco. Essa primeira parte foi publicada entre os dias 10 e 23 de setembro de 1959 e talvez teria sido a única se o jornalista, já de volta ao Rio de Janeiro, não tivesse tomado conhecimento de dois fatos agravantes no caso Galileia: a truculência com que a polícia de Vitória de Santo Antão impediu a realização de uma manifestação pacífica organizada pelos camponeses do engenho e, o mais grave, a ordem judicial que ordenava o despejo das lideranças do SAPPP do Engenho, expedida apenas quatro dias depois na manifestação. Às pressas, o jornalista voltou a Pernambuco para cobrir os motivos das decisões que pareciam arbitrárias. As duas reportagens advindas desse retorno, publicadas em 29 de novembro e em 2 de dezembro de 1959, serão organizadas na segunda parte que chamaremos de "Em defesa dos Galileus".

De modo a identificar como os tópicos gerais dos discursos persuasivos, indicadas por Aristóteles em *Arte retórica*, aparecem na reportagem, vamos rapidamente à demonstração de como elas podem ser encontradas na estrutura geral da primeira parte da série.

3.3.1. Recursos de persuasão nas reportagens sobre os "galileus"

Um dos livros referenciados como um manual clássico para quem pretende estudar os componentes do discurso argumentativo é *Arte Retórica*, escrito por Aristóteles (384-322 a.C.). Segundo Citelli, "[...] a obra pode ser considerada uma espécie de síntese das visões que se acumulavam em torno dos estudos retórico, assim como um guia dos modos de se fazer o texto persuasivo." (2002, p. 8-9). Nascido no contexto das eloquentes exposições de ideias nas praças públicas gregas, o livro é reflexo da preocupação de grandes pensadores do período com a estrutura dos discursos convincentes. Sócrates e Platão escreveram sobre a retórica, mas é Aristóteles que vai examinar a fundo o discurso em sua estrutura e funcionamento.

No desenvolvimento das três partes que compõem seu livro, Aristóteles vai apresentando as regras gerais a serem aplicadas nos discursos persuasivos. Antes de irmos ao mecanismo apontado pelo autor, e que nos servirá de base para a análise, é importante entender que retórica não é sinônimo de persuasão. Mais uma vez Citelli nos ajuda a compreender o caráter analítico da retórica. "A retórica tem, para Aristóteles, algo de ciência, ou seja, é um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo de passos seguidos para se produzir persuasão." (2002, p. 9-10). Ou seja, a retórica, que é essencialmente analítica, pode colaborar para revelar como se desenvolve a persuasão em um texto.

Vejamos, então, como a retórica nos fornece respaldo para identificar elementos persuasivos nas duas partes da série de reportagens de Callado. Para o pensador grego, há um mecanismo que fundamenta a estrutura do texto em quatro instâncias sequenciais e integradas. São elas:

1. Exórdio: é a introdução que deve assegurar a fidelidade do receptor (Aristóteles chama de ouvintes);
2. Narração: a argumentação propriamente dita, consiste em tudo que pode ser trazido ao texto para ilustrar o assunto;
3. Provas: elementos que vão sustentar a argumentação;
4. Peroração: a conclusão, enfim, nela tem-se a última oportunidade de assegurar a fidelidade do receptor. Dada a importância da peroração, ela é dividida em quatro partes: a primeira consiste em colocar o receptor contra o adversário, a segunda em amplificar ou atenuar o que se disse, a terceira em excitar as paixões no receptor e a quarta deve proceder uma recapitulação.

De modo geral, pode-se notar que as reportagens individualmente trazem, em maior ou menor grau, marcas dessas quatro instâncias persuasivas. Mas a presença da estrutura é mesmo marcante se analisarmos a construção da série como um todo, especialmente na primeira parte, que designa os textos produzidos a partir de sua ida aos três estados do nordeste (designada por nós de "Descoberta dos Galileus"). De forma a fazer esse olhar sobre o todo, vejamos os temas (que são indicados por chapéus nas páginas das reportagens) e os títulos de cada reportagem. O levantamento desses elementos já permite tangenciar a viabilidade de analisar a primeira parte da série a partir do esquema aristotélico:

Tema: Ceará contra a Irrigação

1. Indústria e Industrias da Seca / O PTB como juiz de ausentes & abastados.
2. Banabuiu o açude que teve um filho / DNOCS não é para dar água a ninguém.
3. O Óros, esse desconhecido / Rios molhados e deputados escaldados.

Tema: Paraíba contra a Lei

4. O Caso tenebroso do açude de Pilões / Um gaúcho paraibano e seu sindicato de *gângsters*.

Tema: Entrevista

5. Entrevista com um sábio desconhecido: J. Guimarães Duque e a catástrofe das "emergências".

Tema: Despertar em Pernambuco

6. Homens Livres no Engenho da Galileia: Francisco Julião e o velho Zezé.
7. Cambão: resíduo da escravidão no nordeste: Prova de identidade recibo das sociedades mortuárias.
8. Julião e sua marcha de 50.000 camponeses: De qualquer cor a escravidão nordestina

Tema: Concluindo

9. No Nordeste o camponês mais triste do mundo: Nostalgia da seca e da escravatura.

Na primeira reportagem, dá-se a apresentação temática da série: "Quem é a 'indústria da seca', de que tanta gente fala? Sabe-se, naturalmente, que é a teia de interesses criados que envolvem uma tradicional calamidade brasileira." (CALLADO, 1960, p. 5). Apesar dessa reportagem também conduzir elementos típicos de outras partes do mecanismo persuasivo, temos essencialmente o "exórdio" da estrutura de que fala Aristóteles. O narrador-repórter vai apresentar ao seu leitor quem são os "industriais da seca", ou seja, os proprietários e políticos que se beneficiam com o dinheiro público direcionado a amenizar os danos causados pela seca.

A partir da segunda reportagem, como veremos, o eu-enunciador desenvolve seu discurso com outros dois seguintes elementos da estrutura persuasiva: a narração e as provas. Já a conclusão está na última reportagem que é, inclusive, identificada pelo chapéu "Concluindo".

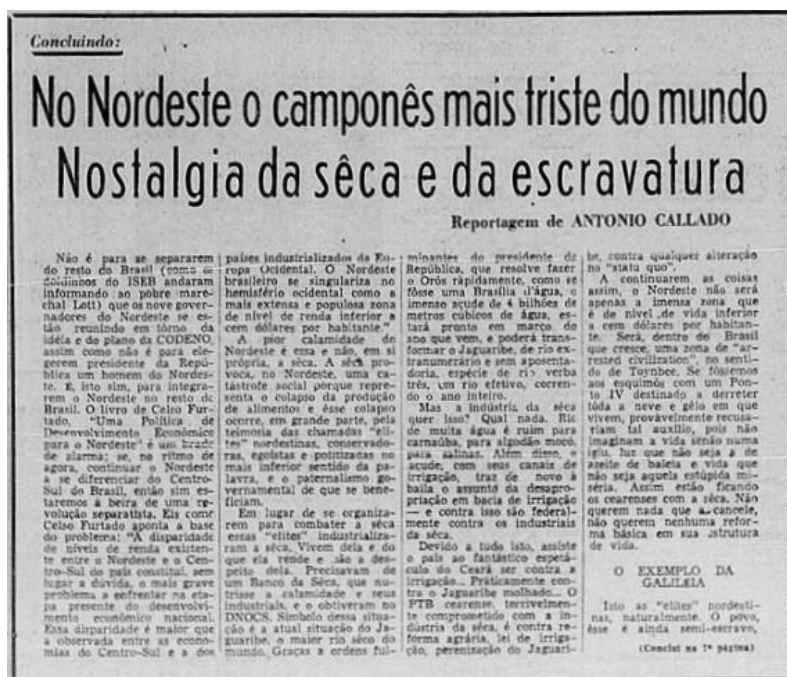


Figura 58: Reportagem final da série identificada pelo chapéu "Concluindo".
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

Nesse texto conclusivo da série de reportagens, o narrador-enunciador retoma os elementos semânticos fundamentais presentes em todas as outras reportagens da primeira parte da série, reforça quem são os adversários (as elites que industrializaram a seca), busca espicaçar a indignação do leitor e, finalmente, amplifica sua opinião. Tem-se, portanto, um bom exemplo de peroração, como veremos mais adiante de modo mais detalhado.

Agora, vejamos como o narrador-reporter, desde a primeira reportagem da série, convoca o leitor-enunciatário a participar da trajetória argumentativa que está sendo conduzida.

3.3.1.1. O leitor convocado à trajetória argumentativa

Tal como está indicado no exórdio, a evocação do leitor pode assegurar sua participação na interpretação dos argumentos apresentados. Nesse ponto, a estratégia discursiva garantiria a "fidelidade" do receptor-enunciatário. Na primeira reportagem, ao

explicar o funcionamento da desapropriação de terras para a criação de açudes, o narrador-repórter evoca o leitor-enunciatário no texto de forma a fazê-lo perceber a estranheza dos governos não desapropriarem as terras que são propriedades do Estado:

Nunca, em nenhum açude, nenhum governo do Brasil, desapropriou as áreas banhadas pelo dinheiro do Tesouro, **dinheiro meu e seu**, de todos os contribuintes brasileiros. Não sei que explicação teriam para fazer isso assim o finado Sr. Getúlio Vargas ou o Sr. José Américo, mas sei que a velha inspetoria de Obras Contra as Secas, dirigida pela grande figura que foi o agrônomo José Augusto Trindade, pediu e implorou que se fizesse o óbvio: a desapropriação de uns e outros, para que este país se governasse mais pela justiça do que pela loteria. (CALLADO, 1960, p. 7, grifo nosso)

Ainda na mesma reportagem, o leitor-enunciatário é chamado novamente ao texto. Dessa vez é solicitado aos leitores-enunciatários que façam o esforço de ler a lei cearense que garantia que os proprietários se tornassem ausentes de suas terras valorizadas pelos açudes. A prática garantida por lei era a seguinte: o DNOCS determinava quais terras seriam desapropriadas para a construção de açudes e quais seriam beneficiadas por eles a partir de uma lógica interna. Segundo a suposta apuração do repórter, o órgão governamental elegia terras de proprietários amigos (isso quando os próprios proprietários não estavam ligados diretamente à diretoria da instituição). Sem a necessidade de se fixarem na terra, os proprietários contratariam camponeses por preços irrisórios para trabalharem no latifúndio mais valorizado do que nunca pela irrigação do novo açude e continuavam suas vidas luxuosas nas grandes cidades. Uma "indústria da seca", garantida por lei. Diz o narrador-repórter: "**Tenham a paciência** de ler o artigo e a crítica oficial cearense porque desta forma se põe sob uma lente de aumento o vírus da indústria da seca [...]" (CALLADO, 1960, p. 7, grifo nosso). Essa convocação para que o leitor participe das interpretações das provas que vão sendo apresentadas pelo eu-enunciador comparece a todas as reportagens, como veremos.

Sigamos na análise considerando as outras duas instâncias básicas do mecanismo persuasivo: a narração e as provas. Para tanto, é preciso falar das marcas autorreferenciais do repórter na narração. O "eu estive lá", fundamental na segunda parte do Esqueleto *na Lagoa Verde*, como vimos, continua essencial para a estruturação argumentativa. Dessa vez, ele tanto legitima as provas quanto conduz a narrativa. Na verdade, o desenvolvimento narrativo é parte inseparável do movimento persuasivo.

3.3.1.2. O testemunho como legitimador de provas e condutor da narrativa

Nas primeiras reportagens da série, o eu-enunciador apresenta-se ocupado em desvelar os mecanismos dos "industriais da seca"; apresentar provas reveladoras de como eles se beneficiam das decisões do DNOCS. O trecho que segue é bastante ilustrativo desse apanhado de informações que servem à condução argumentativa:

Há muito tempo que **os conhecedores dos problemas** do Nordeste acham que podíamos parar de fazer açudes e completar os açudes existentes com canais de irrigação. Porque, por incrível que pareça, são vários os açudes que não irrigam ou só irrigam um palmo de terra no Nordeste. Com 7 bilhões de metros cúbicos de água armazenada esses açudes teoricamente deveriam irrigar 100.000 hectares de terra. Há um exagero nessa relação de cubagem e terra passível de irrigação, pois só de evaporação o sol bebe uma metade de cada açude. Mas nada explica que, para os 7 bilhões acumulados, só se irriguem 5.000 hectares. **Como se tivéssemos uma Guanabara de água doce para regar a Praça Paris.**

Mas é que o importante para o DNOCS é fazer obras gigantescas para presidentes e governadores inaugurarem. É servir à política nordestina e não ao Nordeste. É servir às famílias importantes da região. O sr. José Cândido Castro Pessoa, Diretor-geral do DNOCS, talvez ache que eu exagere. Mas que me diz ele a respeito do açude desconhecido, secreto pode-se dizer, que o DNOCS está fazendo em Quixeramobim? (CALLADO, 1960, p. 12, grifo nosso)

O narrador menciona a opinião de especialistas, "os conhecedores dos problemas" (apesar de não citar quem seriam eles) para legitimar o teor segundo o qual DNOCS precisa parar de criar de novos açudes e preencher os já existentes por canais de irrigação. Os dados são inseridos para fundamentar tal constatação. Por eles, o eu-enunciador quer provar que o número de açudes já seria suficiente, o problema estaria na distribuição das águas pelo território nordestino. A analogia que finaliza o parágrafo reforça o argumento de modo a tornar tangível para seu leitor-enunciatário o cálculo feito a partir dos dados. Considerando que o *Correio da Manhã* é um jornal carioca, o eu-enunciador parece "apostar" que seu leitor-enunciatário possivelmente vive no Rio de Janeiro ou conhece as referências locais da cidade. Daí a comparação da extensão do território criado no nordeste para armazenar água com o estado do Guanabara¹⁵⁰ e a quantidade de território que estava sendo irrigada com a Praça Paris, localizada no bairro a Glória, no Rio de Janeiro.

¹⁵⁰ Guanabara era nome dado ao estado que tinha como capital a cidade do Rio de Janeiro. Depois de 1975, o estado deixou de existir e toda sua extensão passou a ser considerada o município do Rio de Janeiro. Para compreender a analogia criada pelo narrador-repórter é válido saber que a extensão do estado era de 1.356 km². Já a Praça Paris, localizada no bairro da Glória, tem cerca de 40 mil m².

A foto que aparece em destaque na reportagem está relacionada à construção dessas obras gigantescas sem aparente finalidade. Dois imensos muros de uma barragem não terminada evocam, a partir do ângulo escolhido para a fotografia, construções, monumentos arruinados. Rostos de esfinges: tal imagem metafórica comparece a dialogar com a foto. Mas o caráter lúdico da linguagem não faz dissipar a contundência de teor social: "Barragem de Orós, açude esfinge: que vai ser? Quem vai beneficiar? Quem há de devorar? Nem o DNOCS sabe ainda". Aspecto reiterado no jornalismo de Antonio Callado, o tangenciamento do literário não é dissociado da empreitada combativa do discurso.



Figura 59: Reportagem com a denúncia da construção de obras gigantes sem finalidade.
 Fonte: (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁵¹.

Em seguida, o narrador denuncia que, apesar da mudança de estratégia óbvia e necessária, o órgão continuaria com a mesma política de construir "obras gigantescas" para beneficiar a política e os latifundiários locais. De modo a se defender de uma possível crítica do diretor do DNOCS, que poderia apontar exagero na avaliação do repórter, o discurso adianta-se a "demonstrar" mais uma prova sobre a administração interesseira do órgão público: o caso do açude de Quixeramobim e de suas estradas comunicantes em construção nas terras da família do general Wicar:

¹⁵¹ Disponível em: < <https://goo.gl/mXkbMe> >. Acesso em: 05 jul. 2018.

Dizem que o traçado dessas estradas é feito pelo próprio general, que as faz passar ao longo de suas propriedades - o que implica às vezes em curvas um tanto caprichosas. [...] Havia planejada, de Quixeramobim a Fogareiro, uma estrada de 18 kms que não serviria ao general: está sendo construída uma estrada de 60 kms, **para satisfazer o general e seus influentes filhos, que são por ordem de ascendente de grandeza:** o Deputado Estadual (PTB, contra a Lei de Irrigação) Vicente Wicar, tão ligado ao DNOCS que seus colegas de Assembléia o chamam de Vinocs: em quinze dias seu papai o candidatou e elegeu; o Deputado Federal Euclides Wicar, e, finalmente, o terceiro filho, que é o Sr. José Cândido, Diretor-geral do DNOCS.

A família no Nordeste é sagrada, como se sabe. Mas assim é demais. (CALLADO, 1960, p. 13, grifos nossos)

Há um movimento curioso, embora sutil, na apresentação das provas. Sem conseguir confirmar que as estradas estavam sendo traçadas pelo próprio general, o narrador-repórter usa o verbo com sujeito indeterminado ("dizem que"). Mas, para afiançar que a atitude ilegal seria possível, apresenta as informações verificáveis: os nomes dos filhos e os cargos que exercem, um deles, deputado estadual, declaradamente contrário à Lei de Irrigação e o outro o próprio diretor geral do DNOCS, Jose Cândido Castro. A revelação que o diretor do órgão é filho do general beneficiado pelo açude "secreto" é estratégica para o convencimento sobre o envolvimento do DNOCS com os interesses das elites econômicas da região.

Em outro momento da série, especificamente na reportagem sob o título "Entrevista com um sábio desperdiçado"¹⁵², o recolhimento de provas fixa-se na entrevista com um especialista que é, nesse caso, também a voz do DNOCS. O repórter cumpre o papel clássico do jornalismo que designa a necessidade de "ouvir o outro lado". Seguindo definição de Medina (2001, p. 16), o narrador-repórter faz uma "entrevista conceitual", aquela que considera o entrevistado o detentor de informações especializadas que o repórter não domina. O título da reportagem sinaliza o que o eu-enunciador busca descobrir: "J. Guimarães Duque e a catástrofe das 'emergências'". O entendimento sobre o significado do substantivo "emergência", tão aplicada nos trabalhos do DNOCS, guia o interesse do repórter na entrevista. De forma a mostrar que J. Guimarães Duque é mesmo um especialista no assunto, o narrador-repórter faz uma descrição da cena em que se dá seu diálogo com o entrevistado:

¹⁵² . "Entrevista com um sábio desconhecido: J. Guimarães Duque e a catástrofe das 'emergências'. (16 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/pHrv3T>>, parte 2: <<https://goo.gl/3HaHU1>>. Acessos em: 28 jun. 2018.

Alto, vigoroso, Guimarães Duque ia com pernas gigantes do Parnaíba ao Jaguaripe, do Maranhão à Bahia, apontando, explicando com sua voz de profeta habituado a falar no deserto. Sobre o tapete, de sua sala de visitas, em Fortaleza, estendia-se, em seções, o imenso mapa do Nordeste no Brasil. A cena era simbólica, pois Duque é um gigante que vive a palmilhar o Nordeste e que hoje o conhece como nós conhecemos nossa sala de estar. (Que Duque tenha 28 anos de DNOCS sem chegar à direção do Departamento, hoje entregue a um *mas-faz* tipo Ademar, é coisa que dá uma ideia de por que este país tem eternos falsos problemas como o da seca, altamente industrializada no Ceará e protegida por todos os políticos influentes da terra). Mas ouçamos Duque, que me fala andando por cima do mapa. (CALLADO, 1960, p. 27-28, grifo do autor)

Há nesse trecho o que Barthes chama de "notações de atmosfera" e "índices caracteriais concernentes aos personagens" (2008, p. 33), elementos presentes na narrativa que são responsáveis por, respectivamente, indicar a ambientação em que se deu a situação descrita e descrever as características do entrevistado, tido como personagem nesse caso. O mapa estendido na sala de visitas, sobre o qual Guimarães Duque se deslocava com "pernas gigantes", explicando ao repórter as especificidades da seca no nordeste, e a "voz de profeta" do entrevistado são índices que demonstram o conhecimento de Duque sobre o assunto. A comparação final da sequência, sobre o especialista conhecer o Nordeste como "nós conhecemos nossa sala de estar", reforça o sentido de que estamos de fato diante de um especialista que nos dará provas a favor ou contra os argumentos do eu-enunciador.

Destaquemos também do trecho outro recurso discursivo recorrente na série de reportagens: o narrador-repórter faz seus comentários sobre os cenários e personagens dentro de parênteses. Nesse caso, a observação do repórter explicita seu estranhamento sobre fato do entrevistado, apesar das quase três décadas trabalhadas no órgão público e de seu conhecimento técnico evidente, nunca ter ocupado o cargo da diretoria. Essa seria mais uma evidência de que a política administrativa do DNOCS era regida com arbitrariedade. E, a partir de uma das respostas do entrevistado, o narrador-repórter fornece mais uma prova contra os industriais da seca:

Uma emergência - ninguém planeja nada para uma emergência - resulta num louco soltar de verbas para dar emprego a quem o perdeu. A mecânica é a seguinte: o proprietário, que em anos comuns regala-se de mão-de-obra farta e barata, quando não chove passa seus escravos para o DNOCS, que os manda fazer qualquer coisa e gastar o dinheiro no armazém de gente ligada ao DNOCS. Os deputados aproveitam para canalizar parte do dinheiro para suas zonas eleitorais. O resto não interessa: o dinheiro da "emergência" se derrete o Nordeste como um sorvete. O pesadelo de Duque e os sonhos dos demais é a "emergência permanente". [...]

- Calculo que cada "emergência" custe ao Serviço Agro-Industrial do DNOCS (o que ele, Duque, dirige) dez anos de trabalho. Quando a "emergência" solta pelos campos os famintos e desempregados, pára tudo mais. Meus agrônomos vão guiar caminhões para trazer abastecimento do Recife do Sul, de onde vier comida. Nossas horas experimentais são devoradas, arranca-se tudo para plantar algo que dê rápido. (CALLADO, 1960, p. 29-30)

O percurso narrativo constrói certa base argumentativa segundo a qual estamos, portanto, diante um especialista do assunto que, embora associado ao DNOCS, critica a política de distribuição de verbas da instituição. Mais uma prova se apresenta, portanto. Nesse delineamento discursivo, tal recurso persuasivo dificilmente seria contestável se considerarmos a verossimilhança do texto, ou seja, o que se constitui como verdade a partir da lógica própria do discurso (CITELLI, 2002, p. 15). Se até mesmo uma fonte vinculada ao DNOCS afirma que o órgão público tem sérios problemas administrativos, parece não restar muitas dúvidas de que o repórter tenha razão ao condenar a instituição.

Nessa articulação narrativo-persuasiva da série, as marcas da autorreferencialidade, ou seja, o relato do próprio construto da reportagem, também concorram na ação de convencimento. A narração da ação do repórter, alocada no espaço da apuração jornalística dos acontecimentos, finca um efeito persuasivo poderoso. Narrar o próprio ato de reportar é, nesse caso, plasmar um senso de atuação e testemunho, estratégia de convencimento potente no movimento de enlace com a verossimilhança.

Nas reportagens que sob a temática "Despertar em Pernambuco", a marca do testemunho do narrador-repórter como recurso persuasivo é usado em diferentes momentos, com certas gradações. Na reportagem "Cambão: resíduo da escravidão no nordeste"¹⁵³, a estratégia conduz a explicação sobre a prática do cambão:

O cambão, ainda em pleno vigor no Nordeste, é uma sobra direta dos dias da escravidão. É um dia - ou mais de dias de trabalho gratuito que o foreiro dá ao dono da terra. Há proprietários que só alugam a terra a troco do cambão. Não cobram foro ao foreiro, cobram-lhe trabalhos. Vamos ver como funciona, na prática, o sistema, citando **o caso que anotei** de José Daniel do Nascimento, que trabalha em engenho de Zair Pinto do Rego, proprietário das terras da Divina Graça, Braço, Jaboatãozinho, Furnas e Serra Grande.

José Daniel trabalha para o proprietário Pinto do Rêgo sem pagar nada pelo seu sítio de um "quadro" de terra, ou cerca de 1 hectare. Não paga nada, só paga quatro dias por semana de cambão, de trabalho que dá de graça ao proprietário. O hectare de terra, naquela zona vale de 10.000 a no máximo 15.000 cruzeiros. Trabalhando 4 dias de graça por semana José Daniel trabalhou para o seu senhor 208 dias por ano. Se alguém

¹⁵³ "Cambão: resíduo da escravidão no nordeste: Prova de identidade recibo das sociedades mortuárias (18 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/RqyCHw>>, parte 2: <<https://goo.gl/q6PsAf>>.

no Nordeste pagasse (excluindo o governo) o salário mínimo de 100 cruzeiros por dia, José Daniel, no fim do ano, teria comprado sua terra quase duas vezes. Esse é o cambão na prática.

Aliás, **travei conhecimento** com José Daniel, porque, **anunciada a chegada do deputado Julião, e da minha**, no caso, por meio de foguetes que nos vieram acompanhando desde que passamos a divisa do Engenho Galileia, José Daniel, vizinho, veio ao Engenho, nervoso, com dois filhos pela mão. Um deles, Manuel José do Nascimento, que há dois anos trabalha para Pinto do Rêgo, tinha acabado de ser despejado:

- Por causa de um pedaço de cana que eu chupei na terra.

(O leitor está vendo que **eu não ia ter a sorte excelsa** de, chegando ao Galileia de repente, encontrar vítimas de um senhor-de-engenho-Drácula: isso que narro acontece em toda parte).

O menino Manuel José dá dois dias por semana (104 por ano) ao canavial do senhor, das 7 às 5 da tarde e o resto da semana cultiva a sua roça. É vigiado por um feitor de rifle às costas. Estava despejado, sem qualquer apelação ou vantagem, da terra que cultivava há dois anos porque tinha comido um rolete da cana do senhor. Isto vinha contar ao Deputado Julião:

- Confio na Divina Providência e no Deputado Julião! Exclamava, falando, no seu nervosismo, um patuá difícil de acompanhar.

Ninguém dá recibo de cambão, de trabalho forçado, naturalmente. De mais a mais recibo leva selo e proprietário do Nordeste não paga nem promessa a santo quanto mais selo ao Fisco. O menino despejado não tinha a mínima prova de haver trabalhado para Pinto do Rêgo. Aliás, em geral eles não têm nem prova de que existem, salvo o recibo da morte nos Obreiros do Bem. (CALLADO, 1960, p. 41-43)

Vemos então a explicação da prática exploratória a partir de um personagem que surge pelo eu-enunciador quando este conta sobre sua visita ao Engenho Galileia. Ao acompanhar Julião em um dos encontros com os "galileus", o repórter se depara com o pai José Daniel e os dois filhos, um deles expulso do trabalho pelo injustificável motivo de ter chupado um pedaço de cana. O discurso não deixa de sinalizar a indignação do narrador-repórter, no comentário que faz entre parênteses. O leitor implicitamente é chamado a aderir ao teor de denúncia: se os casos de abuso aparecem assim que se chega ao engenho, as situações de trabalho escravo e "as vítimas de um senhor-de-engenho-Drácula" estariam mesmo por toda parte. A confirmação da existência desses camponeses é ainda reforçada pela presença de uma foto.



Figura 60: Foto mostra José Daniel e seus dois filhos. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁵⁴.

O "isso-foi" da fotografia (BARTHES, 1984) reforça a dimensão de testemunho verídico do narrador-repórter: esses camponeses existem e eles têm sua força de trabalho sugada por proprietários que poderiam ser associados à figura de um vilão como o Conde Drácula.

É chegada a hora de perceber como o narrador-repórter retoma e conclui sua trajetória persuasiva na peroração, a quarta instância do mecanismo dos textos persuasivos.

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/q6PsAf>>. Acesso em 02 jul. 2018.

3.3.1.3. Na conclusão, o camponês mais triste do mundo

Estamos divisando, na primeira parte da série de reportagem, que chamamos de "Descoberta dos Galileus", uma série de expedientes de labor persuasivo. Formada por nove reportagens no total, essa primeira parte teve seu fechamento no dia 23 de setembro de 1959 e teve como título e linha-fina, respectivamente: "No Nordeste o camponês mais triste do mundo" e "Nostalgia da seca e da escravatura"¹⁵⁵. Já mencionada e vista na figura presente no começo desta análise, a reportagem é identificada com a palavra "Concluindo" no chapéu.

Como vimos, segundo o mecanismo identificado por Aristóteles, no texto conclusivo, há a presença das quatro partes que formam a peroração. Vamos retomá-las rapidamente: a primeira diz sobre a necessidade de colocar o receptor contra o adversário apresentado anteriormente, a segunda se relaciona ao efeito de amplificar ou atenuar o que foi dito (no caso, há evidentemente uma amplificação), a terceira está fixada no estímulo das paixões no receptor e a quarta na recapitulação do que foi dito.

O texto em questão começa por retomar as primeiras reportagens que explica por que o Ceará era contra Lei de Irrigação que deveria beneficiar sua população. O motivo é logo sublinhado: a "teimosia das elites nordestinas conservadoras, egoístas, politizadas no mais inferior sentido da palavra, e o paternalismo governamental de que se beneficiam". (CALLADO, 1960, p. 54). Enfim, o jogo de interesses que move os "industriais da seca", terminologia que é desenvolvida pelo narrador-repórter da seguinte forma:

Em lugar de se organizarem para combater a seca essas "elites" industrializam a seca. Vivem dela e do que ela rende e não a despeito dela. Precisavam de um Banco da Seca, que nutrisse a calamidade e seus industriais, e o obtiveram no DNOCS. [...] O PTB cearense, terrivelmente comprometido com a indústria da seca, é contra reforma agrária, lei de irrigação, perenização do Jaguaribe, contra qualquer alteração no "status quo". (CALLADO, 1960, p. 54)

Temos, então, a retomada do assunto e o reforço dos "inimigos" da lei de irrigação para o nordeste: os industriais da seca apoiados pelo DNOCS e pelo PTB. Do lado oposto aos antagonistas, estaria a organização dos camponeses em luta pelo direito de viverem e produzirem em terras improdutivas. É logo na sequência do texto conclusivo que se

¹⁵⁵ "Concluindo. No Nordeste o camponês mais triste do mundo: Nostalgia da seca e da escravatura" (23 set. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/GWj8Gd>>, parte 2: <<https://goo.gl/BkWv9w>>. Acessos em: 28 jun. 2018.

mencionam os camponeses do Engenho Galileia, que estariam criando uma alternativa ao *status quo* que beneficiava exclusivamente as elites:

A revolução do Galileia foi extremamente branda, por parte dos revoltados, e teve um final bacharelesco aos cuidados do Deputado Francisco Julião. Mas num Estado como Ceará, nada mais fácil do que imaginar um levantamento verdadeiramente colérico de massas. É de se espantar que ainda não tenha havido nenhum e de espera que alguém no Brasil em breve se anime. (CALLADO, 1960, p. 55)

O narrador-repórter menciona a luta dos "galileus" de forma a destacar sua mobilização pacífica e aventa, por outro lado, a possibilidade de um levante popular violento no Ceará. Assim, o comentário não deixa de ser um alerta para que a estrutura governamental crie subsídios que realmente resolvam o problema da seca e da condição de semi-escravidão em que vive a maior parte dos camponeses. Por fim, é chegada a hora de estimular a compaixão dos leitores. Para tanto, o narrador-repórter menciona um trecho de um texto do historiador e sociólogo Oliveira Vianna¹⁵⁶:

No Brasil inteiro e principalmente no Nordeste a situação do "camponês" é lamentável. Me perseguiu durante a viagem que fiz ao Nordeste aquele trecho de Oliveira Vianna sobre a falta de "solidariedade social" no campo brasileiro, a falta de alegria, de formas graciosas de vida. Tanto essa austera e vil tristeza perturbou Oliveira Vianna, que ele lamentou a própria ausência de agressividade em nosso camponês. "Nem a colheita do algodão ao Norte, a apanha do café ao Sul, nem o corte de arroz, e na a quebra do milho por toda parte, criam iguais costumes [aos portugueses] de cooperação vicinal. Todos esses trabalhos são aqui penosos e tristes e fazem-se com as forças da própria família nas pequenas datas dos sitiantes e, nas grandes herdades, com o corpo de trabalhadores escravos; mas tudo sem esse tom festivo de alegria e sociabilidade, que colore e anima esses labores no seio da rusticidade lusitana". E Oliveira Vianna lamenta: "Um outro agente de solidariedade, tão eficiente na organização dos povos ocidentais, a hostilidade das classes, aqui também atua. Nenhuma classe podia voltar-se contra os senhores de terra, porque todas elas, pela ação simplificadora do grande domínio, são atraídas para a aristocracia social e se deixam absorver por ela".

A grande miséria do nosso lavrador nunca permitiu a invenção de formas graciosas de vida ou de formas úteis de insurreição. Esperemos que o Engenho Galileia seja um novo ponto de partida. É uma tristeza que o Ceará, Estado mais seco da Federação, não proteste quando o seu governador, nas próprias reuniões da CODENO, manda torpedear uma benéfica Lei de Irrigação. (CALLADO, 1960, p. 55-56)

Acoplar outra voz à do eu-enunciador, a de um "clássico brasilianista", é estratégia discursiva de legitimação; a fala de Oliveira Viana, embora intelectual de outro quadrante

¹⁵⁶ Oliveira Viana escreveu obras consideradas pioneiras sobre o entendimento do Brasil pelo prisma sociológico. Entre seus livros estão *Populações Meridionais do Brasil* (1920), *Instituições políticas brasileiras* (1949) e *O ocaso do Império* (1925).

histórico, vem para corroborar a interpretação do narrador-repórter. Assim, confere-se autoridade à interpretação de que no nordeste estaria o camponês mais triste do mundo, constatação que remete, inclusive, ao título dessa última reportagem. A busca pela sensibilização para essa tragédia é seguida de uma evocação para que os cearenses se manifestem contra o posicionamento contraditório do seu governo estadual sobre a lei que deve beneficiar esses camponeses assolados pela miséria e pela tristeza.

O texto continua com mais informações sobre a corrupção no DNOCS e sobre o caso do Deputado Federal Jacó Frantz, do PTB, que foi destaque em uma das reportagens por coordenar um "sindicato de *gângsters*". Por fim, um pedido para que a Comissão de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (CODENO) não enfraqueça com o posicionamento do Ceará e continue firme com a Lei de Irrigação, pois seria uma das últimas oportunidades para o Nordeste se redimir, arremate da reportagem que conclui a série:

Se em duas bacias de irrigação a CODENO fizer uma reforma agrária e criar verdadeiras lavouras de subsistência, terá dado início a sua reforma e começado a transformar um estado de sub-humanidade e injustiça em que vive aquele pobre povo. Talvez só em Angola e Moçambique ainda encontremos no mundo de hoje um sistema de trabalho tão semelhante à escravidão como o do Nordeste. E note-se bem: no Nordeste sem qualquer preconceito de cor - a escravidão é franqueada a todos. (CALLADO, 2010, p. 58)

O argumento final é sustentado pela constatação de que, mais de 70 anos depois de sancionada a Lei Áurea, a escravidão ainda se perpetuava e produzia raízes. Temos, portanto, o fechamento da peroração, a quarta instância envolvida no movimento persuasivo e, de forma geral, o encerramento de um texto cuja estrutura se desdobrou em em nove reportagens.

Como já mencionado no capítulo 2, quase em sua totalidade os textos que repercutiram a série de reportagens - cartas, colunas de jornais de todo o país e discursos no Senado e na Câmara Federal - são elogiosos e corroborativos: sinalizam a necessidade de reformulações no DNOCS e a desapropriação das terras do Engenho Galileia em favor dos camponeses. Com base nesses textos, seria possível afirmar que o narrador-repórter alcançou seus objetivos persuasivos com a primeira parte da sua série de reportagens. O debate deflagrado pela publicação das reportagens sobre os "industriais da seca" teria motivado, aliás, ações de perseguição e repressão ao movimento dos camponeses de Galileia.

Na sequência, com a publicação em livro intitulado *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), o narrador-repórter comenta a repercussão provocada com a publicação jornalística das duas últimas reportagens da série: "De repente, os ódios e rancores levantados pelas reportagens e ruminados em silêncio explodiram em Vitória de Santo Antão." (CALLADO, 1960, p. 131). Depois de mencionar a violência na manifestação e a ordem de desapropriação dos camponeses, informa-nos: "O repórter tocou para Vitória e fez duas reportagens que contra ele desencadeariam um processo odioso." (CALLADO, 1960, p. 131).

Essas duas últimas reportagens serão analisadas, na sequência, de modo a avaliar como o narrador-repórter combina diferentes estratégias enunciativas na defesa do movimento dos camponeses. A partir delas, vai se patenteando que a produção jornalística de Antonio Callado encaminha-se, de modo cada vez mais contundente, à assunção de proposituras políticas marcadas. Tornando-se uma espécie de guardião dos "galileus", a voz do jornalista tornar-se-ia cada vez mais manifesta na defesa da reforma agrária no país.

3.3.2. Novas reportagens e estratégias discursivas

Como vimos, assim que soube do cerceamento montado contra os camponeses da Galileia, Antonio Callado voltou a Pernambuco. A violência praticada contra os "galileus" na manifestação pacífica organizada por eles em 15 de novembro de 1959, em comemoração à vitória do prefeito que apoiavam, e, dias depois, no dia 19 de novembro, a ordem expedida pelo juiz da cidade para que despejassem as principais lideranças das SAPPP indignaram o jornalista, que arrumou as malas e foi encontrar os camponeses. As reportagens¹⁵⁷ publicadas a partir desse encontro, e que estamos chamando de "Em defesa dos Galileus", trazem uma combinação de estratégias discursivas. O narrador-repórter maneja a autorreferencialidade, a assunção da subjetividade (evidenciada pela presença da ironia e da irritação) e o trabalho lúdico-expressivo, tangenciando o literário, no vetor de persuadir o leitor-enunciatário a apoiar a causa dos camponeses e, tal como ele, defendê-los de uma decisão que, mais uma vez, beneficiaria apenas as elites nordestinas.

Já no título da primeira reportagem, "Quem manda na polícia de Vitória de Santo Antão?", comparece a provocação do eu-enunciador às autoridades da cidade. Publicada

¹⁵⁷ "Quem manda na polícia de Santo Antão? Passeata dos foreiros detida a cano de rifle" (29 nov. 1959), parte 1: <<https://goo.gl/yNudfi>>, parte 2:< <https://goo.gl/d9Yhqb>>. A segunda reportagem é: "O caso do Juiz que venera a letra da Lei. Iracy em busca de justiça para 'condiceiros' " (2 dez. 1959). Parte 1: <<https://goo.gl/Kwh55z>>, parte 2: <<https://goo.gl/Eb9Aqh>>.

em 29 de novembro de 1959, a reportagem expressa escopo investigativo e denunciatório ao mandante (ou mandantes) que impossibilitou a passeata organizada pelos camponeses. Nessa investigação, está a primeira estratégia que analisaremos nessas duas reportagens, a autorreferencialidade do narrador-repórter sobre seu processo de apuração. Vejamos o trecho no qual esse recurso fica mais evidente:

Quando desci da visita ao Engenho, **resolvi** apurar em Vitória essa estranha coincidência das duas datas de 15 e 19 de novembro. Afinal de contas, tem quatro anos a rebeldia do Galileia, e tudo parecia indicar uma solução à vista. [...]. Como se explica que, de repente, no dia 15, uma pacífica passeata cívica dos foreiros fosse detida a cano de fuzil, tomados seus cartazes, arrancada de suas mãos a bandeira brasileira, como se tratasse de um bando de malfeitores armado em guerra contra os de Santo Antônio? E como se explica que, quatro dias depois, subisse o morro o oficial de justiça, com mandados de despejo contra todos os cabeça do Galileia, que nem sequer haviam reagido com violência à violência inominável da Polícia?

Fui primeiro à Delegacia de Polícia, onde o comissário cauteloso declarou que em Vitória não constava registro legal das Ligas Camponesas, que por isso não podia fazer manifestações públicas. **Felizmente** estava comigo o Deputado Julião, que protestou, declarando que as Ligas estavam registradas no Recife, que tinham sua casa em Vitória, que eram conhecidas de todo o Pernambuco e do Brasil inteiro. Insistiu o comissário em dizer que em Vitória não tinham existência jurídica (**como se fosse preciso registrá-las em cada um dos 2.000 municípios brasileiros**) e que eram temidas as arruaças. Perguntei-lhe, então, se obedecera ordens da Secretaria de Segurança, no Recife, ou se agira por conta própria. Nem uma coisa nem outra, disse ele. O delegado, capitão João Lopes, tinha consultado o prefeito Ferrer e o Juiz de Direito de Vitória, Dr. José Albino - e ambos tinham sido da opinião que o mais prudente era evitar a passeata.

Fui da Delegacia à Prefeitura. Diante da minha pergunta o prefeito José Augusto **Ferrer arregalou os olhos, espantado**:

- Eu só soube que a passeata, que era de solidariedade a mim, tinha sido vetada e detida pela Polícia, ao ler os jornais do dia seguinte. O delegado não me consultou coisa nenhuma. A Polícia, para as atividades de dia 15, me pediu emprestado um jipe da Pitu, mas não me perguntou nada.

O Juiz de Direito, **que visitei em seguida**, foi categórico:

- Não me consultaram e nem tinham de me consultar. Não tenho nada a ver com passeatas.

Negou, por outro lado, que houvesse, como sugerimos nós, qualquer coincidência entre a violência da Polícia e as ordens de despejo:

- Dei, como era do meu dever, minha sentença, na ação de despejo, proposta pelos proprietários de Engenho. Opinei de acordo com os autos. A passeata nada tem a ver com isso. (CALLADO, 1960, p. 134-135, grifos nossos)

Acompanhamos o deslocamento do repórter em busca do responsável pela violência cometida contra os camponeses. Referir-se à sua ida à delegacia, à prefeitura e em seguida ao encontro do juiz de direito identificada pela presença dos verbos da primeira pessoa do singular no pretérito perfeito ("fui", "resolvi apurar", "visitei") dá vazão ao próprio movimento, à ação do repórter como "personagem" da reportagem. Assim, como em tantos outros momentos do jornalismo de Callado, a assunção da subjetividade articula-se com um movimento narrativo que enfatiza o labor do repórter, seu périplo, seu envolvimento com o "objeto" do reportar. Antes de vermos a conclusão a que chega o narrador sobre o caso, notemos dois outros elementos presentes no trecho que se operam como recursos importantes do arranjo discursivo: a descrição da reação do prefeito e os comentários do próprio narrador-repórter sobre a conversa tida com o comissário na delegacia. No primeiro caso, ao dizer que o prefeito reagiu à pergunta do repórter com "espantado" e "com os olhos arregalados", o discurso busca produzir o efeito de aderência a dimensões subjetivas ou volitivas dos personagens envolvidos nos eventos.

A descrição da fisionomia dos personagens também aparece como indicativo da preocupação em outra cena que analisaremos na sequência. Antes, comentemos as observações feitas pelo narrador-repórter sobre sua ida à delegacia. Primeiro, o narrador diz que "felizmente" Julião estava com ele para contra-argumentar sobre a necessidade do registro da Liga Camponesa na cidade ser completamente injustificável do ponto de vista jurídico. Em seguida, novamente entre parênteses, comparece comentário irônico do narrador-repórter sobre a inviabilidade de registrar a SAPPP em todas as cidades brasileiras: ao contrário de escamotear as marcas de subjetividade, explicitá-las faz parte do movimento expressivo-persuasivo do discurso jornalístico.

Sem obter resposta sobre de onde teria vindo a ordem de impedimento violento da manifestação, o eu-enunciador chega à sua própria conclusão:

Está, portanto, mentindo deslavadamente a Polícia arbitrária de Santo Antônio. Apesar do **absurdo** de declarar desconhecer a existência jurídica das Ligas Camponesas, ainda assim a Polícia arrogou-se o direito de arrancar a bandeira brasileira das mãos decentes e calosas dos foreiros do Galileia e de ameaçá-los de morte em plena rua. Quem lhe deu força para tanto? No dia 19, dia da audiência de despejo, a Delegacia de Vitória foi guarnecida por capangas do proprietário do Engenho da Divina Graça, Zair Pinto Rego, homem violento. Teria o próprio Zair inspirado e garantido as violências do dia 15? (CALLADO, 1960, p. 135, grifos nossos)

De modo veemente, expõem-se os indícios da subjetividade do eu-enunciador. Ele avalia a mentira da polícia como "deslavada" e sua declaração sobre desconhecer a Ligas

"absurda". Além disso, o narrador-repórter sugere ter sido um proprietário de engenho o responsável por ter dado a ordem para que a manifestação fosse impedida violentamente.

O trecho a seguir, que narra a chegada do narrador-repórter ao Engenho Galileia, articula a autorreferencialidade, a assunção da subjetividade e o trabalho expressivo com a linguagem:

Quando voltei há poucos dias ao Engenho, novamente acompanhado pelo deputado Francisco Julião, tivemos a mesma recepção: foguetes assinalando nossa chegada à divisa do Engenho e as pétalas de flores que nos atiravam, de dentro de suas cuias de latão, as mulheres do Galileia. **Mas as caras dos homens estavam tensas e preocupadas e havia um travo de amargura na rude eloquência dos seus discursos.** Eles prometem que não se deixarão despejar e garantem que uma segunda passeata não será detida nem a ponta de baioneta. Se as autoridades não abrirem os olhos, vai correr sangue em Pernambuco. **Ninguém prova a liberdade, como a têm provado durante quatro anos os homens do Galileia, para retornar depois ao tronco de escravos.** Na minha primeira visita ao Engenho, em setembro, **encontrei alegres caras de homens livres. Agora encontrei a cara determinada de homens dispostos a morrer.** (CALLADO, 1960, p. 132)

Novamente, a narrativa explora a presença do repórter no palco dos acontecimentos. Dá-se vazão ao que supostamente o narrador-repórter vivenciou em seu trabalho jornalístico, seu retorno ao engenho, comemorado pelos camponeses (os fogos explodem e as pétalas são jogadas sobre ele e Julião). O registro dessa experiência colabora para ambientar a acolhida dos camponeses aos visitantes. Mas, diferente da visita anterior, dessa vez, o olhar está mais dirigido aos camponeses com a notação de que teriam passado por uma mutação importante. A fisionomia tensa dos camponeses é escolhida ao discurso, inclusive, como elemento persuasivo para fechar o parágrafo que descreve a tensão do grupo. O discurso tangencia o lúdico-literário metonímia ("encontrei a cara determinada de homens dispostos a morrer"); a mudança do plural para o singular conota o caráter de unidade da classe disposta a lutar pela terra: uma única "cara" passa a ser a de todos.

No segmento, há ainda a retomada da analogia da escravidão, presente em diferentes momentos da série de reportagens: "Ninguém prova a liberdade, como a têm provado durante quatro anos os homens do Galileia, para retornar depois ao tronco de escravos".

Duas fotos acompanham a reportagem. A primeira delas é de Zezé da Galileia. Com as mãos para trás, o camponês tem o rosto sério, tal qual descreve o narrador-repórter. Já apresentada no capítulo 2, ela é retomada aqui para que seja feita a correspondência entre a foto e o texto em análise.



Figura 61: Na reportagem, o destaque para a foto de Zezé da Galiléia. Na legenda: "Zezé da Galiléia. Foi despejado dia 19, mas ninguém o tirará vivo do Engenho". (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁵⁸.

Na segunda foto que acompanha a reportagem também comparece a seriedade dos rostos dos camponeses de Galiléia. Ainda que a imagem do arquivo do *Correio da Manhã* (disponibilizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional) não esteja em boa resolução, é válido observar a composição dos elementos da página. Sob o subtítulo "A Galiléia transforma-se [...]", a foto ainda traz a legenda "Manuel Severino: Sua passeata foi arbitrariamente proibida, mas ele vai chefiar mais outra".

¹⁵⁸ Disponível em: < <https://goo.gl/yNudfi> >. Acesso em: 03 jul. 2018.



Figura 62: Foto dos camponeses com a "cara determinada de homens dispostos a morrer"
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁵⁹.

A descrição do eu-enunciador do clima de tensão, sublinhada pela presença das fotos, sugere que os camponeses, apesar de preocupados, estavam irredutíveis. Eles não sairiam de Galileia. Um confronto com a polícia, que os obrigaria a cumprir a ordem de despejo assinada dias antes pelo juiz da cidade, poderia acontecer a qualquer momento. Iminente e provável também seria o número de trabalhadores mortos pelo conflito entre escopetas e enxadas.

De forma a apresentar um caminho para evitar a tragédia, o eu-enunciador estabelece uma sequência argumentativa direcionada aos deputados e ao governador do estado. O encadeamento persuasivo do narrador-repórter, que analisaremos em seguida, é dividido em quatro partes: 1. pergunta sobre como fugir do resultado trágico e previsível (tal qual teria acontecido em Canudos); 2. pergunta de forma a expor o governo do estado, caso ele decida enviar suas forças armadas ao Engenho; 3. resposta dada pelo próprio narrador-repórter sugerindo uma solução; e 4. reforço do que aconteceria caso a sugestão não fosse aceita.

Vejamos a sequência:

E existe algum meio de impedir que ocorra aquele bom sangue caboclo e de evitar que nos altos da Galileia se encene mais uma vez, **neste Brasil que não se emenda, a Paixão de Canudos?** Vai o governo enviar àquele pedregoso cabeço de morro forças

¹⁵⁹ Disponível em: <<https://goo.gl/d9Yhqb>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

expedicionárias que se cobrirão de ridículo antes de **massacrar esses novos jagunços e botar em exposição, na Avenida dos Guararapes, suas cabeças degoladas?**

Há um meio de evitar nova vergonha. Na Assembleia Legislativa de Pernambuco existe projeto de lei desapropriando as terras do Engenho Galileia. Há anos rola pelas comissões, mas recentemente criou novas forças. Se os deputados, mais serenos que os vorazes senhores de engenho, o aprovarem sem mais delongas, darão ao Sr. Cid Sampaio um meio de evitar a chacina. O governador pode depositar um juízo a quantia da desapropriação e doar os lotes aos seus atuais possuidores. Se não o fizer a responsabilidade pelas consequências será sua e não mais do Legislativo.

Eu, francamente, não vejo uns cabras determinado como Zezé da Galileia, apesar dos seus cabelos brancos, ou Manuel Severino, descendo da Galileia de trouxa às costas no chão. E que vão fazer, se concordarem com o despejo? Seguramente não encontrarão trabalho em outro engenho. Estou certo de que preferirão ser **cangaceiros** lá mesmo, na sua clara Galileia, onde não foi preciso mandarem fanáticos para que surgissem homens livres. O exemplo, para os **espoliados** campos do Brasil, vai ser terrível. Para evitar isso, vale a pena até mesmo pagar aos Beltrões donos do Engenho **o preço de ladrões** que pedem por aqueles 500 hectares de pedra: 15 milhões de cruzeiros. (CALLADO, 1960, p. 132-133, grifos nossos)

No primeiro parágrafo, a primeira pergunta faz referência à Guerra de Canudos (1896-1897). A expressão "Paixão de Canudos" remete à "Paixão de Cristo": tal qual a trajetória de Jesus Cristo, condenado à crucificação por conta de suas ideias revolucionárias, teria sido o caminho de luta e martírio vividos por Antônio Conselheiro e grande parte da população de camponeses que o cercava na comunidade Belo Monte na Bahia: assassinados e degolados por cometerem o crime de viverem a partir de uma organização social própria, independente dos grandes proprietários de terra da região e do então recém-criado governo republicano¹⁶⁰. O discurso do narrador-repórter exala preocupação com a possibilidade da narrativa de Canudos se repetir em Galileia, afinal, no "Brasil que não se emenda", no país que não aprende com seus erros, a repetição de decisões que acabam em tragédias seria absolutamente provável.

A segunda pergunta também traz outra referência sobre os conflitos armados no nordeste presentes no imaginário nacional: o destino de Virgulino Ferreira da Silva e seu

¹⁶⁰ Em *Brasil: uma biografia* (2015), Lilia Schwarcz e Heloisa Starling constata que o conflito em Canudos foi um bode expiatório nacional. Acusados de "monarquistas", milhares de sertanejos que antes peregrinavam pelo sertão se reuniram em torno da figura de Antônio Conselheiro, religioso que estabeleceu uma nova forma de organização social na fazenda de Canudos, batizada de Belo Monte. Da data de fixação do grupo no local até o fim da guerra, a comunidade cresceu de 230 para cerca de 24 mil habitantes, muitos deles ex-escravos que vagavam sem destino depois da Lei Áurea. Em Canudos, a experiência social e política era muito distinta do governo republicano. Ao chegar, todos recebiam gratuitamente um pedaço de terra para viver e trabalhar. O resultado da produção era dividido entre o trabalhador e a comunidade. Três expedições foram enviadas pelo governo republicano para acabar com o movimento "revolucionário". Todas foram derrotadas pelos camponeses. A quarta, no entanto, composta por 6160 soldados, colocou fim à resistência. "Em outubro de 1897, o Exército garantiu que quem se rendesse sobreviveria. Mas o acordo não foi cumprido, e muitos dos homens, mulheres e crianças que se entregaram foram degolados. No dia 5 do mesmo mês, por fim, o arraial foi invadido, queimado com querosene e dinamitado". (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 334).

bando. Lampião, Maria Bonita e os jagunços que os seguiram saqueavam fazendas no sertão e ameaçavam o poder dos coronéis fazendeiros. Cercados em 28 de julho de 1938¹⁶¹, os cangaceiros foram mortos e decapitados. Suas cabeças foram levadas à cidade de Piranhas, Alagoas, onde foram fotografadas. De lá, continuaram sendo expostas em diferentes cidades do nordeste para causar medo e intimidação. Como estratégia retórico-persuasiva, o narrador-repórter indaga se o governo do estado permitiria que esse fosse o mesmo destino dos camponeses da Galileia, se as cabeças dos camponeses seriam também expostas na avenida da cidade.

Na sequência, há sugestão para se evitar esse cenário trágico. O narrador-repórter pede que os deputados aprovelem o projeto de desapropriação das terras do Engenho Galileia com urgência e que o então governador Cid Sampaio deposite o valor aos proprietários do Engenho. No último parágrafo, reitera-se a possibilidade de conflito caso o projeto não seja aprovado e a polícia despeje os "galileus". Como aconteceu com Lampião, os camponeses poderiam enveredar ao cangaço e o exemplo para outros grupos em situação similar seria "terrível". O discurso do eu-enunciador delineia um horizonte ameaçador para as elites políticas e econômicos da região caso as medidas de reforma social no campo não fossem encampadas; para evitá-lo os deputados deveriam aprovar o projeto de desapropriação e o governador pagar aos donos de Engenho Galileia "o preço de ladrões" que eles pedem.

Outro comentário merece ser feito quanto a expressão "preço de ladrões". Apesar de não chamar diretamente os donos do Engenho de ladrões, o narrador-repórter o faz indiretamente, ao dizer que o valor cobrado é o que ladrões cobrariam. Há "irritação" no discurso do narrador-repórter, mais explícita na última reportagem da série.

3.3.2.1. A "síntese" da revolta do repórter

Há, na última reportagem da série, uma flagrante expressão de irritação do enunciator-repórter com a polícia de Vitória de Santo Antão e com o juiz José Albino que assinou o despejo dos "galileus". Vejamos o trecho:

Contei, domingo, como uma passeata dos lavradores do Galileia, foi, dia 15 de novembro, brutalmente impedida em Vitória de Santo Antão. **Como estive há poucos dias** no Galileia e em Vitória fui saber da Polícia local quem mandara deter a passeata. Informou o comissário que ninguém, mas que havia consultado o Prefeito Ferrer e o

¹⁶¹ O dia exato da morte dos cangaceiros de Lampião foi registrado em uma placa que aparece ao lado das cabeças expostas e fotografadas. O autor da fotografia permanece anônimo. Disponível em: < <https://goo.gl/Vm7GiK> >. Acesso em: 04 jul. 2018.

Juiz José Albino de Aguiar e que ambos haviam achado melhor impedir a passeata, que poderia resultar em perturbação da ordem. **Fui** da Polícia à Prefeitura e à casa do Juiz José Albino: **nenhum dos dois foi consultado coisa nenhuma!** O Delegado José Lopes agiu como agiu porque quis - ou porque os interessados em que o Engenho Galileia continue entre os **escravagistas** assim o desejaram. O fato merece inquérito. (CALLADO, 1960, p. 138)

Novamente, estamos diante da explicitação do processo de apuração jornalística; a marcas discursivas autorreferenciais dirigem-se ao labor da reportagem. A conclusão que a que o narrador-repórter chega sobre a arbitrariedade da polícia em impedir a passeata é manifesta com um ponto de exclamação; a irritabilidade do enunciador é escancarada. Se não bastasse, o eu-enunciador chama os donos do engenho Galileia de "escravagistas".

Tais marcas discursivas nos remetem a algumas considerações de Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), na medida em que os recursos linguísticos são flagrantemente indissociáveis do comprometimento ideológico do narrador-repórter com a causa dos camponeses. Como analisamos, tais marcas discursivas a serviço da defesa das lutas dos camponeses aparecem em toda série de reportagens. No entanto, nesse último texto, a articulação entre a explicitação da subjetividade e o caráter persuasivo em dimensão político-social ganha ainda maior força. Vejamos outro trecho:

Durante quatro anos teve-se a impressão de que a **Abolição** chegara pelo menos a uma propriedade do Nordeste, o Engenho Galileia, município de Santo Antônio. Mas só era **abolição para inglês ver**. O protetor dos lavradores, Deputado Francisco Julião, que sempre lutara na Assembleia Legislativa pela Reforma Agrária, apresentou um projeto de lei de desapropriação do Galileia. Assim pago pelos cofres do Estado, o proprietário poderia fingir que obedecia ao decreto **da Princesa Isabel**. Mas nem isso, ao que parece, vai acontecer. Sem dúvida, incitado, inspirado e talvez mesmo financiado pelos demais **senhores de engenho** o Sr. Beltrão, não obstante o fato de estar praticamente aprovada a desapropriação do Engenho Galileia, apertou o cerco judiciário. E no dia 19 de novembro o juiz de Vitória mandou despejar os camponeses da Liga. (CALLADO, 1960, p. 138, grifos nossos)

Em destaque no trecho, o componente lexical referencia direta ou indiretamente o contexto da escravidão: "abolição", "Princesa Isabel" e "senhores de engenho". A repetição dos signos relacionados à escravatura reforça a condição de trabalho em que os trabalhadores de Galileia viviam antes de se organizarem e para a qual os proprietários do engenho, provavelmente, gostariam que eles voltassem.

A menção à escravidão aparece também de forma irônica na descrição sobre a visita que o narrador-repórter fez ao juiz José Albino:

No entanto, em visita ao juiz, aproveitei para lhe perguntar porque achara que deviam ser despejados aqueles primeiros **caboclos livres** do Brasil. O juiz se levantou na sua elegante sala de visitas forrada de ladrilhos. É um homem jovem, são, bem apessoado - **e um escravo da letra da lei**. Nunca ninguém terá entendido menos S. Paulo quando falou na letra da lei, que mata, e no seu espírito vivifica. O Juiz José Albino não discute e nem está interessado em Ligas Camponesas. Decretou, na sua instância, o despejo dos foreiros faltosos, que não pagavam ao proprietário o foro devido.

- Existe um contrato entre esses homens e o proprietário. O contrato não estava sendo cumprido, disse o Juiz.

- Mas que contrato? perguntei: Eles são quase todos analfabetos e de qualquer maneira o proprietário, no Nordeste, não faz contrato.

- Bem, mas é o uso. Existe, de fato, o contrato oral. Ele é levado em conta para tudo, numa terra de alto índice de analfabetismo. Um caso de direito consuetudinário.

- Mas esse direito consuetudinário não existe quando é o foreiro que deve receber algo do proprietário. Se o proprietário resolve mandá-lo embora sem aviso prévio e sem indenização - para que contrato vai apelar o foreiro? Onde fica, então, o direito consuetudinário? Só funciona a favor do latifundiário? (CALLADO, 1960, p. 139)

O diálogo é revelador da tentativa de defesa dos camponeses pelo próprio narrador-repórter frente ao juiz, "um escravo da letra da lei". O comportamento dos signos verbais em torno do campo semântico da escravidão dessa vez aponta para a relação subserviente do juiz às leis, ou seja, a desconsideração a um assunto para além da sua "sala forrada de ladrilhos". Na sequência, o eu-enunciador usa uma metáfora sugerida pelo próprio juiz para provocá-lo. O trecho, que, com finalidade analítica, vale ser acompanhado na íntegra, possui o subtítulo "Tempo de safra".

Passado o momento mais tenso de nossa entrevista cordial, o Juiz José Albino, ao falar nos contratos orais e no espírito caboclo, narrou que um dia viera vê-lo um desses caboclos, que queria justiça rápida e prisão para um homem que o ofendera. O juiz, criado na fazenda, lhe falara então em termos de terra:

- Olhe, antes de colher o milho o que é que você faz? Marca sua roça, queima terra, arranca os tocos, semeia. Depois espera a chuva e colhe. Pois conte uma operação igual para que a justiça mande a Polícia prender esse homem.

No inverno o caboclo voltou para dizer ao juiz:

- Doutô, meu milho já deu, mas o Balduíno ainda está solto. Como é isso?

Aproveitei a parábola para perguntar ao juiz quando iria para a prisão o feitor José Guedes, que trabalha na fazenda do Caricé para o proprietário Luiz Marques. Há 13 anos que trabalha para Marques a menina Iracy, que tem agora 17 anos, pele clara e rosada de portuguesa e olhos pretos, Mora com a mãe e há tempos vinha sendo perseguida por Guedes. Coisa de uns cinco meses atrás, Guedes a surpreendeu sozinha, trabalhando na roça, e, antes de importuná-la com as propostas de costume

(que jamais incluíram a de casamento pois Guedes tem mulher) perguntou onde estava a mãe de Iracy.

- Ela está em Sant'Ana, farinhando.

Guedes tranquilamente tirou o revólver e apontou a palha de milho no chão.

- Deita aí.

Iracy ainda tentou obter o socorro da irmã menor, Maria Pequena, mas já estava entre os braços de Guedes. Isto aconteceu "do mês de S. João para o mês de Santana", e Iracy, que não é menina medrosa, custou a contar o caso à mãe, mas contou-o logo ao proprietário Luiz Marques. Este achou a aventura do feitor muito engraçada, avisou Iracy de que o feitor era capaz de matá-la se ela desse com a língua nos dentes e fez ameaças de despejo: condiceira (isto é, não paga foro, paga em trabalho) analfabeta e portanto tendo apenas um contrato oral, que não vale nada, Iracy quase perdeu a fé na justiça, que não encontra, que não vê funcionar. Guedes ainda não a matou, mas à guisa de um aviso matou toda a criação de Iracy: começou o assassinio pelos bichos. O defloramento de Iracy foi constatado pela perícia, mas até agora o feitor continua folgando. O milho não deu pluma. Tomara que alguém não defenda o deflorador citando S. Paulo: "A circuncisão do coração é no espírito, não segundo a letra". (CALLADO, 1960, p. 140-142)

“Tempo da safra”, a metáfora usada pelo juiz, associa o universo semântico do mundo rural e campesino à ideia de “tempo da justiça”, mas o trabalhador teria levado a explicação ao pé da letra. Com sua história, o juiz provavelmente demonstraria como os camponeses, em sua ignorância, são incapazes de acessar significados metafóricos. Mas o narrador-repórter, em demonstração de guardião dos trabalhadores rurais, desloca a metáfora criada pelo juiz, aloca-a à realidade bruta em que vivem os camponeses, completamente desassistidos pelas justiça: o caso do estupro da menina Iracy, mesmo comprovado pela perícia, era ignorado pela polícia e pela justiça. O final do trecho é marcado pela ironia. Ao dizer que no caso de Iracy "o milho ainda não deu pluma", o narrador-repórter retoma a analogia do juiz de maneira a dizer que no caso da violência da menina camponesa dificilmente algo seria feito, o "tempo de safra", o olhar da justiça, dificilmente chegaria para Iracy. Há, portanto, uma crítica ao comportamento classista do juiz, a serviço dos latifundiários.

O narrador-repórter não traz o comentário do juiz sobre sua pergunta. Na finalização da reportagem, é retomada a sugestão da aprovação do projeto de desapropriação do Engenho Galileia como solução para evitar a tragédia. Novamente, os signos linguísticos que exploram o campo semântico relacionados à escravidão comparecem no fechamento da reportagem:

A única esperança razoável de que o despejo dos "galileus" não vá derramar o primeiro sangue de brasileiros na luta pela reforma agrária é a aprovação, pela Assembleia de Pernambuco, dos projetos de desapropriação dos 500 hectares do terreno pedregoso do Galileia por 15 milhões de cruzeiros - um preço que não ocorreria a Shylock. O governo do Sr. Cid Sampaio deve, uma vez aprovado o projeto, depositar logo esse dinheiro em juízo, pois os Beltrões devem andar bem de vida, financiados pelos engenhos vizinhos. Contra as Ligas Camponesas fundaram, sem registrá-la, sua **Liga Escravagista**.

Eu confesso que não vejo aqueles bravos caboclos do Galileia expulsos do seu pequeno ninho de homens livres. Não vejo tal coisa e detestaria vê-la. Aqueles homens morreriam de vergonha e de melancolia, voltando **ao tronco e chicote** depois de quatro anos de liberdade. Garanto que eles preferem morrer das balas do capitão José Lopes. (CALLADO, 1960, p. 142)

A ironia, mais uma vez, marca presença. Ao denunciar o preço absurdo cobrado pelos donos do Engenho Galileia, o narrador-repórter diz que nem mesmo Shylock, o personagem agiota da peça *O Mercador de Veneza*¹⁶², pensaria em valor tão absurdo. Sem receio, afirma que os Beltrões e os demais proprietários da região formariam a Liga Escravagista e que os "bravos caboclos" do Galileia não voltariam à situação de escravidão em que estavam antes da fundação de sua Liga Camponesa, em 1955. Há nessa última reportagem, como vemos, o reforço da imagem dos donos de engenho associados à ideia de senhores de escravos e, do outro lado, a luta dos camponeses pelo direito de ficarem na terra.

Em síntese, vemos como a autorreferencialidade, a assunção da subjetividade e a expressividade textual articulam-se no mesmo movimento persuasivo do discurso conduzido pelo narrador-repórter em todos textos sobre os "industriais da seca" e os "galileus" de Pernambuco. Especialmente com as duas últimas reportagens da série, Antonio Callado assinaria, definitivamente seu apoio à causa dos camponeses de Galileia. Como vimos no capítulo 2, as duas últimas reportagens causaram grande debate nacional que culminou, meses depois, com a desapropriação do engenho e a vitória dos "galileus".

A notícia "Desapropriado o Engenho Galileia" foi publicada no *Correio da Manhã* e também no livro *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco*. No livro, o narrador-repórter faz o seguinte comentário sobre a desapropriação: "Foi ganha a primeira batalha, na guerra do Galileia. **Precisamos agora ganhar a própria guerra**, alforriando aqueles

¹⁶² Na peça de Shakespeare, o comerciante Antônio, para ajudar um amigo, pede um empréstimo a Shylock, um agiota judeu. Shylock aceita fazer o empréstimo desde que Antônio aceite um acordo insólito: caso não consiga pagar o dinheiro emprestado, Antônio deveria pagar ao agiota com um pedaço de carne do próprio corpo. A comparação entre o proprietário do Engenho Galileia e o personagem de Shakespeare reforça o valor absurdo cobrado pelo senhor de engenho pela terra a ser desapropriada.

milhões que vivem aquém do 13 de maio de 1888." (CALLADO, 1960, p. 168-169). A "guerra" pela reforma agrária era, declaradamente, a guerra de Antonio Callado. Na frase, o uso do verbo na terceira pessoa do plural ("precisamos") assinala essa participação do jornalista nessa luta que, nos seus textos sobre os industriais da seca e os "galileus" de Pernambuco, foi travada a partir da articulação das estratégias discursivas realizadas por um narrador-repórter "guardião" dos ideais da causa dos camponeses.

Quase quatro anos depois, 1963, a mesma contenda discursiva se estabeleceria em suas reportagens publicadas no *Jornal do Brasil*, sobre o governo de Miguel Arraes em Pernambuco, o estado onde estaria sendo realizada a "revolução-piloto" para o Brasil.

3.4. Um discurso a serviço da revolução piloto para o Brasil

No dia 22 de dezembro de 1963, o exemplar do *Jornal do Brasil* de domingo trouxe um destaque na capa para seu Caderno Especial: Antonio Callado foi a Pernambuco conhecer aquele que era "o maior laboratório social do País". Agricultores de costas com foices apoiadas nos ombros estão na foto que abre o especial. Mulheres e crianças também aparecem. Entre elas, um bebê no colo, com a cabeça protegida do sol, fita o rosto do lavrador que a segue. Uma outra criança da foto, também no colo, tem os olhos atentos. Dessa vez, a criança olha para o fotógrafo. Ela espia, furtivamente, para nós, leitores da reportagem. Crianças e foices descansadas nos ombros juntas na mesma fotografia? Se a fotografia é certificado de presença (BARTHES, 1984, p. 129) temos ali, o registro de uma revolução que parece ser pacífica.



Figura 63: Foto da primeira reportagem da série sobre o cenário em Pernambuco.

De toda a série assinada por Callado, é a única foto publicada sobre o assunto.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)¹⁶³.



Figura 64: Página na íntegra da primeira reportagem da série.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

"Revolução-Piloto em Pernambuco". Tal qual uma legenda para a imagem, esse é o título da reportagem que está logo abaixo da foto. Como indica Medina (1988, p. 118), que considera o título um apelo verbal implicitamente integrado à narrativa geral, o título que se apresenta se liga evidentemente à fotografia em destaque e ao sentido pretendido não só na primeira reportagem da série, mas em todas as outras que estão por vir. Se consideramos, ainda, a afirmação de Barthes segundo a qual, na narrativa "tudo, em degraus diversos, significa aí" (2008, p. 28), o título pode ser tomado como significação-síntese da narrativa sobre a revolução dos camponeses pernambucanos desenvolvida pelo narrador-reporter.

¹⁶³ Não aparecem os créditos da imagem. Disponível em: < <https://goo.gl/T7shjC> >. Acesso em: 09 jul. 2018.

Considerando a narrativa como estágios encadeados, tal como também nos sugere Barthes (2008, p. 26), passemos ao próximo nível que se apresenta: a abertura da reportagem. O segmento que abre é a reportagem é uma citação: "Quando o camponês é covarde e ainda tem medo do patrão a gente dá umas lapadas nele ou bota chocalho de boi no pescoço." (CALLADO, 2005, p. 29). A citação é seguida de muitas outras. Tem-se uma multiplicidade de vozes para situar o leitor no olho do furacão revolucionário que passou por Pernambuco às vésperas do Golpe Militar de 1964. Vejamos esse primeiro período da reportagem na íntegra:

"Quando o camponês é covarde e ainda tem medo do patrão a gente dá umas lapadas nele ou bota chocalho de boi no pescoço". Quem me dizia isto em Sapé, com a luz do candeeiro a querosene a lhe acentuar as maçãs do rosto era Elizabeth Teixeira, líder camponesa na Paraíba, mulher do líder assassinado Pedro Teixeira.

"Pernambuco não tem mais Polícia não tem nada. Isso não há antibiótico que cure. Ou estoura ou se sarja", me disse no Recife o ex-deputado Francisco Falcão, senhor de Engenho.

"A Polícia em Pernambuco é agora muito austera e imparcial, não é? E como é que nós fomos presos sem mais nem menos e ainda estamos aqui?", me perguntou, no cárcere, o jovem trotskista que exibia a cicatriz de uma coronhada na cabeça como se mostrasse uma condecoração.

"O Julião está é doido com essa ideia de guerrilhas aqui no Nordeste. Uma Sierra Maestra no Brasil só poderia ser a Serra do Mar", me disse o líder comunista Davi Capistrano.

"A gente aqui está procurando resolver em quatro meses os erros acumulados em quatrocentos anos. E muitas vezes se consegue", me disse Rui Cardoso, usineiro de Tiriri, onde se faz a mais importante experiência social de Pernambuco neste momento.

"Até agora só tem morrido companheiro da gente. Isso não dá certo. Os engenhos têm até arma proibida, mas a gente tem foice e árvore no caminho para pendurar latifundiário é o que não falta", dizia outro dia em discurso no Sindicato Rural de També, o líder Antônio Guedes, de Igarçu.

"As massas já abriram os olhos. Agora só precisam de tempo para formar quadros. O Brasil está na sua fase pedagógica, de aprendizado. O Lacerda será bom na presidência da República porque ele confunde todas as ideias, fica todo mundo perplexo e enquanto isso as massas se preparam para assumir o Poder", me disse o padre Melo, do Cabo.

E o padre Caricio, de Quipapá: "Arraes acha que todos são filhos de Deus. O comunista tem direito a viver como um cristão". (CALLADO, 2005, p. 29-30)¹⁶⁴

¹⁶⁴ "Revolução-Piloto em Pernambuco" (22 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/T7shjC>> Acesso em: 29 mar. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao primeiro capítulo, "Aspecto Geral da Revolução Pernambucana".

A ciranda dos entrevistados nessa introdução coloca o leitor no centro do conflito e dá a tônica de um contexto de revolução com personagens-tipo: o camponês assassinado, a esposa que assume seu papel na liderança na organização dos camponeses, o político que também é senhor de engenho, o comunista, o estudante trotskista e o líder sindical. Mas também existem personagens-tipos novos nessa equação revolucionária: o usineiro "onde se faz a mais importante experiência social de Pernambuco neste momento", a polícia que, apesar de ter preso o estudante, deixou de ser conivente com os latifundiários e, por fim, padres com tendências comunistas e comunistas com afinidades cristãs.

Em discurso direto, o narrador-repórter dá voz a todos eles e segue a máxima do jornalismo de que o repórter precisa ser, considerando uma representação tácita, "os olhos e os ouvidos do público e selecionar o que possa ser interessante." (LAGE, 2003, p. 23). Mas, do ponto de vista da reportagem dita tradicional, há aspectos no discurso da reportagem que fogem do paradigma da mera seleção das informações com vistas ao efeito de objetividade. Já na explicação de quem é a primeira citação da reportagem aparecem elementos que possivelmente seriam editados se fosse adotado um crivo editorial "objetivo": "Quem me dizia isto em Sapé, com a luz do querosene a lhe acentuar as maçãs do rosto era Elizabeth Teixeira, líder camponesa na Paraíba, mulher do líder assassinado Pedro Teixeira." (CALLADO, 2007, p. 29-30)¹⁶⁵. A luz do candeeiro que acentua as maçãs do rosto da entrevistada poderia parecer, à primeira vista, apenas um recurso decorativo para o texto, mas a expressividade que a frase cria ambienta o leitor na atmosfera rústica à qual a personagem pertence. O mesmo acontece quando o narrador-repórter menciona a cicatriz da coronhada do jovem trotskista mostrada por ele como uma condecoração. Na descrição de tal detalhe, outro elemento plástico sobre o conflito se apresenta. Essa composição na ambientação dos personagens, impregnada de recursos da literatura pelo caráter da expressividade do discurso, inscreve-se por toda a reportagem. Aliás, o trabalho expressivo, que recorre à conotação, é marca que comparecerá em outros momentos à escrita do narrador-repórter. No mesmo movimento de recursos discursivos no plano da expressão das reportagens, para além da mera informação, está o diálogo entre os personagens que, como veremos, conduzem a narrativa.

¹⁶⁵ Retificamos a grafia dos nomes de Elizabeth Teixeira e Miguel Arraes. Na reportagem original, os nomes aparecem escritos como "Elisabete" e "Arrais".

Outro aspecto que está presente já nesse primeiro período e que vai percorrer a reportagem é a marca da presença do "eu" do repórter: "[...] me disse no Recife o ex-deputado Francisco Falcão, senhor de Engenho." (CALLADO, 2007, p. 29-30). Em determinados momentos, todavia, a narrativa dispõe um olhar “de fora”, que se basta a apresentar dados informativos; narra e “cataloga” ocorrências com o efeito de distanciamento, mas não o suficiente para afastar a marca do narrador-repórter em franco consórcio com sua própria ação. Assim, trata-se de uma reportagem que se coloca no espelho, em certa atitude metanarrativa, de modo a explicar os caminhos tomados para que a narrativa jornalística fosse construída como é apresentada. O repórter, em um comportamento de assunção de sua subjetividade, tem hipóteses, questiona, investiga, procura provas, fica em dúvida em determinados momentos, é contundente em outros, mas, principalmente, toma partido. O repórter adquire ou tangencia, pois, a dimensão de um actante da ação narrativa. A parcialidade assumida pelo narrador-repórter é tônica dessa reportagem sobre a revolução em Pernambuco.

A observação das marcas discursivas de subjetividade nas reportagens de *Tempo de Arraes*¹⁶⁶ é fundamental para o entendimento da reportagem como uma sequência argumentativa do narrador-repórter sobre Pernambuco ser um modelo para a revolução para o Brasil. Tal qual acontece na série *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco*, há a condução de um discurso persuasivo que percorre todas as reportagens de *Tempo de Arraes*. Ao contrário de ser um critério que depõe contra a veracidade, como a acepção costumeira de reportagem indicaria, a subjetividade é assumida como recurso de exposição de uma "verdade": o "eu" narra o que teria testemunhado.

No tocante às hipóteses da reportagem, um comentário metodológico pode ser necessário. Chamar de hipótese as perguntas que levam o narrador-repórter partir para a investigação é algo que pode ser questionado do ponto de vista ontológico. Fabiana Moraes (2005, p. 188), por exemplo, diz que "O jornalismo pode não partir de uma hipótese, como a ciência (algo que articula todo um conhecimento teórico anterior)", mas o questionamento para o pontapé de uma investigação jornalística, segundo a autora, precisa ir muito além da pauta. As perguntas devem ser mesmo como um trampolim que "[...] surge de um incômodo sobre uma realidade dada e da necessidade de investigar, questionar, complexificar e publicar (como, aliás, acontece na ciência)." (MORAES, 2005, p.188).

¹⁶⁶ No decorrer desta análise, chamaremos essa série de reportagens de "Revolução-Piloto em Pernambuco", nome da primeira reportagem da série no Jornal do Brasil, ou de "Tempo de Arraes", em referência ao título do livro com a reunião das reportagens.

Consideramos prudente o comentário da autora, mas, ainda assim preferimos chamar de hipóteses os "incômodos-trampolins" que movimentam o narrador-repórter para a investigação. Isso porque percebemos a existência de uma espécie de tese que o narrador-repórter quer provar na reportagem: a de que a revolução em Pernambuco é um modelo a ser seguido por todo país. Se chamamos de tese, por fazer do mesmo espaço semântico, chamaremos de hipóteses as perguntas-guia na narrativa.

Deixemos para adiante tais hipóteses. Na sequência, vamos percorrer os elementos do discurso do narrador-repórter que demonstram o caminho percorrido por ele para demonstrar ao leitor-enunciatário, e convencê-lo, de que havia, de fato, uma revolução-piloto em Pernambuco.

3.4.1. Do senso de urgência à expressividade literária perene

O caráter jornalístico do texto de Callado coloca-se de maneira muito clara desde o início da reportagem. Como vimos, a narrativa tem início com a "transcrição" de depoimentos em um agenciamento de distintas vozes do conflito. A incorporação do discurso direto como consequente da entrevista jornalística é o primeiro momento que dá indicativos de que estamos diante de um texto jornalístico. Evidentemente, a presença do repórter se estabelece já na primeira mirada ("me dizia isso em Sapé", "me disse no Recife", "me perguntou no cárcere") e isso afastaria a noção da reportagem dentro do paradigma do jornalismo *strictu senso*, no qual o discurso é marcado pelo efeito de invisibilidade de quem reporta. Mas, se o uso da primeira pessoa traz alguma inquietação sobre o texto se tratar de uma reportagem, os primeiros parágrafos da narrativa não deixam dúvida sobre sua natureza jornalística ao trazer um dos critérios clássicos de noticiabilidade: a atualidade ou senso de urgência de um acontecimento.

Na obra que pretende definir a Ciência do Jornalismo, o alemão Otto Groth teoriza sobre as determinações que regulam a produção jornalística (MEDINA, 1988; BELTRÃO, 1960). Entre as quatro leis que regem o fenômeno - atualidade, periodicidade, universalidade e difusão -, a atualidade está entre os valores-notícia imperiosos (CHAPARRO, 1994; LAGE, 2001 apud SILVA, 2005, p. 102-103). Desde aquela que é considerada a primeira pesquisa acadêmica sobre jornalismo, publicada em 1690¹⁶⁷, tem-

¹⁶⁷ "De relationibus novellis", tese apresentada em 1690 na Universidade de Leipzig, por Tobias Peucer. A tese é composta em 29 parágrafos que traçam uma comparação entre Jornalismo e a História. A tradução da tese para o português foi feita por Paulo da Rocha Dias e está disponível em: < <https://goo.gl/NMo6pr> >. Acesso em 23 abril, 2018.

se que a finalidade dos periódicos é "[...] o conhecimento de coisas novas acompanhadas de uma certa utilidade e atualidade." (PEUCER, texto original de 1690, tradução de 2004, p. 26). A atualidade, portanto, está relacionado como algo urgente que merece ser recordado e conhecido. Se nos debruçarmos na etimologia da palavra *urgente* (urgens, entis, part. pres. do lat. urgēre 'apertar, comprimir, impelir'), chegaremos ao significado daquilo que urge, do que é iminente, do que está prestes a acontecer.

O narrador-repórter fala do presente em Pernambuco, da urgência social que é revolução conduzida pelos camponeses e que pode indicar algo a ser realizado em todo país. A reportagem é tomada pelo senso de presente, do contemporâneo do começo da década de 1960. Ao eu-enunciador interessa reportar ao leitor-enunciatário o que é Pernambuco em determinado espaço e tempo e, para isso, dá detalhes geográficos e econômicos sobre a região.

Pernambuco é um estado alongado horizontalmente no mapa, que mede 800 quilômetros de extensão do Recife à distante Araripina. Divide-se nos pedaços da Zona da Mata, ou faixa úmida litorânea, do Agreste e do Sertão. A Zona da Mata açucareira é molhada e bulhenta, agora insubordinada, e lá se realiza uma espécie de revolução-piloto do Brasil. O Agreste vizinho, com suas culturas de subsistência e seu repositório de mão de obra temporária para a Zona da Mata no tempo do corte de cana, é um apêndice da zona litorânea. Principalmente agora, com as boas condições salariais da zona canavieira, o Agreste tenderá mais e mais a formar um único bloco econômico e social com a Zona da Mata. Os dois juntos, no entanto, Mata e Agreste, são apenas 30 por cento do Estado de Pernambuco. O mais é Sertão, a zona seca e pedregosa onde o cristalino, a ossatura da terra aparece pelos rasgões da rala cobertura de solo. (Como veem, se não nos acautelarmos, começaremos a escrever no estilo de Euclides da Cunha). (CALLADO, 2005, p. 31)

"Pernambuco é [...] e lá se realiza uma espécie de revolução-piloto do Brasil". O senso de atualidade está na utilização dos verbos no presente. O trecho é essencialmente informativo, com certa feição didática. Especialmente no início do fragmento, o detalhamento realizado poderia estar, sem necessidades de adaptação, em um livro de geografia sobre as grandes paisagens do Brasil. O discurso do narrador-repórter compõe um olhar "aéreo" sobre a região antes de aterrissar sobre as histórias do conflito lá embaixo. Eis, portanto, um trecho marcado por referencialidade, com um efeito de veracidade produzido pelo jornalismo quando há elementos numéricos.

No texto jornalístico há a prevalência do discurso denotativo. O trecho em análise é denotativo, na medida em que existe uma equivalência entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, entre o significante e o significado. O que quer dizer que quando o narrador-repórter diz que "a Zona da Mata açucareira é molhada e bulhenta", o léxico empregado

conduz ao sentido próximo referencial: "molhada" diz respeito mesmo à umidade da região e "bulhenta" ao barulho e à desordem com que o trabalho se desenvolve. O sentido é denotativo.

No entanto, de maneira fluida, logo em seguida, o personagem-narrador debruça-se em um trabalho expressivo e faz uso da conotação, na qual palavra ganha um novo plano de conteúdo: "O mais é Sertão, a zona seca e pedregosa onde o cristalino, a ossatura da terra aparece pelos rasgões da rala cobertura de solo". Para explicar o que é o cristalino, o discurso do narrador-repórter usa a expressão metafórica "ossatura da terra". Tem-se a metáfora do esqueleto e a referência possível aos restos de animais mortos pela sede. De maneira evidente, a associação com a linguagem de *Os Sertões*¹⁶⁸, de Euclides da Cunha pode ser feita, e é o próprio narrador-repórter que lembra isso ao enunciário em uma atitude metalinguística. O narrador-repórter parece dizer que, assim como a narrativa sobre a Guerra de Canudos, a reportagem a revolução-piloto também traz a luta pela terra no "Brasil profundo". No lugar da Bahia de Antônio Conselheiro, há Pernambuco de Francisco Julião e Miguel Arraes, mas a associação com a temática é tão inevitável quanto a possibilidade de correspondência com o estilo de Euclides da Cunha. Com tal comentário, o narrador-repórter também sugere que, ainda que esteja escrevendo uma reportagem, não deixa de se aproximar da literatura.

Em diferentes momentos do texto, a reportagem cede à linguagem literária e se abre o flanco para a expressividade lúdica. Ao mesmo tempo, em trechos marcadamente denotativos, o trabalho com a linguagem aparece na reportagem. Já se percebe, então, um hibridismo entre o jornalismo e linguagem literária que marca veementemente o estilo de Callado e colabora na articulação para o discurso argumentativo-persuasivo que o narrador-repórter quer estabelecer com seus leitores.

Na segunda reportagem da série, "Engenho Galileia é mostra de paz no inferno do latifúndio"¹⁶⁹, publicada no dia 24 de dezembro de 1963, o narrador-repórter situa dois engenhos em contraponto: o Engenho Serra, no qual os trabalhadores viviam em condições sub-humanas, e o Engenho Galileia, onde os camponeses, apoiados por decisão jurídica,

¹⁶⁸ Em 1897, Euclides da Cunha, então engenheiro de obras públicas, foi convidado a cobrir a Guerra de Canudos (1896-1897) para o periódico *Província de São Paulo*, que posteriormente se tornou o jornal *Estado de São Paulo* (SODRÉ, 1999, p. 241). Foi Euclides da Cunha que instaurou a prática jornalística no Brasil do repórter de conflito no palco dos acontecimentos (LUCA; MARTINS, 2012, p. 89). Da sua experiência no confronto, extraiu matéria-prima para seu livro *Os Sertões*. Publicado em 1902, o livro é um relato histórico-ficcional sobre Canudos e a destruição de seu povo.

¹⁶⁹ "Engenho Galileia é mostra de paz no inferno do latifúndio" (24 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/LQGVXC>>. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao segundo capítulo, "Paz na Galileia e Inferno em Serra".

desde 1959, conquistaram o direito de cultivar em terras desapropriadas. No trecho que abre a reportagem, o trabalho com o lúdico da linguagem é marcante:

As matas e campos de povos mais antigos e mais felizes tinham até deuses dando uma mãozinha aos homens. No pedregoso Engenho Galileia, o velho Zezé tem agora um trator. O trator não surgiu fácil como algum fauno beberrão mandando camponeses pisar a uva com os pés para que ela depois subisse à cabeça. O único vinho que o velho Zezé provou foi aquela vontade de liberdade que eu vi nos sulcos de sua cara em 1959 e que resultou, primeiro, na desapropriação do engenho do qual os camponeses eram despejados e que agora transformou o Engenho Galileia num símbolo. Ao redor de Zezé, naqueles dias de luta, os mais moços e mais ardentes tomavam cachaça Pitu e queriam usar foices contra os fuzis da Força Policial que os impedia de desfilar em Vitória do Santo Antão. Mas Zezé já tinha vivido e sofrido demais para não tentar descobrir aquilo que tinham procurado saber a vida inteira: se havia, entre os homens, uma justiça independente da violência, que não fosse aquela que sai como uma chispa de choque de foice e fuzil. (CALLADO, 2005, p. 43)

No livro, tal reportagem corresponde ao segundo capítulo que tem o título "Paz na Galileia e Inferno em Serra." (CALLADO, 2005, p. 43). O contraponto "paz" e "inferno" é estabelecido nesse momento. A exaltação da situação do Engenho Galileia, em comparação ao engenho Serra, que será apresentado adiante na reportagem, é feito já na primeira frase que remete a um mundo idílico de matas e deuses. Em *Quarup* (1967), é bastante recorrente a presença de cenários oníricos¹⁷⁰. Aqui, a metáfora dos sonhos conduz ao concreto: o trator que não surge fácil como um fauno beberrão que, à espera do vinho para se embriagar, manda que camponeses pisem nas uvas. O vinho ganha sentido conotativo associado ao desejo de liberdade experimentada nessa narrativa que poderia estar em uma crônica ou em um conto. Mas, as matas, deuses e fauno, imagens mitológicas que parecem um tanto quanto deslocadas inicialmente, ganham força para a denúncia jornalística de que o sujeito camponês deseja emancipação social diante dos desmandos dos latifundiários, dos "faunos beberrões". O sentido de acusação e de verificação de uma realidade palpável não faz com que o discurso evite a transfiguração, a linguagem conotativa e a linguagem metafórica. Pelo contrário, a denúncia se nutre justamente desse tratamento da linguagem conotativa. O lúdico com uma serventia para a causa revolucionária.

¹⁷⁰ No trecho em que Nando leva Francisca para mostrar flores na floresta, o mundo idílico se faz presente: "Dando a volta à ilha para melhor pensar em Francisca, Nando a viu pela primeira vez transferida para o mundo (...). Ela colocara a mão no braço de Nando ao descobrir, contornada a ilha, a vereda de orquídeas que surgia ofertando-as à proa do ubá. E ali ficou sua mão à medida que a canoa prosseguia, que as orquídeas desciam pelas árvores, que o furo ia pouco a pouco se afinilando". (CALLADO, 2014, p. 295)

É válido relacionar tal nota sobre a mitologia do trecho à própria noção de reportagem trazida por Luiz Gonzaga Motta no seu texto "Para uma antropologia da notícia" (2002). Ao falar da linguagem jornalística, o autor indica que ela é lugar de coexistência do *logos*, espaço da razão e do passado histórico, e do *mythos*, onde estão os arquétipos do inconsciente coletivo. As notícias e reportagens não deixariam de ser relatos de verossimilhança, mas considerando matrizes mitológicas, também teriam o caráter de fábula. Explica Motta (2002): "Enquanto sistema simbólico, as notícias contam histórias, delineiam as fronteiras do bem e do mal, do passado e do futuro, do feio e do bonito. Elas assumem a forma narrativa e invadem regularmente o terreno do *mythos*" (MOTTA, 2002, p. 14). O caráter de mitológico, que está tangenciado na reportagem de *Tempo de Arraes*, ganha evidência especialmente na reportagem que apresenta os engenhos de forma antagonista: a paz e o inferno, a justiça e a opressão, a dignidade e a miséria.

O trabalho com a expressividade literária reforça o labor com os arquétipos. O campo semântico da embriaguez explorada no trecho (que começa com o "fauno bebedor") é ilustrativo da plasticidade construída no fragmento: depois do vinho, é a vez da cachaça. É ela que "os mais moços e mais ardentes" (o adjetivo "ardente" como sinônimo de cachaça, a aguardente) bebiam para dar coragem de enfrentar os fuzis dos policiais com suas foices. A sobriedade do velho Zezé, no entanto, entendia que o caminho não era pela violência.

No mesmo fragmento, há outro uso conotativo que exemplifica o trabalho da expressividade: "O único vinho que o velho Zezé provou foi aquela vontade de liberdade que eu vi nos **sulcos** da sua cara em 1959" (grifo nosso). O substantivo "sulco" conota canais feitos na terra para demarcar a plantação. "Sulco" também é metáfora telúrica das linhas do rosto, as rugas do camponês. Sendo a temática da terra central na reportagem, com "sulco" identificando as marcas de idade e de sofrimento na pele do velho Zezé, o discurso literário-jornalístico promove a ampliação semântica, sugerindo que as marcas no rosto foram adquiridas no trabalho no campo e na luta por seu direito a ter um espaço de terra.

O trecho exemplifica como o discurso vai entremeando o informativo (denotativo) com recursos do literário (em que o conotativo ganha espaço) por toda a reportagem. A urgência da atualidade do tema se acopla ao trabalho lúdico da linguagem. A potência expressiva da linguagem, alcançada nesse trecho e em diferentes momentos, é o cerne do literário. E, como nos explica Bulhões (2008, p. 14), "[...] se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo ser **enformado**, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que antes não existia." (grifo do autor). As

palavras, assim, são manejadas para criar analogias e metáforas que potencializam o universo semântico da reportagem.

No trecho que segue à apresentação do Engenho Galileia, é possível flagrar novamente como se dá o trânsito da escrita denotativa para a conotativa.

Ao Engenho Galileia, hoje desapropriado, juntam-se os Engenhos também desapropriados de Barra e Terra Preta. As mulheres aprendem a fazer bolsas e cestos de bananeira, bambu, cipó e, como os rapazes, aprendem a ler. Os homens plantam mandioca para vender na feira. O caso do Galileia, resolvido graças à desapropriação "mediante prévia e justa indenização em dinheiro" (Constituição, Art. 141 §16) não pode servir de modelo a nada, pois não haveria dinheiro que chegasse. Há que partir para o Art. 147: "O uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social". Na última destas reportagens, sobre a cooperativa de Tiriri, estudaremos uma solução possível e simples.

O que se fez na Galileia em fins do Governo Cid Sampaio, foi um prudente investimento a favor da ordem vigente, uma tentativa de apagar o fogo da rebelião camponesa que Francisco Julião soprava mais que podia. **O fogo foi extinto, mas as faíscas caíram alegremente na palha de cana de Pernambuco inteiro.** (CALLADO, 2005, p. 44)

No primeiro parágrafo, predomina o registro referencial: os nomes dos engenhos desapropriados, o artigo da Constituição no qual Francisco Julião se baseou para que os camponeses do Engenho Galileia conseguissem a desapropriação de seus patrões e o direito de ficarem na terra e a informação de que tal vitória no Engenho não poderia servir de modelo por não haver dinheiro suficiente para tantas desapropriações. Ainda se apresenta a referência ao artigo constitucional que poderia garantir o bem-estar social dos camponeses e uma solução de conciliação, que será exemplificada na cooperativa de Tiriri. O texto apresenta ao leitor o encadeamento de sua argumentação que desembocará, ao final da série de reportagens, com um exemplo real da revolução-piloto em Pernambuco possível.

No parágrafo seguinte, a construção da narrativa envereda para a conotação. O fogo é metáfora para explicar que, ainda que não pudesse ser modelo para a reforma agrária em grande escala, o Engenho Galileia se tornou um símbolo da justiça social possível no campo. Tal como uma faísca que faz o fogo se espalhar rápido e descontroladamente na palha da cana, a história da conquista dos camponeses do Engenho Galileia alastrou-se por Pernambuco como exemplo a ser perseguido. A metáfora, mais uma vez, é formada a partir do campo semântico caro ao assunto da reportagem e o trabalho lúdico com a linguagem está a serviço da argumentação do narrador-repórter e sua causa revolucionária.

De forma a abalizar melhor como as construções conotativas reforçam a força expressiva na série de reportagens de Callado, vamos nos debruçar com mais vagar na análise da literariedade presente em *Tempo de Arraes*.

3.4.2. A literariedade em *Tempo de Arraes*

Vejamos como se dá a literariedade na reportagem em análise num trecho que está sob o intertítulo "O mandacaru espantado". Nele, o narrador-repórter descreve como é o procedimento da Sudene, órgão do estado pernambucano responsável por dar condições estruturais para que as plantações dos camponeses sejam irrigadas:

Poderosas motobombas sugam a água do São Francisco, e os leves e removíveis canos de alumínio a conduzem aos campos experimentais. Por aspersão, a água chove sobre as culturas. Os verdes jardins são quadrados roubados à caatinga próxima, e os mandacarus e facheiros espiam com espanto, do meio das árvores que mais parecem gravetos, magras como retirantes, aqueles gordos prados de batata, feijão, amendoim e de girassóis gigantes de cabeçorra amarela voltada para o chão. (CALLADO, 2005, p. 95)

O antropomorfismo no fragmento, em que as árvores, comuns à caatinga nordestina, “surpreendem-se” com os verdes jardins da plantação ("os mandacarus e facheiros espiam com espanto") é sinal do labor no artefato verbal pela via metafórica em vetor “telúrico”. O próprio subtítulo da reportagem em que aparece o extrato é antropomórfico: "O mandacaru espantado". Em "árvores que mais parecem gravetos, magras como retirantes", a associação com os homens, mulheres e crianças nordestinos, esqueléticos pela fome e sede, apresenta-se como um recurso literário poderoso de amplificação da significação. E "árvores magras como os retirantes", cujo traço intertextual parece evocar *Vidas Secas*, de 1938, promove ressonâncias poderosas de “um mundo coberto de penas”, como diria o próprio Graciliano Ramos. Portanto, a linguagem na grande reportagem de Callado assinala o transpasse do caráter “instrumental” da linguagem. O sentido denotativo das palavras dá espaço para os novos significados, fazendo com que a conotação se apresente. Para citar a definição de Aguiar e Silva (1976), as associações semânticas colaboram para anular o automatismo da percepção do leitor e o trecho ganha plurissignificações. No limite, implicitamente convida o leitor ao descarte da ingênua noção da linguagem como “veículo de informação”.

No texto jornalístico em questão, parece haver, dessa forma, sempre em estado latente uma negociação entre o caráter plurissignificativo da linguagem literária e a tendência “controladora” da linguagem do jornalismo ciente da função essencialmente informativa. No caso particular de "Revolução-Piloto em Pernambuco", a tônica é de conciliação entre o caráter informativo e o poder expressivo de extração literária.

Nesse discurso híbrido estaria, inclusive, uma possível explicação para que uma reportagem escrita no começo da década de 1960 continue sendo referenciada até nossos tempos. "Revolução-Piloto em Pernambuco" foi editada no livro *Tempo de Arraes* três vezes; a última delas, na edição de 2005, pela editora Agir. A urgência da reportagem em explicar o contexto revolucionário em Pernambuco concilia em sua narrativa jornalística a denotação, na qual a linguagem é meio, com aspectos expressivos conotativos, em que a linguagem é também finalidade em "si mesma", poética e amplificadora de sentidos sobre o próprio tema da reportagem. A configuração lúdico-expressiva da narrativa jornalística contribuiria para a perenidade da reportagem. Um fenômeno que, como aponta Medina (1986, p.19), tenta impedir a "morte do momento", ainda que lide, fatalmente, com as contingências da conjuntura do presente retratado.

A expressividade textual da reportagem estaria, assim, a serviço de duas funcionalidades na reportagem: a perpetuação da produção jornalística e - principalmente - ao potencializar fatos pela expressividade via literária, relatos e interpretações de forma lúdica, o reforço para os argumentos apresentados para o narrador-repórter sobre a revolução modelo para o país. À literariedade soma-se outro elemento determinante para a compreensão das reportagens de *Tempo de Arraes* como espaço de argumentação da revolução possível: as marcas da subjetividade do narrador-repórter.

3.4.3. O testemunho para o efeito de verdade

Conferimos que o repórter está presente desde as primeiras frases da reportagem. Em um movimento autorreferencial, o narrador-repórter articula as vozes do conflito sem deixar de declarar sua mediação. O narrador-personagem, homodiegético como vimos, não esconde que a narrativa lida é sua perspectiva dos fatos. A subjetividade presente no jornalismo não é destituída de força persuasiva no discurso. Ao contrário, ela está a favor da própria atitude ideologicamente combativa e comprometida do narrador-repórter.

Nesse sentido, o testemunho passa a ser utilizado para respaldar o efeito de verdade. Em *Tempo de Arraes* a assunção da subjetividade parece, de fato, ser usada para estabelecer uma relação de confiança entre enunciador e leitor-enunciatário. Ainda que possa dar abertura para que o leitor-enunciatário possa interpretar que a reportagem traz uma perspectiva parcial - na medida que é tangenciada pela subjetividade assumida - o narrador-repórter prefere fazer uso de efeitos discursivos que identifiquem sua percepção sobre os fatos para estabelecer a autenticação do real sobre o que narra. Como nas outras séries de reportagens já analisadas, o "eu estive lá" é estratégia de investida de testemunho pessoal combinada com dados e informações referenciais. Ainda no retrato de Zezé, o camponês do Engenho Galileia que abre a segunda reportagem da série, o narrador-repórter sublinha sua presença no cenário onde se estabelecem os acontecimentos. E, mais importante para a análise desse momento, faz uma comparação entre ele e o personagem:

Zezé da Galileia nunca me disse nada assim, naqueles tempos difíceis, e nem agora, quando o trator da Secretaria de Agricultura aplana o topo do engenho para fazer casa para os camponeses. O que ele fazia era acreditar no trabalho da Liga Camponesa e replicar, teimoso e sóbrio, que "se a gente não for despejado melhora a vida deste povo todo". Já existem agora em Pernambuco muitos líderes camponeses que partem da ideia - e a ideia da violência está certamente presente - para a ação. Zezé, de uma geração totalmente sofrida e ignorante, descobriu apenas a ação. **Perto daquele homem simples e bom, lutador de uma luta pura e obscura, a gente se sente vagamente vigarista.** (CALLADO, 2005, p. 44, grifos nossos)

O discurso do narrador-repórter enfatiza que o enunciador esteve no lugar dos acontecimentos mais de uma vez. Tanto em 1959, para a feitura da série de reportagens *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* ("naqueles tempos difíceis"), quanto no agora da reportagem, em 1963, para a escrita de *Revolução-Piloto em Pernambuco*, Zezé nunca teria mencionado a necessidade de violência na luta pela terra (o trecho analisado segue o parágrafo já mencionado sobre, ao contrário dos jovens "mais ardentes" que queriam usar foices contra os fuzis da força policial, Zezé querer resolver a situação pacificamente). Mas, para além da declaração de que seu relato é testemunho fidedigno dos acontecimentos, o trecho traz uma frase importante para a compreensão de como se dá a presença das marcas da subjetividade do narrador-repórter: "Perto daquele homem simples e bom, lutador de uma luta pura e obscura, a gente se sente vagamente vigarista". O narrador-repórter se compara ao personagem e, medindo a força e a crença dele em relação à sua, sente-se um tanto quanto vigarista. É nesse sentido que o uso do pronome pessoal "a gente" estabelece uma relação confessional com os sentimentos do narrador-repórter.

Tal atitude de revelação torna a marca subjetividade um dispositivo discursivo a favor da argumentação.

Na terceira reportagem da série, que tem o denunciativo título "Polícia apreende armas, mas o Exército as devolve ao Engenho"¹⁷¹, o narrador-repórter vai contrapor a atuação das Forças Armadas em Pernambuco, arrogante e irresponsável como ele define, a participação dos padres na mobilização dos camponeses. Entre os padres entrevistados para a reportagem, está Padre Melo, que divide opiniões: comunista, ambicioso ou realmente dedicado à luta dos camponeses? Sobre essas opiniões divergentes, afirma o narrador-repórter:

É fácil ver, conversando com ele, por que divergem tanto as opiniões. Padre Melo é homem de falar desabusado, que vai dizendo o que pensa em grande velocidade. Em pouco tempo de palestra comigo no seu escritório pegado à sacristia da igreja do Cabo, atacou o Governo Federal, o Governo de Arraes, Cid Sampaio, Francisco Julião, IBAD, Sudene e Carlos Lacerda, em quem vai votar pelas mais estranhas razões.

Homem miúdo, claro, de 30 anos, que exprime depressa e bem, gesticulando muito, Padre Melo tem, na sua batina preta e surrada, **um ar de urubu gracioso**. Seu assunto preferido é efetivamente Padre Melo. Quando, no entanto, discorria sobre o exaltado papel que tinha tido para fundar em Pernambuco os sindicatos rurais **eu lhe perguntei** se atribuía a si mesmo o mérito maior no movimento e Padre Melo retrucou, pronto: - Não, Padre Crespo, de Jaboatão, foi quem mais trabalhou. (CALLADO, 2005, p. 50, grifos nossos)

Nitidamente, temos a presença de um perfil jornalístico. Ao testemunhar a figura de contrastes, ele nos avisa por que é fácil compreender que o padre divide opiniões. Ele critica a todos, inclusive quem é seu candidato eleitoral, e, contrariando a expectativa de dizer que teria sido ele o principal responsável por fundar os sindicatos rurais, o padre dá crédito ao seu colega. É válido atentar para o trabalho com a linguagem. A analogia feita pelo narrador-repórter para caracterizar o personagem: "Padre Melo tem, na sua batina preta e surrada, um ar de urubu gracioso". Um homem do povo, participante dele (sua roupa preta gasta, que lembra urubu, é indicativo disso), sem deixar de tentar ser elegante.

No entanto, de todos os elementos presentes no trecho, nos interessa, sobretudo, o registro do testemunho do narrador-repórter: ele conversa com o padre, o observa e faz perguntas de modo a interferir no diálogo estabelecido de modo a, colhidas todas as informações, poder, inclusive, ter suas opiniões e tirar suas conclusões. No trecho seguinte,

¹⁷¹"Polícia apreende armas, mas o Exército as devolve a engenho" (25 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/sUhSBQ>>. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao terceiro capítulo, "O Sagrado Coração de Caxias".

o narrador-repórter conta que Padre Melo e os demais padres afastaram-se da sindicalização dos camponeses para focarem na educação. Segundo os padres, já com inteligência e lideranças formadas, as massas precisariam ser alfabetizadas. Mas, o narrador-repórter dá a entender que percebe certa contradição de ideias e, vai além, descreve suas incertezas a partir das falas do padre e opina sobre o que consegue dizer que é verdade:

Há uma certa contradição entre a confiança que Padre Melo tem na capacidade de liderança dos próprios camponeses e na sua descrença, aliás justificada na educação do brasileiro geral. **Não sei se os camponeses**, mesmo agora que abriram os olhos e que começam a manifestar com desembaraço suas ideias, poderão produzir líderes de que necessitam. **Mas uma coisa é verdade**. Eles só parecem seguir aqueles que se depõem a encaminhá-los a objetivos práticos e imediatos, como o de se organizarem em sindicatos para reclamar salários mais altos. Padre ou comunista, o que os camponeses querem é liderança de gente prática e que lhes melhore as condições de vida. Querem auxílio, não querem conversas. (CALLADO, 2005, p. 51, grifos nossos)

A partir de suas observações e do levantamento de informações, o narrador-repórter faz interpretações e deixa evidente tanto aquilo que não sabe como aquilo que tem certeza. E esse comportamento discursivo, que não oculta a subjetividade daquele que narra, a voz do repórter em primeira pessoa, está presente por toda a série de reportagem, seja quando o assunto é o movimento dos camponeses quanto as suas lideranças, seja sobre as forças conservadoras estarem passivas frente à revolução, assunto tratado logo na primeira reportagem.

Aliás, se voltarmos a tal trecho do começo da série, podemos flagrar um dos exemplos maiores sobre essa construção argumentativa que revela as percepções narrador-repórter. O fragmento está sob o intertítulo "A secreta unanimidade":

No entanto, **vista e comprovada** a influência de forças de extrema esquerda, principalmente comunistas, na revolução-piloto de Pernambuco, **é de se perguntar** como e por que as forças conservadoras do Estado não protestam mais. Elas certamente não são partidárias de Miguel Arraes e do seu modo de fazer funcionar, como não importa em que país civilizado, a democracia em Pernambuco. Mas, embora controlem como se sabe os melhores jornais, a televisão, as usinas, a indústria e o comércio essas forças não estão assim tão furiosas contra o Governo.

Acho que uma das razões é de que existe em Pernambuco uma consciência clara de que as coisas precisavam mudar, e há indisposição à luta diante de uma situação que não parece em absoluto encaminhar-se para a guerra civil e sim para uma extrema democratização do Estado. As elites tradicionais, que também impacientam com a estagnação em que lá se vivia, têm um certo gosto em intranquilizar o Sul, como dizem ao falar no Centro-Sul do País. As soluções que o Governo Arraes está propondo

podem ser drásticas, mas as condições locais, a miséria pernambucana, são igualmente drásticas.

Os ingleses ficavam intrigados e exasperados com os russos, quando, principalmente em tempos de Stalin, apresentavam a moderna Inglaterra em termos dos romances de Dickens: falavam os russos em criancinhas mortas de frio em adro de igreja, em limpadores de chaminés sufocados em pleno trabalho, em donzelas que se vendiam para salvar a família da fome. A intenção da propaganda stalinista era dizer ao povo russo: se na Inglaterra não houve uma revolução comunista, como podem ter mudados as condições de vida do povo? Leiam Dickens, não percam tempo lendo nada de moderno. Acontece que a Inglaterra, a Europa Ocidental do continente, os Estados Unidos e, em relação ao Nordeste, o Centro-Sul do Brasil saíram sem revolução de condições de vida quase intoleráveis para o povo.

O Nordeste, não. **Em 1959 vi lá situações de indescritível dramaticidade**, de uma miséria abjeta, do instituto do cambão, da remuneração de trabalho feita como se fosse esmola. Crianças e mulheres podiam cortar tanta cana quanto um homem, mas recebiam a metade da paga. Trabalhadores doentes eram despejados para que entrasse gente sã. Ninguém ganhava nada pelo repouso dominical. E ainda existe no Nordeste o caso das mocinhas que se prostituem a sério, como se fizessem datilografia. Situações assim que, por haverem caído em relativo desuso, já nos parecem dramalhão, no Nordeste são ainda o que outrora foram: uma tragédia.

Para essa humilhação é forçoso buscar explicações. E não existe pernambucano, de qualquer classe que seja, e tenha a tendência que tiver, que não explica como o Nordeste tem sido espoliado, sugado em suma vitalidade pelo Centro-sul do país, principalmente pelo Estado de São Paulo. (CALLADO, 2005, p. 38-39, grifos nossos)

O narrador-repórter narra que inicia sua investigação sobre os motivos pelos quais as forças conservadoras não estariam atuando contra as mudanças de Miguel Arraes. Sua hipótese, que se fundamenta no descontentamento geral das classes sociais com a situação miserável de sua população e com a noção compartilhada dos estados do Centro-Sul explorarem o Nordeste, é marcada com a conjugação em primeira pessoa, no presente do indicativo, de um verbo que tem seu uso condenado no jornalismo tradicional: achar ("Acho que uma das razões [...]") como inicia o narrador-repórter um dos parágrafos. Em um movimento máximo de "antijornalismo", no sentido clássico, o narrador assume uma certa precariedade de juízo. Todavia, a subjetividade aparece, assim, não como uma falha, mas como um elemento discursivo a favor da própria argumentação. O que parece, numa primeira mirada, tocado por certa fragilidade mostra-se como força no discurso persuasivo.

Em seguida, no parágrafo em que o narrador-repórter afirma sua predileção por Dickens em relação aos autores modernos (mais uma marca latente da subjetividade presente), de forma a compor uma comparação, a narrativa fala sobre a Inglaterra miserável do século XIX retratada por Dickens e que, por mais que os russos insistissem que no começo do século XX ainda fosse essa a realidade inglesa (para os russos de Stalin não

poderia haver mudança social sem revolução), o narrador-repórter afirma que não: tanto a Inglaterra, os Estados Unidos e o Centro-Sul do Brasil não precisaram de revolução para que sua população saísse, de maneira geral, da situação desumana. Mas no Nordeste, diante da tragédia testemunhada pelo narrador-repórter em 1959, a revolução parecia mesmo imprescindível.

O testemunho sobre a situação do Nordeste que o repórter conheceu cinco anos antes de visitar novamente a região para escrever a série de reportagem sobre a *Revolução-Piloto de Pernambuco* revela um cenário trágico, com injustiças sociais de toda ordem, tal como na Inglaterra do século XIX: da escravidão dos trabalhadores à prostituição infantil. O narrador-repórter insiste que não há exagero, "dramalhão"; as situações eram e continuavam sendo lamentáveis.

É perceptível que o discurso vai mobilizando elementos de argumentação: a descrição sobre o cenário inglês narrado por Dickens, a afirmação de que tal situação mudou mesmo sem revolução, o próprio testemunho do repórter que compara a miséria nordestina à Inglaterra do século anterior e, finalmente, a unanimidade de todas as classes e tendências políticas sobre a indignação, o estado das coisas ser consequência da exploração do Nordeste pelos estados do Centro-Sul do país. Para que sua constatação não pareça frágil, o narrador-repórter fornece uma "prova": trechos do editorial do *Jornal do Commercio*, cujo proprietário é senador e industrial José Pessoa de Queirós. E antecipando qualquer crítica que poderia indicar que o editorial estaria na contramão das ideias do seu proprietário, o narrador-repórter deixa claro que a opinião do jornal publicada teria por base um pronunciamento recente feito pelo senador. Com tais citações, provar-se-ia que, de fato, a elite nordestina não suporta mais tais condições econômicas secundárias do estado em relação à federação e, por conta disso, aposta nas políticas democráticas de Arraes como um possível respiro. Vejamos como o narrador-repórter continua sua sequência argumentativa e insere tais citações:

Leiam estas citações: "... Crise na agroindústria do açúcar, através de toda a nossa História e ainda no presente, representa crise em toda a economia para toda a comunidade nordestina, tanto quanto representa para São Paulo a crise na cultura de café. A grande diferença entre tais ocorrências, em uma e outra cultura, é que a União, no caso de São Paulo, tem ocorrido sempre, pressurosa, enquanto no que toca ao açúcar e ao Nordeste, parece ter havido, durante anos a ainda hoje, o *deliberado propósito de arruinar e debilitar a economia canavieira...*".

"[...] poder-se-ia afirmar que tudo isto resultou de imperativos socioeconômicos dentro do desenvolvimento em ciclos da economia brasileira. (...). No entanto, verificar-se-á que, independente de tais perspectivas históricas, o desigual tratamento dispensado à

agroindústria do açúcar afigura-se mais recente, acentuando-se de algumas décadas para cá e persistindo *como um esforço consciente, agora talvez mais que antes, visasse ao desmantelamento do nosso parque açucareiro (...)*. Pernambuco, produzindo açúcar, podia antes, com um quilo do seu produto, adquirir mais de um quilo do que lhe vem do Sul: mais de um quilo de café, de arroz, de carne etc. Hoje com um quilo de açúcar cristal, não podemos adquirir, sequer, cem gramas de charque".

Não são trechos (os grifos foram meus) extraídos de algum livro, opinião de algum especialista. É um reflexo do que dizem todos de Pernambuco. São trechos de um editorial do Jornal do Comércio do dia 15 deste mês. O artigo, aliás, se baseia em recente pronunciamento do proprietário do jornal, o Senador e industrial José Pessoa de Queirós. Quase diariamente se pode ler ou ouvir opiniões assim no Recife. (CALLADO, 2005, p. 40, grifo do autor)

A unanimidade das classes sobre a revolução é explicada, dessa forma, com a insatisfação das elites sobre a Federação preferir o Nordeste em relação à região Centro-sul do país. E para demonstrar essa consonância de opiniões, o narrador-repórter seleciona trechos do editorial de um jornal que pertence a um industrial. A narrativa, então, segue seu encadeamento argumentativo de modo a demonstrar que sua hipótese sobre a falta de resistência da elite conservadora sobre as mudanças revolucionárias apoiadas por Miguel Arraes tem fundamento nas constatações. De modo que o próximo trecho sob o intertítulo "Brasil x Estados Unidos" é a tentativa de comparar a relação entre o nordeste e o sul do Brasil com o sentimento que os latino-americanos em geral estabelecem em relação aos Estados Unidos, mas é também uma forma de ironizar o comportamento das elites sobre concordar com a revolução porque conviver com a miséria pernambucana traria constrangimento frente aos amigos estrangeiros. Vejamos:

É desagradável a gente tomar e oferecer bom uísque com água de côco em alguma perfumada varanda entre coqueiros e ver aquele desfile de mendigos e ouvir dos amigos estrangeiros a chocada pergunta que tanto irrita as elites descansadas, principalmente quando a pergunta é formada em inglês: "But why don't you do something about it?", por que é que você não dá um jeito nisso? Já se vai um pouco do gosto do uísque, já não há tanto prazer na gente se sentir numa ilha de limpeza e conforto, entre crianças saudáveis e empregados satisfeitos. O que salva muita revolução, o que levará a bom porto na revolução nordestina iniciada em Pernambuco, reside talvez naquela observação de Brecht: "Os ricos têm o coração duro, mas têm os nervos delicados". (CALLADO, 2005, p. 41)

Ao iniciar o trecho com "a gente", o discurso do narrador-repórter faz um exercício de se colocar sob a pele das elites, daqueles que servem uísque aos amigos estrangeiros nas varandas perfumadas enquanto observam os mendigos de cima. A ironia do trecho é

reforçada pelo movimento do narrador-repórter se colocar no lugar daqueles que sofrem pelo constrangimento de justificar sua apatia e distanciamento do cenário de pobreza pernambucana. A frase do Brecht conclui o argumento de que se a elite não está concordando com a revolução pelos motivos econômicos vai concordar com ela pelo "embelezamento" que uma sociedade mais igualitária pode trazer ao seu mundo de aparências.

Interessa-nos, sobretudo, o parágrafo que segue esse trecho, o último parágrafo da reportagem:

Pretendo, nesta série de reportagens que aqui se inicia, mostrar como **me convenci** de que Pernambuco saiu de um marasmo de quatrocentos anos para uma marcha redentora. É, por enquanto, uma revolução manhosa, mas será heroica se for necessário. Eu prefiro, tendo conhecido o Pernambuco de 1959, quando o processo revolucionário mal despontava no Engenho Galileia, o que lá vi agora. E acho que se o atual Governador não aprovasse o que está acontecendo no Estado, não haveria apenas poucos camponeses mortos, e sim chacinas e o IV Exército garantindo a ordem. **Acho** que é uma revolução que merece viver. **Acho**, mesmo que, já não precisa de licença de ninguém para viver. (CALLADO, 2005, p. 41-42)

A primeira reportagem da série termina com tal proposta declarada do narrador-repórter de provar sua tese de que na revolução de Pernambuco está um modelo revolucionário para todo o país. A partir de seu testemunho - de seu "eu estiver lá" - sua análise que não esconde a subjetividade (suas tendências, certezas e incertezas declaradas), o narrador-repórter convida o leitor-enunciatário a acompanhar como seu trajeto investigativo o convenceu de que a revolução pacífica só é possível graças à aprovação de Miguel Arraes.

É na mesma toada argumentativa que as vozes dos entrevistados aparecem na reportagem. Em forma de diálogos, mais do que apresentar as diferentes perspectivas dos personagens no cenário revolucionário em Pernambuco, as falas dos entrevistados são fundamentais na condução da narrativa.

3.4.4. O diálogo conduz a narrativa

Se, como diz Bulhões (2007), a essência da reportagem diz respeito a presença do repórter no palco dos acontecimentos para trazer a voz de quem está envolto nos fatos, em *Tempo de Arraes*, a narrativa jornalística é marcadamente típica da reportagem. A presença

das falas dos personagens na reportagem de Antonio Callado, principalmente na forma de diálogos, tem tamanha importância que estabelece uma função estrutural à narrativa.

É como se, citando o texto clássico de Barthes, "Análise Estrutural da Narrativa" (2008, p. 26), o diálogo fosse o "fio" narrativo que fizesse com que a narrativa passasse de um nível a outro. Na segunda reportagem da série, "Engenho Galileia é mostra de paz no inferno do latifúndio"¹⁷² (já referenciada anteriormente quando analisamos a questão mitológica na reportagem), para demonstrar as atrocidades cometidas no Engenho Serra - o latifúndio antagonista na comparação com o Engenho Galileia - o narrador-repórter, pela segunda vez na série de reportagem (a primeira é o apanhado de falas logo na introdução da série), usa o discurso direto e travessão e introduz a fala dos personagens em forma de um breve diálogo com a função de demonstrar o horror que assola tais camponeses. É válida a leitura de dois parágrafos anteriores para contextualizar o diálogo e entender sua funcionalidade:

Se alguém chegasse, em plena Idade Média e em tempos de peste, a uma aldeola miserável de Portugal, não encontraria quadro mais fantástico do que o desses camponeses do Engenho Serra, que morrem de fome e de varíola, alguns cobertos das bexigas de varíola.

Alarico Bezerra, que em outros tempos foi homem forte na Secretaria de Segurança do Estado, é uma espécie de latifundiário de literatura de cordel. Fez, contra a aplicação no campo da legislação trabalhista, um *lockout* rural. Fechou o engenho para que os camponeses partam sem paga nem indenização e todos os esforços da assessoria sindical do governo de Arraes não conseguiram ainda dobrar este velho agarrado a uma civilização da chibata. Sua bonita casa-grande fica à beira de um pequeno açude. Os camponeses dizem:

- Aquilo não é água de beber nem de regar a terra não. Está ali para esconder muita ossada de gente que foi assassinada.

É impossível saber, falando àqueles homens famintos, onde acaba a verdade e onde começa uma espécie de folclore horrendo, ao qual não falta o humor negro. O camponês José Campal Lins me mostrou um chifre de boi com a ponta cortada, um funil de guampa:

- É o chifre de clister do feitor Velentim. Gosta de matar gente pela traseira. Ele tinha uma receita para quando pegasse o deputado Julião: creolina, sebo e pimenta. Para Arraes, salitre derretido, sebo e óleo de mamona. (CALLADO, 2005, p. 45)

¹⁷² Engenho Galileia é mostra de paz no inferno do latifúndio" (24 dez. 1963). Disponível em: < <https://goo.gl/LQGVXC> >. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao segundo capítulo, "Paz na Galileia e Inferno em Serra".

A fala está articulada pelo narrador-repórter de modo a fazer com que seja o próprio entrevistado a falar sobre os desmandos do latifundiário no engenho. O uso do travessão na reportagem pode trazer, segundo Medina (1986, p. 54), autenticidade para a fala do protagonista em ação. De fato, a denúncia de violência no campo, que surge a partir da entrevista feita pelo narrador-repórter, ao ser apresentada por meio do próprio personagem, ganha maior força discursiva. A entrevista se encadeia na narrativa com tal personagem-tipo que se propõe a falar.

Essa organização da narrativa jornalística com base nas entrevistas remete à sugestão de Montse Quesada (1984) sobre a entrevista fazer do próprio entrevistado sua mensagem. No início da reportagem "Contra Igreja, Goulart e o PC, Julião ainda é líder no campo"¹⁷³, podemos flagrar como o momento da entrevista, e a ação jornalística registrada pelo narrador-repórter, coloca em evidência, por meio do próprio entrevistado, a mensagem sobre a urgência no atendimento aos camponeses miseráveis:

Em terra de pobre qualquer coisa que se organize acaba, vira e mexe, em distribuição de esmola. Em uma hora de conversa com Francisco Julião na sede das ligas camponesas em Recife, vi-o atender a esses casos pessoais que nem consertam a sociedade e nem ajudam a vida dos políticos. Mas que se há de fazer quando entra uma cabocla tendo nos braços uma criancinha exausta de chorar e em cuja cabeça há um tumor enorme? Ou quando uma esquelética mulher vem agradecer a Julião a máquina de costura que as ligas arranjaram para ela dar de comer aos filhos, mas que se apoia no corrimão da escada, pálida e crispada:

- Mas me dê alguma coisa agora, doutor Julião, que se não eu não consigo nem descer as escadas de fome.

E apareceu também, insistente, dona Áurea Guerra, militante das ligas, com um assunto urgente. Queria garantir que Julião viesse ser padrinho no batizado do filho. Furioso nome do infante: Fidel Castro Guerra.

Julião, numa dessas interrupções da conversa, passou a mãe pela vasta cabeleira:

- Seu Callado, agitar é uma beleza. Organizar é que é difícil. (CALLADO, 2005 p. 55-56)

A entrevista que faz registro do contexto em que ela se realiza se desdobra num diálogo, de forma a fazer com que o próprio jornalista também se torne um personagem. Julião solta o vocativo "Seu Callado" para comentar a sequência insólita de seus atendimentos. O narrador-repórter mostra-se como personagem também quando,

¹⁷³ "Contra Igreja, Goulart e o PC, Julião ainda é líder no campo" (27 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/qSYGSi>>. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao quarto capítulo, "Julião contra Igreja, Goulart e PC".

contrariando a noção de isenção e neutralidade do jornalismo, evidencia seus pensamentos e sua análise ao aglutinar informações de diferentes fontes. Na tentativa de compreender a figura de Julião, o narrador-repórter continua no subtítulo "Vela acesa a Padre Cícero":

Um líder comunista, que me falou mal de Julião, observou meneando a cabeça:

- Julião ainda tem um trunfo, que é aquele jeito meio místico de falar aos camponeses. Se organizar melhor ainda pode fazer as coisas.

Pensei nisso enquanto Julião me descrevia seu plano de mobilizar, para as ligas, o eterno prestígio que tem, entre as massas nordestinas, Padre Cícero Romão Batista, o beato de Juazeiro do Norte. Julião pediu a Abelardo da Hora que lhe faça uma estátua de Padre Cícero. Pretende colocá-la numa espécie de caminhão-andor e sair pelo Nordeste a fora com o monumento. Vai finalmente plantar a estátua em Bonjardim, onde tem propriedade. Assim, hospedando o padre que as massas continuam a considerar o maior santo do céu (**eu trouxe de Salgueiro, no Alto Sertão pernambucano, um livrinho de profecias de Padre Cícero para 1964**), Julião sem dúvida espera guardar um reflexo de sua auréola. (CALLADO, 2005, p. 58, grifos nossos)

O narrador-personagem expõe seus pensamentos e, de forma a dizer que ao menos tem curiosidade pela figura de Padre Cícero (quem sabe também tenha fé no beato), informa que trouxe um livro de profecias do santo. Qual outra função teria tal adendo se não dizer que o narrador-repórter não é totalmente isento à fé envolta a Padre Cícero? Eis aí também o narrador-repórter como um personagem da narrativa, um personagem que assume proposituras ético-ideológicas, quiçá sua fé.

Na situação da entrevista, portanto, revelam-se personagens, seja ele um participante envolto aos fatos, seja o próprio narrador-repórter que, se não participa diretamente do que observa, não deixa de se expressar por seu objeto de investigação. Essa condição da entrevista é essencial na condução narrativa e nos remete à noção apresentada por Carla Mühlhau, em seu livro *Por trás da entrevista* (2007).

Mühlhau faz um levantamento histórico e conceitual sobre a entrevista no jornalismo, especialmente sobre sua prática nas redações do país. Para amplificar o debate sobre a questão, a autora entrevistou dez jornalistas brasileiros referenciados. Carlos Heitor Cony, Joel Silveira e Zuenir Ventura estão entre eles. Ana Arruda Callado, jornalista (a primeira mulher a trabalhar no Jornal do Brasil) e esposa de Callado, também está entre os entrevistados. Com o apanhado de informações, experiência e opiniões, Mühlhau afirma categoricamente que a entrevista não é nada menos que a essência do jornalismo (2007, p.18). Medina, ao entender a entrevista como uma técnica de interação social que, em suas

diferentes aplicações, tem como finalidade o inter-relacionamento humano (1986, p. 8), também a define como eixo da produção jornalística¹⁷⁴.

De fato, em *Tempo de Arraes*, a entrevista é evidenciada como essência e, como já mencionado, elemento estrutural da narrativa jornalística assinada por Callado. Tal como no romance - sobretudo no padrão narrativo do século XIX, em que a narrativa é entremeada pelos diálogos dos personagens -, as entrevistas transcritas em forma de diálogo nas reportagens da série são diretamente articuladas à narração conduzida pelo narrador-repórter. Na reportagem da série "Igreja e Partido Comunista estão juntos doutrinando os camponeses"¹⁷⁵, o narrador-repórter vai explicar as "coisas estranhas que existem no Brasil", fazendo referência ao comentário de Simone de Beauvoir, em sua autobiografia, sobre o país. Segundo o narrador-repórter, Beauvoir escreveu em negrito numa nota de rodapé em seu livro: "No Brasil existem milionários de esquerda" (CALLADO *apud* BEAUVOIR, 2005, p. 65). O narrador-repórter ressalta que "Dona Simone" (como Callado a chama) não teria visto outra estranheza: o Partido Comunista e a Igreja Católica juntos doutrinando as massas. Para falar sobre essa conciliação, o narrador-repórter expõe o diálogo que teve com o comunista Gregório Bezerra e com o Padre Edgar Carício sob o intertítulo "Confronto".

Quando fiz ver ao Padre Carício que, não longe do seu Sindicato Rural de Quipapá, Gregório alicia camponeses para o Sindicato de Palmares, o padre, depois de observar que os sindicatos rurais são boas coisas, acrescentou:

- Se a situação dos camponeses continuar melhorando como agora, eles não irão para o Partido Comunista.

A Gregório **comuniquei** do padre e ele abriu os braços, num **amplo gesto sacerdotal**:

- Vamos primeiro cuidar do povo.

O Partido Comunista tem mais organizações no campo de Pernambuco do que a Igreja. Uma vantagem, porém, a Igreja ainda leva. Ela está, no momento e principalmente em Pernambuco, mais em *evolução*. Do maior desinteresse pela sorte dos camponeses passou à militância entre eles. O PC também não chegou muito cedo, preso estava à ideia de que a revolução seria urbana. A tradição da Igreja junto aos camponeses é enorme. Seu prestígio declina há anos, mas durante quatro séculos possuiu, deixando-o em grande parte improdutivo, todo aquele **latifúndio** de almas. O latifúndio foi

¹⁷⁴ Cremilda Medina diz sobre a entrevista: "Qualquer nota jornalística, dentro do estilo noticioso, colhe alguma declaração entre aspas de um dos protagonistas da ação social para dar vivacidade e autenticidade à narrativa de terceira pessoa desenvolvida pelo jornalista." (MEDINA, 1986, p. 48).

¹⁷⁵ "Igreja e Partido Comunista estão juntos doutrinando os camponeses" (29 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/Qp2ptg>>. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao sexto capítulo, "Fábula da Igreja e do Partido Comunista".

vigorosamente loteado por Francisco Julião e os comunistas, que em pouco tempo carregaram impetuosamente os lavradores da resignação à reivindicação. (CALLADO, 2005, p. 66, grifos nossos)

O narrador-repórter é participante fundamental no confronto estabelecido entre os personagens. É ele quem "faz ver" ao padre que Gregório está atraindo camponeses para o Sindicato e é também quem "comunica" ao sindicalista que o padre diz que os camponeses vão desistir do sindicalismo se a vida continuar melhorando. No movimento semântico do trecho, a temática do latifúndio de terra é transposta para o "terreno da conquista das almas".

O "leva e traz" do narrador-repórter que incita o diálogo entre os personagens faz lembrar o que Edgar Morin afirma sobre a entrevista: ela seria "[...] uma intervenção sempre orientada para uma comunicação de informações" (MORIN, 1973, p. 1). O narrador-repórter estimula que os personagens, ainda que não estejam frente a frente, confrontem suas ideias. O livro de Cremilda Medina, *Entrevista: o diálogo possível* (2002), pode ser também trazido à discussão na medida em que a autora entende que a seleção das fontes, e o estímulo dado a elas, enriquece o material jornalístico conforme a pluralidade de vozes trazidas para a reportagem "[...] e, ao mesmo tempo dá qualificação humanizadora dos entrevistados descobertos." (MEDINA, 2002, p. 37). Tal conceito de humanização em Medina se associa aos traços discursivos de subjetividade do entrevistado trazidos à tona pela entrevista (2002, p. 43). Nesse sentido, "o amplo gesto sacerdotal", que vem do sindicalista e não do padre, traz o elemento subjetivo para tal momento da reportagem que pretende apresentar como os líderes religiosos e sindicais se misturam em suas intenções e comportamentos.

Outro exemplo sobre a entrevista em *Tempo de Arraes* poder ser compreendida como diálogo está no registro da conversa em que a professora Celeste teve com os camponeses do Engenho Serra, o "engenho sinistro", como define o narrador-repórter. No fragmento que está sob o intertítulo "Varíola e fome", não é possível saber onde começa a entrevista e onde está a conversa dos personagens dentro de tal entrevista, mas tal indefinição não inviabiliza a tentativa do narrador-personagem desvelar, por meio dos personagens, o cenário de abandono dos moradores do engenho. Pelo contrário, na qualidade de observador, o entrevistador revela-se atento às falas e aos detalhes que revelam as características dos personagens, mesmo as de caráter subjetivo:

Ao meu lado, Celeste, professora de Vitória, incitava os camponeses a contarem mais, a contarem tudo. Celeste é das ligas camponesas, professora pública de profissão e agitadora de vocação. Tem seus 30 e poucos anos e a pele crestada e os olhos claros de uma sertaneja. É de Paraíba. Me mostra João José da Silva, pai de três crianças sentadas no chão de terra de uma choupana, nuas, miúdas, uma de 4, outra de 3, outra de ano e meio, pequenina a mais não poder. Celeste perguntou ao pai o que é que as crianças comiam:

– Farinha e sal. Minha mulher foi embora para não ver isso.

Depois o horror maior, a visita à casa de João Damião e Maria Albina da Silva, que têm oito filhos atacados de bexigas há um mês. As crianças mais velhas, Severino e Maria de Lourdes, estão cobertas de bexigas no meio daquelas 500 pessoas do engenho, nenhuma vacinada. Depois que informei ao JB, por telegrama, da situação dessa gente do Engenho Serra, lá esteve a Secretaria de Saúde do governo. Só quatro camponeses, no primeiro dia, se conformaram em ser vacinados. Vários outros, provavelmente, já pegaram varíola e, afinal de contas o engenho está apenas a 56 km de Recife. (CALLADO, 2005, p. 45-46)

A professora Celeste comparece como um personagem-tipo: a mulher combativa sertaneja de "pela crestada e os olhos claros" e vinculada às ligas. De forma indireta, sua fala é incorporada pelo narrador-repórter ("incitava os camponeses a contarem mais, a contarem tudo"). Para falar da família de João José da Silva, o discurso do narrador-repórter se impregna da linguagem popular ao comentar que a filha mais nova, de ano e meio, é "pequenina a mais não poder". O movimento discursivo é de aproximação dos personagens, de solidariedade e de espanto com aquilo que observa ("Depois o horror maior"). O repórter deixa ser apenas testemunha, mero informante aos leitores do *Jornal do Brasil* sobre surto da doença, e passa a ser agente do evento narrativo ao pressionar a Secretaria de Saúde a tomar providências. É por sua atuação que os camponeses recebem vacinas. Para além de não constituir discursivamente o efeito de isenção diante da iminente epidemia, o repórter é, pois, *actante* dos acontecimentos em curso na narrativa.

Como se vê, novamente, o diálogo, consequente da entrevista, é recurso fundamental. O trecho analisado evidencia essa função do diálogo, mas também outro importante recurso discursivo em *Tempo de Arraes*: o jornalismo que conta seus bastidores. Essa metanarrativa, ou narrativa que se coloca no espelho, também é outra estratégia de condução da reportagem. Foi só depois de contar que informou o *Jornal do Brasil* sobre o estado dos camponeses com varíola, e que a Secretaria de Saúde lá esteve para vacinar os camponeses, é que tomamos conhecimento da resistência dos camponeses, por medo resultante da ignorância, provavelmente, em tomar vacina. Vê-se, então, que narrar os

bastidores da reportagem, tal como o diálogo, estabelece funções importantes para a narrativa em *Tempo de Arraes*.

Nesse fragmento, narrar o que fez é importante para o narrador-repórter desvelar traços do comportamento dos personagens (a ignorância dos camponeses do Engenho da Serra, no caso). Mas, a narrativa sobre a ação jornalística também estabelece outras funções na série de reportagem sobre a *Revolução Piloto em Pernambuco*, como veremos a seguir.

3.4.5. A narrativa diante do espelho

Tempo de Arraes é uma narrativa na qual alguns protocolos jornalísticos são explicitados pelo narrador-repórter. O leitor toma conhecimento das decisões do repórter no campo dos acontecimentos para fazer sua investigação. Sua busca pelo entendimento da revolução em Pernambuco, e que não deixa de ser uma busca de um novo Brasil, é detalhada em seus procedimentos.

A postura testemunhal do narrador-repórter é, como vimos, estratégia discursiva, mas ela não está sozinha. O testemunho do narrador-repórter se associa ao recurso de pôr a narrativa no espelho. É importante sublinhar as brechas de confiabilidade que uma narrativa essencialmente testemunhal pode trazer. Como lembra Moraes (2015), se não há levantamento de dados uma reportagem que finca os pés só no testemunho do repórter pode cair na armadilha maniqueísta. As premissas fundamentais da reportagem, a clareza, o rigor na checagem das informações e a busca por respostas que perturbam, ainda que permeadas em todas as instâncias pela subjetividade, não podem ser deixadas de lado (MORAES, 2015, p. 24). Se existe, então, a defesa de afirmação da subjetividade como sentido político no texto jornalístico, Moraes entende também a importância da objetividade, mas não no sentido clássico que surge com a modernidade, vinculada à ideia positivista que reduz a verificação à regra de "ouvir os dois lados" e que carrega a pretensão de neutralidade, distanciamento e independência. É a objetividade relativa ao método.

A metodologia objetiva, que considera os princípios deontológicos profissionais (exatidão, descrição correta dos fatos, fidelidade a documentos, inclusão de informações que são informações e retificação de erros, entre elas), não exclui, ainda que quisesse, a subjetividade. A relação entre as duas instâncias, objetividade e subjetividade, é, portanto, dialética. Em *Tempo de Arraes* percebemos um narrador testemunhal que não abre mão de recorrer a tais procedimentos objetivos para sua investigação. E, ao falar sobre eles, não deixa ter uma postura dialética sobre sua narrativa. É perceptível um discurso que evidencia

tais estruturas, uma metanarrativa jornalística que tenta estabelecer um contrato tácito de verdade com o leitor.

Um exemplo de como os procedimentos jornalísticos estão presentes na série da reportagem aparece no segmento sob o intertítulo "Gregório dos Palmares". O narrador-repórter está entrevistando o líder do sindicato que tem o maior número de camponeses associados em Pernambuco.

O mais importante dos sindicatos rurais de Pernambuco é o de Palmares, com mais de 35 mil membros.

- Pode botar 36 - disse Gregório Bezerra, quando conversamos na redação de *A Hora*.
- Nos últimos dois meses levei camponês novo para o sindicato. (CALLADO, 2005, p. 67, grifo do autor)

A correção sobre o número de membros do sindicato pelo próprio entrevistado, em discurso direto, interrompe a narrativa de forma a levar o leitor-enunciatário ao lugar no qual se deu a entrevista, a redação de um jornal. Esse movimento referencial reforça o fato de ser um jornalista, vinculado a uma empresa jornalística, a contar o cenário do movimento revolucionário dos camponeses.

Em outro momento da trajetória da investigação, o jornalista entrevista o estudante que levou uma coronhada na cabeça e foi preso. O comentário sobre a pergunta que o jovem revolucionário faz ao jornalista é trazido ao texto novamente com finalidade referencial:

Joca é sarcástico e insolente. **Quis saber, antes de conversar comigo, se meu jornal era sério.** Depois, atribuindo-se a culpa de tudo que fez, exonerou com prazer de qualquer culpa seu indigitado companheiro de assalto, o camponês Antônio Joaquim de Medeiros, vulgo Chapéu de Couro. Chapéu de Couro parece que foi mesmo preso por engano, na confusão da prisão de Joca. E, que é pior, levou um tiro no braço. **Nunca vi ninguém com mais pinta de inocente.** (CALLADO, 2005, p. 91)

O narrador-repórter mostra-se vinculado novamente a um jornal. O entrevistado seria "sarcástico e insolente" ao pedir confirmação da seriedade de tal periódico. A caracterização do personagem continua quando é exposta sua relação com seu parceiro de assalto, aparentemente preso por engano. Quem reforça tal suspeita é o próprio narrador que anuncia nunca ter visto "ninguém com mais pinta de inocente". Já que, declaradamente, o narrador-repórter está na investigação como jornalista, que recorre a protocolos jornalísticos necessários para a reportagem, a ele também é permitido fazer suas constatações.

Narra-se que o jornalista investiga, examina e, por fim, faz suas comprovações e comentários como o do camponês inocente. Ao analisar o trabalho da assessoria sindical do governo Miguel Arraes, o narrador-jornalista explica justamente esse trajeto:

Até agora, o trabalho maior da assessoria sindical e da polícia tem sido no campo das greves e das reivindicações. Na Delegacia Auxiliar, com o delegado Francisco Souto, **examinei a ponta policial do processo - e pude comprovar** como ficou sólida a estrutura criada pelo governo Miguel Arraes. Num ano em que os trabalhadores conseguiriam, com suas reivindicações, o 13º salário e, além disso, foram de um salário-mínimo de 6 mil cruzeiros a quase 30 mil cruzeiros mensais, o registro policial acusa pouquíssimos incidentes sérios e apenas algumas mortes. (CALLADO, 2005, p. 77, grifo nosso)

Esse movimento textual que comenta o exame e a averiguação, que faz parte dos "métodos objetivos" do jornalismo, corrobora com sua argumentação. Sem perder de vista que objetivo final do narrador-repórter é provar que a revolução em Pernambuco pode ser um modelo para o país, vejamos com mais vagar como a menção dos procedimentos favorece o percurso argumentativo.

No trecho que segue o subtítulo "Uma uruguaia desapontada", ainda na primeira reportagem da série, o narrador-repórter narra seu trabalho de investigação quanto à presença de estrangeiros comunistas influenciadores no cenário revolucionário de Pernambuco. Não era de se estranhar que a manipulação da massa camponesa por agitadores da URSS ou da Cuba fosse uma das hipóteses mais recorrentes para justificar a ebulição social na região. No tabuleiro maniqueísta que a Guerra Fria estabeleceu à interpretação do mundo, o enredo que conduzia o entendimento social se tornava polarizado e intolerante (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 397). Se havia ascensão de uma mobilização popular em um estado com a maioria miserável e analfabeta como Pernambuco, haveria de se encontrar as influências de enviados dos países socialistas. Para seguir em sua compreensão sobre a revolução em Pernambuco, o narrador-repórter vai investigar se essa primeira proposição se confirma ou não. Para tanto, a narração não camufla sua ação jornalística ao seguir os passos atrás dos estrangeiros.

Que eu visse, ou que alguém de mencionasse sua existência, não há cubanos nem quaisquer outros estrangeiros fazendo agitação em Pernambuco. **E creio que estive nos lugares** onde deveriam ser encontrados. **Ouvi falar**, o que é mais estranho, em franceses agitadores. **Também não os achei**. E não me espantaria que fosse algum membro de televisão ou de *Paris Match*, amigado por dias com uma caboclinha. Ou talvez um lagosteiro bretão despeitado. Fidel Castro terá ajudado, com dinheiro, o movimento de Julião, ou talvez ainda ajude. E guerrilheiros treinados em Cuba terão andado por lá, em busca de uma Sierra Maestra suficientemente grande para o tamanho

do Brasil. Ativos, no momento, **não creio que estejam**, e estrangeiros, nada. Minto. Tanto a professora Celeste, agitadora de Igarapé, como Antônio Guedes, me falaram numa mulher, que deve ser a mesma nos dois casos, que se apresenta como uruguaia e cujo sobrenome é Herrera. Anda ansiosa por uma revolução em que possa tomar parte. Tanto Celeste como Guedes fizeram-lhe a mesma pergunta: "Por que é que a senhora não faz uma revolução no Uruguai?". Ela teria respondido, com grande desalento, que o Uruguai é demasiado pequeno e um tanto bem organizado demais. Mas se um colosso como o Brasil fizesse uma revolução, aí sim, disse ela, toda a América Latina tomaria o mesmo rumo. **Ainda que, para dar maior interesse à reportagem**, eu possa imaginar que essa uruguaia é na realidade cubana, não creio que melhorem muito as *chances* de Fidel Castro no Nordeste. (CALLADO, 2005, p. 37, grifos nossos)¹⁷⁶

O narrador-repórter diz que a hipótese não se confirma. Mesmo depois de ter seguido as diferentes pistas, ele não viu nada que confirmasse a influência dos agitadores de Fidel em Pernambuco. Como o jornalista em pleno ato de apuração, o narrador reforça sua atuação no palco dos acontecimentos. Novamente, o discurso expõe o repórter como ator da ação jornalística que, em movimento autorreferente ("que eu visse", "ouvi falar", "também não os achei", "me falaram"), torna-se o protagonista da narrativa que o leitor tem em mãos.

A reportagem que se lê, tendo sido produzida pela ação do repórter *in loco*, é narrativa que narra o próprio ato de reportar. A ação jornalística é narrada a tal ponto que o narrador-repórter chega a revelar que poderia mudar a nacionalidade da estrangeira com ganas de revolução - de uruguaia para cubana -, mas, ainda assim, tal mudança não traria a possibilidade de Cuba em Pernambuco ("Ainda que, para dar maior interesse à reportagem, eu possa imaginar que essa uruguaia é na realidade cubana, não creio que melhorem muito as chances de Fidel Castro no Nordeste"). O trecho assinala as decisões tomadas na narrativa jornalística em que, sem confirmação de algumas informações, sugerem-se algumas possibilidades com vistas a determinados efeitos, mas, neste caso, nem com a sugestão de outra nacionalidade para a estrangeira não encontrada, chegar-se-ia a alguma prova contundente de que Cuba estivesse influenciando a revolução em Pernambuco. Os camponeses estavam em luta por uma batalha própria.

O discurso do narrador-repórter deixa claro ao leitor que, como repórter, realizou os procedimentos que competem a ele: foi até as regiões de Pernambuco onde se estabeleceu a revolução, conversou com as pessoas envolvidas no movimento de resistência, com os personagens contrários a ela, investigou as hipóteses relacionados ao assunto, confirmou

¹⁷⁶ "Revolução-Piloto em Pernambuco" (22 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/T7shjC>> Acesso em: 29 mar. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005), essa reportagem corresponde ao primeiro capítulo, "Aspecto Geral da Revolução Pernambucana".

algumas, descartou outras; mas efetivamente fez um trabalho de reportagem, no sentido clássico da definição.

Como vimos com Bulhões (2007), o conceito definidor da reportagem está na dedicação do repórter em detalhar os fatos e situá-los quanto às suas motivações e implicações. Além disso, Bulhões nos lembra que o traço essencial da reportagem está baseado na necessidade do repórter estar no palco dos acontecimentos e trazer voz a quem está ligado aos fatos. (BULHÕES, 2007, p.45). Logo no início do trecho em análise, conferimos a noção de reportar como esse sentido de ir ao mundo dos acontecimentos e conferi-lo: "Que eu visse, ou que alguém de mencionasse sua existência, não há cubanos nem quaisquer outros estrangeiros fazendo agitação em Pernambuco." (CALLADO, 2005, p. 37). É como se o narrador-repórter dissesse ao seu leitor "eu estou aqui, estou seguindo as pistas, estou investigando, ouvindo as várias vozes, anotando o que me dizem, enfim, eu estou reportando esse mundo a vocês".

O narrador-repórter poderia ter ocultado sua ação jornalística para fazer tal narração, mas tal autorreferencialidade, que poderia ser um mero exercício de metajornalismo, está a serviço da argumentação e do trabalho militante do narrador-repórter que objetiva testemunhar que está diante, sim, de uma revolução-piloto a ser seguida por todo país. Como aponta Klein (2013, p. 2), ao escancarar o labor de reportar a narração pode ampliar as leituras possíveis sobre o fato narrado. Seguindo tal possibilidade, podemos analisar o discurso do narrador-repórter que, para além de reportar os fatos, narra as decisões que conduziram o desenvolvimento de sua construção discursiva. O narrador-repórter expõe seu envolvimento com o que reporta, com aquilo que gostaria de suprimir, mas não o faz.

Sob o título, "A 'impassibilidade' policial", na primeira reportagem, o repórter narra como os latifundiários, indignados com a passividade da polícia frente às manifestações dos camponeses, posicionaram-se publicamente sobre o assunto. Nos interessa destacar o comportamento do narrador-repórter sobre como decide colocar tal manifesto no texto:

Duas coisas dificultam em Pernambuco qualquer opinião definitiva sobre o que se passa e o que virá a acontecer: tudo lá é novo, fluido, acelerado, e, em segundo lugar, tudo é empírico. A questão social em Pernambuco era, em rigorosos termos de República Velha, "um caso de polícia". E era a polícia que resolvia o caso. Isto se vê claramente no próprio memorial que as classes produtoras de Pernambuco entregaram, em outubro, ao Presidente da República e aos Presidentes da Câmara dos Deputados, do Senado e do Supremo Tribunal, denunciando "o clima de terror e insegurança" criado pelo Governo Arraes. Dizia o memorial: "Dentro da mesma técnica de desmoralização do princípio de autoridade, a Polícia, muitas vezes, participa passivamente das invasões. Acompanha, como testemunha impassível, aparentemente sem objetivo, o desenrolar dos acontecimentos. Com isto serve, no entanto, aos

propósitos do Governo, fazendo sentir ao camponês outrora respeitador da lei e da autoridade, que pode seguir sem risco os agitadores, na desordem e no crime, sem temer a Força Policial considerada antes, por eles mesmos, garantidora da ordem pública".

Apesar da tentação dei o trecho todo sem grifos ou aspas, na sua pristina pureza. A Polícia de Pernambuco é hoje uma Polícia de verdade, uma Polícia de vigilância e não de repressão. Não baixa o pau, quando usineiro chama, e é isso que dá uma nostalgia de tango aos que contavam com a Polícia como um dócil leão-de-chácara. "Participa passivamente". "Testemunha impassível". Em novembro passado, essa Polícia impassível fez com que transcorresse na maior ordem a greve geral que paralisou totalmente, durante dois dias, toda a indústria canavieira de Pernambuco. E não houve atentados à propriedade, depredações ou mortes. Qualquer carnaval do Rio de Janeiro resulta em muito mais acidentes e tropelias do que foi o caso nessa reivindicação salarial de 200.000 mil homens que há pouco tempo mal sabiam o que era salário, quanto mais reivindicação. O curioso é que essa humanização da Polícia em relação aos camponeses acarreta também uma humanização da Polícia em relação a si mesma. Na Força Pública pernambucana todo mundo antigamente tinha cara daquele policial do filme *Vidas Secas*. É que eles eram homens saídos do próprio povo que perseguiam por profissão, o que lhes dava aquela cara turva dos que, obscuramente, sabem que estão fazendo mal a si mesmos. A melhor polícia do mundo, a Inglesa, se distingue pela "impassibilidade", por ser uma espécie de primeira instância da Justiça, por fazer, entre homens que brigam, um primeiro juízo. A ideia que a gente tem de Polícia no Brasil é que ela é feita para que se prescindia da justiça: se a Polícia baixar bem a borracha desaparece um dos contendores, uma das partes da futura causa, que assim deixa de ter qualquer sentido. A Assessoria Sindical do Governo Arraes às vezes torna desnecessária, isto sim, a diligência policial. Se a Polícia não é chamada para um caso aberto de conflito, seguem para o local, primeiro, os assessores sindicais, que vão ver que necessidade há de emprego policial de força. Frequentemente os assessores resolvem a questão antes de chegarem os policiais. (CALLADO, 2005, p. 32-33, grifo nosso)

O narrador-repórter declara que decidiu dar o texto do memorial das classes produtoras, "apesar da tentação", na íntegra. O que revela tal comentário? Evidentemente, há uma discordância ideológica com o discurso dos latifundiários. A descrição e os comentários sobre o comportamento passivo da polícia na greve que paralisou 200 mil camponeses é combinada com a narração sobre a humanização dos policiais (que fazia com que os policiais abandonassem a cara do policial do filme *Vidas Secas*¹⁷⁷). O discurso do narrador-repórter ainda traz a comparação com a polícia inglesa e a descrição sobre a atuação da assessoria sindical. Essas descrições e comparações operam como argumentos que o narrador-repórter encadeia para reforçar seu posicionalmente favorável à nova postura da polícia em Pernambuco. Nesse sentido, pode-se supor ser tentador não revelar o texto do memorial com o qual discorda, mas o narrador-repórter não o faz. Explicitar sua

¹⁷⁷ Baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos, o filme *Vidas Secas*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, foi lançado em 1963, mesmo ano da publicação da série de reportagens *Revolução-Piloto em Pernambuco*.

decisão de apresentar o documento na íntegra apresenta ao leitor-enunciatório como as operações jornalísticas não se fazem no vazio. Como explica Fausto Neto (2007), as decisões para o desenvolvimento do discurso se acoplam e estão subordinadas a complexas situações do aparelho da enunciação. Ao explicitar as decisões tomadas na construção da narrativa, o discurso do narrador-repórter possibilita que o leitor-enunciatório perceba o processo produtivo pelo qual passou a reportagem, fazendo com que ele se torne "co-sujeito" do ato discursivo. Estamos diante daquilo que Fausto Neto chama de "dimensão construcionista do discurso" (2007, p. 78).

As marcas autorreferenciais do narrador-repórter em *Tempo de Arraes* contrariam drasticamente o efeito de objetividade e podem ser associadas à dimensão construcionista. Na série de reportagens, o enunciatório encara o emaranhado de situações e decisões inseparáveis do processo de edificação do texto que se lê; está diante das próprias condições de sua produção como discurso.

Ao entrevistar Elizabeth Teixeira, na quinta reportagem da série¹⁷⁸, identificamos alguns momentos flagrantes da dimensão construcionista do discurso. Elizabeth, como vimos, é quem abre a série de reportagens com a frase "Quando o camponês é covarde e ainda tem medo do patrão a gente dá umas lapadas nele ou bota chocalho de boi no pescoço". A mulher com as maçãs do rosto salientes virou um símbolo do espírito de revolta dos camponeses do Nordeste depois que seu marido João Pedro Teixeira foi assassinado a mando de latifundiários. Pedro Teixeira e Elizabeth eram líderes da Liga de Sapé, que chegou a contar com mais de 10 mil afiliados. Pedro Teixeira incomodava muitos, seu sogro entre eles. A emboscada que terminou com seu assassinato, aos 44 anos, foi feita por dois policiais militares, no dia 2 de abril de 1962, mas organizada por um conluio de poderosos contra o camponês agitador. O vaqueiro do latifundiário Agnaldo Veloso Borges, indicado como o mandante direto do crime, também participou da armadilha. Agnaldo era o quinto suplente de um deputado estadual. Para evitar sua prisão, o deputado e mais quatro suplentes renunciaram no mesmo dia. Agnaldo assumiu a cadeira e não pôde ser preso. Os dois policiais, por sua vez, foram absolvidos por unanimidade no tribunal do júri¹⁷⁹. Pedro Teixeira deixou a mulher e nove filhos (o décimo, segundo

¹⁷⁸ No livro, o 4º capítulo, que é dedicado à história de Elizabeth, tem como nome: "A trágica história de Elizabeth Teixeira". A reportagem original tem como título o domínio dos latifundiários da região: "Os Ribeiro e os Lundgren dominam a Paraíba, onde a revolta já aparece" (28 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/VS1Eq7>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

¹⁷⁹ A morte de Pedro Teixeira e a retaliação ao movimento camponês são apresentados no documentário *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho. Segundo Ana Arruda foi a história registrada por Antonio Callado na reportagem da série *Tempo de Arraes* que fez com que Coutinho se interessasse por documentá-la (ARRUDA, 2013, p. 174). O filme,

informações da própria reportagem, teria ficado em Cuba, quando Elizabeth visitou o país com Francisco Julião).



Figura 65: Elizabeth Teixeira, já viúva, com seus nove filhos.
(Fonte: Documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1964/1984))¹⁸⁰.

O narrador-repórter debruça-se sobre esta história de forma a contar detalhes do contexto em que entrevistou os personagens. Vejamos, então, o trecho na íntegra para identificarmos a dimensão construcionista:

Quando estive na sua casa, nos arredores de Sapé, o lampião de querosene já estava aceso e sua luz salientava mais ainda os zigomas salientes de sua cara bem armada. Casada com João Pedro Teixeira em 1940, Elizabeth conta, quase como se contasse a história de uma outra pessoa, como o marido, perseguido durante vinte anos pelos

considerado "um dos mais instigantes e comoventes documentários brasileiros" (AUGUSTO, 1998, p. 143), começou a ser rodado em fevereiro de 1964, no Engenho Galileia, com os personagens reais interpretando a si mesmos. No mesmo ano, as filmagens foram abruptamente interrompidas pelo Golpe Militar. Os detalhes da interrupção: "No dia 31 de março de 1964, 40% do filme havia sido rodado. Naquela noite, três tomadas foram feitas. Na primeira, Elizabeth Teixeira serve café a três camponeses perseguidos, em seu casebre. Na segunda, ela espia pela janela a noite subitamente alvoroçada por ruídos estranhos. Na terceira anuncia: 'Tem gente lá fora'. Não haveria outras tomadas. O alerta de Elizabeth fora premonitório. Na manhã de 1º de abril todos tiveram de fugir, deixando para o pessoal de fora equipamentos e 10% do que havia sido filmado. O resto do negativo, felizmente, já se encontrava nos laboratórios da Líder, no Rio. Mário Rocha conseguiu salvar oito fotos de cena. Coutinho amargou quatro horas de cadeia, em Recife. Cinco técnicos, que por teimosia haviam ficado em Vitória de Santo Antão, foram presos. Vários camponeses, além de presos, foram torturados. Elizabeth escondeu-se em São Rafael, nos cafundós, do Rio Grande do Norte, onde passou a viver com nome de Marta Maria da Costa. Na diáspora perdeu contato com os filhos, menos um". (AUGUSTO, 1998, p. 145-146). As filmagens só voltariam a acontecer 17 anos depois, em 1981, com a abertura política que precedeu o fim da ditadura. Coutinho encontrou Elizabeth e contou o que se passou com a família destrocada. O filme, enfim, foi lançado em 1984.

¹⁸⁰ A imagem é um frame do documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1964/1984), captada em 1964, durante o primeiro período de gravações. O diretor Eduardo Coutinho usa a imagem como recurso para conduzir a narração da trajetória de cada um dos nove filhos do casal Elizabeth e Pedro Teixeira depois do Golpe Militar de 1964.

políticos dos Ribeiros e dos Borges, acabou assassinado pela união destes com o próprio sogro, pai de Elizabeth.

GERAÇÃO LIVRE

Com a natural classe de quem aceita uma tragédia pessoal em nome de um ideal de vida, Elizabeth só ataca o pai em termos tranquilos:

- Ele é pequeno proprietário e como os outros, pensa que vai ser latifundiário. Por isso é que não gostava de João Pedro, que era comunista.

Ou então:

- Depois que João Pedro morreu, papai me mandou recado pelo pãoseiro. Queria que a gente fosse amigo outra vez. Bastava que eu esquecesse o passado e deixasse o movimento camponês. Eu mandei dizer que não precisava dele para nada.

Durante mais de vinte anos, com exortações, ameaças e ciladas o pai de Elizabeth procurar decepar da família de pequeno proprietário aquela vergonha que era um comunista. A filha morarava, com o marido, em terra do pai, que queria guardar a filha, e mesmo os netos, mais livrar-se do genro. Quanto mais o velho se esforçava para puxá-lo de volta para os caminhos gentis da velha geração, mais Elizabeth aprendia a amar, através do marido e dos filhos, a revolução. A figura de João Pedro Teixeira foi crescendo tanto na Liga Camponesa de Sapé que já então o pai de Elizabeth podia unir o interesse familiar ao público: livrar-se do genro por meio da polícia. Começou a série de atentados à vida de João Pedro Teixeira. Mas Pedro driblava a polícia, desaparecia de casa, reapareceria agitando as massas em Sapé - e continuava tendo filhos de Elizabeth em terra do pai dela.

O pai resolveu, então, sair da ignorância para a organização. Pegou da terra que coubera à filha e vendeu-a ao Vereador Antônio Vitor. Tratava-se, agora, de expulsar à força João Pedro Teixeira de terra que não era dele. Os Ribeiros, o fazendeiro Agnaldo Veloso Borges, todos os grandes da Paraíba tinham agora os meios legítimos de pelo menos deixar ao léu o líder incômodo, sua Elizabeth e a filharada.

Com seu instinto de mártires e de provocadores numa sociedade que só se modifica "na marra", Pedro e Elizabeth não saíram da casa. E a última emboscada armada contra Pedro foi uma chacina em grande estilo. Elizabeth conta, como se falasse do caso do vizinho.

- A reunião em que combinaram a morte de João Pedro foi na casa de meu pai.

Morto João Pedro, Elizabeth continuou em casa. Em paz. O pai queria ver se agora recuperava a filha para a respeitabilidade de uma vida de viúva. Nada. **No rastro da grande violência da morte de Pedro Teixeira um último assassino quis matar o menino Paulo, de 13 anos, seu filho, o que tem a cicatriz e que, criado naquela casa de paixão e coragem, foi quem me acompanhou à noite pela longa picada no mato, até a estrada onde ficara o jipe.**

O pai tem mandado outros recados pelo pãoseiro. Mas não falou mais em expulsar a filha revolucionária, com suas duas alianças no dedo.

Quando perguntei a Elizabeth, meio tolamente, o que pretendia fazer no dia seguinte, como se não estivesse tudo muito claro, já que sua vida só dá mesmo o

trabalho de ser vivida, como toda vida dedicada a algo externo ao simples existir, ela respondeu:

- Amanhã vou a Tapororoca, perto de Mamanguape. Uma vergonha expulsarem aqueles posseiros. Vamos fazer uma demonstração das grandes. (CALLADO, 2005, p. 60-62, grifos nossos)

Os elementos descritivos da presença do repórter no texto, para além de promoverem plasticidade ao texto, sugerem informações sobre Elizabeth, sua família, sobre a perseguição sofrida por eles e também sobre o repórter. A referência à luz do lampião aceso informa que a visita do jornalista aconteceu à noite; o encontro noturno poderia ter sido priorizado para garantir maior descrição sobre o interesse do repórter em contar a história do assassinato. Com a mesma intencionalidade está a informação sobre o jipe ter sido estacionado longe da casa, depois da "longa picada no mato"; novamente um possível indicativo da precaução sobre o registro da presença do jornalista na casa da comunista. A noção sobre o cenário em que se deu a produção da reportagem é, assim, apresentada ao leitor. A dimensão construtivista se faz presente.

Tal ato discursivo, que abarca o leitor-enunciário em seu movimento interno, ganha ainda maior fôlego quando o narrador-repórter conta que fez a pergunta, "meio tolamente", sobre a programação de Elizabeth para o dia seguinte ("como se não estivesse tudo muito claro, já que sua vida só dá mesmo o trabalho de ser vivida, como toda vida dedicada a algo externo ao simples existir"). O narrador-repórter assume que um jornalista pode fazer perguntas tolas. No entanto, descrever seu desliz ganha finalidade na narrativa: sintetizar a personagem. A resposta dada por Elizabeth à pergunta "tola" do repórter não deixa dúvidas que a mulher era "sinônimo de luta".

Um último comentário analítico sobre o trecho transcrito pode ser possibilitado pela noção construtivista da ação discursiva. A narração sobre o encontro com Elizabeth Teixeira reforça que *Tempo de Arraes* é uma narrativa jornalística de Antonio Callado sobre sua busca de possibilidades de emancipação social para o país. Na reportagem, o narrador-repórter chega à família depois de caminhar por uma longa picada no mato. Ao ir embora, é acompanhado na caminhada pelo menino de 13 anos que sobreviveu a uma emboscada e carrega a cicatriz no rosto como "prova". Metáfora dessa busca, o caminho está presente, de maneira direta ou indireta, pela série de reportagens. O repórter narra seu périplo, sua aventura e o encontro com os personagens que o ajudam a "entender" o mundo que tem como horizonte a utopia social. Não à toa, o fechamento da série de reportagens dá respostas compatíveis com tal horizonte. Vejamos, enfim, como se dá o fechamento

dessa trajetória do narrador com as consequentes respostas das perguntas levantadas por ele. E, de forma a compreender tal caminho investigativo e suas conclusões, coloquemos um olhar que sintetize o trajeto argumentativo traçado na reportagem sobre a revolução-piloto em Pernambuco.

3.4.6. No fim do caminho, o país possível em Pernambuco

Até aqui vimos como, na configuração discursiva, o ato de reportar em *Tempo de Arraes* é narrado - espécie de metajornalismo desvelado como ato de inquirir, investigar - e vislumbra um horizonte político e social, a utopia possível. No final da análise sobre a série de reportagens, em movimento de síntese, é chegado o momento de perceber como a produção de Antonio Callado sobre o cenário em Pernambuco configura o movimento anunciado pelo narrador-repórter na primeira das reportagens: demonstrar como ele teria se convencido de que a luta dos camponeses por justiça social, apoiada pelo governo do estado, apresenta-se como um modelo para o país. Ao mostrar a trajetória em que se deu seu convencimento, o narrador-repórter também convenceria o leitor-enunciatário sobre sua tese. Suas reportagens não deixam de ser um chamamento sobre a necessidade de uma revolução como a estabelecida em Pernambuco se espalhar por todo território nacional. O narrador-repórter parece dizer: "Caro leitor, veja o que eu vi: este é o país possível. Precisamos repetir essa revolução em todo o Brasil".

Os recursos discursivos do texto filiam-se a esse caminho de persuasão da narrativa. Em nenhum momento, o narrador-repórter nega suas dúvidas e inquietações. Pelo contrário, a assunção da subjetividade está a favor da própria atitude combativa e militante, ideologicamente comprometida. O leitor está diante de um discurso em que preceitos do jornalismo que se pode classificar como *hard news*, como isenção, neutralidade e objetividade, são suplantados por um modo de narrar que assume a subjetividade do repórter em explícito consórcio com as fontes jornalísticas. A questão da objetividade não chega a ser problematizada; não constitui sequer um ditame a ser paulatinamente enfrentado no percurso narrativo, pois a subjetividade é assumida desde o início com a presença da voz na chamada primeira pessoa que situa o narrador-repórter no tempo-espaco em que transcorrem as ações.

Tal efeito de subjetividade discursiva está consorciada à forma de expressão como artefato verbal. Trechos marcadamente conotativos, nos quais a literariedade se faz presente, contribuem para a plurissignificações e, de forma lúdica, sublinham relatos e

interpretações. Da mesma forma, os diálogos contribuem para a condução da narrativa jornalística que, tal qual um romance, estabelece-se de maneira fluída.

Dentre os elementos discursivos, a autorreferencialidade ganha força na medida em que os procedimentos jornalísticos são narrados. O ato de contar os protocolos jornalísticos da investigação reforça a atitude declarada de não-isenção de forma a fazer com que o narrador-repórter deixe às vistas sua identidade de jornalista que está empenhado na busca de um novo Brasil (tal qual faz Nando, o personagem do romance *Quarup* de 1967). O caráter metanarrativo, assim, não é exercício estéril. Ao contrário, é recurso da causa militante que, muitas vezes, ganha caráter explicitamente denunciativo.

Sobre tal aspecto, em tempo, é válido trazer um trecho da série de reportagens em que o narrador-repórter menciona uma notícia anteriormente enviada por ele quando ainda estava em Pernambuco no seu processo de investigação. O título da reportagem é "Polícia prende armas, mas o Exército as devolve ao engenho"¹⁸¹ e a menção ao seu texto anterior está logo no começo da narrativa:

Quando mandei informar, em telegrama enviado de Recife, que na casa grande do Engenho Caxangá, propriedade de Julião Maranhão Filho, a Polícia havia encontrado armas privativas das Forças Armadas, o IV Exército distribuiu uma nota nos jornais pernambucanos. As armas eram antigas, provavelmente dos tempos da Coluna Prestes, à exceção da metralhadora, alemã, modelo da última guerra, sem dúvida adquirida pelo Sr. Maranhão a algum membro da Força Expedicionária Brasileira. Tratava-se, assim, de pobres fuzis históricos e de uma metralhadora-souvenir. O IV Exército recebera de volta, encaminhadas pela Secretaria de Segurança do Governo Arraes, as armas, e, pela pouca importância que às mesmas dava, evidenciava na nota em resposta ao telegrama, provavelmente as restituiu ao senhor de engenho Maranhão Filho, caso precise ele defender-se de camponeses que lhe venham reivindicar algum salário atrasado.

Essa arrogante irresponsabilidade das Forças Armadas, que pairam sobre o Brasil do alto de seu Olimpo, tranquilas na ciência de que o verdadeiro Presidente da República é o Ministro da Guerra, me fizeram ver com maior simpatia alguns padres da Igreja verdadeiramente ativos entre os camponeses de Pernambuco. (CALLADO, 2005, p. 49-50, grifos nossos)

A notícia a que Callado se refere foi publicada anteriormente, no dia 7 de dezembro de 1963¹⁸², mais de 15 dias antes da primeira reportagem da série. Ou seja, o repórter ainda estava no processo de apuração em Pernambuco. Vejamos o título seguido de seu conteúdo:

¹⁸¹"Polícia apreende armas, mas o Exército as devolve a engenho" (25 dez. 1963). Disponível em: <<https://goo.gl/sUhSBQ>>. Acesso em: 10 jul. 2018. No livro *Tempo de Arraes* (2005) essa reportagem corresponde ao terceiro capítulo, "Sagrado Coração de Caxias".

¹⁸² A notícia, que não faz parte da série, também foi publicada no *Jornal do Brasil*. "Usineiro de Pernambuco está comprando armas de qualquer procedência". Disponível em: <<https://goo.gl/WdkLfU>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Usineiro de Pernambuco está comprando armas de qualquer procedência

Recife (De Antonio Callado, enviado especial do JB) - **Pede-me Francisco Falcão**, Presidente da Associação dos Fornecedores de Cana e do Sindicato dos Empregadores da Lavoura Canavieira, que ponha o seguinte anúncio no jornal: "Compro metralhadoras e outras armas de guerra a qualquer contrabandista que me procure aqui na Santo Amaro Indústria e Comércio ou na Cooperativa dos Usineiros".

Francisco Falcão, que já foi Deputado pela UDN, pediu a inserção do anúncio que agora **é publicado gratuitamente** quando lhe perguntei se sabia de armas do IV Exército encontradas na Casa Grande do Engenho Caxangá, de propriedade de Júlio Maranhão Filho, no dia 3 de agosto passado.

HISTÓRIA

Essas armas, uma metralhadora e dois mosquetões, foram devidamente encaminhadas de volta ao IV Exército pela Secretaria de Segurança do Estado, mas as autoridades militares não explicaram como as mesmas se haviam desencaminhado até o Engenho Caxangá.

Seria normal investigar que relação tem isso com o fato de que é genro de Julião Maranhão Filho o Tenente Pedro Luis Buarte, mas até agora o IV Exército se limitou a recolher as armas transviadas.

Foi quando expus esses fatos a Falcão que ele declarou não conhecê-los, mas que pessoalmente aceitaria as armas de qualquer procedência ou pagaria pelas que lhe fossem oferecidas. Prefere metralhadoras ou "o fuzilzinho Ponto 30 que americanos usavam em Guadalcanal".

Falcão reflete o pessimismo da ala extremada de proprietários da zona canavieira, que se encontram em estado de choque diante do fato novo que surgiu em Pernambuco, em 1959, no Engenho Galileia: os camponeses antes mudos, fazem voz cada vez mais alta de suas reivindicações. (CALLADO, 1963, 7 de dez. p. 3)

Percebe-se, sobretudo, um trabalho denunciativo que se fortalece com a autorreferencialidade. Na reportagem da série, a menção ao informe que o narrador-repórter passou ao *Jornal do Brasil* desencadeia a informação sobre a nota do IV Exército justificando o paradeiro das armas e a provável - e absurda - decisão de devolvê-las ao senhor de engenho. Por sua vez, na notícia anterior, ao dizer que o presidente da associação dos latifundiários pede ao repórter que ele faça um anúncio sobre seu interesse na compra de armas de contrabandistas, o narrador-repórter faz a denúncia sobre o "atrevimento" do fazendeiro. A autorreferencialidade, mais uma vez, está a serviço da trajetória argumentativa feita pelo narrador-repórter.

A reportagem da série é exemplar para flagrar como o narrador-repórter faz seus comentários e suas interferências opinativas. Retomando novamente Barthes (2008) - quanto a sua afirmação sobre tudo na narrativa, em degraus, ter significado -, atentarmos

para o encadeamento das informações é fundamental para a perspectiva analítica. A menção à denúncia feita dias antes, a nota do IV Exército aos jornais sobre o histórico das armas, a devolução à Secretaria de Segurança e, possivelmente, o retorno ao senhor de engenho vão culminar na opinião do narrador-repórter sobre os militares: "Essa arrogante irresponsabilidade das Forças Armadas, que pairam sobre o Brasil do alto de seu Olimpo, tranquilas na ciência de que o verdadeiro Presidente da República é o Ministro da Guerra".

Às vésperas do Golpe Militar, instituído em 1º de abril 1964, que conduziu o General Castello Branco à cadeira da presidência, mais do que um comentário premonitório sobre os anos obscuros que se aproximavam, a opinião do narrador-repórter figura como uma interpretação atenta ao cenário político nacional. Faltava a João Goulart habilidade de convencimento enquanto os militares estavam à espreita. Em abril de 1963, ano das reportagens de *Tempo de Arraes*, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido de Jango, levou ao plenário Legislativo uma proposta de emenda constitucional para a reforma agrária. Seis meses depois, em votação, a proposta foi derrotada. A derrota mostrou uma equivocada avaliação das forças em jogo pelo governo (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 442). O comentário sobre os militares parece revelar um narrador-repórter atento a tal contexto. É válido lembrar que apenas um ano depois da tentativa de colocar a reforma agrária na Constituição, e poucos meses depois da publicação das reportagens de Callado sobre a revolução piloto pernambucana, a ditadura militar, apoiada pela elite econômica, estava violentamente instaurada no Brasil.

Os recursos discursivos articulados pelo narrador-repórter estão a serviço, portanto, dessa argumentação que, encadeada, possibilita interpretações e - por que não dizer? - acusações fundamentadas. Tal qual acontece na primeira parte da série de reportagens *Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco* (1960), se olharmos a condução da narrativa da série *Tempo de Arraes* em toda sua extensão, a partir de uma perspectiva macro, veremos que essa estratégia persuasiva está na escolha temática da sequência das reportagens. De forma a contribuir com esse olhar geral, vejamos o índice dos capítulos no livro *Tempo de Arraes*, sem esquecer que cada capítulo corresponde a uma reportagem publicada originalmente na série¹⁸³.

1. Aspecto Geral da Revolução Pernambucana

¹⁸³ Com exceção do capítulo "O Diálogo com os Analfabetos". No *Jornal do Brasil*, a reportagem que corresponde a esse capítulo foi originalmente publicada no caderno de cultura do periódico, o Caderno B, com o título "Da grande mentira às primeiras sílabas da verdade". A reportagem aparece como produção autônoma, sem indicação de ser uma parte da série.

2. Paz na Galileia e Inferno em Serra
3. O Sagrado Coração de Caxias
4. Julião contra Igreja, Goulart e PC
5. História Trágica de Elizabeth Teixeira
6. Fábula da Igreja e do Partido Comunista
7. O Brasil com Vergonha de Fazer História
8. O Partido Político das Forças Armadas.
9. O Estado mais Democrático da Federação
10. A Sudene Cria Vida e Instinto
11. O Diálogo com os Analfabetos
12. Cooperativa de Tiriri ou Revolução sem Violência¹⁸⁴.

A reportagem introdutória apresenta o panorama da revolução e objetivo geral da série (nessa reportagem, está presente a frase: "Pretendo, nesta série de reportagens que aqui se inicia, mostrar como me convenci de que Pernambuco saiu de um marasmo de quatrocentos anos para uma marcha redentora"). Como vimos na análise da série anterior, teríamos aí o exórdio, a primeira instância do mecanismo dos textos persuasivos indicada por Aristóteles. Já na segunda reportagem, iniciam-se as próximas instâncias de tal mecanismo; a narração e as provas. Os Engenhos Galileia e Serra são colocados em contraposição para que seja mostrado o "estado das coisas" em Pernambuco. A menção sobre a atuação obscura dos militares e, na contramão, sobre as intenções dos trabalhos dos padres que atuam nos sindicatos, pauta a terceira reportagem. Os perfis sobre as figuras de Francisco Julião e de Elizabeth Teixeira seguem a série que, nesse momento, ainda compõem o cenário e os principais personagens do contexto revolucionário. Os três capítulos seguintes são essencialmente analíticos. As histórias e relatos neles presentes estão a serviço dessa análise que, se também existe em as outras reportagens da série, encontra nessa tríade de textos ainda maior evidência. Por fim, as reportagens demonstram as principais estratégias para o sucesso da revolução: o apoio estrutural ao governo de

¹⁸⁴ Respectivamente os nomes das reportagens publicadas originalmente são:

1. "Revolução-piloto em Pernambuco" (link: <<https://goo.gl/T7shjC>>);
2. "Engenho Galileia é mostra de paz no inferno do latifúndio" (link: <<https://goo.gl/LQGVXC>>);
3. "Polícia apreende armas, mas o Exército as devolve a engenho" (link: <https://goo.gl/sUhSBQ>);
4. "Contra Igreja, Goulart e o PC, Julião ainda é líder no campo" (link: <<https://goo.gl/qSYGSI>>).
5. "Os Ribeiro e os Lundgren dominam a Paraíba, onde a revolta já aparece" (link: <<https://goo.gl/VS1Eq7>>);
6. "Igreja e Partido Comunista estão juntos doutrinando os camponeses". (link: <<https://goo.gl/Qp2ptg>>).
7. "Brasil não tem História e Presidente da República última golpe no Palácio" (sic). (link: <<https://goo.gl/8jGgpe>>). Aparece como a indicação que essa seria parte final).
8. "Exército em Recife vigia Arraes e ostenta política das Forças Armadas". (link: <<https://goo.gl/dZrUo4>>).
9. "Governo Arraes corre todos os riscos para ser o mais democrático do país". (link: <<https://goo.gl/q2TGow>>).
10. Sudene é estrutura técnica em nove Estados e dá instinto ao Nordeste. (link: <<https://goo.gl/6PrK6i>>);
11. "Da grande mentira às primeiras sílabas da verdade". (link: <<https://goo.gl/gUKEuv>>). Aparece no Caderno B e sem indicação de que é continuação da série de reportagens. No periódico, é a última reportagem da série.
12. "Cooperativa de Tiriri mostra que há solução sem violência para o Nordeste". <link: <https://goo.gl/fkjoSD>>. É indicada como penúltima reportagem da série.

Miguel Arraes, a Sudene e o cuidado na alfabetização social dos camponeses, graças ao trabalho de Paulo Freire. De caráter conclusivo, a última reportagem traz o exemplo da cooperativa, na qual todos esses elementos que fazem de Pernambuco "o estado mais democrático da Federação" se reúnem. Para citarmos o mecanismo apontado por Aristóteles, essa instância seria a peroração, a conclusão de um texto persuasivo.

A perspectiva geral da série *Tempo de Arraes* permite dizer, portanto, que na escolha da sequência temática das reportagens, numa articulação persuasiva macro, há o registro de um método detalhado da revolução-piloto em Pernambuco que poderia ser reproduzido em outros estados do país. O encadeamento de argumentos é respaldado pelas estratégias discursivas que se repetem em maior ou menor grau em todas as reportagens: subjetividade declarada, trabalho com a expressividade e autorreferencialidade, na qual também está presente a metanarrativa jornalística.

Em *Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores* (1968), próxima série de reportagens colocada em análise, essas estratégias discursivas também estão presentes. Mais presente ainda é a ação discursiva do narrador-repórter em apresentar ao leitor-enunciário um modelo de revolução. De tal forma que, como veremos, o modo de narrar e de proceder o discurso são, se não os mesmos - naturalmente são escritos em contextos distintos -, muito próximos. Não é arriscado dizer que *Tempo de Arraes* anuncia *Vietnã do Norte*. A série de reportagens sobre o contexto da resistência dos vietcongues ao poderio militar norte-americano também representaria um respiro para o ideal da revolução sufocado pela ditadura.

3.5. O jornalismo da busca em *Vietnã do Norte*

Divida em cinco reportagens, a série "Vietnã do Norte: o outro lado da guerra" foi publicada entre 18 e 24 de outubro de 1968¹⁸⁵. Na última das reportagens, o narrador-repórter dedica-se a contar sobre "A arte de chegar em Hanói"¹⁸⁶. Mais do que a possível curiosidade do leitor-enunciário sobre odisseia travada por Callado para conseguir o visto para visitar o Vietnã do Norte, a justificativa sobre o testemunho do narrador-repórter

¹⁸⁵ As reportagens foram publicadas na seguinte sequência: 1- "Hanói ou heroísmo como rotina" (19 out. 1968). Disponível em: página 1 < <https://goo.gl/t7812e> >; página 2: < <https://goo.gl/GoyrCZ> >. 2- "Um piloto americano e uma heroína do Vietnã" (20 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/1fRV8b>>. 3- "A revolução sem expurgos" (22 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/xmQUKM>>. 4- "Espigas de Arroz e Socialismo Nacionalista" (23 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. 5- "Da arte de chegar em Hanói" (24 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/sNKEmi>>. Acesso em 12 de jul. 2018.

¹⁸⁶ "Da arte de chegar em Hanói" (24 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/sNKEmi>>. Acesso em 12 de jul. 2018.

quanto as suas dificuldades em acessar o território conduzido por Ho Chi Minh recai, possivelmente, sobre o efeito de sentido pretendido pela série como um todo. A resistência dos norte-vietnamitas precisava ser estudada. Custasse o que custou ao Antonio Callado, a espera de 10 meses de negociações diplomáticas tinha razão de ser. A resistência do Vietnã do Norte valia a pena ser conhecida.

Se a censura da ditadura só permitia que tal mensagem fosse passada pelo narrador-repórter nas entrelinhas da série de reportagens publicada no *Jornal do Brasil*, no capítulo inédito que finaliza o livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969) o enunciador não deixa dúvidas sobre o objetivo geral de suas reportagens sobre a resistência norte-vietnamita: "Ho [Chi Minh] é a vontade de liberdade de um povo feito homem. E o recado que dá ao mundo, com sua vida vivida em escala nacional, é de que qualquer povo pode enfrentar e vencer não importa que grande potência." (CALLADO, 1969, p. 105). E mais adiante afirma que Ho Chi Minh dá um "luminoso exemplo" às nações da África e da América Latina sobre os meios para resistir.

Qual seria então esse exemplo que países como o Brasil, que padeciam com ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos, deveriam conhecer? É o que o narrador-repórter persegue na sua trajetória investigativa pelo Vietnã do Norte. Nessa busca, as marcas da instância enunciativa são fundamentais para a condução da narrativa. Em movimento autorreferencial, o narrador-repórter explicita como vai recolhendo dicas a partir do contato com os personagens para o encontro com sua resposta. A assunção da subjetividade do narrador-repórter colabora para a formação do quadro que explica a mobilização nacional na luta contra os ianques. Por sua vez, o trabalho com a linguagem - a literariedade, enfim - reforça o efeito interpretativo que o narrador-repórter pretende mostrar.

O narrador-repórter chama o primeiro dos cinco textos da série¹⁸⁷ de "reportagem-resumo". De fato, ela não apenas sintetiza os temas que serão trazidos por outras reportagens como também apresenta o comportamento discursivo articulado pelo narrador-repórter. Já no primeiro parágrafo, o narrador-repórter mostra que a narrativa será contada a partir do seu testemunho narrado em primeira pessoa. Vejamos.

Como conseguiram os vietnamitas derrotar completamente uma grande potência da Europa Ocidental, a França, em 1954, e como conseguiram levar os americanos à mesa de conferência, em Paris, em 1968? **Foi o que procurei descobrir no Vietnã, como repórter profissional**, falando a todo o mundo, perguntando diretamente aos

¹⁸⁷ "Hanói ou heroísmo como rotina" (19 out. 1968). Disponível em: página 1 <<https://goo.gl/t7812e>>; página 2: <<https://goo.gl/GoyrCZ>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

dirigentes de Hanói, a heróis de guerra, questionando indiretamente o povo, camponeses em arrozais e roças de mandioca, pilotos americanos no cárcere. **Ouvi** o troar do incessante bombardeio americano perto do Paralelo 17, **presenciei** cenas severas, doces, divertidas. (CALLADO, 2005, p. 127, grifos nossos)

O "eu" não é apenas ocultado como está a serviço do efeito de persuasão. Pelo trecho ficamos sabendo que Antonio Callado, o já então consagrado autor de *Quarup* (1967), vai ao Vietnã do Norte como "repórter profissional". Ao definir-se em tal categoria, o narrador-repórter do texto apresenta ao leitor-enunciatário qual foi sua postura no território do conflito; como jornalista, adotou os procedimentos comuns à profissão. A apuração e o confrontar de versões são reforçados já no princípio como os protocolos de investigação adotados para a compreensão do conflito.

O enunciador, portanto, reforça que foi conduzido pela noção que está presente já na etimologia e da palavra *journaliste*¹⁸⁸. Composição das palavras francesas *jour* (dia) e *anlyste* (analista), a palavra designa o profissional que, a partir do levantamento das informações, faz sua análise do contemporâneo em que está imerso. Mas, ao contrário do jornalismo clássico que escamoteia a presença da primeira pessoa, o narrador-repórter deixa-a, mais uma vez, evidente de forma a trazer legitimidade para o efeito persuasivo pretendido. Ao dizer sobre seu contato com a terra e com a gente norte-vietnamita, o narrador-repórter parece dizer que percorreu todos os caminhos que estavam ao seu alcance para dar as explicações sobre aquilo que chama de "fenômeno vietnamita".

Antes de verificarmos pontualmente as estratégias discursivas que o narrador-repórter utiliza na sua série de reportagens, vejamos o caminho que ele percorre para recolher as pistas e apresentar sua análise. A seguir, estão situações e personagens que apresentam indícios para a formação de um quadro que explique a resistência no Vietnã do Norte. Em outras palavras, experiências do narrador-repórter que fornecem peças de um quebra-cabeça que o enunciador vai montar sem deixar de mostrar ao leitor-enunciatário como se dará o processo de junção das peças:

1. Conversa com uma veterana em derrubar aviões (tentativa de entender o heroísmo do povo vietnamita);
2. Encontro com as autoridades vietnamitas (explicação oficial sobre a resistência);

¹⁸⁸ O termo "*journaliste*" teria surgido no início do século XVII. Precisamente, no periódico semanal *Journal Trévoux*. (PALMER, 1994, p. 108).

3. Diálogo com um administrador local de Hoá Bing (a compreensão sobre o trabalho na produção de alimentos);
4. Conversa com a presidenta do Comitê Administrativo de Sam-Son (entendimento sobre o papel da mulher no Vietnã do Norte);
5. Visita a oficina mecânica (descoberta sobre o homem vietnamita trinitário: um produtor de alimentos, um professor e um guerreiro);
6. O encontro com a mulher vítima do napalm (apresentação dos horrores da guerra e introdução a explicação sobre perfil dos combatentes norte-americanos);
7. Relato sobre a experiência com a pintura, a música e o teatro norte-vietnamitas (compreensão sobre o entendimento do conflito por meio da cultura);
8. Conversa com as jovens e com os velhos nas trincheiras, no meio das plantações, montadas para derrubar aviões (entendimento sobre a valorização das diferentes gerações no país e novamente do homem trinitário estimulado por Ho Chi Minh);
9. Entrevista com o Ministro da Educação (compreensão sobre o movimento educacional que, em um ano, conseguiu erradicar a analfabetismo de 90% da população);
10. Conversa com documentarista russo (o juntar das peças do quebra-cabeça para explicar o "Milagre Vietnamita", tal qual sugere o intertítulo);

Todas essas situações e personagens aparecem na "reportagem-resumo" e são retomadas nas demais reportagens. Fixemo-nos, então, nessa primeira reportagem para compreender como as estratégias discursivas vão sendo articuladas para apresentar as explicações sobre a resistência do Vietnã do Norte e sobre como ela poderia ser um modelo a ser seguido pelos países sufocados por ditaduras.

3.5.1. Alternância de focalização para a alteridade possível

A primeira personagem a aparecer na série de reportagens é Nguyen Thi Hang, jovem vietcongue de 24 anos, que se especializou em derrubar avião e prender pilotos norte-americanos. O relato da miliciana é o primeiro indício que vai explicar o envolvimento do povo norte-vietnamita com a resistência. De forma a introduzi-la na reportagem, o narrador-repórter faz a seguinte descrição: "Numa aldeia a Oeste de Hanói, em plena floresta, houve um momento de horror que saltou em cima de mim como um tigre." (CALLADO, 2005, p. 127). Tal como um animal assustador é a história que a miliciana

vai apresentar ao repórter. Na sequência, há uma combinação de focalizações realizada pelo enunciador de forma a fazer com que a descrição do relato da miliciano possa se tornar potencialmente empática para o leitor-enunciatário. Em outras palavras: a articulação do foco narrativo poderia facilitar a possível capacidade do leitor-enunciatário de se identificar com a realidade vivida pela personagem.

Antes de analisarmos o trecho, de forma a compreendê-lo, façamos uma breve retomada do conceito de focalização a partir de Genette (1995). Conforme o próprio nome sugere, "focalização" tem a ver com foco, modo de olhar. Dizemos, então, que foco narrativo é aquele que responde a pergunta "quem vê?". Genette (1995, p. 187) propõe as três tipologias:

1. Não-focalização: o narrador é onisciente e sabe mais do que o personagem;
2. Focalização interna: o narrador diz apenas aquilo que certa personagem sabe (aqui a perspectiva emana de dentro de um personagem);
3. Focalização externa: na qual o narrador tem uma visão externa dos personagens e do que testemunha. Tal como uma câmera, essa focalização permite o narrador saber somente o que é possível observar de um certo lugar (a perspectiva do narrador circula por fora dos personagens).

Ao considerar tais categorias nas reportagens, Cecilia Aare (2016), no seu texto "Uma abordagem narratológica para o Jornalismo Literário: como a interação entre Voz e Focalização podem criar Empatia com o Outro" (2016) explica de que forma as três formas de focalização podem ser combinadas nos textos. A teórica, que utiliza base narratológica, afirma que reportagens que apresentam tal combinação conseguem ampliar a possibilidade do leitor alcançar a alteridade sobre o que está sendo narrado. Isso porque cada uma das focalizações traz contribuições importantes para a compreensão do que está sendo narrado. Para Aare, a empatia pode aumentar especialmente com o uso da focalização interna de um personagem. As subjetividades dos personagens, do narrador e do próprio autor (ou diretor, como Aare prefere designar aquele que conduz a interação entre tais instâncias) são desveladas e o leitor, por meio de um efeito discursivo, pode ampliar seu envolvimento com o que está sendo narrado (AARE, 2016, p. 135).

Vejamos, então, como se dá essa articulação das focalizações pelo narrador-repórter no começo da primeira reportagem sobre Vietnã do Norte:

Numa aldeia a Oeste de Hanói, em plena floresta, houve um momento de horror que saltou em cima de mim como um tigre.

No mundo inteiro, para explicar o fenômeno vietnamita, fala-se geralmente em "heroísmo". E daí? É fácil ser herói um dia, talvez um ano, digamos. Mas como se estrutura de forma durável o heroísmo?

Na província de Thanh Hoa, a 150 quilômetros ao Sul de Hanói, falei de heroísmo diretamente com uma dona do assunto, a jovem Nguyen Thi Hang, 24 anos, veterana em derrubar avião e prender piloto. Perguntei-lhe se não tivera medo no seu primeiro combate quando tinha 20 anos de idade. Thi Hang se lembrava bem da data de 3 de abril de 1965. E da hora: 2 da tarde. E dos velocíssimos B-52 vindos de todas as direções convergindo sobre a ponto de Ham Rong (Mandíbula de Dragão) no Song Ma (Rio do Cavalo). Lembrava-se da tensão de esquecer a presença das outras milicianas ao lado. Mas o que tinha sentido? Me pediu um momento para pensar. Um momento. Não se lembrava. **Ouve o ruído ensurdecador dos jatos passando por cima das baterias das bombas.** Nguyen Thi Hang se lembrava de que, passada a primeira vaga do ataque, a ponte continuava intacta, mas a aldeia mais próxima, sua aldeia, ardia em chamas. Então pensou nas crianças e nos velhos da aldeia, no arroz da sua cooperativa. Disto se lembrava. E, a seguir, da determinação, do ódio com que esperou que chegasse à sua alça de mira o próximo avião americano. (CALLADO, 2005, p. 127, grifo nosso)

De forma geral, o fragmento traz um narrador homodiegético com focalização externa dos personagens. Mas, de forma repentina, temos uma mudança de focalização. A partir da frase iniciada com o "Ouve o ruído ensurdecador dos jatos [...]", a narrativa ganha a perspectiva de Nguyen Thi Hang e o narrado passa a ter focalização interna. Usando o discurso indireto livre, o enunciador decide mostrar o horror da cidade bombardeada por meio das memórias da vietnamita que são desencadeadas pelo barulho dos jatos sobre ela.

Segundo Castelar Carvalho (2004), que faz um estudo sobre a manipulação do recurso em *Vidas Secas* (1955), o discurso indireto livre é uma espécie de expediente híbrido dos discursos. Nele, o narrador, ao invés de reproduzir exatamente as palavras do personagem (discurso direto) ou de informar o leitor o que tal personagem teria dito (discurso indireto), aproxima-se da personagem e se confunde com ela. Ao ler um trecho com o discurso indireto livre a impressão é de que ambos, narrador e personagem, falam em uníssono. Tal qual no trecho acima, torna-se difícil separar o que é o discurso do narrador e o que a fala do personagem. Carvalho (2004) afirma que é uma das formas mais expressivas e íntimas que o narrador pode eleger para apresentar as reações e os estados e espírito da personagem. As memórias e percepções de um personagem, quando habilmente manipuladas pelo narrador, conferem maior expressividade à tessitura da narrativa.

Considerando a utilização do discurso indireto livre, ao utilizar a troca de focalização do narrador para contar os motivos da jovem vietcongue derrubar aviões, o

narrador-repórter cria um efeito de sentido que pode levar o leitor-enunciatário a criar empatia pela personagem. De todo modo, a descrição sobre o contato com a jovem miliciana apresenta-se na reportagem para mostrar como a guerra faz parte do cotidiano dos norte-vietnamitas e também para começar a indicar a participação das mulheres em todas as linhas de frente na organização do país. Na segunda reportagem "Um piloto americano e uma heroína do Vietnã"¹⁸⁹, Nguyen Thi Hang volta à narrativa e sua história é contada em mais detalhes:

Entrevistei, em Thanh Hoá, esta jovem heroína que mencionei na primeira reportagem. Assim como lhe perguntei se sentira medo, por ocasião do primeiro combate contra aviões americanos, perguntei-lhe quando se engajara na guerra. **Uma pergunta inútil. No Vietnã é a guerra que se engaja nas pessoas.** (CALLADO, 2005, p. 156-157, grifo nosso)

A autocrítica feita pelo narrador-repórter sobre sua pergunta faz com que o enunciatário da série de reportagens possa ser classificado dentro de outra categoria de Aare: narrador em primeira pessoa dissonante (AARE, 2016, p. 114). "Dissonante" porque o narrador contesta e analisa o comportamento do repórter no palco dos acontecimentos. Segundo Aare, narrativas que trazem esse tipo de narrador tornam-se complexas e possibilitam que as interpretações sejam ampliadas. As figuras a seguir, adaptadas das ilustrações da autora, mostram a diferença entre o narrador em primeira pessoa consonante e o narrador em primeira pessoa dissonante. De forma a analisar o comentário feito pelo narrador-repórter no último trecho, vejamos as figuras.

¹⁸⁹ "Um piloto americano e uma heroína do Vietnã" (20 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/1fRV8b>> Acesso em: 12 jul. 2018.

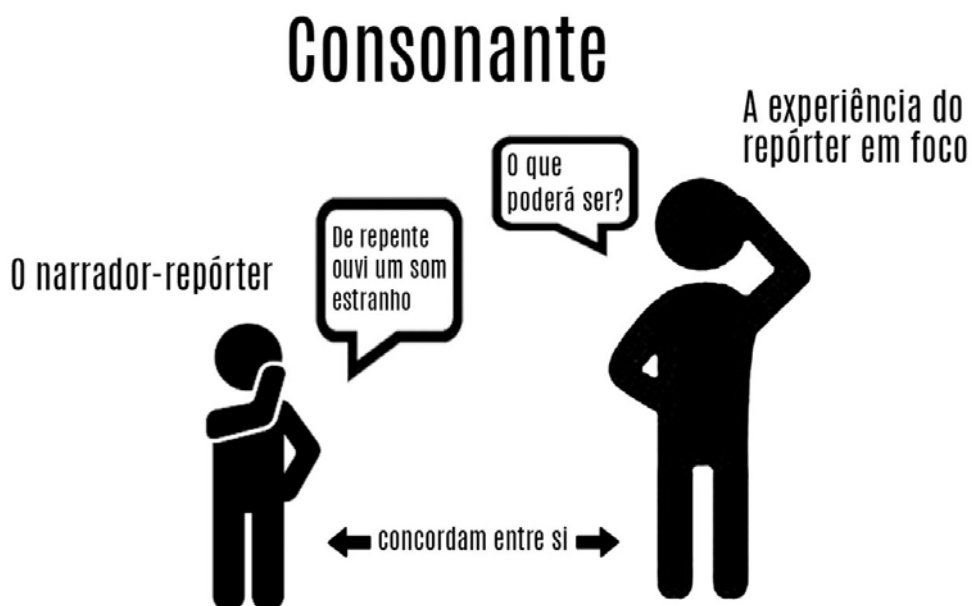


Figura 66: Esquema narrador em primeira pessoa consonante.
(Fonte: Adaptação e tradução da ilustração de Cecilia Aare (2016, p. 114)).



Figura 67: Esquema narrador em primeira pessoa dissonante.
(Fonte: Adaptação e tradução da ilustração de Cecilia Aare (2016, p. 114)).

Ao dizer que sua pergunta foi "inútil", o narrador-repórter, em comportamento dissonante, demonstra a ingenuidade do repórter de, no momento em que a entrevista foi feita, não ter entendido como no Vietnã participar da guerra não era questão de escolha.

De forma a reforçar como perceber que era "a guerra que se engajava nas pessoas", e não o contrário, o narrador-repórter conta a história da miliciana, seu envolvimento

necessário com o conflito e, em seguida, dá voz a personagem para que ela mesmo pudesse contar o envolvimento de sua comunidade com o conflito. Dessa vez, a fala da personagem está em discurso direto:

Em dois dias de abril de 1965, a milícia de Nguyen Thi Hang e o Exército abateram 47 jatos americanos.

As montanhas ao redor da ponte perderam toda a vegetação e forma, como se algum gigante, com um martelo descomunal, tivesse resolvido transformá-las em seixos. Estão descarnadas, fraturadas, ferindo os ares com cristas nuas e afiadas. Mas nas montanhas que fecham o horizonte, longe dos bombardeios, letras garrafais proclamam: "Nós venceremos" ou "Somos mais fortes do que os piratas americanos".

Nguyen Thi Hang evocou os dias dos bombardeios iniciais:

- A ponte de Ham-Rong ficou de pé, como está de pé ainda, mas como morreu gente e como morreram bichos. Eu trabalho na cooperativa desde que me entendo e estudei na primeira escola que foi aberta em minha aldeia. A aldeia é pequena e eu vivo nela como quem mora numa casa. Palavra que eu conhecia até os búfalos que morreram. E como eu, todos nós em Nam Ngan. A destruição dos bombardeios nos deu um grande ódio. Resolvemos reconstruir tudo que fosse destruído. Em cima da terra ou embaixo da terra. De noite, íamos trabalhar no arrozal e na lavoura. De dia, tínhamos nossas quatro tarefas: o combate, a proteção aos veículos que atravessavam a ponte, o abastecimento das baterias anti-aéreas, o abastecimento das canhoneiras da Marinha, que do rio atiram também contra os aviões. Mas a aldeia inteira se mobilizou. Até uma velha bonza que havia no pagode da aldeia. No primeiro dia do bombardeio, ela foi para o abrigo. No segundo, continuou durante o ataque aéreo apanhando cocos para os soldados e cobrindo veículos com galhos de árvores. A bonza recebeu a condecoração do tio Ho. Nossa primeira heroína foi uma mocinha que carregou pelo barranco abaixo, até dentro d'água um obus para um barco da Marinha já sem munição. Ela pesava 44 quilos e obus, 98. (CALLADO, 2005, p. 158)

Se até a sábia do pagode da aldeia participou da resistência como pôde, não restam dúvidas ao narrador-repórter sobre como a guerra se engajava nos norte-vietnamitas. Notamos, portanto, que as estratégias discursivas - seja na alternância na focalização (com a utilização do discurso indireto livre), seja na utilização de comentários do narrador sobre os comportamentos do repórter - estão articuladas para apresentar como o cotidiano de resistência fazia parte da vida no Vietnã.

Fiquemos um pouco mais nesse trecho, especificamente no segundo parágrafo, onde o narrador-repórter realiza um trabalho com a literariedade (parágrafo iniciado por "As montanhas ao redor da ponte perderam [...]"). Para explicar a forma que as montanhas tomaram depois das inúmeras bombas norte-americanas, o enunciador usa uma analogia que compara as consequências das explosões com o efeito que teria se um gigante atingisse as montanhas com um "martelo descomunal" de forma a transformá-las em seixos

(pequenos fragmentos de rocha). Em seguida, de forma a explicar o aspecto das montanhas, o narrador-repórter diz que elas estão "descarnadas e fraturadas", características que poderiam designar os mortos e feridos vítimas dos conflitos. Por fazerem parte do campo semântico da guerra, tais adjetivos são escolhidos pelo narrador-repórter para descreverem a vegetação que também ganha aspecto violento, "ferindo os ares com cristas nuas e afiadas".

As descrições sobre as paisagens são as que ganham maior dedicação do narrador-repórter quanto ao trabalho com a linguagem. Veremos outro exemplo dessa expressividade do enunciador ao analisar outra estratégia discursiva presente na série de reportagens: a introdução de objetos participantes da narrativa que sintetizam o efeito de sentido pretendido com cena.

3.5.2. Quando "cadernos", "sinos" e "xícaras" significam

Um caderno de apontamento que um entrevistado tira do bolso, o sino observado por um personagem e as xícaras toscas sobre uma mesa poderiam ser apenas elementos decorativos a ambientar os cenários das entrevistas feitas pelo narrador-repórter em sua busca para a explicação da resistência norte-vietnamita. No entanto, vamos perceber como esses elementos deixam de ser meros objetos cênicos para participarem de maneira central do efeito pretendido com o discurso. Observemos essa estratégia quanto à presença do "livro de apontamentos" na conversa em que o narrador-repórter tem com o administrador local de Hoá Bing.

Diante de mim sentou-se um administrador local, da nacionalidade Muong. **Perguntei-lhe** por que estavam tão viçosas as lavouras numa província tão castigada pelos franceses até 1954, e pelos americanos, a partir de 1964. Ele bate a cabeça, fêta pensativo, no terreiro da aldeia, o sino que convoca os habitantes para reuniões ou repica o alarme antiaéreo. O **sino** é a parte superior de uma bomba que não explodiu.

Indago se é uma bomba americana e meu intérprete de todos os momentos traduz:

- Sim, mas jogada pelos franceses no tempo de Dien Bien Phu. Bomba de auxílio americano.

Estou diante dele, sentado no chão, **meu livro de apontamentos aberto**. Ele tira do bolso com orgulho **um livro de apontamentos**.

- Nós éramos, aqui, analfabetos 99 por cento. Eu também era. Quem sabia ler lia vietnamita porque nossa língua não tinha nem escrita. Agora você pode parar na estrada e perguntar que todo mundo sabe ler. E temos nossa escrita também. O arroz,

antigamente, só dava para três meses por ano. O resto do tempo a gente tinha de encontrar comida na floresta. Por isso, os franceses chamavam as minorias de selvagens. O hospital era só para os franceses e os mandarins que governavam a gente. Construímos, entre as duas guerras, o hospital grande, que os americanos destruíram, e agora fizemos muitos hospitais pequenos. Derrubamos mato, irrigamos, e hoje, vendemos ao governo a cota de arroz e ainda sobre para comer e vender no mercado. Também tem mandioca e muito peixe.

Quem viaja no rumo do mar, buscando o Golfo de Tonquim, confunde os arrozais verdes com o mar. O mesmo tubérculo das florestas que dá a tinta que tinge as velas, dá a tinta que tinge o jaleco dos camponeses: um castanho-avermelhado. Quando os camponeses trabalham na lama do arrozal, calças sungadas até as coxas, o que se vê são as espigas verdes e o jaleco. Na praia, vê-se o verde do mar e o castanho-vermelhas da vela das jangadas. (CALLADO, 2005, p. 130-131, grifos nossos)

Em destaque, estão os verbos que demonstram a autorreferencialidade no narrador-repórter na condução da cena, mais uma demonstração de como o "eu estive lá" conduz a narrativa dessa e das outras séries de reportagens analisadas. No entanto, nesse trecho, interessa-nos principalmente a menção ao sino e à presença dos livros de apontamentos do entrevistador e do entrevistado. Para além de elemento que compõe a cena, o sino, parte de uma bomba inativa, mostra o cotidiano da guerra e a capacidade adaptativa dos norte-vietnamitas à ela. Por sua vez, ao contar que está com seu livro de apontamentos aberto, o narrador-repórter introduz um elemento-símbolo daquilo que narra a seguir: "Ele tira do bolso com orgulho um livro de apontamentos". O objeto comum aos dois iguala entrevistador e entrevistado e responde como ícone potencial a pergunta do narrador-repórter sobre o motivo pelo qual as lavouras, apesar da guerra, estarem viçosas: elas são resultado do grande esforço nacional em levar a educação a todas as camadas da população e, em consequência disso, a conquista do aprimoramento das práticas de plantio. O livro de apontamentos cria um efeito de equidade entre entrevistador e entrevistado que, com conhecimento adquirido e materializado em seu caderno, orgulha-se em mostrar que tem o mesmo objeto de trabalho que tem o jornalista.

O trecho também exemplifica o caráter dialógico das entrevistas conduzidas pelo narrador-repórter na série *Vietnã Norte: o outro lado da guerra* (e poderíamos dizer em todas as outras séries de reportagens). Para além da busca de informações, as conversas com os entrevistados indicam a busca da compreensão do *outro* em seu sentido mais complexo. Utilizando as categorias usadas pelo filósofo Martin Buber (1979), o entrevistador parece adotar o comportamento *Eu-Tu*, ou seja, adota uma atitude que tenta um encontro com o *outro*, de forma a compreendê-lo para além da perspectiva distanciada e objetiva, típica das relações *Eu-Isto*. Medina, em *Entrevista o Diálogo possível* (2002),

explica como a relação *Eu-Tu* deve ser priorizada em uma entrevista: "A única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do *Eu* ao *Tu*, um *Tu-Pessoa* e não a um *Tu-Isto*." (MEDINA, 2002, p. 13). Considerando tal perspectiva, a presença dos livros de apontamentos do entrevistador e do entrevistado na cena torna-se um signo dessa tentativa do narrador-repórter de aproximar-se do norte-vietnamita em uma relação *Eu-Tu*.

Antes de desenvolvermos um pouco mais essa ideia do *Eu-Tu* na entrevista da série de reportagens sobre o Vietnã do Norte, com base na análise do próximo trecho, coloquemos atenção no último parágrafo da conversa com o entrevistado que ostenta seu livro de apontamentos (falamos do trecho que tem como primeira frase: "Quem viaja no rumo do mar, buscando o Golfo de Tonquim, confunde os arrozais verdes com o mar"). Nesse parágrafo temos o trabalho com a expressividade para que a descrição sobre a grandiosidade e beleza dos arrozais fosse feita. Em analogia, o narrador-repórter diz que os arrozais são como o mar. De modo a criar a composição, fornece ao seu leitor-enunciário as cores do quadro que testemunha: o verde dos arrozais e do mar do Golfo de Tonquim e o castanho-avermelhado da flor que tinga as velas dos barcos e os jalecos dos camponeses. Tal qual o mar verde com as velas avermelhadas, são os arrozais com os camponeses em seus jalecos. Mais uma vez, o trabalho com a analogia, figura de linguagem que possibilita a correspondência entre duas entidades distintas, colabora para a criação da recriação geográfica dos cenários que o narrador-repórter percorreu.

Vejamos agora outra conversa estabelecida entre o narrador-repórter e os personagens que lhe fornecem dicas sobre a fórmula da resistência norte-vietnamita. Nela, veremos outro uso de objeto cênico que estabelece síntese de efeito discursivo e a relação *Eu-Tu* que o entrevistador tenta estabelecer com o entrevistado.

Na cidadezinha marítima de Sam-Son, devastada pelas bombas de aviação americana e pelos obuses da Sétima Esquadra, entrevistei a presidenta do Comitê Administrativo do burgo, Nguyen Thi Chot (digamos de passagem que Nguyen é muito mais comum como sobrenome do que Silva e que Thi significa mulher). A uns 200 metros do mar, à sombra dos coqueiros, a mesa tosca, com **um bule e xícaras de chá de porcelana lisa**, sem os graciosos desenhos de costume.

- Não repare a louça grosseira - disse Thi Chot. - Foi tudo quebrado num bombardeio.

E emendou: - Minhas saudações fraternais às mulheres do Brasil!

Ao contrário da heroína Nguyen Thi Hang, que era alta, bela e tinha longas mãos delicadas, Nguyen Thi Chot era gorduchinha, atarracada e enérgica. Prometi transmitir

suas saudações e observei que o serviço de chá podia não ser tão bonito quanto o de costume, mas que, em compensação, era linda a **tenda de seda branca** que nos dava sombra.

- É *nylon* daqueles pára-quedas americanos que trazem *flares* para iluminar os bombardeios noturnos.

A nova mulher do Vietnã explica, em parte, o êxito do país contra os inimigos e contra a ignorância em que vivia. Como sua pátria, a mulher vietnamita passou sem transição do feudalismo e colonialismo para uma esplêndida posse de si mesma. Uma balada do Vietnã dizia:

*A mulher é feito uma gota de chuva:
quem sabe se cai no palácio
ou o lodo do arrozal*

Hoje ela se governa - e em vários terrenos governa os homens também. Mais de 30% dos membros da Assembleia Nacional são mulheres. Formadas em associações, as mulheres opinam sobre as leis que dizem respeito à família. Ela continua a chafurdar na lama do arrozal para trabalhar - na obsessão nacional das cinco toneladas por hectare-ano -, mas trabalha em igualdade de condições com o homem. Não cai mais, por acaso, em lugar nenhum. (CALLADO, 1977, p. 131, grifos nossos)

Novamente um objeto é trazido à narrativa para mostrar a capacidade de adaptação dos norte-vietnamitas à guerra e aos "souvenirs" que ela provê. A tenda de seda branca, que recebe o jornalista é, como explica a entrevistada, feita com os paraquedas dos soldados norte-americanos.

É Nguyen Thi Chot que vai mostrar ao narrador-repórter como a mulher tornou-se fundamental para a resistência do país. Para isso, a ambientação da cena da conversa traz elementos que podem ser associados ao universo feminino, sobretudo na década de 1960: o bule e as xícaras preparados para receber uma visita. Mas a informação de que as porcelanas não têm os desenhos de costume pode transformar esses objetos em um elemento-metafórico sobre o que teriam se tornado as mulheres do Vietnã do Norte: livres e "com esplêndida posse de si mesmas". Contrariando a expectativa comum sobre a subserviência das mulheres aos homens, desde o discurso de Ho Chi Mihn na independência do país em 1945 - que sublinhou a importância do papel da mulher para a reconstrução da sociedade vietnamita, elas ocuparam os cargos administrativos e as lideranças nos campos de batalha. Tornaram-se peças-chave para compreender a resistência do Vietnã do Norte. A presença do pedido de Nguyen Thi Chot de que o repórter envie suas saudações às mulheres do Brasil reforça o efeito de sentido que começou com a descrição da louça grosseira e termina com a explicação do narrador-repórter que a mulher vietnamita é também uma síntese sobre sua nação.

O narrador-repórter parece compreender a personagem como um *ser de relação* (BUBER, 1976), ou seja, um ser incompreensível se isolado. Para entender Nguyen Thi Chot e seu papel de liderança é preciso olhar para o contexto com o qual ela se relaciona e, na contramão, para entender a sociedade em que ela está inserida, é preciso que o narrador-repórter compreenda a presidenta com quem conversa como um *outro*, no sentido *EU-TU*, superando a relação clássica das entrevistas que se realizam apenas com finalidades utilitárias.

Sabemos que o narrador-repórter percorre o Vietnã do Norte atrás das respostas para suas perguntas. Obviamente, há uma finalidade principal em sua trajetória, mas ela não inviabiliza que o narrador-repórter compreenda os personagens com quem dialoga de forma complexa.

3.5.3. A enunciação de uma narrativa que encontra o Brasil

Já no começo da reportagem, ficamos sabendo que o narrador-repórter começa sua busca pela explicação sobre a resistência norte-vietnamita em Paris. Escreve o narrador:

Ainda em Paris, a caminho de Hanói, perguntei ao secretário Tieng, da representação diplomática do Vietnã do Norte, qual era o segredo da resistência. Estávamos na rua Leverrier, nº 2, casa muito conhecida das incontáveis visitas que lhe fiz, em busca de um visto para Hanói. Pela primeira vez eu via na sala, de uma elegância correta, quase pobre, um jarro com flores. Rosas vermelhas debaixo do retrato de Ho Chi Mihn. Era o dia 2 de setembro, aniversário da Independência vietnamita, de 1945. Enquanto ganhava tempo para responder, Tieng disse:

- Dia 2 de setembro de 1945 não havia arroz no Vietnã.

Olhou o retrato do tio Ho na parede, mas não obteve socorros.

Sorriu e me disse:

- Quando penso na nossa resistência eu mesmo me espanto (CALLADO, 2005, p. 128)

O repórter não conseguiu sua resposta em Paris. O trecho que segue fala do encontro do repórter já em Hanói, com Truong Chinh, presidente do Comitê Permanente da Assembleia Legislativa e um dos quatro grandes nomes da revolução vietnamita. Truong Chinh teria sido, desde 1930, companheiro de Ho na revolução. Chinh foi quem implantou o projeto de reforma agrária no Vietnã do Norte, que, passados os impasses iniciais, estava conseguindo fazer com que, apesar da guerra, o arroz vietnamita pudesse ser importado. Vejamos a pista que Chinh dá ao narrador-repórter:

Truong Chinh tem todas as respostas a quaisquer perguntas específicas sobre o Vietnã. Mas fala de dentro, do bojo da revolução:

- Um país como o Vietnã - que lutava contra os agressores estrangeiros, contra a fome, contra o analfabetismo - se organiza a partir da moral. Mas a moral só, não basta. É preciso o partido com seus *cadres*, que também não bastam. É preciso o exército do povo, as milícias populares, os camponeses, os operários motivados, em armas.

Truong Ching é um peixe tentando descrever do fundo das águas a organização dos oceanos. (CALLADO, 2005, p. 129)

Dessa vez, o narrador-repórter usa uma metáfora para dizer que a resposta do presidente do Comitê não é suficiente. Tal qual um peixe dentro do oceano, ele estaria envolvido demais com a concepção da revolução para explicar como se deu a mobilização de um país para resistir aos opressores. Com tal comentário, o enunciador não deixa de dizer que as falas das fontes oficiais não seriam suficientes. Era preciso seguir a caminhada investigativa. É então que o narrador-repórter tem uma surpresa: a proximidade geográfica da nação com o Brasil. Vejamos:

Visitando a província marítima de Thanh Hoá e depois a província montanhosa de Hoá Binh - indo, portanto, do Golfo de Tonquim às escarpas altas que levam a Dien Bien Phu -, **senti-me várias vezes perto de uma pista importante, talvez, em parte, porque me sentia estranhamente em casa.** Em si mesma, Hanói já parece um cruzamento entre, digamos, Belém do Pará e Campina Grande, com meninos que vendem na rua banana e pitomba. Mas o interior é o próprio norte do Brasil, com coco da Bahia, jaca, fruta-de-combo, composta de bacuri e licor de laranja. **Para aumentar o assombro de um brasileiro**, há em Hoá Binh um rio que é a cara do São Francisco, aí pelas alturas de Juazeiro da Bahia e Petrolina. Esse rio, chamado Da, os franceses o batizaram de Negro, pois Song Daé um nome intraduzível: rio fluido, rio correntio, rio-que-passa.

Revoluções que ocorrem no clima e no contexto da francesa de 1789, ou da russa de 1917, poderiam ficar a uma certa distancia do nosso entendimento. **Mas uma revolução banhada por um rio Chico e feito na base do arroz e da banana d'água é fato que tem explicação. Deve ter.** (CALLADO, 2005, p. 129-130, grifos nossos)

De forma a descrever as geografias dos lugares onde percorreu, o narrador-repórter compara o Vietnã do Norte ao Brasil. Para o enunciador, as proximidades entre nações causaram-lhe assombro e davam a ele a sensação de que ele estava perto de uma pista importante. No último trecho do fragmento analisado, o narrador-repórter mostra que a familiaridade com o lugar que lhe fazia sentir em casa teria lhe trazido ainda mais vontade de descobrir a explicação sobre o segredo da resistência. Afinal, do outro lado do mundo, uma ditadura o esperava regressar. Era preciso levar respostas, "advertências aos agressores" brasileiros. Ainda que não declare isso diretamente, o narrador-repórter deixa

nas entrelinhas da sua série de reportagens o recado dado pelo Vietnã do Norte aos países subdesenvolvidos: resistir é possível.

Na descoberta de pistas para o encontro com sua descoberta o narrador-repórter mostra-se intrigado, questiona suas interpretações. Como vimos, respaldados pelas categorias trazidas por Aare (2016, p. 114), o narrador-repórter nessa série de reportagens pode ser designado como um narrador em primeira pessoa dissonante. Na medida em que comenta a experiência do repórter, chegando em alguns momentos a contestá-la, esse narrador torna-se dissonante. Segundo Aare, é esse o tipo de narrador que pode tornar as interpretações do leitor-enunciatário mais abrangentes.

Vejamos um trecho onde enunciator comenta sua inquietação em tentar juntar as peças do quebra-cabeça que está a sua frente:

No meu hotel em Thong Nhat, em Hanói, quando eu ainda estava perdido entre dezenas de entrevistas que anotara e de impressões que me enchiam a cabeça, recebi a visita de Ivã Galin, um cineasta russo que buscava dar em imagens de cinema e entrevistas o que eu queria dar por escrito. Ivã Galin dizia ao seu intérprete, em russo, o que o seu intérprete dizia para o meu, em vietnamita. A mensagem eu recebia em francês, no fim da linha.

- Ele quer saber - me disse o intérprete - como se explica a resistência vietnamita aos americanos.

- Pois diga a ele - respondi - que eu também quero.

O russo riu, me filmou na sacada do hotel, e me pediu que gravasse, em inglês, um depoimento, que seria traduzido na União Soviética. (CALLADO, 2005, p. 146)

Ao comentar sobre os passos de sua investigação sobre os motivos que explicariam a resistência no Vietnã do Norte, o narrador-repórter (ou narrador em primeira pessoa dissonante) possibilitaria essa leitura quanto a série de reportagens sobre Vietnã do Norte ser uma "cartilha" para à resistência também no Brasil. Vejamos mais um trecho no qual o enunciator comenta sua inquietação em tentar compreender a resistência norte-vietnamita enquanto se movimenta num território intrigantemente parecido com o Brasil:

Minha última semana de Vietnã foi passada em Hanói. Descadeirado do jipe - que só faltava subir cachoeiras e que atravessou impávido as crateras de bombas - passei a seguir minhas pistas num alentado carro Volga, com sua rena de metal adornando o radiador. E a **ordenar minhas notas, no esforço mental de disciplinar o quadro rico e vasto.**

Havia uma visão geral, uma espécie de quadro do Vietnã bastante semelhante ao quadro de seus pintores: um céu de ferro, riscado de aviões e de balas, arqueado sobre o arrozal, as lavouras, as choupanas. E esse quadro foi ganhando cada vez mais luz de um momento de minha viagem passado entre duas trincheiras. Duas trincheiras separadas pela terra e pelo tempo.

Foi na localidade de Hoang Hoá, província de Thanh Hoá. A natureza, aqui, era inquietantemente brasileira. E as crianças da roça, que cumprimentam a gente e chamam de tio, usam o início da frase o saudar vietnamita, que escreve e se pronuncia *chao*: como se fosse o *ciao* italiano e tão brasileiro. Em torno, as plantações de mandioca e batata doce, com bananeiras e carro de boi ao longe. Íamos andando por uma picada sinuosa, interminável, ao sol. (CALLADO, 2005, p. 139)

O primeiro parágrafo traz mais um exemplo do trabalho com a literariedade. A descrição sobre o modo como o jipe atravessava as crateras das bombas e feita respaldada pela utilização de uma prosopopeia (ou antropomorfismo). Nela, o jipe é caracterizado como "impávido", um adjetivo normalmente associado ao comportamento humano. O veículo ganha a qualificação que possivelmente foi a do motorista que acompanhou o repórter pelas terras norte-vietnamitas. Aliás, impávidos e destemidos seriam, como a construção semântica das reportagens vai apresentando ao seu leitor-enunciário, os cidadãos do Vietnã do Norte de maneira geral. Percebemos, portanto, que o deslocamento de adjetivos de sua aplicação comum, por meio da figura de linguagem, possibilita uma ampliação da interpretação sobre o contexto aguerrido em que o narrador-repórter está imerso.

Ao final do primeiro parágrafo, conferimos também a presença de outra estratégia discursiva: a assunção da subjetividade. O narrador mostra sua dificuldade em ordenar todo material recolhido, seu "esforço mental" em interpretar o quadro vasto que o Vietnã do Norte apresenta a ele. O enunciatário, escancara que o que estamos lendo é sua perspectiva sobre a resistência vietnamita, uma análise que, como é sublinhado em diferentes momentos da série, foi sendo construída de acordo com seu contato com os personagens e com as situações vivenciadas na zona do conflito.

O trecho que segue mostra o que fez o narrador-repórter ter o *insight*, "o quadro que ganhou cada vez mais luz", para compreender o Vietnã do Norte. Vejamos:

De repente (eu quase caio na primeira delas), uma trincheira invisível, entre as sebes de divisão das lavouras. Adiante, outra trincheira, depois outra e mais outras. De dentro delas saíram as milicianas, rostos frescos à sombra dos capacetes, sorrindo do meu espanto, cabelos até a cintura seguros pelo prendedor de metal. Metal de aviões americanos derrubados.

Fomos conversar debaixo de um telheiro de paz de arroz, sentados num estrado de bambu. As milicianas variavam entre os 17 e 20 anos, a geração da independência de 1945, a geração dos que, ao contrário dos dois intérpretes que tive, não falam mais francês: falam russo ou chinês. A chefe de um dos grupos de milicianas me deu as informações. Chefe é que segura uma bandeirinha vermelha, e, na hora de disparar contra os aviões, dá a ordem de fogo: BAN! Ela me contou o trabalho: alerta permanente, pois estão bastante perto da zona do bombardeio concentrado americano, ao norte do Paralelo 17, trabalho de produção nos campos, atividade educacional incessante. (CALLADO, 2005, p. 139-140)

Sigamos para o trecho em que o narrador-repórter descreve sua visita à segunda trincheira:

Não longe dali fui visitar, em seguida, outras trincheiras, plantações iguais. Só que eram os Velhos - grupos de combate antiaéreo formados por homens entre 60 e 70 anos de idade. O velho que me falou, e que é também o que grita BAN! no seu grupo, foi logo me dando o serviço, para mostrar que não estavam ali de brincadeira, por camaradagem dos jovens. Chamava-se Le Van Hop, tinha condecoração no peito e alfabetizara-se aos 60:

- No ano passado - disse ele - derrubamos cinco jatos americanos aqui, três F-4 e dois AD-6. Dois deles fomos nós, os Velhos, que derrubamos, e dois foram as meninas. Quanto ao terceiro, ainda existe uma dúvida entre as meninas e nós.

E logo a seguir:

- Nos arrozais dos Velhos, já chegamos, por hectare, á marca das cinco toneladas. E depois:

- Não havia camponês velho que soubesse ler em Hoang Hoá. Nossos filhos e netos aprenderam e nos ensinaram, em escola noturna, depois do trabalho. Ninguém dispara uma arma aqui sem saber ler. Isso tudo começou em 1945. Eu estou vivo há muito tempo e me lembro bem do tempo dos franceses. Vida melhor do que a de agora nunca tivemos não. Não é que a gente trabalhe menos, ao contrário. Mas tem sempre arroz na despensa e todo o mundo sabe do que a gente faz. Você por exemplo, veio de longe, não veio?

- Vim do outro lado do mundo, do Brasil. Se se fizer um buraco na terra do Brasil vem praticamente sair aqui.

- Pois é isso que eu estava dizendo. O presidente Ho disse que a gente tinha de derrotar o inimigo, produzir mais arroz e aprender as coisas direito. No ano passado -, ele mandou para os velhos uma bandeira um diploma.

Le Van Hop mandou buscar a flâmula recebida de Hanói. Em letras amarelas sobre fundo vermelho, com a estrela do Vietnã em cima, a flâmula dizia: *Tuoi cao, Tri can cao*. O intérprete traduziu: *Quanto mais alta a idade, mais alta a sabedoria*. Em se tratando de mensagem enviada pelo velho Ho aos Velhos de Hoang Hoá, a inscrição tinha pertinência.

Achei que ali, entre as trincheiras das moças milicianas e dos Velhos, havia uma resposta importante. *A resposta, na minha opinião*. (CALLADO, 2005, p. 140-141, grifo do autor em itálico, grifos nossos em negrito)

O narrador-repórter anuncia, portanto, como teria encontrado "a resposta" para a explicar a resistência norte-vietnamita. Sem deixar de sublinhar que é uma resposta a partir de sua opinião. Há, sobretudo nessas marcas autorreferenciais ("achei que ali", "na minha opinião"), a possibilidade de reforçar um contrato de honestidade que tenta ser estabelecido com o leitor-enunciatário desde o começo da reportagem.

Estabelecido um longo percurso de aquisição de informações, o enunciatário faz a sua análise, fazendo jus, portanto, à noção estabelecida pela etimologia da palavra "jornalista" (analista do contemporâneo, como vimos). A construção de um enunciado sobre a busca do repórter, que se explicita já no primeiro parágrafo da reportagem, chega ao seu ápice no momento em que o narrador-repórter, no meio das trincheiras das jovens e dos velhos milicianos, finalmente encontra sua resposta: a resistência norte-vietnamita explica-se pela formação do cidadão trinitário. Convocado por Ho Chi Minh em 1945, de forma a resistir todo e qualquer cidadão deveria se mobilizado, 24 horas por dia pela educação, pela produção e pela guerra.



Figura 68: Fotos da série de reportagens - sintetiza o cidadão trinitário norte-vietnamita.
(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional) ¹⁹⁰.

Vejamos como o narrador-repórter explica "sua resposta" a partir do intertítulo "A arma secreta de Ho":

¹⁹⁰ A quarta reportagem da série traz fotografias que ilustram os cidadãos norte-vietnamitas desdobrados nas três tarefas preconizadas por Ho Chi Minh: um guerreiro, um aluno e um produtor. As legendas das fotografias são, respectivamente: "Mesmo durante o trabalho não esquecer de conduzir as armas", "Todos ensinam a todos no Vitname" e "A construção de fábricas é uma tarefa fundamental para o Governo". Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. Acesso em 16 de jul. 2018.

Para ganhar tantas guerras, derrotar tantos inimigos poderosos, Ho Chi Minh precisava, em 1945, de uma arma secreta. Sem computadores, sem indústria, sem nada, forjar sua arma como único elemento que possuía, elemento considerado bastante obsoleto: o homem.

E que pobre, que desamparado homem era o cidadão vietnamita de 1945. Costuma-se alegar, para justificar as extraordinárias vitórias do Vietnã, o fato de que o país tem o grande apoio da União Soviética e o respaldo colossal da China Vermelha, seu vizinho do norte.

A verdade, no entanto, é que a China só ficou vermelha em 1949. E a URSS, em 1945, cuidava de suas feridas de guerra e da organização do mundo socialista ao seu redor.

No dia 2 de setembro de 1945 era pavorosa a solidão do Vietnã e a situação do país, uma perfeita calamidade. **Desamparados como o Vietnã daqueles dias só os recém-nascidos e os moribundos.** Os oitenta anos de colonização francesa se encerraram com o país assim: os japoneses, que haviam ocupado o Vietnã depois da derrota da França na Europa, foram expulsos por Giap, Ho Chi Minh, depois de sofrerem no Japão a bomba de Hiroshima. No entanto, mal haviam saído, já entravam pelo norte as tropas de Chiang Kai-Shek, enquanto os ingleses entravam pelo sul, para preparar o regresso dos franceses. Ao mesmo tempo, dois milhões de vietnamitas morriam de fome. No Tesouro, havia com que pagar três meses ao funcionalismo. No país, havia 95% de analfabetos.

Mas Ho Chi Minh, Giap, Pham Van Dong e Truong Chinh, que vinham lutando pela liberdade do Vietnã desde 1930, sabiam que o que **tinham nos braços era um recém-nascido e não um agonizante.**

No dia seguinte ao da independência, **Ho fez o discurso propondo a cada vietnamita que se desdobrasse em três: um guerreiro, um aluno ou um professor e um produtor de alimentos.** Devido ao fato de que seu apelo constituía ao mesmo tempo a única esperança do país de cofres e celeiros vazios, **naquele dia no Vietnã começou o maior esforço que já fez uma comunidade humana para sair de dentro de um atoleiro puxando-se pelos próprios cabelos** (CALLADO, 2005, p. 142-143, grifos nossos)

Novamente uma analogia se apresenta na comparação entre o homem vietnamita, antes da independência de 1945, com um recém-nascido ou um moribundo. A comparação volta na sequência do texto, em metáfora, para dizer que Ho Chi Minh e seus companheiros revolucionários entendiam que tinham nos braços "um recém-nascido", um homem que poderia ser formado e conduzido para ensinar, produzir e resistir. No final do trecho, outra metáfora e uma hipérbole apresentam o esforço feito pelos cidadãos, sem ajuda externa, para que saíssem da condição de miséria e desesperança em que estavam: "Naquele dia no Vietnã começou o maior esforço que já fez uma comunidade humana para sair de dentro de um atoleiro puxando-se pelos próprios cabelos".

Vemos, portanto, para além do trabalho expressivo na série, que a narração dos procedimentos da investigação jornalísticas - em uma metanarrativa, como poderíamos

dizer - conseguiria criar legitimidade à análise realizada pelo enunciador. O quadro que explica a resistência no Vietnã do Norte só foi formado graças às peças coletadas pelo narrador-repórter. O contexto da aquisição de cada pista, na trajetória de busca do narrador-repórter, e as dúvidas do repórter ao conseguir interpretá-las parece colocar o leitor-enunciatário como participante da descoberta, um co-sujeito do ato discursivo (FAUSTO NETO, 2007, p. 78).

Esse comportamento do enunciador que explicita as decisões tomadas na construção para a narrativa perdura por toda a série que, a partir da segunda reportagem, dedica-se a desdobrar as explicações sobre a resistência já trazidas na reportagem-resumo. Fixemos-nos na quarta reportagem¹⁹¹ de modo a flagrar como o narrador-repórter, explica a experiência educacional estimulada por Ho Chi Minh, um dos pilares preconizados no desenvolvimento do novo homem vietnamita:

Na escolinha primária de Hoang Loc, da província marítima de Thanh Hoá, o professor iniciou a aula prática de Pronto Socorro. Os meninos e meninas tiraram da sacola o algodão, a gaze, o desinfetante.

- Que é hemorragia? - perguntou o professor.
- É quando a gente se machuca e sai sangue - disse um garoto.
- Como é que isso pode acontecer?
- Quando a gente entra num bambuzal correndo e se arranha.
- Quando a gente brinca com faca e se corta - disse outra.
- Avião americano - disse um menino.
- Sempre que for possível - disse o professor - vocês devem ir ao hospital fazer um curativo direito. Mas vocês precisam se habituar a estancar o próprio sangue, ou de algum colega, quando a hemorragia for grande ou quando não puderem ir logo ao hospital, como durante um ataque aéreo.

Um menino e uma menina foram chamados ao pé da mesa do professor para darem uma demonstração de como se aplicava o algodão e se atava a gaze. A escola que eu visitava era um amplo telheiro de palha de arroz, erguido abaixo do nível do solo, entre taludes protetores. O prédio da escola propriamente dita de Hoang Loc ainda existia, construído de tijolos e cimento, antes da escalada americana nos fins de 1964. Mas era alvo, como tudo que fosse telhado; hoje em dia, no interior do Vietnã, todas as escolas funcionam em palhoças no meio do mato. As crianças usam um chapéu de pesada palha traçada, mais eficaz do que um capacete contra as bombas de bilhas (CALLADO, 2005, p. 179-180)

O narrador-repórter quer sublinhar como, desde a alfabetização das crianças, o ensino está fundamentado no cotidiano do conflito dos educandos. Para isso, compara a metodologia de ensino dos norte-vietnamitas ao modelo de alfabetização do Sistema Paulo

¹⁹¹ "Espigas de Arroz e Socialismo Nacionalista" (23 out. 1968). Disponível em: <<https://goo.gl/g6DCfd>>. Acesso em 12 de jul. 2018.

Freire, adotado pelo governo de Miguel Arraes em Pernambuco, estado que, como vimos, fazia um Revolução-Piloto no Brasil. Analisemos o trecho onde se dá tal referência. Vejamos:

Em toda antiga Indochina Francesa só existia a Universidade de Hanói, que, no seu ano de maior afluência, teve cerca de 700 alunos. O Vietnã do Norte tem hoje 33 universidades, com 67 mil estudantes. E centenas desses estudantes vão todos os anos aperfeiçoar os estudos nas universidades e institutos da União Soviética, da China Popular, da Alemanha Oriental, da Polônia, da Tchecoslováquia.

Mas não há cifras que possam dar ideia do foi a construção educacional do Vietnã e de como funciona essa educação. Ela constitui, hoje, uma educação em profundidade, porque teve de começar no fundo dos homens, da vontade de aprender que se apossou de um povo inteiro arrancado ao analfabetismo de repente. Começaram a pulular, a partir de 1945, as escolas do primeiro grau, e depois, algumas do segundo grau e muitas complementares, para adultos. **Cedo se descobriu, como aconteceu em Pernambuco, durante a campanha educacional do governo de Miguel Arraes, que, quanto mais o ensino se ligar à realidade concreta de populações do interior, mais depressa é absorvido.** No Vietnã, do primeiro ano do ensino do primeiro grau até o último ano do ensino universitário, há um arroz insidioso e um búfalo persistente ao lado de cada estudante. (CALLADO, 2015, p. 182)

Mais uma vez o enunciador cria uma relação entre o Vietnã do Norte e a realidade brasileira. Ainda que tenha sido uma experiência que tenha ficado no passado, dissolvida pela ditadura brasileira, a campanha educacional desenvolvida pelo revolucionário governo de Miguel Arraes em Pernambuco é retomada na série de reportagens. Ao traçar o paralelo entre as duas nações, para além da analogia que contribuiria para explicar o Vietnã do Norte, o narrador-repórter parece sugestionar que, tal qual o país subdesenvolvido do oriente, o Brasil poderia também resistir à ditadura de um "governo lamentável". Tal definição sobre o governo brasileiro aparece sutilmente em mais um trecho em que o enunciador-repórter compara as duas nações. Vejamos:

A tanto chega a estratégia global americana encarnçada sobre um povo que é tão pobre como o povo do Nordeste do Brasil. O resultado é que se vê agora, no Sul [do Vitnã], o Exército americano humilhado pela resistência vietcongue e os sul-vietnamitas desmoralizados pela ocupação americana disfarçada atrás de **governos lamentáveis, como os governos militares na América Latina.** No Norte [do Vitnã] existe, pelo menos, a pobreza honrada de um povo que se prepara para dias prósperos, e aquele ar vivo e estimulante que é o que se respira entre homens livres, o ar que respirei na estranha montada enxertada de usinas. (CALLADO, 2005, p. 177)

A narrativa é conduzida, portanto, nesse paralelismo sutil entre as duas nações. A busca do narrador-repórter pela compreensão sobre a resistência do Vietnã do Norte não

deixa de ser uma procura por respostas para um modelo para um país possível, longe dos militares. Evidentemente com uma natureza social e política distinta, o Brasil não conseguiria estabelecer esse homem trinitário norte-vietnamita - até porque para isso seria preciso um líder tão cativante e revolucionário quanto Ho Chi Mihn e no país sufocado então pelo governo de Costa e Silva qualquer liderança com intenções revolucionárias como as de Ho era rapidamente eliminada¹⁹². O narrador-repórter, então, insiste naquilo que está ao alcance de seus compatriotas: resistir aos agressores. Esse seria, enfim, o recado dado com sua série de reportagens sobre o Vietnã do Norte para o Brasil.

A última reportagem da série foi publicada no *Jornal do Brasil* em 24 de outubro de 1968. Menos de dois meses depois, em 13 de dezembro de 1968, enquanto Callado seguia em sua resistência, o AI-5 foi emitido e a segunda prisão do jornalista logo aconteceria. Como vimos no primeiro capítulo desta tese, a gota d'água foi um artigo de Callado sugerindo que o Brasil deveria fazer como Costa Rica e dissolver o Exército. Os militares foram buscar Callado em casa em um episódio que ficaria marcado para o amigo Carlos Heitor Cony (in ARRUDA, 2013, p. 10): Callado levou um enorme pôster de Che Guevara para a prisão que balançava com o vento no jipe aberto dos militares. Ficou preso por 15 dias e foi proibido pessoalmente de escrever para os jornais; seu engajamento ficou reservado à temática da resistência nos romances que escreveu no período. Só dez anos depois, a retomada da sua busca pelo Brasil possível voltou pelas vias do jornalismo. Em 1978, o escritor embarcou para Cuba e voltou para o Brasil como uma reportagem sobre o país da revolução.

3.6. Notas sobre um país desejado

Percorremos, até aqui, as reportagens de Callado publicadas em livros e que fazem parte da fase mais atuante do autor como jornalista. As duas últimas produções que analisaremos do ponto de vista de suas estratégias discursivas, *Passaporte sem Carimbo* (1978) e *Entre Deus e a Vasilha* (1985), foram publicadas quando Callado dedicava-se quase exclusivamente à literatura. No jornalismo, sua última atuação tinha sido na produção da série de reportagens sobre o Vietnã do Norte, para o *Jornal do Brasil*, em

¹⁹² A Comissão Nacional da Verdade (CNV) confirmou pelo menos 434 mortos ou desaparecidos forçados durante a ditadura militar no Brasil (entre 1964 e 1988). O relatório da CNV também apresentou o número oficial de vítimas da tortura no período: 1.843 mil pessoas. A CNV afirma que os números podem ser muito maiores considerando, sobretudo, as perseguições aos camponeses e aos indígenas. O número de denúncias sobre atos de desrespeito aos direitos humanos é de 6.016 casos. Disponível em: <<https://goo.gl/3crfTV>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

1968. Só dez anos depois, Callado escreveria *Passaporte sem Carimbo*. Entre 1979 e 1982, o escritor voltou ao jornalismo como colunista semanal na *IstoÉ*. Passados três anos de sua experiência na revista, escreveria sua última reportagem¹⁹³: *Entre Deus a Vasilha*, em 1985. Bem mais curtas do que as outras, essas duas últimas reportagens também podem contribuir para nossa percepção sobre o posicionamento de Callado como jornalista sobre o cenário político e social do Brasil no final da década de 1970 e nos primeiros anos da década de 1980. Para isso, ainda que brevemente, vamos compreender como se articulam os recursos discursivos nessas produções.

Como vimos no capítulo 2, em *Passaporte sem Carimbo* (1978), o narrador-repórter relata sua visita a Cuba. Para o enunciador, sua narrativa - categorizada como reportagem pelos analistas da obra de Callado - seria o condensado de algumas das páginas arrancadas do seu diário (CALLADO, 1978, p. 17). Se são trechos tirados de um diário, naturalmente apresentam-se anotações da subjetividade do autor. Em comportamento autorreferencial, o registro das experiências do narrador-repórter se acopla em comentários e opiniões sobre o país de Fidel Castro. Como acontece em outras reportagens, é o registro sobre o que foi vivido e testemunhado que conduz a narrativa. A escolha desses registros para a produção da reportagem, evidentemente, não é aleatória.

As marcas discursivas da presença do escritor no campo dos acontecimentos, que podem parecer meros registros de viagem, estão a serviço do discurso do enunciador. O que parece um relato despretensioso sobre uma entrevista assistida pela televisão no hotel vai conduzir à explicação sobre a relação amistosa e participativa que Fidel Castro tem com os agricultores do país. A descrição sobre uma noite etílica que o grupo de escritores brasileiros teve em Havana - que os obrigou a voltar a pé para o hotel - mais do que mostrar como era a vida noturna da capital cubana, traz a informação sobre a quase inexistência do número de prostitutas nas ruas. Deixa subentendido o narrador-repórter que, no país onde as pessoas não passam fome e têm alternativas para a sobrevivência, a prostituição é quase nula.

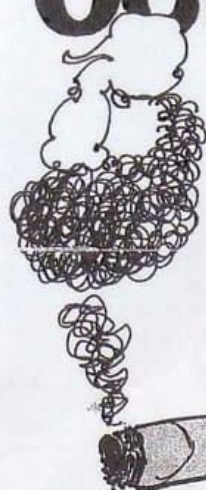
O relato das experiências do escritor conduz, portanto, a um discurso intencional do ponto de vista ideológico que fica explícito a partir do último capítulo do livro. Com o nome "A Volta", o quase fechamento da reportagem conta os detalhes da detenção do

¹⁹³ Em 1970, Callado participou da equipe editorial de *O Pasquim*, depois que nove integrantes da redação foram presos: Ziraldo, Paulo Francis, Sérgio Cabral, Luiz Carlos Maciel, Tarso de Castro, Fortuna, Jaguar e o fotógrafo Paulo Garcez e o funcionário Haroldo. A ideia dos militares era garantir a morte do incômodo semanário. Mas o plano não deu certo. Callado e outros intelectuais do Rio de Janeiro, entre eles Chico Buarque e Rubem Fonseca, assumiram a redação e garantiram a circulação do jornal. (ARRUDA, 2013, p.242).

Callado no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro. Na medida em que tal capítulo sintetiza o sentido geral da reportagem, é sobre este trecho que vamos nos debruçar.

A reportagem de Callado reforça o contraste entre o Brasil e Cuba, entre o país das liberdades tolhidas e a ilha onde se realizou o sonho de uma nação justa. É esse o sentido que *O Pasquim*, que também publicou sua reportagem, dá ao ilustrar a narrativa. Com o título "Notas de uma viagem a Cuba", a narrativa aparece ilustrada com uma caricatura de Callado fumando um charuto cubano. Ao lado da ilustração, no canto superior direito, aparece o mascote da publicação que comenta algo. No balão de fala que aponta para o rato está a frase: "Tá cada vez mais difícil exercer o direito de ir e vir, Callado que o diga". Vejamos a página.

NOTAS DE UMA VIAGEM A CUBA



ANTONIO CALLADO

TÁ CADA VEZ MAIS DIFÍCIL EXERCER O DIREITO DE IR E VIR. CHAMADO QUE O DICA.

Para balisar minha breve visita a Cuba — lá estive de 17 de janeiro a 9 de fevereiro, como membro do júri de Romance, no concurso de Literatura da Casa de las Américas — rememoro duas visitas que fiz, na própria Havana. A primeira foi à Escola V.I. Lênin, para crianças super-dotadas, e outra ao Hospital Psiquiátrico de La Habana. A Escola secundária Lênin recebe, de todos os colégios primários da ilha, os alunos mais brilhantes. Nos Estados Unidos, na URSS, um pouco por toda a parte, as nações procuram selecionar crianças de inteligência incomum, ou, como se dizia antigamente, crianças-prodígio, para dar-lhes uma oportunidade também incomum de desenvolvimento. Como Cuba é um país pequeno, de uma escala humana, como dizem os franceses, a experiência, difusa em outras partes, ali surge como se estivesse debaixo de uma grossa lente. Além do decorado que explicam, apontando macacos e chaves, a evolução do homem, ou os mistérios do fundo do mar a partir do grande espadarte que Hemingway pescou e doou à escola, as crianças — uniforme azul, grandes fivelas por cima da bata — dão seu show quando respondem a perguntas. Estão ali para aprender mais, em menos tempo, e para descobrir sua vocação com a tensão e a agilidade de um cão treinado para descobrir a caça.

E, além de todas as disciplinas que constam de um programa de ensino secundário, a Escola Lênin tem seus campos de atletismo e de esporte. O Duque de Wellington dizia que a batalha de Waterloo tinha sido ganha nos campos de jogos de Eton. A Escola Lênin me fez pensar nas vitórias cubanas, tanto nos campos de batalha da África como nas Olimpíadas.

No outro extremo do meu baliamento situo o Hospital Psiquiátrico, uma instituição para doentes mentais onde não há grades nas janelas nem fechaduras nas portas. Pelo que me foi dado ver de tais estabelecimentos na Europa, o polo

que sei deles nos Estados Unidos, o Hospital de Havana me parece ser talvez o melhor do mundo. Existe ali um equilíbrio quase perfeito de eficácia médica e de pura ternura e compaixão. Todos os que lá se acham — cerca de 4 mil pacientes — passado algum período maior de agitação, trabalham. Retornam o ofício que tinham, ou aprendem um novo. E recebem salário. Esse salário não lhes é pago em proporção ao que fazem e sim na medida do que necessitam como chefes ou membros da família que deixaram em casa: o essencial é que nem se considerem inúteis e nem sejam considerados, pelos seus, um peso morto. O vínculo que une o paciente ao seu núcleo de afeto, ou talvez de revolta e luta, não pode ser rompido. Aos poucos, mediante o trabalho que realizam, vão voltando ao emprego, ou encontrando outro, com o apoio de estabelecimentos psiquiátricos menores mas ligados ao Hospital de Havana. Vão se afastando do tratamento maior. Vão regressando. Vão ficando bons para os trancos e barrancos da vida de todos nós, para a loucura que aceitamos e praticamos.

Pensei na Doutora Nise Silvera ao visitar o Hospital, pensei no gigantesco esforço que tem feito para manter, ante a indiferença das autoridades, seu Museu do Inconsciente. No Hospital de Havana há uma atividade permanente de pin-

tura, desenho, escultura, entrosada com as outras, natural e útil como as outras.

Nise devia ir lá, para ver sua cruzada transformada numa rotina.

Na história dos primórdios da revolução cubana ficará, como um troféu em parede de fazenda, a cabeça de um touro chamado Rosafé. Quem nos contou a história, quando saímos de uma noite de música cubana e brasileira no Teatro Karl Marx, foi Haydée Santa María, heroína de Moncada, atual presidente da Casa de las Américas. Rosafé foi comprado ao Canadá, há quase vinte anos, pela respeitável soma de 100 mil dólares. Cuba precisava urgentemente de implantar um rebanho de gado que lhe desse leite e carne e Rosafé só não foi recebido com foguetório porque a pólvora também era muito necessária. Instalou-se Rosafé nos pastos mais verdes da ilha, entre as vaquinhas mais terras. Apesar de parecer abalar a terra ao caminhar, Rosafé deu mostras de acentuado fastio sexual, o que foi prontamente atribuído à viagem.

Mas o relato de Haydée Santa María ficou em breve sombrio. Passava o tempo e Rosafé nada, entediado e distraído. Os altos escalões do Governo visitavam-no, procurando decifrar o enigma. O próprio Fidel ia ver o touro, afagava-lhe o cacheco, exortava-o à colaboração. O pior é que enquanto Rosafé se perdia em cismas o bloqueio norte-americano à ilha fechava a rosca (em julho de 1960 os Estados Unidos não compravam mais açúcar e em janeiro de 1961 rompiam as relações diplomáticas) e nem meio milhão de dólares iriam arranjar outro reprodutor. Tentados todos os recursos da dieta afrodisíaca, de bons tratamentos, persuasão e ameaças, opinou certo dia um dos técnicos que Rosafé estava com calor. Os palpites já tinham sido tantos que não custava pôr à prova mais um. Em pequeno galpão fechado e forrado de ar condicionado. Ficou um touro climatizado.

Pois quando saiu de sua fria caverna, lança em riste, como um Cid Campeador, Rosafé entrou diretamente na História e na lenda. Fecundou de cara todo o rebanho disponível de vacas desapontadas, que nem o olhavam mais, e ao seu

redor implantou-se uma indústria de frascos para que sua sêmen fosse também fertilizar fêmeas distantes. O leite e o bife de Cuba até hoje fazem lembrar Rosafé que, refrescado, virou sátiro, maniaco sexual, povoador de currais.

Quem podia supor que exatamente um pequeno país como Cuba é que iria, no conjunto da América Latina, adquirir o perfil mais nítido e inconfundível? O rótulo Latin America é uma espécie de pesadelo continental. Todos os países nele englobados aspiram a uma identidade nacional, a uma personalidade. No entanto, mesmo países importantes territorial e demograficamente como a Argentina e o Brasil se vêem confundidos o tempo todo. Brasil capital Buenos Aires é um chavão que nos enfurece. Num anúncio em inglês, referente ao Brasil, Zózimo lamentava outro dia que se falasse em adiós muchachos. Numa crítica do Times Literary Supplement, que li em 1974, mencionava-se que Eva Perón, depois de embalsamada, fora entregue à situação pública na sede da CGT do Rio de Janeiro.

Acontece que como nem os países de Latin America fazem as reformas sociais que os tornariam civilizados e humanos e nem buscam sua verdadeira independência, a econômica, continuam no mesmo bolo. Nossa identidade comum é esta, exatamente, da preguica, do privilégio dos ricos, da crueldade com os pobres da falta de brio.

Cuba tem 114.500 km², isto é, menos da metade do território do Estado de São Paulo, e uma produção de cerca de 10 milhões, isto é, menos gente que a Grande São Paulo. Mas nunca se ouve dizer que a capital de Cuba é Tegucigalpa. Cuba saiu energeticamente do indefinível. Por amor ou por temor todos a conhecem.

O Ministro da Educação de Cuba, Armando Hart Dávalos, estava viajando. Na sessão inaugural do Prêmio Casa de las Américas quem nos falou foi o sub-ministro Alfredo Guevara. No discurso que pronunciou disse, pela primeira vez oficialmente, que de fato Fidel estivera, como estudante, em Bogotá quando ocorreu, em abril de 1948, o bogotazo. Fidel e ele próprio, também estudante. A história posterior de Cuba estabeleceu a confusão entre os nomes de Ernesto Che Guevara e o de Alfredo. Não são sequer parentes e o Che não esteve, durante aquela espantosa explosão de cólera, em Bogotá.

Estivemos eu, pelo *Correio da Manhã*, e Joel Silveira, pelo *Diário de Notícias*, ambos falecidos. Os jornais, eu e o Joel não, fizemos a cobertura do acontecimento (o bogotazo ocorreu quando se realizava em Bogotá a IX Conferência Panamericana) e passamos ambos com o terrível potencial que é a revolta de um povo. Fidel certamente fez mais. Terá iniciado ali sua reflexão sobre como se canaliza essa raiva, para torná-la criadora. Assim como se dirigem cachoeiras, para que além do ruído e fúria produzam luz e força.

Que bom que é o Havana Club, rumo de Cuba. Ninguém diria que é para cá. Na frente do Hotel Habana Libre, onde ficamos hospedados no concurso Casa de las Américas, há uma imensa sorveteria popular chamada Copólia. Nunca vi o Copólia sem filas. A afluência talvez se explique porque, depois das refeições, pode-se ir lá tomar um brandy gelado, isto é, um sorvete de rum.

Figura 69: Página de *O Pasquim* com o relato de Callado sobre a viagem a Cuba. (Fonte: livro Antonio Callado: *fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 330)).

O comentário do mascote se vincula ao desfecho da reportagem que também reforça a explicação sobre o nome da reportagem no livro. Já no começo da narrativa de *Passaporte sem Carimbo*, o leitor-enunciatário toma conhecimento sobre o provável motivo do livro ganhar tal nome. Para o escritor, era simbólico que não houvesse carimbo brasileiro sobre sua partida para Cuba. Vejamos:

Embarcávamos tranquilos e fagueiros, já que nossa viagem fora anunciada em mais de uma coluna da imprensa carioca e paulista e já que o atual passaporte brasileiro não torna mais público seu despeito em relação a um único país, entre todos os 135 que têm assento nas Nações Unidas. Antigamente, um carimbo curto e seco, dizia: "Não é válido para Cuba". Agora, em dias de distensão e degelo, o que lê, impresso, é que "Este passaporte é válido para", frase que um carimbo completa, nos seguintes termos: "Todos os países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas". Uma nítida melhoria, já que o documento assim perdeu seu tom pessoal, e uma bem-vinda supressão do advérbio negativo. O passaporte diz de si mesmo para onde é válido e não mais o contrário. Como se fizesse apenas um discreto aviso aos brasileiros que porventura tenham receio de visitar alguma terra em que um representante da sua não exista. Parece advertir: se quer aventurar-se *partibus infidelium*, vá, mas arrume-se com os infiéis, ou, no caso, com o Fidel. Não conte comigo. (CALLADO, 1979, p. 8)

O que pode parecer, a princípio, apenas o relato de uma curiosidade sobre o novo modelo de registro nacional no passaporte dos brasileiros que visitavam Cuba ganha, no final da reportagem, efeito de sentido sobre a noção que o narrador-repórter quer apresentar sobre a ilha de Fidel. A autorreferencialidade e a assunção da subjetividade são explícitas na descrição dos detalhes sobre sua detenção no aeroporto que não foi solitária. Retidas com o autor também estiveram sua esposa Ana Arruda - que ele havia encontrado em Nova Iorque - e Kadi, uma menina de 4 anos que eles ficaram incumbidos de acompanhar na viagem. O pai da criança, o baterista Tutty Moreno, esperava pela filha no aeroporto. Não teve jeito. Para preocupação do pai, Kadi precisou acompanhar o casal "subversivo" que foi conduzido pelos militares. O narrador-repórter conta como foi a abordagem que os três tiveram no Galeão:

Encabeçamos uma fila, ao desembarcar no Galeão, e acho que dei a única alegria do dia ao funcionário que, ao pegar meu passaporte, e passar as informações a um aparelho sofisticado que me garantem ser um computador de geração recente e memória voraz, avisou num telefone:

- Um já apanhei.

Acompanhados de um policial, fomos, os três isolados numa sala do Galeão, feito VIPs, ou feito portadores de moléstia contagiosa. (CALLADO, 1978, p. 49)

Toda a bagagem dos três foi revistada pelos policiais: camisas sujas, roupas limpas, bolsos das calças, cápsulas de metal dos charutos. Detalha o narrador: "Quando estudavam também peça por peça, as roupinhas e brinquedos da sacola de Kadi, senti por um instante frio, um suor frio, de medo." (CALLADO, 1978, p. 50). As bonecas foram revistadas, "[...] perscrutadas, na frente de Kadi, com tamanha atenção que pensei que fossem destripa-las, em busca sei lá do quê. (A observação de Kadi, segundo me contou seu pai depois, é que os homens tinham brincado com as bonecas dela)." (CALLADO, 1979, p. 50). Do lado da sala de revista, outro casal passava pela mesma experiência. Chico Buarque e Marieta Severo, que tinham ido à Lisboa depois de Cuba, coincidentemente, chegaram no mesmo horário do casal Callado e da pequena Kadi. Os passaportes deles, sem carimbos, indicavam que eles tinham estado na "ilha proibida"; foram também detidos. Kadi foi liberada depois de duas horas de espera e de muita aflição do pai que a esperava do lado de fora. Comenta o narrador-repórter sobre a liberdade da pequena: "Acabava de ser pela primeira vez coagida pelo Estado. E lá se ia galhardamente, lancheira firme na mão." (CALLADO, 1979, p. 50).

Aliviados, Ana e Callado esperaram por mais duas horas na sala de interrogação do aeroporto. Chico e Marieta também. Os quatro foram levados à Polícia Federal em uma Kombi por caminhos alternativos para fugir do advogado de Callado, Modesto da Silveira (que não pôde entrar na sala do interrogatório do Galeão), dos familiares, da imprensa e dos fãs de Chico que, já sabendo do ocorrido, acumulavam-se no aeroporto. Na delegacia, Ana e Marieta, depois de darem seus depoimentos, foram liberadas, enquanto Callado e Chico seguiram no fusca da Polícia para a Secretaria de Segurança. Mais um exaustivo interrogatório que duraria horas os esperava. Os dois entrevistadores fizeram perguntas sobre os brasileiros que encontraram em Havana, sobre o nome da rua da Embaixada em Lima, onde pegaram o passaporte, sobre os hotéis em que ficaram e sobre outros detalhes pormenorizados. Apesar de enfadonho, o interrogatório teria sido "tranquilo e cortês". Estavam liberados, mas precisariam voltar. Callado retornaria para assinar seu depoimento em três dias; Chico, em uma semana.

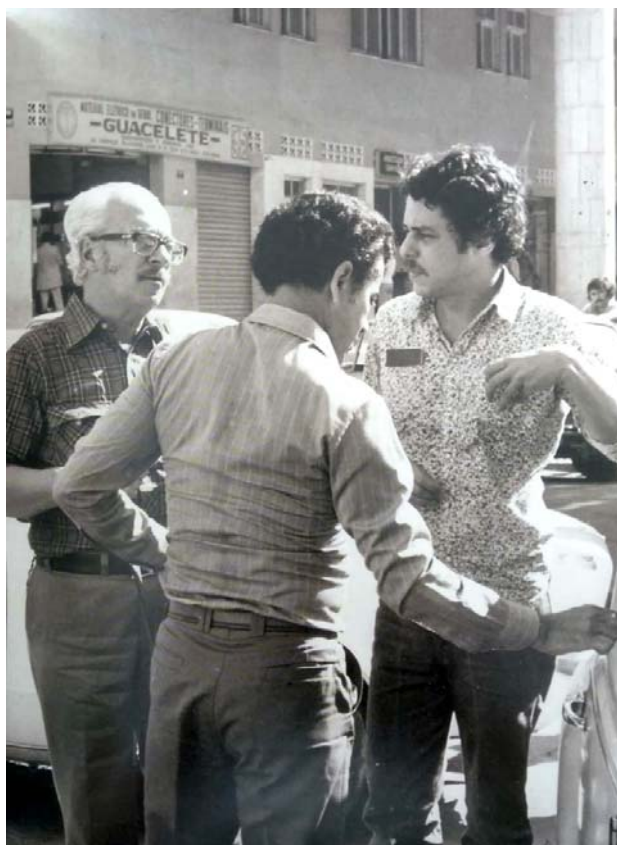


Figura 70: Callado e Chico Buarque, detidos, aguardam o interrogatório com o advogado.
(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 328)).

No retorno de Callado, o ambiente foi muito menos amistoso. Além dos dois entrevistados, juntou-se a eles um terceiro, do Serviço Nacional de Informações (SNI). O relógio marcava 2 horas da tarde. O desejo do novo entrevistador era de que o depoimento fosse longo; que Callado se preparasse para ficar até às 11 da noite na Secretaria de Segurança. Suas perguntas não se relacionavam com a viagem a Cuba; o terceiro elemento queria mesmo saber detalhes sobre os artigos de Callado que levaram à cassação dos direitos políticos do jornalista em 1969. Ao homem, não importava saber se Callado tinha sido absolvido. O intelectual precisou ser firme:

Respondi, meio surpreendido, a duas ou três perguntas iniciais, feitas em todo um tanto ríspido, e dei um basta. Só responderia a perguntas sobre feitos passados em julgado caso meu advogado estivesse presente, ao meu lado, sentado naquela cadeira ali. (Modesto estava do outro lado da porta, como no Galeão, uma espécie de alegoria do Direito do Lado de Fora, mas esperneando). (CALLADO, 1978, p. 55-56)

O advogado de Callado continuou sem poder entrar, mas uma certa cordialidade foi reestabelecida na sala do interrogatório. Mais algumas perguntas e o terceiro entrevistador pediu para que os dois outros saíssem. Fez então uma proposta para Callado: perguntou se

o escritor teria alguma objeção em, de quando em quando, encontrar com ele para conversar. Ele queria saber mais sobre fatos e pessoas conhecidas do escritor. O enunciador explica sua reação:

Fitando-o bem nos olhos dei ao "Doutor" a única informação que de mim obteria:

- Olhe, ainda que estivéssemos vivendo não neste regime, **e sim no regime dos meus sonhos**, eu não manteria contatos dessa espécie com nenhum membro de aparelho policial. (CALLADO, 1978, p. 56-57, grifo nosso)

A conversa acabou com o "doutor" reclamando sobre a má vontade dos intelectuais e com uma advertência: Callado estaria livre ao menos que contasse a algum jornal o que ele acabava de propor. O escritor foi liberado às 5 da tarde e seguido por repórteres e fotógrafos que o entrevistaram na sua casa no Leblon. A narrativa sobre sua detenção é encerrada desta forma: "Não lhes contei que acabava de ser convidado para o posto de alcaguete da Polícia, 'dedo-duro' do SNI." (CALLADO, 1978, p. 57).

Na resposta negativa que dá a proposta do policial da SNI, o narrador-repórter fala sobre seu "regime dos sonhos". A narrativa sobre os detalhes do interrogatório que ele, Ana Arruda, Marieta Severo, Chico Buarque e até a pequena Kadi passaram está, como mencionamos, no penúltimo capítulo. O último capítulo, que tem o nome de "Coda" (sinônimo de sonata), é encerrado com uma indicação de que Cuba seria a nação desejada pelo autor. A imagem do passaporte sem carimbo retoma mais forte esse seu ideal. Vejamos:

O longo dia da chegada - feito de neve, em Nova York, de sol feroz e sobretudo cansaço e nojo, no Rio - não levou, enquanto durou, a pensar em nada particularmente. Mas me distraí, ao longo das esperas em delegacias, com umas fantasias, vagamente rabiscadas, em termos sumários, nas beiradas de uma passagem de avião. Dão mais ou menos o seguinte:

Pois é, seu Delegado, não se trata de desrespeito nem subversão não, que bobagem. Eu mesmo, já que estou aqui no Galeão, era capaz de jurar que tinha feito uma viagem. Sim. Por que não? Talvez lá para cima do Equador como diz o senhor, pro Norte. Mas como o senhor vê, não fiz, foi sonho. Como comprove o senhor mesmo. **Não tem nenhum carimbo no meu passaporte.**

Puro sonho. Esse meu diário, que era privado, pessoal, mas que o senhor, escravo do dever, pegou e leu como se fosse um jornal, esse diário fala num país imaginário. Não é diário de subversão e sim de ficção. Repare bem: existe um país desse jeito, céu anil, praia branca tropical, tudo isso sem miséria, sem esquadrão? Existe? O escambau!

Ah, sim, Seu Entrevistador. Como? Pois é o que eu já disse ao Delegado. Um país onde ninguém passa fome? Aqui ó. Não está no mapa, não tem nome. O senhor insiste?

Rima com quê? Com uba? Uma ilha? Vai ver que é Aruba. Não é não? Será então Ubatuba? Caraguatatuba? Ou uma aldeia de pesca, a Jurujuba? Ou a praia baiana da Pituba?

Ah, o senhor é um gozador, Senhor Entrevistador. Penteado de leão é juba, missa do Congo é luba, bala de goma é jujuba. Memórias de Brás quem? Minhas? *Póstumas*? **Acho a ideia, se me permite, forte, já que não tem nenhum carimbo no meu passaporte.** (CALLADO, 1978, p. 59-60)

A sonata, escrita no canto da passagem de avião, é também trazida para a narrativa como estratégia discursiva. Nela, o enunciador brinca metaforicamente com esse país que não existe porque não está registrado em seu passaporte. Ele não existira também dentro da concepção tacanha dos militares sobre a ilha de Fidel. No país das liberdades restritas, sem identidade e dependente da economia externa, como seria possível pedir que um militar compreendesse o que era a Cuba testemunhada pelo narrador-repórter? Melhor que ela fosse compreendida pelos militares como também era para os idealizadores de um novo Brasil desse momento: "Puro sonho".

O pessimismo com o país ficaria ainda mais evidenciado em *Entre Deus e a Vasilha*, sua última grande reportagem publicada em 1985.

3.7. O testemunho final sobre a reforma agrária que nunca aconteceu

O subtítulo da última reportagem produzida por Callado, *Entre Deus e a Vasilha* (1985) é "Ensaio sobre a reforma agrária brasileira, a qual nunca foi feita". Como vimos no capítulo 2, a pedido da Companhia Energética de São Paulo (CESP), Callado foi conhecer os assentamentos rurais providenciados pela gestão do governador do estado de São Paulo, Franco Montoro, no Pontal de Paranapanema. O testemunho do narrador-repórter mostrava que a exceção confirmava a regra: a reforma agrária não aconteceu no Brasil.

As estratégias discursivas se articulam na reportagem para apresentar a constatação do enunciador. A começar pelo título da reportagem: *Entre Deus e a Vasilha*. A compreensão sobre o nome é sugerida na epígrafe do livro que é assinada por Eça de Queirós: "...um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus... tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha." (QUEIRÓS in CALLADO, 1985, p. 7).

Em carta enviada a Eduardo Prado, em 1888, Eça de Queirós usa a metáfora para falar sobre a questão da terra no Brasil. O conteúdo da correspondência é trazido no

penúltimo capítulo com o curioso título "Um pito passado por Eça de Queirós". Mesmo sem nunca ter visitado o Brasil, o escritor dava mesmo um "pito", uma bronca, nos intelectuais do país. No capítulo, o narrador-repórter traz, além da citação que é escolhida para ser a epígrafe do livro, outros trechos da carta. Entre eles: "Percorri todo o Brasil à procura do novo e só encontrei o *velho*, o que já é velho há cem anos na nossa Europa" e "[...] os brasileiros, desde o imperador ao trabalhador, cuidam a desfazer, portanto a estragar o Brasil" (QUEIRÓS in CALLADO, 1985, p. 62).

Sobre as críticas de Eça, o narrador-repórter comenta:

E por que estaríamos, segundo Eça, tão extraviados? Porque nos recusávamos a ser "um povo rural", que morasse "em casa simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras". [...].

A carta revela, num trecho importante, que o Eça não está vagamente imaginando que o Brasil devesse um dia, como Jacinto [personagem do romance *A cidade e as serras* de Eça de Queirós], voltar às serras, aos campos, a um "viver frugal e são". Sua preocupação é que o Brasil não teria a que voltar. Como os brasileiros nunca tinham criado uma verdadeira e humana civilização rural, como não haviam estruturado as bases naturais para o futuro crescimento industrial, não teriam jamais um ponto de passado de referência.

Era como se o Brasil, tal como visto pelo Eça no ano da Abolição, tivesse recusado a própria infância. (CALLADO, 1985, p. 63)

Está a conclusão de seu "ensaio", como o narrador-repórter chama a sua reportagem. O enunciador se utiliza das observações de Eça de Queirós para concluir sua análise que começa já na primeira página da reportagem. Na introdução da narrativa, está a articulação dos dados históricos na construção das provas de que o Brasil não teve infância. O Tratado de Madri, de 1750, articulado por Alexandre Gusmão e que definiu grande parte das fronteiras como hoje a conhecemos, é o primeiro acontecimento histórico a ser citado. Explica o narrador-repórter:

Alexandre de Gusmão firmou o princípio de *uti possidestis*, ou, como explicava o Tratado de Madri em português: "que cada uma das partes fique possuindo o que tem de ocupado".

A linhagem de Gusmão, e do seu contemporâneo Gomes Freire de Andrade, nunca mais se interrompeu. A ampliação, demarcação e defesa de nossas fronteiras passam por Nabuco, Rio Branco e vêm até a geopolítica do general Golbery. Graças a todos eles o Brasil acabou por ser um dos maiores países da Terra, o palco enorme, digno da representação de qualquer drama histórico. (CALLADO, 1985, p.11)

Do passado da demarcação de terras traçada sem critérios de forma a beneficiar os portugueses, o leitor-enunciário é levado pelo narrador-repórter aos dias atuais. O corte para o contexto contemporâneo faz lembrar a análise conduzida por Hecher Filho (1968) sobre como a narrativa de Callado tem recursos que podem ser associados à linguagem cinematográfica ou mesmo às histórias em quadrinhos. Em crítica publicada no *Estado de São Paulo*, Hecher fala sobre a escrita de *Quarup* (1967), mas sua percepção analítica nos dá respaldo também para compreender a estratégia discursiva de Callado e sua reportagem. Vejamos o que fala o crítico:

[...] tudo na base da montagem, dos cortes na narração, usados de modo mais arbitrário a fim de levá-la adiante através de novos ambientes e personagens. É assim mecanicamente driblada a tarefa inata do romancista de tornar presente a evolução pessoal de suas criaturas e o romance desce da arte do tempo para a história em quadrinhos. (HECHER in MARTINELLI, 2006, p. 45)

O corte da narração sobre a gênese da definição territorial do Brasil leva o leitor-enunciário ao encontro do narrador-repórter como os assentados no Pontal de Paranapanema em 1985. Essa alternância entre fatos e contextos históricos e a realidade testemunhada pelo repórter perpassa toda a narrativa. Começa assim, então, o relato sobre o encontro do repórter com o camponês Moisés Simeão, o principal personagem da reportagem:

Aqui entre nós, há qualquer coisa de muito bom e muito sólido no entranhado amor português a terra, no sentido do palmo de terra de cada um. Por mais que, por questão de gosto ou de convicção, pensemos no futuro em termos de grandes projetos de agroindústria capitalista, ou de empreendimentos coletivistas do socialismo, um pedaço particular de terra todo mundo quer ter. Principalmente, é claro, quem cultiva a terra, quem vive diretamente dela, como por exemplo, Moisés Simeão de Oliveira, que conheci outro dia na Gleba XV de Novembro, em Rosana, município de Teodoro Sampaio, São Paulo. (CALLADO, 1985, p. 13, grifo nosso)

A conversa com o leitor-enunciário, marcada nesse trecho pela frase "aqui entre nós" no início do parágrafo, também percorre a reportagem. Nesse caso, o narrador-repórter, em tom confessional e em franca assunção de sua subjetividade, fala sobre o desejo pelo palmo de terra de todos, capitalistas ou socialistas. Para justificar essa vontade, o enunciatador começa a contar a história de Moisés. O leitor-enunciário entra em contato com a realidade do camponês que, depois de perder sua lavoura de subsistência para as águas da inundação iniciada pela CESP para a criação da hidrelétrica de Rosana, vendo que não seria ressarcido de nenhuma maneira, organizou a ocupação na rodovia e se mudou

com a mulher e os três filhos para a beira da rodovia. A eles se juntaram outras 415 famílias sem-terra na mesma situação. Depois de 90 dias de negociação com o governo, as famílias conseguiram ser assentadas em terras desapropriadas pelo estado.

O relato sobre a maneira como se dá a entrevista entre o repórter e Moisés vale ser observado do ponto de vista analítico. Em comportamento autorreferencial, os procedimentos jornalísticos são explicitados de forma a mostrar o engajamento do personagem e a organização do assentamento. Vejamos:

Moisés Simeão tem 30 anos de idade, pouco mais de metro e meio de altura, uma determinada cara de caboclo e foi com um sorriso que disse, quando lhe perguntei se sabia ler e escrever, que tinha feito até a oitava série. Estávamos conversando, no interior da construção da principal Gleba, em momento nada propício a entrevistas. Pouco mais de uma hora antes tinha desabado em toda aquela área de famílias recém-assentadas um temendo temporal, com ventania e chuva de pedra. Não houve vítimas, na Gleba, mas uma parede da escola tinha cedido, o quadro-negro tinha sido derrubado, e se espalhavam pelo chão cadernos molhados, lápis e uma colorida pasta de giz encharcado. Moisés Simeão, que tem espírito de líder e que um contratempo como aquele estimula e impele à ação, me deu atenção, vendo que eu anotava o que ele falava e que provavelmente eu tinha suficiente prestígio para publicar em algum lugar o que ele dizia. Mesmo assim voltou dentro de pouco aos afazeres, prometendo me escrever uma carta. (CALLADO, 1985, p. 14)



Figura 71: Callado conversa com Moisés na escola do assentamento.

(Fonte: livro *Antonio Callado: fotobiografia* (ARRUDA, 2013, p. 181)).

O trecho seguinte da narrativa é epistolar. Como combinado, a carta de Moisés chega a Callado dias depois do retorno do escritor ao Rio de Janeiro. O narrador-repórter dedica-se a ela, alternando trechos do relato escrito do camponês com suas interpretações.

O enunciador, para falar da ação dos camponeses, sempre usa o verbo "ocupar". A única vez que os designa como "invasores" é no sentido de ironizar a definição dada pelos proprietários de terra. A ironia está no título do capítulo: "Latifundiários *versus* 'invasores'". No texto relacionado, o narrador-repórter, depois de mostrar as ameaças violentas dos latifundiários, mostra quem seriam os reais invasores: boa parte dos fazendeiros da região, grileiros que tinham forjado documentos para se tornarem proprietários "legais" da terra. A escolha pelo uso das palavras "invadir" e "ocupar" está, portanto, imersa na postura ideológica do enunciador e faz lembrar a afirmação de Bakhtin: "A palavra é fenômeno ideológico por excelência." (BAKHTIN, 1995, p. 36).

Callado era conhecido como um homem de esquerda. Para se proteger da avaliação possível do leitor-enunciatário sobre sua reportagem ser uma abordagem comunista sobre o tema, o narrador-repórter usa um exemplo inesperado. No capítulo "Homenagem marxista a Thomas Jefferson", conta a reforma agrária realizada nos Estados Unidos

Acontece, apenas, que, nos países que lideram o mundo, o campo mantém, como tal, sua plena importância. E talvez nenhum país, nesse terreno, seja tão exemplar quanto os Estados Unidos. Os americanos não só cuidaram do seu problema agrário interno desde os tempos em que se fundava a nação, como, em dias bem mais recentes, trataram de fazer, depois de vencerem o Japão na II Guerra Mundial, a reforma agrária.

A propósito do que realizaram os americanos em seu próprio território, vou citar trechos de *A crise agrária*, um excelente livro de Alberto Fontes Guimarães. Meu amigo Alberto é marxista ferrenho. Quando elogia americanos é porque eles merecem mesmo. (CALLADO, 1985, p. 50-51)

Com trechos do livro do amigo marxista elogiando os Estados Unidos, o enunciador relata que no contexto da Revolução Americana, às vésperas da Independência, os líderes do movimento propunham a erradicação dos vestígios feudais da agricultura. Com a Independência, o acesso à terra se tornou fácil para os antigos colonos e atraiu ondas sucessivas de imigrantes. Aos antigos combatentes das lutas na revolução, foram doadas terras que pertenciam à antiga coroa inglesa. Estava iniciada uma sociedade de pequenos e médios agricultores independentes que ganharia ainda maior força com a decretação da *Homestead Act*, em 1862. O movimento promoveu a mais de um milhão de famílias o

acesso a 100 milhões de hectares de terra de domínio público. Essa teria sido a base da agricultura norte-americana que abriu caminho para o grande progresso industrial que viria em seguida.

No Brasil, nunca tivemos nada parecido. Por aqui, a agricultura, ao contrário, teve como base a grande propriedade. No capítulo "Quem tem medo de reforma agrária?", o enunciatador afirma: "Nunca chegamos a nada que se parecesse com uma reforma agrária entre a massa dos lavradores do país, dos que realmente lavram a terra e não são filhos de algo, de alguém, fidalgos." (CALLADO, 1995, p. 39). Para respaldar tal afirmação, o narrador-repórter cita os únicos dois momentos em que a reforma agrária foi, sem sucesso, pautada pelo governo federal: em 1946, quando a Constituição adotou o conceito de desapropriação por interesse social, mas com indenização "prévia, justa e em dinheiro", e, em março de 1963, quando João Goulart tentou alterar a Constituição buscando meios de desapropriar os latifundiários sem pagamento imediato. No primeiro caso, no governo de Getúlio Vargas, a Comissão Nacional de Política Agrária, representada por Hermes Lima, disse que enquanto a reforma agrária dependesse de indenização prévia e em dinheiro ela não seria feita. Na segunda oportunidade, no comício da Central do Brasil, realizado em 13 de março de 1964, Jango conseguiu assinar o decreto da Superintendência da Reforma Agrária (Supra) para desapropriar 10 quilômetros de terras de cada lado das rodovias, ferrovias e açudes da União. No fim do mês, estava deposto.

A conversa com o leitor-enunciatário continua no capítulo "Pontal: um cerimonioso assentamento e não reforma agrária", de forma a estabelecer um contrato de que ele estaria sendo comprado pela CESP para dizer que ela estava fazendo reforma agrária. Vejamos:

Alguns dos que me leem podem estar achando que andei coligindo material demais, e até descobrindo mutirões assassinos, com exclusivo propósito de dramatizar uma reportagem encomendada pela Cesp para explicar os assentamentos feitos no Pontal do Paranapanema, zona de São Paulo onde reinava uma paz de cemitério, até o governo paulista meter o bedelho e começar a fazer lá uma reforma agrária.

Cabe informar, preliminarmente, que o governo do estado de São Paulo, não fez no Pontal nenhuma reforma agrária. [...]

O governo Franco Montoro não usou, e não podia usar no Pontal, o Estatuto da Terra. Manteve-se dentro da Constituição e as terras que desapropriou foram pagas pelo estado em dinheiro.

Em segundo lugar, às pessoas de boa fé, mas de índole conservadora, avessas a conceitos como "desapropriação", eu aconselharia que fizessem sua própria viagem ao Pontal do Paranapanema. Me informaram que a situação de miséria e carência das populações do Vale do Ribeira é igual, ou ainda pior, mas basta a visita ao Pontal para

convencer qualquer brasileiro de que, mesmo no estado de São Paulo, o esmagamento do lavrador brasileiro é, por excelência, o crime que cometemos contra nós mesmos. (CALLADO, 1985, p. 56)

Percebemos, enfim, como a autorreferencialidade ("que andei coligindo material demais") do período, e também de toda a reportagem, está a serviço do discurso do narrador-repórter. Um discurso pessimista sobre um país que não conseguiu realizar sua reforma agrária e, descuidando do camponês, descuidou de todos os brasileiros. Estaria aí a ideia do Brasil sem infância retomada no final da reportagem. Nela, o enunciatário volta a comentar a carta que Eça de Queirós faz ao amigo brasileiro Eduardo Prado:

O Eça, como se viu, passou em Eduardo um pito ao descobrir que o Brasil tinha sido privado por suas classes dirigentes do direito natural à infância. O pobre do Eduardo tinha tanta culpa disso quanto qualquer um de nós, ou tinha exatamente a culpa que temos todos nós, gente que teve infância, que teve instrução - como eu, que escreve, como você que lê - e que no entanto permite que o Brasil continue sendo esta mísera vasilha. (CALLADO, 1985, p. 65)

Em assunção de sua culpa (de sua subjetividade, portanto), o enunciatário convoca o leitor-enunciatário a também perceber sua responsabilidade sobre a realidade no Brasil. No parágrafo seguinte, completa o narrador-repórter: "É claro que ilustres vozes brasileiras têm protestado através dos tempos contra a injustiça maior de nossa sociedade, que é a que cometemos contra o homem do campo. Mas nos falta ânimo de *mudar*." (CALLADO, 1985, p. 65, grifo do autor).

É dessa forma que a narrativa - articulada pelas estratégias discursivas que tentamos demonstrar - torna-se um chamamento de Callado. Por meio do seu narrador-repórter, o escritor e jornalista questiona seus leitores e os convoca à ação: até quando vamos permitir que o Brasil continue condenado ao estado de mediocridade? Quando, finalmente, passaremos do protesto à ação? Com lamento, percebemos que, passados 33 anos, sua última reportagem continua atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final deste trabalho, voltemos ao início dele. À capa, especificamente. Na foto, está o repórter Antonio Callado abraçado com duas crianças, cada uma delas carrega uma criança menor no colo. Um pedaço da asa do avião aparece ao fundo. Possivelmente, o repórter tinha acabado de chegar à aldeia das crianças que vieram recepcioná-lo. Observe os olhares afetuosos das crianças e do repórter que, olhando para a câmera, também nos fitam: há uma promessa de futuro nesses olhos. No olhar que lançamos de volta, ficamos constrangidos.

Na ocasião do lançamento do livro *O Brasil que não teve infância* (2017)¹⁹⁴, Ana Arruda Callado, viúva de Callado, comentou que o escritor tinha três obsessões: a reforma agrária, os índios e - mesmo não tendo sendo religioso - a religião. As reportagens analisadas nesta tese mostram que - com exceção da religião que aparece de formas tangencial - esses também foram os temas perseguidos pelo intelectual quando repórter. Callado, que tinha "fome de Brasil", queria conhecê-lo. Tal qual Fontoura, o personagem de seu romance *Quarup* (1967), queria chegar ao centro geográfico do país.

Na medida em que o escritor buscava uma identidade da nação, a descoberta sobre tal centro era principalmente metafórica. Foi ao Xingu, a Pernambuco, subiu os morros do Rio de Janeiro e, mesmo nas reportagens sobre o Vietnã do Norte e sobre Cuba, também buscou o Brasil em contrastes e ideais para o país que imaginava ser possível construir. Conhecendo o Brasil e os brasileiros passou a defendê-los. Não qualquer brasileiro, claro. A ele interessavam os índios, os sem-terra, os analfabetos, os negros, os espoliados por uma histórica estrutura econômica e política inescrupulosa.

Como fazer valer as regras de neutralidade e objetividade diante da situação de camponeses que viviam em estado de escravidão mesmo depois de 70 anos da abolição? Como não declarar apoio quando esses mesmos camponeses organizam uma revolução pacífica contra os latifundiários que os açoitavam? Para o repórter Callado, as diretrizes clássicas da imparcialidade não davam conta dos acontecimentos que precisavam ser reportados. Era preciso assumir sua presença no palco dos acontecimentos, apresentar os procedimentos para a construção da narrativa e explicitar sua subjetividade por meio de interpretações e análises dos fatos.

¹⁹⁴ O livro é uma seleção de crônicas escritas por Antonio Callado, entre 1978 e 1982, quando era colunista da *IstoÉ*. Ana Arruda Callado, que organizou a coletânea, deu uma entrevista para o Canal Curta! sobre o livro. Disponível em: <<https://goo.gl/r6LBeV>>. Acesso em 25 jun. 2018.

Evidentemente, quando Callado começou a trabalhar como jornalista, no final da década de 30, a imprensa brasileira ainda engatinhava nas padronizações sobre a escrita jornalística como hoje a conhecemos. Na década de 1950, quando escreveu sua primeira reportagem publicada em livro, *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953), já era um jornalista referenciado entre seus pares. O repórter do *Correio da Manhã* só esteve entre os convidados da expedição dos *Diários Associados* no Xingu porque Assis Chateaubriand gostava muito de seu trabalho, nem importava ao magnata da mídia que Callado fosse da concorrência. Já que o repórter tinha alcançado liberdade para escrever como bem entendesse, que escrevesse declaradamente de que lado estava. Era preciso persuadir seus leitores a também tomarem partido.

Era necessário mostrar o trabalho cuidadoso dos irmãos Villas Boas e a necessidade da criação do Parque Nacional do Xingu. Em 1953, para Callado, era esse o território onde se realizava o sonho da nação futura. Pelo menos quanto à questão indígena, o lugar criado para a proteção dos índios era uma amostra do país possível idealizado pelo repórter. Um território que, quando o Brasil ficava "difícil de aturar", o repórter se refugiava fechando os olhos e se deixando levar pelas memórias até a floresta dos índios protegidos pelos Villas Boas.

Era preciso denunciar as atrocidades cometidas pelos "industriais da seca" no nordeste e defender camponeses violentados e injustiçados em Pernambuco. Se aquilo que os "galileus" e o advogado Francisco Julião estavam realizando era a semente da reforma agrária no país, que ela fosse cuidada e cultivada. Nem que, para isso, o jornalista, por meio de suas reportagens, comprasse briga com os fazendeiros e a justiça. Era fundamental mostrar que uma revolução pacífica - educacional, política e social - acontecia em Pernambuco e tinha tudo para se tornar um modelo para o Brasil, não fosse o Golpe Militar de 1964.

Quando os militares foram parar no poder, denunciar os abusos, as torturas e as articulações criminosas com os Estados Unidos era questão de sobrevivência para o que restava de ideal sobre liberdade e democracia. Resistir era preciso nem que, para mostrar isso, o repórter fosse parar do outro lado do mundo e compreendesse, do território comunista, a absurda Guerra do Vietnã. Era preciso apresentar os vietcongues, os cubanos, Ho Chi Minh e Fidel Castro. Líderes que, segundo o repórter, os intelectuais brasileiros nunca conseguiram reproduzir em suas fracassadas lutas revolucionárias. Por fim, era importante conhecer os assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema e confirmar que

- apesar da iniciativa justa conduzida pela gestão do governo Franco Montora para ressarcir trabalhadores do campo prejudicados por políticas anteriores - a ação não se tratava de reforma agrária. Reforma agrária, aliás, que nunca aconteceu no país.

É nesse sentido que a assunção da subjetividade, a autorreferencialidade e a literariedade são articuladas nas reportagens a serviço do engajamento de Antonio Callado. Tentamos evidenciar essa articulação na tese. Em outras palavras, esperamos ter demonstrado como as marcas da enunciação na narrativa jornalística - que também tangencia o literário - estão intrinsecamente relacionadas à posição ideológica de intervenção política do repórter. Acompanhamos como, com o passar dos anos e dos acontecimentos históricos no Brasil, os procedimentos discursivos das narrativas jornalísticas das reportagens analisadas trabalham para mostrar a desilusão de Antonio Callado.

A reforma agrária não veio. O Parque do Xingu, criado em 1961, sofreu uma redução significativa do seu território. Sobre isso, em 1978, Callado escreveu "O parque decapitado", como prefácio do livro *Nossos índios nossos mortos* (1978), de Edilson Martins. No texto o lamento de Callado:

Se precisássemos de um símbolo para exprimir a política indigenista que o Brasil tem seguido, não encontraríamos nada melhor do que o próprio - e único - Parque Indígena que conseguimos organizar, o do Xingu. [...]. Pois bem, o símbolo que referi, na primeira linha, esta única terra que realmente dedicamos, a partir de 1961, aos índios, foi decapitada 10 anos depois. A rodovia BR-080, como um cutelo, cortou exatamente a cabeça, a parte norte da reserva dos 22 mil quilômetros quadrados que tinha o Parque, foram degolados 8 mil". (CALLADO in ARRUDA, 2013, p. 344)

A questão agrária e indígena, duas das obsessões de Callado, continuavam padecendo. Como dizia sua amiga, Fernanda Montenegro, o Brasil não tinha sossego.

Em 2017, Callado faria 100 anos. Esperamos que, metafisicamente, tenha vindo receber as homenagens e não tenha ficado para dar uma espiada no estado das coisas no país. Desde 2016, quando um golpe de Estado destituiu a presidente eleita Dilma Rousseff, o cenário ficou ainda mais conturbado por aqui. Em síntese, deputados e senadores - mais da metade deles comprovadamente corruptos - instituíram um processo de *impeachment* alegando irregularidades administrativas. A partir do Golpe, os retrocessos foram muitos e foram grandes. Até mesmo a *Veja*, o ícone das publicações conservadoras do país, trouxe a seguinte capa na edição de 19 de julho deste ano:



Figura 72: Capa da Veja destaca o aumento da mortalidade infantil.
(Fonte: site *Veja*).

Com o título "Até a isso voltamos", a revista coloca em destaque o aumento da taxa de mortalidade infantil. Desde 1990, quando começou a ser medida anualmente, o número só caía. Este ano, cresceu em 5% em relação à última medição. Parece pouco, mas é muito significativo. A capa é ilustrada com o quadro *Os Retirantes* (1944) pintado por Candido Portinari. O pintor e Callado se tornaram amigos depois do autor escrever sua biografia *Retrato de Portinari* (1956). Tinham ideais parecidos sobre o Brasil. No fechamento deste trabalho, a coincidência de referências na publicação dessa capa nos arrebatou. O país possível de Callado ainda demora a chegar.

Davi Arrigucci Jr, no documentário de José Joffily (2006), solta a frase: "Um país que já produziu homens como Callado não pode desistir de ser alguma coisa que preste algum dia na história". Esperamos que esse trabalho possa contribuir, de alguma forma, para esse caminho. Não vamos desistir. Esse é o nosso *Quarup* a Callado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARE, Cecília. A Narratological Approach to Literary Journalism: How an Interplay between Voice and Point of View May Create Empathy with the Other. **Literary Journalism Studies**, Toronto, Ontario, Canada, v. 8, n.1, p. 107-139, Spring 2016.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ALBUQUERQUE, Carolina. Das Ligas à luta pela anistia que não veio. **Jornal do Commercio**, Recife, 02 abr. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/X9RKgS>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. Ediouro, Rio de Janeiro, 2000.

ARRIGUCCI JR, Davi (Posfácio). In: CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre sumiço e vida do coronel Fawcett**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARRUDA, Ana Callado. **Antonio Callado: fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013.

_____. **Sobre Callado** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lilian.juliana@gmail.com> em 25 jun. 2018.

AUGUSTO, Sérgio. In: LABAKI, Amir (Org.). **O cinema brasileiro: de o pagador de promessas a Central do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 1998.

BAHIANA, Ana Maria (Prefácio) in HEER, M. **Despachos do Front**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.

BAK, John. S. Rumo a uma definição de Jornalismo Literário Internacional. **Brazilian Journalism Research (BJR)**, Brasília, vol. 13, n. 3, p. 214-239, dez. 2017. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1007>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

_____; REYNOLDS, Bill (Org.). **Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences**. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1995.

BARTHES, Roland, ECO, Umberto, GRITTI, Jules et al. **Análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Vozes, 2008.

_____. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BINGHAM, Hiram. **Lost City of the Incas**. Londres: Orion Books, 2010.

BISHOP, Elizabeth. **Prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BORJA, Bruna. **A Formação da Teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado**. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) - Instituto de Economia de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação / E-compós**. Brasília, v.14, n.1, janeiro/abril de 2011.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Mortos e Desaparecidos Políticos. v. 3. Brasília: CNV: 2014.

BRAZIL. The troubled land. Documentário. Direção e produção: Helen Jean Rogers. McGraw Hill produtora. 1964. Disponível em: < <https://goo.gl/QAzo3n> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. N. Aquiles von Zuben. 2ª ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

BULHÕES, Marcelo. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 78-84, abril de 2007, quadrimestral. Disponível em: <<https://goo.gl/uZa25T>>. Acesso em 14 jun. 208.

_____. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BURTON, Richard F. **Explorations Highlands of the Brazil**. Londres: Tinsley Brothers, 1869. Disponível em: <<https://goo.gl/QsuPsT>>. Acesso em 04 jun. 2018.

CALLADO, Ana A (Org.). **Antonio Callado: fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013.

CALLADO, Antonio (Prefácio). In: Villas Boas, Cláudio; Villas Boas, Orlando. **A Marcha para o Oeste: a epopéia da expedição Roncador-Xingu**. São Paulo: Globo, 1994.

CALLADO, Antonio. **Antonio Callado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercício por Lúcia Chiappini Mores Leite**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

_____. **Crônicas de fim do milênio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

_____. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre sumiço e vida do coronel Fawcett**. Antonio Callado; posfácios Davi Arrigucci Jr., Maurício Stycer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Industriais da Seca e os "Galileus" de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

_____. O Brasil aos poucos está virando uma fotonovela. **Folha de S. Paulo**, 4 mai. 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/4djY2v>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

_____. **Passaporte sem carimbo**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

_____. **Quarup**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. Usineiro de Pernambuco está comprando armas de qualquer procedência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1963. Caderno 1, p. 3. Disponível em: <<https://goo.gl/pypy1u>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

_____. **Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. **Antonio Callado repórter: Tempo de Arraes e Vietnã do Norte**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CARVALHO, Castelar de. O discurso indireto livre em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. **Cadernos da ABF**, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, mar. 2004. Disponível em <<https://goo.gl/BA8m1c>>:. Acesso em: 14 jul. 2018

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968**. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.

CHICO, Paulo; UCHOA Francisco. Uma mulher de sorte. **Dois Pontos**, mar. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/cY6wJC>>. Acesso em 23 jul. 2018.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo, Ática, 2002.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAVID Nasser, o repórter que inventava a notícia. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 nov. 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/yd6wKH>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

DEFORESTATION reveals mysterious ancient earthworks in Brazilian Amazon. **Sputnik News**, 23 ago. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/hjdTxk>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

DYOTT, G.M. **Man Hunting in the Jungle: being the story of a search for three explorers lost in the Brazilian wilds**. New York: Blue Ribbon Books, 1930.

FAUSTO NETO, Antonio. Enunciação, autorreferencialidade e incompletude. **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 34, p. 78-85, Quadrimestral, dezembro de 2007.

FAWCETT, Percy H. **Exploration Fawcett**. Londres: Hutchinson, 1953.

FERREIRA, Vilma Moreira. A contribuição do Caderno B do Jornal do Brasil durante o período de repressão política do regime militar. In: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2008, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF. Disponível em: <<https://goo.gl/RfS464>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

FIORIN, J.; PLATÃO, F. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2007

FLEMMING, Peter. **Brazilian Adventure**. London: Jonathan Cape, 1946.

FRANÇA, Ignácio. "Um doce radical". **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 04 fev. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/6wo48S>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FURTADO, Celso. **A economia brasileira**. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GALILEIA, Zito da. **A história das Ligas Camponesas: testemunho de quem a viveu**. Recife: Cepe, 2016.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.

_____. **Figuras III**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017

GRANN, David. **Z - a Cidade Perdida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Under the Jungle. **The New Yorker**, New York, 7 jan. 2010. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/news-desk/under-the-jungle>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

HECKENBERGER, Michael J. **The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000**. New York and London: Routledge, 2005.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INSTITUTO Miguel Arraes. **Site**. Disponível em: < <https://goo.gl/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. Fato e ficção em Crônicas de fim do milênio, de Antonio Callado. **Alea**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan/jun. 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/5N4ui9>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

KLEIN, Eloísa Joseana da Cunha. Autorreferencialidade e jornalismo: reflexões teórico-analíticas sobre a processualidade além do discurso intencional da mídia. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - COMPÓS, 22, 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2013, Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_2102.pdf> Acesso em: 23 abri. 2018.

LACAN, Jean-François; PALMER, Michael; RUELLAN, Denis. **Les Journalistes**. Paris: Syros, 1994.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LE, Quynh. Guerra do Vietnã: 40 anos depois. **BBC**, 30 abr. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/PPrW5X>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

LEAL, Hermes. **O Enigma do Coronel Fawcett: o verdadeiro Indiana Jones**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Antonio Callado e os longes da Pátria**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Antonio Callado. Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

_____. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985

_____. Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: **Artes plásticas e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 129-267.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 1995.

_____. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp, 1995.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Estilo de Wolfe, "Balzac de NY", dá saudade, mas não tem volta. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05 mar. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/pSZsqU>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MACIEL, Nahima. Livro de irmãos Villas Bôas conta a saga da Expedição Roncador-Xingu. **Correio Braziliense**, Brasília, 07 ago. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/cDthPX>>. Acesso em 09 jun. 2018.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2016.

_____. O narrador na reportagem: uma estratégia do autor. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCINI, Fabina Quattrin (Orgs). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**. Perspectivas Epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 98-110.

MARTINS, Luís Carlos dos Passos; LIEBEL, Vinícius. A Revolução Cubana e sua Recepções: Imprensa e Academia. **Revista Contemporânea**, Dossiê Guerras e Revoluções no século XX. Niterói, ano 5, v, 2, n.8, 2015. Disponível em: < <https://goo.gl/ddYKM7>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MEDEIROS, Yara. A Imagem dos Discursos na Grande Reportagem. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom. Disponível em: <<https://goo.gl/jPrFC1>>. Acesso em 05 jun. 2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MELLO, Thiago Paulo de. Reforma gráfica do Jornal do Brasil nos anos 50 e a criação do Caderno B. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 ago. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/XzB3a3>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

MELO, José Marques de. A Crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MELO, Marcelo (prefácio) In: Galileia, Zito da. **A história das Ligas Camponesas: testemunho de quem a viveu**. Recife: Cepe, 2016.

MELO, Quésia. Pesquisa de professora revela mais de 230 novos geoglifos no Acre. **G1**. Disponível em: <<https://goo.gl/KUFq5u>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MEMORIAL da Democracia. **Museu Virtual**. Disponível em: <<https://goo.gl/HrLpaz>>. Acesso em: 26 jun 2018.

MEMORIAL das Ligas Camponesas. **Blog**. Disponível em: <<https://goo.gl/Pk6Qed>>. Acesso em: 26 jun 2018.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. As ligas camponesas e a construção do golpe de 1964. **Projeto História**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 391-416, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/sgZhdE>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

MONTES, Rocío. Pinochet, o governante “mais violento e criminoso” da história do Chile. **El país**, 6 out. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/zGLSB9>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joyce: transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

MOTA, Uraniano. Descoberto o filme que o Brasil não podia ver. **Vermelho**, 06 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/272471-11>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. **Revista Brasileira de Ciências da comunicação**. Brasília, v. 25, n.2, p. 11-41, julho/dezembro de 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/dh1WMt>>. Acesso em 23. abr. 2019

MÜHLHAU, Carla. **Por trás da entrevista**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NASSER, David. Enfrentando os Chavantes!. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 35, 24 jun. 1944. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/003581/41611>>. Acesso em 04 jun. 2018.

NETTO, Accioly. **O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NETTO, Irineo Baptista. Morte e Mistério na região do Culuene. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 jun. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/5mRKrr>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

ORICCHIO, Luiz Zanin. O mistério do Coronel Fawcett. **Estadão**, São Paulo, 12 jun. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/EM87E9/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

OS PRESIDENTES americanos e suas guerras. Especial, **Terra**. Disponível em: <<https://goo.gl/K7EM24>>. Acesso em 17 jul. 2018.

PAGE, Joseph A. **A Revolução que Nunca Houve: o nordeste do Brasil 1955-1964**. Tradução Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

PARQUE INDÍGENA do Xingu, mitos e verdades. **GGN: o Jornal de todos os Brasis**, 06 fev. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/c9icv7>>. Acesso em 08. nov. 2017.

PÄRSSINEN, Martti; SCHAAN, Denise; RANZI, Alceu. Pre-Columbian geometric earthworks in the upper Purús: A complex society in western Amazonia. **Antiquity**, 83 (322), p. 1084-1095, 2009. Disponível: <<https://goo.gl/SNaQmy>>. Acesso: 09 jun. 2018.

PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, Eva. Entrevista: Antonio Callado. **Cerrados**, v.2, n.2. Brasília: UnB, 1993. Disponível em: <<https://goo.gl/s4ksKF>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PEREIRA, Thamirys. A Palo Seco. **Blog Interpretação Pessoal**, 5 mai. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/u4JPBL>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. (texto de 1690 com tradução de Paulo da Rocha Dias). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.8, 2º sem. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>>. Acesso em: 23. abr. 2018.

PINTO, Cristina Ferreira. **A Viagem do Herói no Romance de Antonio Callado**. Brasília: Thesaurus, 1985

PIZA, Daniel. O jornalismo literário de Antonio Callado. **Estadão**, São Paulo, 05 jun. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/LjKqws>> Acesso em: 04 jun. 2018.

PORTELLA, Eduardo (prefácio). In: CALLADO, Antonio. **Crônicas de fim do milênio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

PROTESTO leva 'oito da glória' à prisão. **Memorial da Democracia**. Disponível em: <<https://goo.gl/nJJduU>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

QUESADA, Montse. **La entrevista: obra criativa**. Barcelona, Mitre, 1984.

RECH, Gisele Krodel. Apocalypse Now: nuances da não ficção literária no cinema. In: 9º Interprogramas de Mestrado, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <<https://goo.gl/HnCf9t>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Edições Almedina, 2007.

RIBEIRO, Darcy. (Posfácio). In: Villas Boas, Clúadio; Villas Boas, Orlando. **A Marcha para o Oeste: a epopéia da expedição Roncador-Xingu**. São Paulo: Globo, 1994.

RIBEIRO, José Hamilton. **O Gosto da Guerra**. Objetiva: 2005.

_____. Volta ao Vietnã "doeu" mais que a primeira, **Folha de S. Paulo**, 03 mai. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/giAiW7>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROSSI, Vera Helena Saad. The New Journalism: um jornalismo antigo que permanece novo. **Homo Literatus**, Disponível em: <<https://goo.gl/84dkv3>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SANTOS, Taciana. **Alianças Políticas em Pernambuco: A(s) Frente(s) do Recife (1955-1964)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura de memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHNEIDER, Steven Jay. **1001 filmes para ver antes de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante: 2010.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SHOEMAKER, Pamela J; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Santa Catarina, v.2, n.1, p. 95-107, 1º sem. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>>. Acesso em: 23. abr. 2018.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

SUZUKI, Matinas; STYCER, Mauricio. Antonio Callado chega aos 80 e revê obra. **Folha de S. Paulo**, 26 jan. 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/poZ2QT>>. Acesso em 25 jul. 2018.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THE LOST City of Z. **The New Yorker**, New York. Disponível em: <<http://paidpost.newyorker.com/lostcityofz/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

THOMAS, Jennifer Ann. Os EUA derrubaram o presidente do Brasil? **Superinteressante**, 12 ago 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/oDt1mm>>. Acesso em 21 jul. 2018.

THOMAZ, Daniel Mandur. No ano de seu centenário, textos inéditos encontrados na Inglaterra revelam aspecto desconhecido de Antonio Callado. **BBC**, 30 jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/jEPNfi>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

TITO, Fábio. Fotografia histórica e cruel marca 75 anos da morte de Lampião. **G1**, 28 jul. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Vm7GiK>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

TIVE de ser 'sargentona' para ganhar respeito, lembra jornalista pioneira no Brasil. **BBC Brasil**, 13 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40101297>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

TODOROV, T; DUCROT, O. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIDAL E SOUZA, C. **Repórteres e Reportagens no Jornalismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BÔAS, Orlando. **A Marcha para o Oeste: a epopéia da expedição Roncador-Xingu**. São Paulo: Globo, 1994.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Revolução Vietnamita**. São Paulo: UNESP, 2007.

WALLACE, Alfred Russel. **Narrativa de viagens pelo Amazonas e o Rio Negro**. Brasília: Senado Federal, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/bekmQH>>. Acesso em 09 jun. 2018.

WIKINS, Harold T. **Mysteries of Aciént South America**. Londres: Melbourne Sydney London Rider And Co, 1947.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WREN, Kathleen. Lost cities of the Amazon revealed Archaeologists discover a grid of villages and managed parks. **NBC NEWS**, Washington (EUA). 18 set. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/LSAnXD>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

3 ANTONIOS & 1 Jobim. Direção: Rodolfo Brandão. Autoria: João Paulo de Carvalho, Rodolfo Brandão, Zuenir Ventura, Paulo Roberto Abrantes, Rodolfo Brandão e Caíque Botkay. Rio de Janeiro: 1993. Documentário (56 min).

A PAIXÃO Segundo Callado. Direção José Joffily. Roteiro: Regina Zappa. Produção: Nina Luz e Claudia Castello. Produção executiva: Miriam Porto. Narração: Tessy Callado. Rio de Janeiro: 2007. Documentário (57 min).

CABRA marcado para morrer. Documentário. Direção: Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho. Produção: Eduardo Coutinho, Vladimir Carvalho e Zelito Viana. Narração: Eduardo Coutinho, Ferreira Gullar e Tite de Lemos. São Paulo: CPC - Centro Popular de Cultura da UNE - União Nacional dos Estudantes; MPC - Movimento de Cultura Popular de Pernambuco; Mapa, 1984. Documentário. (119 min).